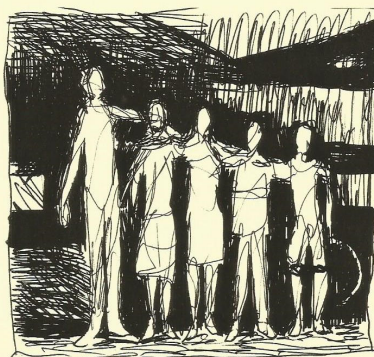


OTÍLIA
MONTEIRO
FERNANDES

OTÍLIA MONTEIRO FERNANDES

FRATRIA E PERSONALIDADE

FRATRIA E PERSONALIDADE



2000



UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
VILA REAL, 2000

Otília Monteiro Fernandes

FRATRIA E PERSONALIDADE:
semelhanças e diferenças entre irmãos

Tese de Doutoramento em Psicologia
apresentada à

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Vila Real, 2000

Desenho da capa da autoria de Luís Filipe Gomes

**aos meus pais e aos meus quatro irmãos
à memória do avô João, da tia Quinhas
e de Rui Jaques (o meu irmão goês)**

**Consumada que é a Pátria, falta dizer Mãria
para que na pele do Tempo os amantes escrevam
o nome da Realidade Unificante: FRÁTRIA**

Natália Correia in *As Núpcias*

RESUMO

Sabe-se como a família é o meio mais vital, física e psicologicamente, para o desenvolvimento individual. A literatura psicológica tem, exaustivamente, sublinhado a importância das primeiras relações na construção da personalidade. As relações pais-filhos têm sido consideradas como preponderantes na *arquitectura* desse aspecto especificamente humano. Um pouco menos relevantes mas também muito menos exploradas têm sido as relações entre os irmãos.

Todavia, o sub-sistema fraternal é, dentro do sistema familiar, um contexto relacional importante. Porque é um lugar de aprendizagens afectivo-cognitivas múltiplas que permitem – tal como a relação pais-filhos, embora de modo diverso – o reconhecimento de si e do outro. E outras competências fundamentais, como o saber competir, negociar, partilhar, manipular, etc., são, até, primeira e predominantemente adquiridas no seio do grupo fraternal. Na sua ausência, como é o caso dos filhos únicos, essas habilidades relacionais só mais tarde, e com menos intensidade, podem ser experienciadas (por exemplo, com os colegas da escola e com os primos) – daí que, compreensivelmente, eles possam apresentar alguma in experiência nestes aspectos.

Neste trabalho a autora procurou investigar a forma como a presença ou a ausência de irmãos – embora nunca descurando todo o contexto familiar – influenciam a personalidade. O lugar específico que cada um ocupa na família *determina* experiências diversificadas – daí que, conseqüentemente, alguns aspectos da personalidade (pelo menos os que são *derivados* da posição fraternal) sejam distintos dos dos irmãos. A autora verificou, na sua investigação, que mais do que a ordem de nascimento (e.g.: filho único, mais velho, do meio ou mais novo) é a configuração do grupo fraternal que explica essas vivências diversificadas (isto é, para além da ordem de nascimento: o sexo, as diferenças de idade e o número de irmãos), o que lhe possibilitou sublinhar a necessidade de uma visão circular e aberta à complexidade dos fenómenos relacionais. Procurando registar as regularidades que as experiências na fratria comportam, a autora pretendeu não descurar as singularidades que fazem do indivíduo e da família sistemas ricos, complexos e únicos.

RÉSUMÉ

On sait que le milieu familial est, physique et psychologiquement, le plus favorable au développement de l'individu. La littérature psychologique a excessivement noté l'importance des premières relations dans la construction de la personnalité. Les

rapports parents-enfants ont été considérés les déterminants dans la *architecture* de cet aspect spécifiquement humain. D'autre part, les relations fraternelles, parce que un peu moins importantes, ont été moins étudiées.

Portant, le sub-système fraternel est aussi important dans l'ensemble des rapports familiaux parce qu'il est un lieu d'apprentissage affectif-cognitif multiple qui permet la reconnaissance de soi-même et de l'autre – ainsi comme les rapports parents-enfants, quoique d'une façon différente. Et puis, il permet des compétences fondamentales, comme, par exemple, savoir disputer, négocier, partager, manipuler, etc., qui sont même, première et fondamentalement acquises dans l'ambiance fraternelle. En l'absence du groupe fraternel, comme est le cas des fils uniques, c'est seulement, plus tard et moins intensément, que ces habilités de relations peuvent être éprouvées (avec les copains et les cousins, par exemple) – comme ça, on comprend que ces enfants peuvent présenter quelque inexpérience dans ces domaines.

Dans ce travail, l'auteur a essayé d'étudier comment la présence ou l'absence de frères et sœurs peut influencer la personnalité de l'individu, n'oubliant jamais le milieu familial. La place que chacun de nous a dans la famille *détermine* des expériences diverses – c'est à cause de ça que quelques aspects de notre personnalité (principalement ceux qui viennent de notre position fraternelle) sont différents de ceux de nos frères et sœurs. Dans ses recherches, l'auteur a vérifié que plus que l'ordre de naissance (e.g.: le fils unique, l'aîné, le moyen ou le cadet) c'est la configuration du groupe fraternel qui explique l'ensemble des expériences vécues (c'est-à-dire, au-delà de l'ordre de naissance, le sexe, l'âge et le nombre de frères et sœurs) et a permis d'observer le besoin d'une vision circulaire et ouverte aux complexités des phénomènes des relations. En essayant d'enregistrer les régularités qui concernent les expériences fraternelles, l'auteur n'a pas oublié les particularités qui font de l'individu et de la famille des systèmes riches, complexes et uniques.

ABSTRACT

It is known that the family is the vital physical and psychological environment for the development of the individual human being. The literature in the field of Psychology has exhaustively underlined the importance of the first relationships in the building up of personality. The relationships between parents and children have been considered as essential in the development of this specifically human aspect. A little less relevant and also less studied has been the relationship between siblings.

However, the fraternal sub-system is, inside the family system, an important relational context because it is a site where multiple affective-cognitive learning takes place. This allows for the recognition of self and the other, just as in the

parents-children relationship, although in a different manner. Other types of learning, such as knowing how to compete, how to negotiate, how to share, how to manipulate, etc., are firstly and predominantly acquired within the fraternal group. In their absence, as occurring with an only child, these relational skills only later and less intensively can be experienced (for example, with school mates and cousins) – thus causing, understandably, some inexperience in the learning skills mentioned above.

In this work the author tried to research the way in which the presence or absence of siblings can influence personality, despite always considering the entire family context. The specific place each member occupies in the family establishes diversified experiences – thus causing certain aspects of personality (at least the ones that derive from the fraternal position) to be unique in each of the siblings. The author found out in her research that more important than the order of birth – that is, an only child, an elder child, a middle child or a younger child – is the configuration of the fraternal group that explains their diversified experiences. That is, besides the order of birth, one must consider sex, age differences and the number of brothers and sisters. This evidence indicated the need for a circular and open vision in relation to the complexities of the relational phenomena. However, at the same time that the author tried to register the regularities in the experiences in the fraternal group, she also tried not to ignore the differences that allow for the individual person and the family to be rich, complex and unique systems.

PREFÁCIO

"O velho tanque

Uma rã mergulha

dentro de si"

Matsuo Bashô in *O gosto solitário do orvalho*, p. 27.

Dois livros estão na origem da escolha do tema FRATRIA para esta tese de doutoramento. Encontrado por *mero acaso*¹ numa livraria de Genebra, o livro de Judy Dunn e Robert Plomin – *Frères et soeurs si différents* (1990) – era o primeiro livro inteiramente dedicado à fratria que alguma vez tivéramos nas mãos. Esse livro permitiu-nos apreender, por um lado, o estado do debate sobre as origens das diferenças entre os irmãos e, mais do que isso, colocou-nos, pela primeira vez, perante a relevância das relações fraternas e o quanto tem sido descurado este tema dentro do estudo da família.

O segundo, encontrado meses depois na biblioteca da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra: *Constellations fraternelles et structures familiales*, de Walter Toman (1976) – permitiu-nos descobrir uma interessante e fundamentada teoria sobre as diferenças entre os irmãos cuja origem, como aí se defende, parece estar na diferente posição fraternal que cada um ocupa na sua própria família.

¹ Nunca se sabe bem até onde vai este *mero acaso*... Ao que parece, as nossas escolhas revelam sempre uma qualquer necessidade inconsciente. São os livros que nos escolhem, como alguém disse, e bem, um dia.

Decorria o ano de 1996... tínhamos encontrado o tema principal. Depois de algumas pesquisas esta escolha saía cada vez mais reforçada, ao verificarmos a inexistência de estudos e bibliografia portuguesa sobre este assunto.

Claro que não se esconde que razões mais internas e profundas tenham sido preponderantes nesta escolha. Afinal, tínhamos uma vivência de longos anos numa fratria de cinco elementos, o que quer dizer que, entre alegrias e sofrimentos, entre amores e rivalidades, muito da nossa vida era uma história em comum nesse grupo familiar e, por isso mesmo, inseparável da história da nossa vida - da de cada um de nós. E o facto de eu ser a do meio (com um irmão-rapaz e uma irmã mais velhos, e dois irmãos-rapazes mais novos), pode não ser importante para ninguém, mas foi, e é-o, para mim.

Eis, pois, uma tese à medida da minha fratria e destes últimos anos da minha vida.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
1. RELAÇÕES NA FRATRIA	25
A INVEJA, O CIÚME E A RIVALIDADE	44
OS CONFLITOS.....	66
DESENVOLVIMENTOS RELACIONAIS NA E COM A FRATRIA	75
2. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA FRATRIA.....	89
A HEREDITARIEDADE E O MEIO	91
A ORDEM DE NASCIMENTO	103
3. SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS NA FRATRIA	113
A MORTE DE IRMÃOS	115
IRMÃOS DOENTES OU DEFICIENTES	136
4. SÍNTESE.....	151
5. POSIÇÃO FRATERNAL E PERSONALIDADE	157
OS FILHOS ÚNICOS	163
OS MAIS VELHOS.....	176
OS DO MEIO.....	194
OS MAIS NOVOS.....	210
6. A TEORIA DE SULLOWAY	221
ORDEM DE NASCIMENTO E PERSONALIDADE	225
COMENTÁRIO CRÍTICO SOBRE A TEORIA DE SULLOWAY	229
7. A TEORIA DE TOMAN	235

AS POSIÇÕES FRATERNAIS	239
OS PERFIS	245
AS POSIÇÕES FRATERNAIS DOS PAIS	266
AS PERDAS	271
COMENTÁRIO CRÍTICO SOBRE A TEORIA TOMANIANA	274
8. SÍNTESE	279
9. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	283
OBJECTIVO E METODOLOGIA GERAL	283
OS INSTRUMENTOS.....	284
A AMOSTRA	291
PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS E HIPÓTESES ESPECÍFICAS	293
10. QUESTÕES PONTUAIS SOBRE A FRATRIA.....	301
11. DISCUSSÃO GERAL E ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS.....	305
CONCLUSÕES.....	327
POSFÁCIO	335
BIBLIOGRAFIA.....	337

AGRADECIMENTOS

Nunca chegam o bastante as palavras para transmitir, como queremos, os nossos sentimentos. Apesar disso aqui ficam expressos, desta forma limitada:

à nossa orientadora, Professora Doutora **Madalena Alarcão**, por estas quase duas dezenas de anos em que nos guiou pelos caminhos da Psicologia e da Vida, pelas aprendizagens frutíferas que nos proporcionou ao longo do nosso percurso académico, orientando-nos paciente e afectivamente *na investigação de mestrado e, agora, na de doutoramento*;

ao Professor Doutor **José Vasconcelos Raposo**, pela imensa disponibilidade, dedicação e alegria com que nos orientou na, nem sempre fácil, parte empírica deste trabalho (um especial reconhecimento de gratidão ao Professor Doutor **Jorge Colaço** – pela elucidação de algumas questões estatísticas mais complicadas);

à UTAD, na pessoa do Magnífico Reitor, Professor Doutor **José Manuel Torres Pereira**, pelo apoio e confiança demonstrados durante todo o nosso percurso académico e científico nesta instituição (um agradecimento particular aos colegas e funcionários da UTAD – Pólo de Chaves);

ao psicólogo e amigo Dr. **Claudio Gerbino**, especialista e tradutor da obra de Walter Toman em Itália, verdadeiramente o nosso *terceiro orientador*, por nos ter ensinado o caminho mais curto e menos penoso para a teoria do *nosso* psicanalista austríaco: pela bibliografia, pelo contacto directo com W. Toman...

à Professora Doutora **Margarida Pedroso de Lima**, pela disponibilidade em nos ter facultado o *seu* NEO PI-R (também um obrigado ilimitado ao Professor Doutor **Mário Simões**, pela amizade e ajuda prestada na obtenção de alguma bibliografia sobre este tema);

aos amigos que nos ajudaram na concepção gráfica dos questionários, desenho da base de dados e posterior introdução dos mesmos (um abraço especial aos Dr.s **Mário Alves** e **Rui Pires**);

aos cerca de dois mil estudantes universitários que participaram nesta investigação e aos seus professores, nossos colegas e amigos, que souberam motivá-los para o preenchimento dos questionários (permitimo-nos destacar o empenho dos psicólogos **Rui Matos** e **Sofia Cochofel Quintela**);

ao **Luís Filipe Gomes**, o *nosso* pintor, pela beleza que tem semeado nos nossos lugares privados e, também, neste trabalho;

aos nossos **dois grupos das quartas**: de como da partilha das histórias e das emoções nasce sempre a luz (lei não comprovada fisicamente, mas, com certeza, verdadeira);

à nossa **família e amigos**, por nos terem permitido, temporariamente, que nos desobrigássemos de desempenhar as funções imprescindíveis da reciprocidade.

A todos queremos dizer-lhes que acreditamos que "estranho estado (...) é o de toda e qualquer existência, em que tudo flui como a água que corre, mas em que *os factos que realmente contaram, em lugar de se depositarem no fundo, são os únicos a virem à superfície e a connosco alcançarem o mar*" (Marguerite Yourcenar in *Anna, Soror...*, p. 214) [o sublinhado é nosso].

E que pode este trabalho contar para pouca coisa (o que não é da responsabilidade dos que acima se mencionaram), mas contará sempre, para nós, a colaboração e o colo que desmedidamente nos deram.

INTRODUÇÃO

"ninguém pode pretender que aquilo que conhece da realidade se possa confundir com a realidade. Isso é claro depois de Kant. (...) As coisas sempre existiram e existirão. Provavelmente, a forma de conhecer é que vai variando. Portanto, há sempre uma deformação da realidade e do conhecimento dessa realidade. (...) Assim, todo o conhecimento é em certa medida delirante, é sempre um sintoma de insatisfação e um compromisso com ela: a insatisfação com o verdadeiro, a insatisfação perante a Verdade, para ao mesmo tempo, nos mais «saudáveis», manter vivo o Amor à Verdade. Ou melhor, amando a Verdade, sem querer ser a Verdade (a Realidade)"

Carlos Amaral Dias in Eu já posso imaginar que faço².

Tudo começa em casa³. Ou, por assim dizer, é na família, tenha ela a configuração que tiver, que o desenvolvimento do ser humano começa. Sabe-se que nem sempre isso acontece com os restantes animais. Nascerem mais independentes, como já largamente se disse noutros lugares. O ser humano é, entre todos, aquele que mais necessita dos outros, pelo menos nos primeiros anos de vida.

Para a criança, a família é o seu primeiro mundo. Por ser o primeiro, é o mais significativo na ontogenia. Com efeito, é na família que sentimos os primeiros amores e os primeiros ódios, com ela fazemos as primeiras aprendizagens⁴, e é lá que começa o desenvolvimento da nossa personalidade.

² Ver Dias & Monteiro (1989: 85).

³ Esta frase é o título, em português, de um livro de Winnicott (1986/1989).

⁴ Aprendizagens que fazem parte do processo de socialização (ver, entre outros: Marc & Picard, 1989/s/d; Kellerhals & Montandon, 1991a, 1991b; Montandon & Troutot, 1991; Santos, 1993; Toman, 1993).

Dito de outra forma: é na família, a mais antiga, mas também a mais importante instituição social, que a maior parte de nós realiza o processo de socialização, isto é, a aprendizagem das dimensões mais significativas da interação com os outros. Parte significativa da personalidade de cada um de nós construir-se-á a partir das aprendizagens realizadas nas interações feitas no seio da família, sobretudo nas relações com os pais e os irmãos⁵. Pressupõe-se que estas primeiras experiências relacionais na família determinarão, em grande parte, as relações sociais posteriores.

Os investigadores familiares têm dado ênfase, sobretudo, às diferenças entre famílias (por exemplo, estudando o funcionamento familiar) mas têm-se interessado menos pelas relações dentro das famílias⁶. A pouca investigação

⁵ Em português, o termo "irmãos" tanto significa a totalidade da fratria (seja ela constituída só por rapazes, só por raparigas ou por rapazes e raparigas), como os irmãos-rapazes. Para evitarmos confusões, designá-los-emos assim: irmãos-rapazes, sempre que quisermos sublinhar que se trata apenas de uma fratria (ou parte de uma fratria) de sexo masculino; irmãos ou fratria para designarmos o conjunto total de irmãos-rapazes e/ou irmãs; irmãs, obviamente, quando se tratar do conjunto das raparigas. De resto, como é usual fazê-lo, mesmo que não estejamos muito de acordo com isso, utilizaremos o masculino sempre que nos referirmos a um dos progenitores (pai do mesmo sexo), aos dois progenitores (pais) ou aos filhos (filhos, filhos únicos, o segundo, o mais velho...), etc. – pela simples razão de não sobrecarregarmos o texto com o emprego dessas expressões nos dois géneros. Sempre que uma destas expressões no masculino se tornar ambígua relativamente ao que quisermos designar, teremos o cuidado de especificá-la melhor (por exemplo: pais-homens, para nos referirmos em concreto aos progenitores masculinos).

⁶ Maccoby & Martin (1983 *cit. in* Daniels & Plomin, 1985), ao fazerem uma revisão da literatura produzida no âmbito da socialização familiar, concluíram que a maior parte dos estudos utilizava uma abordagem entre-famílias, embora a maior parte da variância encontrada estivesse situada dentro da família e não entre famílias. Também Dunn & Plomin (1990/1992: 49) se referem àquilo a que eles designam como a abordagem tradicional na psicologia do desenvolvimento: "os psicólogos, desejosos de conhecerem a influência do meio, têm tentado estabelecer comparações *entre* famílias. (...) Tomemos como exemplo a influência parental: certos pais são permissivos, outros mais autoritários. Os investigadores empenham-se, pois, em correlacionar as variações da atitude parental entre várias famílias, variações que eles avaliam em função do nível de desenvolvimento de uma criança em particular. (...) Sublinhe-se, todavia, que ela [esta abordagem] presume tacitamente que as crianças de uma família percebem de maneira idêntica o seu meio familiar. Por consequência, as diferenças médias *entre* os meios familiares tornam-se as causas principais das diferenças entre as crianças".

intra-familiar tem incidido quase exclusivamente sobre as relações pais-filhos (e, nestas, mais sobre a influência dos primeiros sobre os segundos do que o inverso) e, muito raramente, sobre as relações dentro da fratria. A quase generalidade dos autores que se tem debruçado sobre as relações fraternais constataram a pouca relevância que o tema tem tido na literatura psicológica: "[ela] é estranhamente muda sobre as relações fraternais", como refere Gayet (1993: 9). Na psicanálise, o laço entre os irmãos tem sido "o parente pobre", embora ele nos reconduza "ao coração da inter-subjectividade edipiana!" (Assoun, 1998a: 5-6).

Mas, uma parte importante da família são os irmãos, ou a ausência destes (como é o caso dos filhos únicos). Se o parental é o primeiro contexto relacional para os filhos únicos e para os primogénitos, o contexto fraternal pode igualmente ser um dos primeiros para os secundogénitos... e ultimogénitos, pois os irmãos já lá estão quando eles nascem! E para os primogénitos, até pelo facto de serem destronados, a fratria que se lhes segue torna-se logo num contexto de grande importância para o seu desenvolvimento posterior. Em média, o segundo filho nasce poucos anos depois do primeiro e, por isso, a fratria torna-se um contexto precoce na vida da maioria de nós.

As estatísticas dos Estados Unidos da América e da Europa apontam para que cerca de 80% das crianças crescem num meio familiar que inclui irmãos (Dunn, 1983). Em muitas culturas, os irmãos mais novos são criados pelos mais velhos, daí que o tempo que os filhos passam juntos, durante os primeiros anos de vida, é muito superior ao tempo que passam com os pais (Dunn, 1984/1986). Mesmo nas sociedades industrializadas, e sobretudo quando as crianças têm idades muito próximas, o facto de frequentarem a mesma creche, o mesmo infantário, a mesma escola... faz com que elas se mantenham em contacto durante grande parte do dia – e, portanto, durante mais horas do que aquelas que permanecem com os progenitores. E, depois, a relação entre os irmãos é, normalmente, a mais extensa, no tempo: "os pais morrem mais cedo, os cônjuges vêm mais tarde, os amigos mudam" (Meynckens-Fourez, 1999: 37).

Mas não é só durante a infância que se verifica uma influência recíproca e determinante entre os irmãos. Mesmo depois, ao longo de toda a vida, longe ou perto, a marca indelével dessas relações passadas parece continuar a fazer-se sentir e a co-orientar o destino de cada um. As primeiras experiências com os nossos irmãos moldam, ainda hoje, a nossa maneira de

agir, de pensar ou de nos considerarmos a nós mesmos (Faber & Mazlish, 1987/1995).

De que família e, especificamente, de que fratria falamos, hoje?

Obrigatoriamente, das múltiplas formas de famílias (e, consequentemente, de fratrias) que actualmente existem. Podemos dizer, quanto a isto, que são duas as maiores preocupações para os estudiosos da família: as inúmeras mudanças na estrutura familiar e a redução das fratrias⁷.

Um e outro fenómeno estão intimamente ligados e podem ser vistos como resultado de profundas transformações ocorridas na sociedade: o aumento da taxa de divórcio⁸ e do número de mulheres no mundo do trabalho, o baixo índice de nupcialidade e de natalidade estão entre as principais. Mas também a atenção dada às crianças, o papel crescente da psicologia e da psicanálise, que sublinham a importância das primeiras relações na infância, contribuem para a redução das fratrias (Angel, 1996).

Com a alteração nas famílias foi (e é) a própria situação dos filhos que foi (e é) alterada. Aliás, é o inverter da perspectiva clássica do modo de olhar a família: a *família nuclear* define-se a partir da união de dois progenitores; as redes das famílias recompostas parecem ser mais facilmente compreendidas

⁷ A preocupação com a família é legítima, se tivermos em conta o lugar privilegiado que ela ocupa nas sociedades (e para os indivíduos, em particular, como já acima referimos). A família é um grupo fundamental nas sociedades porque, embora o vocábulo seja relativamente recente, unidades sociais algo semelhantes a famílias terão existido desde os princípios da humanidade, embora sob formas e com organizações diversas daquelas que a família hoje conhece. Todas as sociedades reconhecem a existência de certas unidades cooperativas, intimamente entrelaçadas e internamente organizadas, que ocupam um lugar intermédio entre o indivíduo e a sociedade de que ele faz parte (Linton, 1959/s/d). E foi, sem dúvida, graças a esses variados grupos familiares que a humanidade pôde sobreviver (Roussel, 1989). Um estudo mais detalhado sobre a família, origem do conceito, novas formas de família, família como sistema, funcionamento familiar, etc., faz parte do nosso trabalho anterior *Família e Emigração* (Fernandes, 1995).

⁸ Em países como a Suíça e a Rússia há um divórcio em cada três casamentos (Gilliand, 1991; Castellan, 1991). O aumento do número de divórcios deve-se mais, segundo Kellerhals & Roussel (1987), a uma irrealidade de expectativas face ao casamento e à prioridade do indivíduo face ao grupo, do que a uma carência de socialização ou devido a uma heterogamia, como foi largamente apontado nalguns trabalhos.

a partir dos laços e territórios definidos pelos filhos (Kellerhals & Roussel, 1987). Apesar de todos os problemas (fome, maus tratos, violência...), a criança tornou-se a personagem central da família, sobretudo nos países industrializados (Behnam, 1992). Nestes países, segundo Longone (1971)⁹, a proporção de famílias sem filhos continua a diminuir, aproximando-se do mínimo constituído pela esterilidade fisiológica dos casais (5 a 7%); os modelos de um e dois filhos aumentam e são as famílias de três e mais filhos que diminuem¹⁰.

A redução das fratrias tende a aumentar a intensidade das relações entre os irmãos, a sua interdependência, elevada a um nível máximo em situações de crise, como durante o processo de divórcio dos pais, e, como muitas vezes agora acontece, aquando da entrada de um grupo de irmãos numa nova família (onde existem, ou não, outras crianças, com as quais há que partilhar um novo espaço e a atenção do *novo* casal). Nestas situações, cada vez mais correntes, de fragmentação familiar, as relações fraternais podem ser vistas, como diz Almodovar (1986: 3), como uma "ilha de estabilidade" ou, até, de "permanência familiar".

Esta nova problemática familiar conduziu, recentemente, a um aumento de estudos sobre a fratria. Embora continue, mesmo assim, a ser um dos tópicos menos abordados dentro do tema *família*, a verdade é que, desde há muitos anos, vários psicanalistas e psicólogos de mérito, como Adler, Freud, Piaget e Wallon, mesmo que só em breves linhas, salientaram a importância do contexto fraternal no desenvolvimento individual. Alfred Adler foi um dos primeiros a interrogar-se sobre este assunto, como veremos adiante, descrevendo comportamentos típicos para cada uma das posições fraternais

⁹ Cit. in Gayet (1993).

¹⁰ Em Portugal, o número médio de filhos por mulher em idade fértil é 1.4; a esmagadora maioria tem dois filhos (45%) ou um filho (31%), sendo que os "3 ou mais filhos" se tornaram já uma categoria residual (rondam os 15%) (Almeida, 1999). Esta última categoria, segundo a APFN (Associação Portuguesa de Famílias Numerosas – nascida em Abril de 1999 e apresentada publicamente em Lisboa a 10 de Fevereiro de 2000), deveria ser considerada de "família numerosa" e ter direito a alguns benefícios sociais – nomeadamente: crédito bonificado para aquisição de casa, escalão "especial" do IRS, descontos na água, educação, entrada nos museus, etc. – dado que são estas famílias que contribuem para a renovação da taxa de fecundidade e são responsáveis por 26% do total de crianças e jovens em Portugal (Neto, 2000).

(primogénito, filho do meio, mais novo, gémeos...). Embora não tenha feito um estudo sistemático sobre os irmãos, teve o mérito de ter chamado a atenção para este descurado sub-grupo familiar e abriu, assim, um caminho pioneiro dentro da área da família. Foi desta forma que o estudo do lugar que cada um ocupa na fratria, ou o estudo da posição fraternal, inspirou os primeiros investigadores da fratria: a ordem de nascimento parecia ser a variável mais determinante do tipo de relações entre os irmãos.

Em nossa opinião, uma das investigações mais abrangentes sobre fratria e personalidade é a de Walter Toman. Daí que não se estranhe que os resultados do trabalho deste psicólogo austríaco, desenvolvido durante largas décadas, nos sirvam de referência e que muitas das hipóteses que iremos testar sejam baseadas na sua teoria da constelação familiar.

No fundamental, a nossa investigação pretende contribuir, por pouco que seja, para esclarecer as malhas que a fratria tece. Em Portugal, tanto quanto nos foi/é dado conhecer, este é o primeiro estudo nesta área. A bibliografia portuguesa é quase nula. Como pode verificar-se na *Bibliografia*, encontramos apenas um livro castelhano traduzido em português. Muito pouco, se pensarmos na pertinência deste tema...

Pertinente também e sobretudo para nós: porque não escondemos que razões bem internas e profundas tenham sido preponderantes na escolha deste tema para o nosso doutoramento. Afinal, tínhamos uma vivência de longos anos numa fratria de cinco elementos, o que quer dizer que, entre alegrias e sofrimentos, entre amores e rivalidades, muito da nossa vida era uma história em comum nesse grupo familiar e, por isso mesmo, inseparável da história da nossa vida – da de cada um de nós. E o facto de sermos a do meio (com um irmão e uma irmã mais velhos e dois irmãos mais novos), pode não ser importante para ninguém, mas foi, e é-o, para nós.

Sendo, então, um tema tão inexplorado e auto-sedutor, muitos caminhos se abriam a este nosso trabalho. Havendo o condicionalismo do tempo e a consciência de que um doutoramento é um trabalho a ser desenvolvido por uma única pessoa (embora com a ajuda de muitos...), limitámos o nosso sonho à medida desta realidade. Apaziguava-nos a certeza deste trabalho ser, apenas, a nossa entrada no *Reino dos Irmãos*. Mais tarde poderíamos empreender outros projectos dentro deste território temático...

Assim, tentámos perceber quanto a personalidade de cada um de nós é influenciada pelos indivíduos com quem passamos longos anos e que nos

acompanham desde a nossa infância: os nossos irmãos. Ou, talvez melhor dizendo: tentámos descortinar aquele ou aqueles aspectos da personalidade que poderão ser mais influenciados pela fratria.

Concretamente, a *questão central* da nossa investigação foi a seguinte: verificar se às diversas posições na fratria (e.g.: filhos únicos, mais velhos, mais novos e do meio) corresponde um determinado perfil de personalidade (ou se existem diferenças significativas pelo menos nalguns aspectos desta).

Veremos na *Terceira Parte* (após descrevermos a metodologia utilizada) como os resultados dos vários estudos empíricos que efectuámos apontam, genericamente, no sentido de que a constelação fraternal (ordem de nascimento, sexo do próprio e o dos irmãos, diferenças de idade e tamanho da fratria), mais do que, apenas, a ordem de nascimento, determina semelhanças de personalidade entre os sujeitos que têm a mesma configuração fraternal. E, portanto, diferenças significativas com os restantes sujeitos.

Mas antes de apresentarmos e discutirmos os resultados da investigação que desenvolvemos, fizemos, ao longo das duas primeiras partes deste trabalho, uma análise e discussão crítica dos principais aspectos relacionados com a fratria, tendo constituído também essa revisão objecto de uma pesquisa mais detalhada. Embora correndo o risco de que a mesma possa considerar-se excessiva, não quisemos/pudemos resistir à tentação de aproveitarmos a oportunidade de nos determos nalguns aspectos (afectos) fraternais que, internamente, necessitávamos de (re)conhecer conscientemente. Depois, racionalizando ou desculpabilizando-nos, sempre poderíamos justificar o abuso como resultando de uma atitude bem altruísta e profissional: por um lado, estava o facto deste trabalho poder vir a constituir-se como uma espécie de manual sobre as relações fraternas; por outro lado, o facto de ser (ao que sabemos) a primeira investigação sobre este tema em Portugal obrigava-nos a uma revisão e enquadramento teórico o mais exaustiva possível. Mas, porque o (re)conhecimento pode sempre, potencialmente, gerar sofrimento, colorimos este trabalho com *alguma literatura*: dando-nos a esse jogo e prazer qualquer dos possíveis escolhos *desta viagem* poderia ser, mais facilmente, transposto ou, melhor dizendo, transfigurado.

Logo na *Primeira Parte* abordamos, então, a problemática d'*a fratria*, centralizando-nos nos afectos que nutrem as relações entre os irmãos, em especial: o amor e o ódio, a inveja e os ciúmes e as consequentes rivalidades e conflitos, de modo a realçarmos a importância deste sub-sistema familiar

no desenvolvimento individual (capítulo 1). A partir da análise de factores como a hereditariedade, o meio e a ordem de nascimento, discutimos a origem das diferenças e semelhanças entre os irmãos (capítulo 2). E, por último, no capítulo 3, analisamos algumas situações acidentais que podem ocorrer na fratria – nomeadamente, a morte, a doença e a deficiência – e como esses acontecimentos podem alterar o seu *normal* funcionamento e afectar, diferentemente, cada um dos membros.

O enquadramento teórico da nossa investigação foi feito na *Segunda Parte*, onde apresentamos uma resenha dos principais estudos sobre *fratria e personalidade* (capítulo 5), com particular destaque para os realizados por Sulloway e Toman (capítulos 6 e 7, respectivamente). Globalmente, com estes três capítulos pretendemos fazer um ponto da situação das investigações nesta área. Embora focando os aspectos contraditórios que, muitas vezes, os resultados destes estudos apresentam, espera-se que fique sublinhado como, inequivocamente, a fratria é um grupo social fundamental na construção da personalidade que é preciso não descurar dentro da investigação familiar. Até porque as relações entre os irmãos vão servir como modelo dos papéis que mais tarde eles desempenharão "na comédia humana" (Porot, s/d: 169).

Contribuirmos para a compreensão deste importante sub-sistema familiar é/foi, em suma, e modestamente, o grande objectivo deste livro. Tendo como guia o justo comedimento das seguintes palavras da epígrafe acima: "amando a Verdade, sem [todavia] querer[mos] *ser* a Verdade (a Realidade)".

A FRATRIA

1. RELAÇÕES NA FRATRIA

"- Porque não me haveis matado, meu irmão? – disse ela.

- Pensei nisso – respondeu. – Amar-vos-ia morta".

Assim falavam Anna e Miguel, em *Anna, Soror...*, de Marguerite Yourcenar (1981/s/d: 41). Nesta novela¹¹, a autora conta-nos, magistralmente, a história de amor intenso entre estes dois irmãos, que viveram em Nápoles durante o séc. XVI/XVII. Três linhas depois deste diálogo eles "estreitaram-se num abraço" e o incesto fraterno, mutuamente desejado e consentido, aconteceu.

Este laço estreito entre os irmãos é, segundo Assoun (1998b: 35), uma espécie de gemelaridade – "tê-los-iam tomado um pelo outro" – fundada tacitamente: "As duas crianças, que se amavam, eram muito caladas, não necessitando de palavras para gozar do prazer de estarem juntas" (extracto de *Anna, Soror...*, p. 11). Uma gemelaridade *falsa* ou, talvez melhor,

¹¹ Inicialmente escrita em 1925 e ligeiramente retocada alguns anos depois, esta novela faz parte do livro (que junta mais duas novelas da autora): *Como a água que corre*. No Posfácio de *Anna, Soror...*, Yourcenar (1981/s/d: 204) explica: "Trata-se de um amor entre irmão e irmã, isto é, do tipo de transgressão que mais frequentemente inspirou os poetas a braços com um acto *voluntário* de incesto".

O incesto entre pais e filhos ou entre irmãos é a única interdição quase universal. A proibição do incesto é justificada pela biologia (eugenismo), porque põe em risco o aparecimento de taras hereditárias no caso de produzir descendência (Gauquelin & Gauquelin, 1971/1980). Ele é, no entanto, um fenómeno quase universal: parece que, nas sociedades primitivas, o incesto entre o rei e a rainha era comum: "O rei e a rainha estão na origem das coisas e na origem das coisas há o incesto entre a terra e o céu" (Marcel Mauss *cit. in* Correia, 1992: 7). E não só entre os monarcas: no Egipto, o casamento entre irmão e irmã foi uma tradição durante vinte séculos (Boureau, 1992). No próprio mito fundador da humanidade há um casamento incestuoso: Eva "é uma espécie de gémea de Adão, a parte feminina do Adão original, um e duplo" (Schnitzer, 1990: 59).

construída, porque desejada¹² – uma vez que Anna é um pouco mais velha do que Miguel.

Já no recente livro da escritora indiana Arundhati Roy, *O Deus das Pequenas Coisas*¹³, o incesto acontece entre dois gémeos de facto, embora dizigóticos: Estha e Rahel. E, como em *Anna, Soror...*, é um incesto mutuamente consentido e desejado, como se ilustra a seguir:

"Mas o que haveria a dizer?

Só que houve lágrimas. Só que o Silêncio e o Vazio se completaram como colheres empilhadas. Só que num vigoroso ombro cor-de-mel havia uma meia lua de dentadas. Só que se mantiveram unidos, muito depois de acabar. Só que partilharam não apenas felicidade, mas um sofrimento hediondo.

Só que uma vez mais violaram as Leis do Amor. Que ditavam quem devia ser amado. E como. E quanto" (p. 292).

Nem sempre esta violação "das Leis do Amor", efectuada entre irmãos *gémeos*, é *voluntária* e consentida por ambas as partes. Em condições bem mais dramáticas, o acto pode implicar coerção física e/ou moral de um irmão sobre o outro, como foi o que aconteceu entre os irmãos Amnon e Tamar, duas personagens bíblicas narradas no *Segundo Livro de Samuel*. Amnon propõe a Tamar:

"«Vem, deita-te comigo, minha irmã»! Mas ela respondeu: «Não, meu irmão, não me violentes (...). Não

¹² Parece que o desejo de ter uma alma-gémea é universal: "De um ponto de vista geral, A.-C. Degros e N. Zdanowicz (1998) demonstram quanto a «relação gemelar» pode ser constitutiva de todo o indivíduo, seja esta relação real ou «semi-real» (com um irmão, um amigo, uma pessoa que toma este lugar), isto é, puramente imaginária: «Trata-se da criação de um aliado na edificação de si, relançando a problemática do duplo. A conquista do similar está em cada um de nós como uma tentativa de escapar à angústia da castração e da morte». (...) Este mecanismo observa-se também nos filhos únicos" (Meynckens-Fourez, 1999: 45).

¹³ A este deslumbrante livro, o primeiro da autora, foi atribuído o *Booker Prize* de 1997.

cometas semelhante infâmia (...). Mas ele não lhe quis dar ouvidos e, como era mais forte que ela, violentou-a e desflorou-a" (*II Samuel*, 13).

Não é lugar aqui para nos determos mais alongadamente sobre a frequência, nada desprezável, com que o incesto entre irmãos aparece na Literatura de todos os tempos, desde *A Bíblia* até aos dias de hoje. Apenas dizer que Yourcenar, no Posfácio de *Anna, Soror...*, refere alguns exemplos de autores universais e suas respectivas obras onde o incesto fraterno é retratado. Da análise que faz, conclui: "Se, para um escritor, a importância de um tema se avalia pela frequência do seu emprego, poder-se-á atribuir a Byron e a Mann a obsessão do incesto" (*ibidem*: 229).

No caso concreto da Literatura Portuguesa haverá, certamente, inúmeros escritores que se terão aventurado a tramar histórias incestuosas. Dentre esses lembramos Natália Correia, em *As núpcias*, onde, com a mestria que reconhecidamente se lhe conhece, tece a história incestuosa de dois irmãos, André e Catarina. Neste romance, que é um autêntico tratado sobre o incesto fraterno, Natália Correia (1992) escreve, a dado passo:

"André pôs-se a citar o Testamento do Velho já que ela [Catarina] era muito sensível a tudo quanto viesse desse avô que lhe fora tão querido:

- «Saídos da ocultação da noite os Irmãos são um corpo separado em dois. Porque sendo nascidos da mesma semente cósmica era o Ser que subsistia em estado de inocência».

E concluiu apaixonadamente:

- O nosso amor é a reposição do estado de inocência do ser em que se reúnem o irmão e a irmã. As forças nefastas recuam perante essa pureza.

Mas com uma lógica sobrenatural ela opôs-lhe:

- Essas palavras só confirmam que o nosso amor não é deste mundo. (...)

- Já não me amas.

- Oh, não, amo-te mais do que nunca – protestou ela numa voz exâmine mas dorida e segura do que

afirmava. – Por isso mesmo mais rigoroso e purificador é o sacrifício de me afastar de ti.

A dor que o acutilava imoderou-se num brado de revolta:

- Acaba com essa ideia absurda do sacrifício. Quem determinou que o incesto é uma união maligna? A lei? Qual lei? (...) – Minha irmã, minha amante, minha vida, não te deixes enganar pelas sombras em que o mundo envolve os amores mais sublimes. Não há nada a temer nem nenhum crime a expiar. Estamos unidos pelas forças mais elevadas das nossas almas. (...) Ensinaste-me o direito de eu ser igual aos deuses. Nada nos pode separar. Nem a morte" (pp. 74-75).

Neste romance de Natália Correia, o amor fraternal é visto como o amor por excelência: é "o caminho para a essência eterna e superior onde já não há macho nem fêmea" (p. 28) e onde se realiza "a glória da síntese dos contrários"¹⁴ (p. 55). O incesto fraterno é, consequentemente, a "consumação carnal do masculino e do feminino que refaz o Único" (p. 47). E lamenta o "infamante ferrete que neste mundo criado por um equívoco cósmico põe a marca do crime no amor dos Irmãos que, fundidos no ser total, ascendem ao estado mais elevado da natureza e do divino!" (p. 95).

Ainda nas Letras Lusas, a história de amor fraternal exacerbado mais conhecida é a da poetisa Florbela Espanca pelo seu irmão Apeles (aviador, tragicamente morto num acidente ao largo do Tejo quando ultimava as provas para obter o *brevet*). A análise que Natália Correia faz da vida e obra da poetisa alentejana é elucidativa dessa relação incestuosa (se não efectivada, ao que se sabe, pelo menos fantasiada). No Prefácio ao *Diário do último ano*¹⁵, Natália Correia apelida a relação entre Florbela e o seu irmão aviador de "relação narcísica" e designa-a como sendo "uma fraternidade mística (...) uma réplica da geminação de Apolo com Diana" (p. 22). Umas linhas antes, Natália escreve: "meditemos na propriedade apolínea contida nas sílabas do nome do irmão: Apeles. Uma impressionante consonância onomástica com Apolo" (*ibidem*).

¹⁴ Profano e divino, feio e belo, fraco e forte, ignaro e sábio, terra e céu, vida e morte, etc. (*idem, ibidem*).

¹⁵ In Espanca (1930/1998).

Se, em vida do irmão, e apesar dos seus casamentos, Florbela faz eco da sua comunhão com o irmão¹⁶, quando este morre o laço quebra-se, a vida deixa de ter sentido e a morte é, para Florbela, a única vontade apetecida:

"Morte, minha Senhora Dona Morte
Tão bom que deve ser o teu abraço!
(...)
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!"¹⁷

Ainda utilizando as palavras de Natália Correia: "É indicado adivinhar- -se que a dor cruciante sofrida por Florbela com a morte do irmão a despojasse de forças anímicas para resistir ao mito que a sujeitava; que inculcava uma relação de vida e de morte na sua fraternidade mística com Apeles" (*ibidem*: 25). E a morte da poetisa (devido a um edema pulmonar, como foi oficialmente averbado, ou por suicídio?) não tarda. Revelador, o soneto *In memoriam*¹⁸, dedicado "Ao meu morto querido", termina assim, com este imenso vazio relacional:

"— Eu fui na vida a irmã de um só Irmão,
E já não sou a irmã de ninguém mais!"

Bem diferentes, opostos mesmo, foram os sentimentos entre Caim e Abel, filhos de Eva e Adão. "Caim é o primogénito absoluto, o primeiro dos primeiros filhos (...) o único e Abel o primeiro irmão: podemos caracterizá-lo melhor, como sendo o «seu irmão», dele, Caim (...) É por isso que, no limite,

¹⁶ Para Natália Correia: "No frenesi castrador de Florbela revela-se a sua piedade fraternal pelo ser radioso [o seu irmão luminoso] com que miticamente se irmana" (*ibidem*: 17).

¹⁷ Do soneto *À morte* (*In Espanca*, s/d).

¹⁸ *In Espanca* (s/d). Este poema faz parte do livro *Charneca em Flor* (de 1930).

é errado falar-se de «Caim e Abel»: seria melhor dizer: «Caim e seu irmão»" (Assoun, 1998b: 6-7). Os dois irmãos (Caim, o agricultor e Abel, o pastor) fizeram oferendas ao Senhor:

"O Senhor olhou favoravelmente para Abel e para a sua oferta mas não olhou para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado (...). Entretanto, Caim disse a Abel: «Vamos ao campo». Porém, logo que chegaram ao campo, Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o" (*Génesis*, 4).

Uns momentos antes do drama, refere Assoun (1998b: 8): "talvez o irmão ciumento não tivesse a intenção de exprimir a sua agressividade, mas a lógica restringiu-se em volta desta binaridade: «é ele *ou* eu». (...) A morte terá, pois, no seu espírito, realizado este não-ser do irmão que ele terá «conhecido» apenas através do ciúme". E assim aconteceu: o *primeiro* fratricídio da História da Humanidade, cometido por Caim, o *primeiro* filho primogénito, do *primeiro* casal de que todos nós, parece, descendemos¹⁹. O que dá razão a que Freud (1915)²⁰ tivesse dito: "Todos nós nascemos de uma longa linhagem de assassinos".

A estas histórias (imaginadas, reais, míticas ou bíblicas) poderíamos juntar muitas outras, para ilustrar os *dois pólos de afectos extremos* de que as relações entre irmãos podem ser coloridas: amores²¹ ou ódios intensos. Nas primeiras, a gemelaridade *espirtual* condu-los até à união corporal,

¹⁹ Também um fratricídio noutra mito fundador acontece na conhecida história de Rómulo e Remo, irmãos-gêmeos, filhos da loba. A análise do "parentesco estrutural" entre este mito e o de Caim e Abel pode ser lida em Jacques Hassoun (1997/1998).

²⁰ *Cit. in* Hassoun (1997/1998: 13).

²¹ O amor entre irmãos é, também, comumente designado por filadelfia (do latim *philadelphus* = que ama o seu irmão – ver *Dicionário de Latim-Português*, s/d). Um dos últimos colóquios de Cerisy (França) foi justamente intitulado: *Eros Philadelphie: frère et sœur, passion secrète*. Alguns dos estudos aí apresentados sobre o "desejo filadelfo" ("barrado pelo interdito maior do incesto") podem ser lidos em Bannour & Berthier (1992).

efectivada no incesto²²; nas segundas, a mesma confusão entre si e o outro (neste caso a mãe, o bom seio idealizado) gera uma rivalidade mortífera²³. Na origem, num caso ou noutro, parece que estamos em presença de uma relação fusional entre dois seres, em que dois são apenas um: nas relações incestuosas a existência passa pela fusão total – uma só alma, um só corpo; nas relações fraticidas um dos dois tem de ser aniquilado para que um deles exista. Nos dois casos, a busca da unidade é levada ao extremo: depois de efectivado o incesto, a culpa faz sempre desaparecer um deles, ao que se segue, inevitavelmente, o desaparecimento do outro – como se este outro não pudesse existir sozinho²⁴; no fratricídio é pela morte que se realiza a não-existência do outro – como se a existência de um não pudesse comportar a existência do outro. *Eros* e *Thanatos*, os dois pólos extremos do conflito psíquico, irremediavelmente entrelaçados...

Os pais cedo se apercebem, mesmo que inconscientemente, desta perigosidade das relações entre os filhos. Quando decidem criar uma fratria, independentemente dos fantasmas de fraternidade que tenham, são confrontados rapidamente com o facto de que devem preocupar-se, a partir do segundo filho, não somente com as relações pais-filhos mas, igualmente, com as relações entre os irmãos (Neuburger, 1992). E a primeira preocupação que os pais vão descobrir é que devem impedir os filhos de se matarem uns aos outros; a segunda preocupação é que devem evitar que os

²² Esta semelhança entre um irmão e uma irmã, numa relação incestuosa, encerra, no entanto, uma contradição: "os dois do casal consideram-se também – paradoxalmente – como as duas metades opostas e complementares de um só ser: tal qual a *animus* e a *anima* de Jung ou a androginia de Platão. Eles formam o casal ideal de dois contrários" (Lemoine-Luccioni, 1990: 126).

²³ Veremos adiante, com mais clareza, como a rivalidade fraterna (que pode ir ao limite do fratricídio) remonta à primeira relação mãe-filho.

²⁴ Para os psicanalistas, como refere Malpique (1990: 75), a "permanente procura da imagem especular, a procura narcísica do duplo, da alma-gémea, é a fuga ao sentimento de solidão, e fundamenta, em muitas situações, a *incapacidade de estar só*".

filhos sejam demasiado próximos (*idem, ibidem*)²⁵. Os pais devem preocupar-se, em suma, com o facto de que as relações entre os filhos não atinjam as proporções extremas de que falávamos acima, do incesto e do fratricídio.

Geralmente (e felizmente!), a maioria das relações entre os irmãos não são tão extremadas: elas incluem um espectro diverso de afectos, dentre todo o vasto leque possível – como disseram Furman & Lanthier (1996: 127): "do mais positivo ao mais negativo". Dado que na fratria, segundo Laufer (1990: 14), só "a indiferença é raramente ao *rendez-vous*". Não é preciso ser psicólogo, como nos dizem Dunn & Kendrick (1982/1986), para observar a paixão, o entusiasmo e os ciúmes, o leque de emoções, desde a simpatia até à agressão mais violenta, que os irmãos manifestam de um modo tão aberto. Ao defini-las, as relações na fratria têm de ser vistas num *continuum* de sentimentos entre o amor e o ódio. Ou, como disseram Einstein & Moss (1967)²⁶: "quanto à sua natureza, as relações entre os irmãos podem abarcar um contínuo desde o carinho, intimidade e cuidado, num extremo, até à hostilidade, agressão, enfado, no outro". Ou, no dizer de Assoun (1998a: 7): "nem é o idílio fusional, nem a hostilidade declarada: uma fratria comum parece saber construir-se com os seus diferendos, segundo um código tácito".

Apesar desta diversidade de sentimentos que podemos encontrar nas relações dentro da fratria, a maioria das palavras derivadas de irmão (em latim: *frater*) – como sejam: fraterna, fraternal, fraternidade, fraternização, fraternizar e fraterno – é definida, nos dicionários, com sinónimos que descrevem afectos exclusivamente positivos (apenas fraticida e fraticídio

²⁵ Neuburger considera as relações entre os pais um poderoso utensílio para gerir as relações na fratria. Aconselha, em jeito de receita: "se vós tiverdes o desejo de reaproximar os vossos filhos, que achais demasiado afastados uns dos outros, podeis, por exemplo, inventar um conflito de casal narcísico ou demonstrar uma paixão de casal considerável, como se os filhos não existissem. (...) Se, pelo contrário, vós desejais afastá-los uns dos outros, demonstrai o mesmo conflito, mas, desta vez, procurando alianças com os filhos, cada um de vós procurando um aliado entre eles" (*ibidem*: 65). No mesmo sentido vai Ginsberg-Carré (1992) quando verificou, num grupo das famílias recompostas, que o disfuncionamento ao nível parental tinha por efeito um reaproximar do grupo fraternal. Parece que o divórcio dos pais leva os irmãos a buscarem mais seguridade uns nos outros, para substituírem a que perderam após o afastamento de um dos progenitores (Twerski, 1992/1994).

²⁶ *Cit. in* Dunn & Kendrick (1982/1986: 72).

fogem a esta regra²⁷). Vejamos, a título de exemplo, os significados usuais para fraternal e fraternidade:

fraternal – próprio ou própria de irmãos; afectuoso, benévolo (*Dicionário da Língua Portuguesa*, s/d).

1. o que diz respeito às relações entre irmãos ou entre irmãos e irmãs; 2. próprio dos seres que se tratam como irmãos: afectuoso, amigável, cordial (*Le Micro-Robert Poche*, 1992).

fraternidade – afecto, união, carinho ou parentesco entre irmãos; amor ao próximo; harmonia entre os homens (*Dicionário da Língua Portuguesa*, s/d).

1. laço existente entre pessoas (homens ou mulheres) considerados como membros da família humana; sentimento profundo desse laço: solidariedade; 2. laço particular que estabelece as relações fraternais: camaradagem (*Le Micro-Robert Poche*, 1992).

Também nos contos de fadas existe a mesma negação do instinto de morte na fratria. Fabre (1992: 82-85) analisou os contos dos irmãos Grimm e os de Perrault e confirmou este "quadro idílico"²⁸:

"aqui [nos contos de fadas] nenhum irmão odeia o seu irmão. Somente um gêmeo dos contos de Grimm. (...) Os

²⁷ Fratricida e fraticídio derivam do latim: *frater*, *caedo* (*frater* = irmão; *caedo* = matar, assassinar) (*Dicionário de Latim-Português*, s/d).

²⁸ A autora baseou-se, ainda, nalguns contos russos examinados por Vladimir Propp, no livro: *As raízes históricas do conto maravilhoso* (Leninegrado, 1946). E encontrou que a única excepção a esta regra é o conto *Os dois irmãos* (Grimm & Grimm, 1997), onde um dos irmãos-gémeos mata o outro, embora seja um ódio e uma morte de curta duração pois, no final, tudo acaba em bem: o irmão-assassino dá vida e reconcilia-se com o putativo irmão- -traidor. Como Bettelheim (1975/1999: 118-119) explica, o "tema dos dois irmãos é o centro do mais velho conto de fadas, encontrado num papiro egípcio de 1250 a.C. (...) Esta antiga história egípcia ter-se-á desenvolvido a partir do motivo central da natureza destrutiva dos apegos edipianos e da rivalidade fraternal (...). Uma feliz resolução exige que os irmãos se libertem do seu ciúme edipiano e fraterno e se apoiem um ao outro".

contos não nos falam, pois, de irmãos inimigos. (...) O sadismo, a violência, a crueldade, o incesto que percorrem os contos estão do lado dos pais. As crianças não se matam, assim como não fazem alianças contra os seus pais, embora, muitas vezes, estes bem o merecessem".

Podemos questionar-nos, com Fabre (*ibidem*), sobre qual a função desta não-referência de relações negativas na fratria, seja nos dicionários seja nos contos de fadas:

"Esta imagem [idílica] será para traçar o caminho de uma esperança, de uma visão ideal, de um voto, de um desejo, em relação a toda uma outra realidade, violenta e passional?"

Mais adiante, ainda sobre a forma de perguntas, a autora aponta uma resposta plausível:

"O meu irmão, a minha irmã não serão, finalmente, o meu revelador, o meu duplo temido e desejado? (...) Amar-se como irmãos não será, então, amar-se a si-próprio através de todas as divergências, como os irmãos poderiam e deveriam amar-se?" (*ibidem*: 91-93).

Então, o que individual e socialmente parece ser aceitável entre os irmãos é a amizade, a camaradagem, a solidariedade... porque é o sinal de que nos amamos a nós próprios, ou o desejo de que assim seja; em suma, um ideal do nosso *ego*²⁹.

Mas a violência na família, e especificamente na fratria (o fratricídio é a agressividade levada ao extremo!), é uma realidade que as estatísticas

²⁹ Mais adiante discutiremos melhor como os irmãos funcionam como espelhos e, como tal, são duplos de nós-próprios e servem de modelos de referência (ideais) para o nosso *ego*.

comprovam. Como Chesnais (1982)³⁰ demonstrou, na sua obra *Histoire de la violence*, há mais possibilidade de ser-se morto na família do que fora dela. E como se sabe (e vimos pelos exemplos com que iniciámos este capítulo), a relação entre irmãos não é, de todo, a relação mais *fraternal* e onde se observa mais *fraternidade*, no sentido que estes termos têm nos dicionários e na linguagem comum. No dizer de Neuburger (1992: 61-62):

"Se a fraternidade não parece estar excluída das relações na fratria, observa-se aí, o mais das vezes, uma gama de sentimentos que vão da indiferença fingida ou verdadeira, ao ciúme, à inveja, ao desejo de excluir, de fazer desaparecer, de matar o outro ou, então, inversamente, laços de amor que não têm nada de «fraternal» na sua natureza, mas onde o sexual disputa o passional. As crianças testemunham-nos quotidianamente que, se é preciso desenvolver um sentido da fraternidade, a maioria das vezes o melhor lugar é a escola e não a família e, em particular, entre irmãos e irmãs..."

Para não se confundir fraternidade com o que se passa entre os irmãos, Philippe Caillé³¹ propõe a introdução do termo *fratritude* para designar, especificamente, as relações na fratria e guardar o termo *fraternidade* para o sentido usual que hoje tem: "nós somos todos irmãos".

Nalgumas línguas, como o latim, explica ainda Neuburger (1992), existem dois termos para distinguir fraternidade de *fratitudo*³², respectivamente, *frater* e *frater germanus* (irmão de sangue), termo que originou o espanhol *hermano*; em italiano distingue-se as *suore* (as religiosas) das *sorelle* (irmãs de sangue). Mas em português, como em francês e em muitas outras línguas, os irmãos (pela Igreja, pela Nação ou por qualquer outro corpo social) têm a mesma designação dos irmãos pela família (sejam eles irmãos de sangue, meios-irmãos ou irmãos adoptivos).

³⁰ Cit. in Angel (1996).

³¹ Cit. in Neuburger (1992).

³² Neuburger prefere *fratitudo* a *fratritude* (termo proposto por Caillé).

O senso comum intuiu, há muito tempo, esta realidade afectiva diversificada das relações entre os irmãos. Os provérbios reflectem isso mesmo. Se há um que afirma que "todos os homens são irmãos", há um outro que assegura que "aquele que diz que todos os homens são irmãos não tem irmão"; um provérbio italiano é categórico: "*fratelli, flagelli*" (Soriano, 1992: 77-78), o mesmo se passando com este outro, francês: "*Fais-toi des amis; les ennemis, le ventre de ta mère te les donnera*" (Gendrin & Savier, 1990: 71).

Também os psicólogos, das mais variadas escolas, têm contribuído para recolocar as relações entre os irmãos numa dimensão mais realista. Já em 1900, n'*A Interpretação de Sonhos*, Freud sublinhava a enorme frequência de sentimentos de hostilidade e ciúmes na fratria, relatando algumas observações que fizera de comportamentos dos seus sobrinhos e da constância de sonhos de morte dos irmãos nos sonhos dos adultos (Freud, 1900/1972). O ciúme (ou a rivalidade fraterna, como alguns preferem chamar-lhe) tem sido, até, o tema de estudo privilegiado no campo das relações fraternais.

Os psicanalistas têm sido os principais investigadores das relações na fratria, embora muitos deles, a começar pelo próprio fundador da Psicanálise, vejam os sentimentos entre irmãos como simples derivados dos sentimentos em relação aos pais. Freud terá proposto uma única vez, abertamente, a interpretação de uma personagem a partir do complexo fraternal: ele explica a atitude de Napoleão pela rivalidade com o seu irmão mais velho, José, compreendendo-se a sua carreira como um esforço para tomar o lugar do mais velho (Gayet, 1993). Mas é verdade que Freud se refere, amiúdas vezes, ao que ele designa como "complexo de família" – embora veja nele uma extensão do complexo de Édipo. Na *XXI Conferência Introdutória sobre Psicanálise*, Freud (1917/1976d: 389) diz: "Quando outras crianças aparecem em cena, o complexo de Édipo avoluma-se num complexo de família"³³. E, mais adiante, considera mesmo os irmãos como *portas de saída* para os conflitos edipianos:

"[O menino] pode tomar a sua irmã como objecto de amor, à maneira de substituta da mãe infiel. (...) Uma

³³ Sempre que utilizarmos a *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* faremos, quando o julgarmos necessário, como neste extracto, pequenos ajustes ortográficos, de modo a convertermos o texto para português-padrão.

menina pode encontrar no seu irmão, mais velho, um substituto para o seu pai, que não mantém mais um interesse afectuoso por ela como o fazia em anos anteriores. Ou pode tomar uma irmã mais nova como substituta da criança que ela, em vão, desejou ter de seu pai" (*ibidem*: 390).

Na medida em que são pais ou bebés substitutos, os irmãos seriam, na perspectiva de Assoun (1998a: 73), investidos de um papel alternativo ao fantasma que assim se veria materializado: "No fundo, é pela personagem fraternal que a relação edipiana *toma corpo*", o que ajudaria na resolução do Édipo. O conflito entre os irmãos seria, assim, uma espécie de "lateralização do conflito edipiano, isto é, o conflito, por exemplo, com o irmão é uma maneira de deslocar o conflito com o pai" (Soulé, 1990: 68). E este deslocamento aconteceria por ser menos interdito e culpabilizante que a agressividade/rivalidade edipiana se exprima "ao nível da geração dos pares", até porque é sempre o outro, o irmão, o primo, o colega... que me quer mal e tem inveja e/ou ciúmes de mim (Sztulman & Elfakir, 1992: 133).

Anna Freud (1956)³⁴, tal como o seu pai, faz depender as relações na fratria das relações parentais:

"as análises de crianças e as reconstruções de análises de adultos ensinam-nos que a relação da criança com os seus irmãos e irmãs está subordinada e depende da relação que ela tem com os seus pais. Os membros da fratria são, normalmente, *peças acessórias dos pais*, as relações entre eles são governadas por atitudes de rivalidade, de inveja, de ciúme e de competição pelo amor dos pais" [o sublinhado é nosso].

Há quem critique este ponto de vista redutor (do fraternal ao parental) dos psicanalistas. Por exemplo, Almodovar (1986), considera que a psicanálise tem reduzido as relações fraternais a uma intricação de triângulos edipianos, atribuindo-lhes um papel acessório e cristalizado à volta da rivalidade fraternal para assegurar o amor dos pais. O modelo psicanalítico ortodoxo,

³⁴ *Cit. in* Gayet (1993: 61).

refere Almodovar, é inevitavelmente parcial e, sobretudo, deixa escapar a originalidade possível das relações entre os filhos. Embora recentemente, reconhece o autor, alguns psicanalistas genéticos têm elaborado um novo quadro conceptual onde as experiências fraternais são tidas como uma problemática específica (*ibidem*).

E não apenas recentemente. Veremos mais adiante como Adler (que foi o primeiro a debruçar-se, detalhadamente, sobre este tema), já há muitos anos atrás, assinalou a importância das relações na fratria no desenvolvimento individual³⁵. Posteriormente, mas também desde há várias décadas, que psicanalistas como Toman (estudá-lo-emos mais à frente), têm vindo a estudar as constelações fraternais e o seu papel na formação da personalidade. Mas é verdade que só nos últimos anos é que a problemática

³⁵ Aliás, esta questão dos irmãos é considerada, pelo próprio Adler, como um "pomo de discórdia" entre ele e Freud (Adler, 1933 *cit. in* Assoun, 1998a: 7).

dos irmãos é tratada, sobretudo pelos psicanalistas franceses, de modo tão central como o têm sido as relações entre pais e filhos³⁶.

Ou seja: actualmente, a orientação que prevalece é a da defesa das relações entre irmãos como um campo de investigação frutuoso e específico, pelo papel preponderante que as mesmas desempenham no desenvolvimento dos indivíduos. Prossegue-se um modelo desenvolvimental que delimita o que na dimensão horizontal das experiências fraternais pode ter a sua importância para a construção da pessoa no decorrer do seu desenvolvimento (Almodovar, 1981)³⁷. Para Soulé (1990: 68), as duas

³⁶ Ver, na bibliografia, as inúmeras e recentes obras de psicanalistas francófonos. Segundo Marc & Picard (1989/s/d: 186), a Etologia desempenhou um papel importante nesta "reviravolta científica". Para estes autores, Harlow, em 1974, ao ter constatado "que os efeitos nefastos da privação dos cuidados maternos em jovens *rhesus* podiam ser, em parte, minorados pela presença de companheiros da mesma geração", demonstrou a possibilidade de existência de "um sistema de interacção específica aos grupos de pares" – hipótese que terá sido, posteriormente, retomada pelos estudiosos da fratria (*ibidem*). Não é de excluir que o recente *boom* das terapias grupais tenha também contribuído para um crescente emergir do interesse por esta problemática. Nestas, paralelamente ao desencadear dos processos transferenciais edipianos (os terapeutas são identificados como sendo os pais do paciente), surgem, com muita acuidade, as transferências laterais no seio do grupo (identificado como a comunidade dos irmãos). Na psicanálise clássica, embora possam surgir as transferências laterais (fraternais), elas são "automaticamente remetidas à unidade do *transfert* central" (edipiano) (Gayet, 1993: 81). É certo que as transferências laterais são, muitas vezes, uma simples defesa contra as transferências centrais (sobre os terapeutas) e, por vezes, "um simples deslocamento provisório" (Brusset, 1981 *cit. in* Gayet, *ibidem*). Mas, a relevância das transferências fraternais nos grupos terapêuticos é, sem dúvida, maior do que nas terapias individuais – o que pode ter indiciado que o complexo fraternal assume, no desenvolvimento individual, um papel preponderante e, quiçá, de uma ordem de grandeza próxima da do complexo de Édipo. Ou seja: provavelmente as terapias grupais, como o psicodrama, por exemplo, que "repousa sobre o complexo fraternal e o reactualiza, qualquer que seja o tema" (Gayet, 1993: 151), podem ter despertado, nos clínicos, esta *recente* curiosidade pela investigação da fratria. Até porque nos grupos terapêuticos é imprescindível conhecer-se a fratria donde é oriundo cada um dos *pacientes* (*idem, ibidem*). Nas práticas sistémicas aplicadas à família as relações fraternais aparecem como interdependentes da relação conjugal e/ou parental e, igualmente, "com uma influência considerável sobre a posição social ou a relação conjugal que o indivíduo conhecerá mais tarde" (Meynckens-Fourez, 1999: 38) – o que tem, do mesmo modo, incrementado a necessidade de um melhor conhecimento da fratria para, assim, aceder à complexidade da dinâmica individual e familiar.

³⁷ *Cit. in* Ginsberg-Carré (1992).

correntes, a da psicanálise ortodoxa e a actual, não se excluem: sem "limitar" as dinâmicas edípicas, é necessário analisar e compreender a dinâmica na fratria a um "nível horizontal" porque

"existe também uma dinâmica que funciona na fratria a um nível horizontal: relações, conflitos, experiências que seriam muito mais sexualizadas [do que as edípicas]. Com efeito, os irmãos e as irmãs podem ter tido experiências mais ou menos exageradas: incesto efectivado, atitudes fusionais, acções de repulsão... Há, pois, sistemas horizontais que funcionam".

Como tem sido demonstrado por alguns autores, as relações de uma criança com as outras desempenham um importante papel no desenvolvimento da sensibilidade e da compreensão de si e dos outros. A natureza recíproca das relações com os pares foi vista como tendo uma importância central nesse desenvolvimento, contrastando com a complementaridade das relações com os pais (Dunn, 1983). Na sequência desses trabalhos, as relações entre os irmãos têm sido discutidas em termos de relações recíprocas e complementares. Assim, as relações na fratria são entendidas, quase sempre, como relações recíprocas (e, por isso, muito semelhantes às interacções entre os pares) embora, às vezes, dadas as diferenças de idade entre os irmãos, as relações entre eles possam, também, ser consideradas como tendo elementos de complementaridade, como as relações pais-filhos (Hinde, 1979)³⁸. Quanto menor for a diferença de idades, como refere Almodovar (1986), mais a interacção entre eles se estrutura numa reciprocidade activa, nomeadamente pela inter-mutabilidade dos seus papéis.

Simétricas e/ou complementares, as relações entre os irmãos são as únicas relações familiares horizontais. Importantes, ainda, porque participam na elaboração do sentimento de identidade de cada um. Porque, como referem Ferrari, Crochette & Bouvet (1988: 23):

³⁸ *Cit. in* Dunn (1983).

"confrontam também a criança com uma imagem especular, espécie de duplo de si-mesma, projectada sobre o irmão ou irmã, portador, desde logo, do Eu ideal do sujeito, participando esta confrontação na elaboração do seu sentimento de identidade".

Esta função da fratria na construção da identidade pessoal demonstra, segundo alguns autores, como a rivalidade ciumenta entre os irmãos não é alimentada, apenas, pelo desejo de monopolizar o amor dos objectos parentais. Por exemplo, para Wallon (1934), a diferenciação progressiva entre o "Eu" e o "Outro" apoia-se, essencialmente, na comparação que os irmãos fazem entre si; para Lacan (1938), o nascimento de um irmão provoca uma frustração e é esta que incita a criança, por necessidade de sobrevivência, a diferenciar-se do rival³⁹.

As relações fraternais são, portanto, relações narcísicas e próximas e, ainda, obrigatórias: "nascemos e eis que somos constrangidos a estimar estas pessoas" (Georges Brassens)⁴⁰. É obrigatório amar as pessoas da família e, consequentemente, a fratria. O dever de amar pode impedir o amor, ao ponto de, como defende Allouch (1992: 19), quase podermos escrever uma lei:

"mais este dever será imposto como dever (e a família, singularmente, grosseiramente, impudicamente mesmo, mostra-se propícia a uma tal obrigação), menos o amor será possível".

Ou, como dizem Faber & Mazlish (1987/1995): quanto mais insistirmos para que os nossos filhos se amem mais eles se detestam; quanto mais permitirmos que os nossos filhos se detestem mais eles acabam por se amar.

³⁹ Autores citados in Marc & Picard (1989/s/d). Lacan vê no ciúme fraternal "qualquer coisa de muito diferente da rivalidade vital ligada à procura da posse de um objecto amado e à eliminação do rival. Para ele, esta situação primitiva de ciúme constitui um momento fundador da construção da pessoa e da distinção eu-outro, precursor do sentimento de individuação" (Ferrari, 2000: 50).

⁴⁰ Cit. in Allouch (1992: 19). Allouch esclarece que o poeta visa, nestes versos, o seu pai – mas não lhe parece abusivo transpor esta ideia para toda a família e onde está "estimar" considerar que se trata de "amar" (*ibidem*).

E é imprescindível que os pais permitam alguma distanciação entre os filhos, para que a "imagem especular", o duplo fraterno idealizado, não adquira um carácter "alienante" (Ferrari, Crochette & Bouvet, 1988: 23), isto é, não conduza a uma perigosa e *incestuosa* proximidade, com a consequente perda de identidade e integridade de cada um dos irmãos⁴¹.

Os pais (pela forma de gestão e pela qualidade das suas relações com os filhos) são, então, um factor importante na determinação da qualidade das relações na fratria; mas, para além deles, as variáveis da constelação familiar (como a ordem de nascimento, o sexo, a diferença de idade entre os irmãos e o tamanho da prole) e as características individuais de cada criança (e.g. a sua personalidade) influenciam o modo como os irmãos se relacionam entre si (Furman & Buhrmester, 1985a, 1985b; Buhrmester & Furman, 1990; Furman & Lanthier, 1996), como teremos ocasião de o realçar, mais detalhadamente, ao longo dos próximos capítulos.

As relações fraternais têm, em suma, um papel essencial no desenvolvimento individual. Podem ser próximas ou distantes, mais ou menos harmoniosas ou conflituosas, porque os irmãos são, simultaneamente, os mesmos, os duplos, os concorrentes, os simétricos e os opostos (Péju, 1997)⁴² – sejam eles reais, imaginários ou idealizados⁴³. Ou, dito de outra maneira: os irmãos, sejam eles naturais ou culturais, são tanto o amigo como o inimigo (Soriano, 1992). No dizer de Faber & Mazlish (1987/1995), é como se duas correntes se afrontassem: uma, que os separa, quando eles têm necessidade de se referirem ao que os diferencia para definirem a sua própria personalidade; a outra, que os une, para que eles

⁴¹ O incesto, como vimos acima, é o limite máximo revelador da fusão entre dois irmãos. Mas, como veremos oportunamente, a pouca diferenciação entre eles pode, em caso de doença ou deficiência de um deles, levar a que a identidade do irmão indemne fique ameaçada: ele sentir-se-á, irremediavelmente, atingido pelo problema do irmão. Porque um e outro são (quase) a mesma pessoa.

⁴² Cf. Prefácio a Grimm & Grimm (1997).

⁴³ Daí que se fale de irmãos também para os filhos únicos. Na ausência de fratria real vive-se, pelo menos nalgum lugar do desenvolvimento, na presença de irmãos imaginários. Isso é bem claro na clínica, onde o que aparece são os irmãos idealizados, isto é, não como eles são ou foram realmente (Gayet, 1993). E é por isso que o filho único não escapa à regra geral: o *transfert lateral* (de que falámos atrás) não lhe é estranho (*idem, ibidem*).

possam conhecer a unicidade do seu estado fraternal. Ou, como escreveu Assoun (1998a: 6):

"os irmãos definem-se por terem os mesmos pais, e isso cria um laço, único no seu género. Mas, o que os une intimamente no mesmo parentesco, desune-os inexoravelmente – o que indica o drama do ciúme, ordenado à fatalidade da cobiça de *um* mesmo objecto por *dois* (pelo menos), que os consagra à concorrência".

Sintetizando, podemos dizer que as relações fraternais são relações ambivalentes, onde os afectos (positivos e negativos) podem atingir o clímax da sua expressão. E isto acontece, talvez, porque é a família (e, consequentemente, a fratria) o único grupo social que permite, no seu seio, "as manifestações arcaicas ou regressivas dos indivíduos e, nomeadamente, aquelas que o indivíduo não pode permitir-se na vida social, fora da família" (Lemaire, 1989: 40).

E é porque eles se identificam uns com os outros na disputa pelo mesmo objecto de amor, como veremos já no próximo capítulo, que a fratria pode ser considerada um cadinho de invejas, ciúmes e rivalidades. Veremos também como a tonalidade destes afectos só pode ser compreendida atendendo ao contexto onde se expressam.

A INVEJA, O CIÚME E A RIVALIDADE

"O ciúme fraterno não é uma qualquer rivalidade. Ele alimenta as invejas insidiosas e as competições ferozes"

Colette Soler in La chambre des enfants, p. 45.

A inveja e o ciúme são sentimentos fundamentalmente distintos. Uma das melhores formulações e distinções sobre estes dois sentimentos foi feita por Melanie Klein, em *Envy and Gratitude*. Quando distingue o ciúme da inveja, esta psicanalista refere, concretamente:

"o ciúme funda-se sobre a inveja mas, enquanto que a inveja implica uma relação do sujeito com uma única pessoa e remonta à primeira relação exclusiva com a mãe, o ciúme comporta uma relação com duas pessoas, pelo menos, e diz respeito, principalmente, ao amor que o sujeito sente que lhe é devido, amor que lhe foi roubado – ou poderá ser – por um rival" (Klein, 1957/1968: 18).

Ou seja, como explica Segal (1964/1976: 36), para Klein

"o ciúme (...) tende a procurar a posseção do objecto amado e a eliminação do rival. Faz parte de uma relação triangular e corresponde, conseqüentemente, a uma época da vida na qual os objectos são nitidamente reconhecidos e distinguidos uns dos outros. A inveja, pelo contrário, é uma relação dual na qual o sujeito inveja o objecto por uma qualquer propriedade ou qualidade (...). O ciúme é, necessariamente, uma relação a um objecto total, enquanto que a inveja é, essencialmente, vivida em relação a objectos parciais, embora ela penetre e persista nas relações com objectos totais".

A inveja é, portanto, ontogenicamente mais arcaica do que o ciúme. Pode dizer-se que, na inveja, a escolha de objecto é narcísica: a pessoa com a qual a relação é tão forte é um outro quase semelhante a si que deteria o "objecto causa do desejo" que se deseja ter em si-mesmo (Hassoun-Lestienne, 1998: 29). No ciúme, que aparece mais tarde na ontogenia, o sujeito estruturou já uma "relação de objecto" com o mundo, isto é, tomou consciência de que não é o objecto total do outro, nem o outro é o objecto total do seu desejo.

Ainda segundo Klein, a evolução da inveja para o ciúme corresponderia à passagem da "posição esquizo-paranóide" para a "posição depressiva". Na primeira das posições os objectos estão cindidos em bons e maus; na posição depressiva os objectos estão unificados – são, simultaneamente, bons e maus, isto é, "a unificação do Eu vai permitir, através de uma identificação, a *unificação do objecto*" (Luzes, 1976: 247).

No desenvolvimento normal é a introdução de uma terceira pessoa na relação dual, fusional e narcísica mãe-filho que possibilita esta transição evolutiva⁴⁴. Como diz Jeammet (1989/1991: 51),

"o aparecimento de uma terceira personagem na relação de inveja mãe-filho alivia o eu da criança e permite-lhe projectar sobre aquela todo esse mau, a fim de guardar a boa mãe – trampolim que permite fazer, pouco a pouco, um trabalho de progressivo deslocamento, de desligamento e, depois, de religação do bom e do mau".

A introdução do terceiro (geralmente, o pai ou os irmãos) no mundo da criança indica-nos que estamos perante os estádios iniciais do complexo de Édipo – este "aparece, normalmente, ao mesmo tempo que a posição depressiva, no decorrer do segundo quartel do primeiro ano de vida" (Klein, 1957/1968: 40). Este movimento para a primeira triangulação é importante

⁴⁴ Inicialmente, como conceptualizou Winnicott (1951), esta transição faz-se através do "objecto transicional" – que permite a "transição da relação fusional (não-eu) para uma simbolização da realidade objectal (eu)" (Roudinesco & Plon, 1997/2000: 545).

porque permanecer numa *relação invejosa* pode conduzir a um desenvolvimento patológico do eu, onde a individualização não é possível⁴⁵.

Assim, num contexto genético, considera-se que o ciúme é o caminho para a superação da inveja. Mas esta pode impedir o ciúme, um bom ciúme, onde se reivindica o que se tem e onde se vai até ao limite da rivalidade (Hassoun-Lestienne, 1998). O ciúme, por sua vez, protege da inveja, pois, mesmo que o ciúme nos desaposse radicalmente, ele faz-nos reconhecer o valor daquilo que temos: é de ter tido que nos torna ciumentos, enquanto que na inveja não se é nada, só se é na medida em que se possui o que o outro tem (*idem, ibidem*). A inveja, como refere Sá (1999: 52), "nunca é primária, mas secundária à ausência de amor. A ausência de amor gera desespero e avidez por alguém que se ame".

Os irmãos funcionam, então, muitas vezes, como terceiros. Continuando a usar a terminologia kleiniana, pode dizer-se que eles permitem que a criança, fantasmaticamente, desloque sobre eles a "avidéz destruidora em relação ao seio perdido", porque eles são "vividos como estando na origem da exclusão e da despossessão" que ela sofre (Ferrari, Crochette & Bouvet, 1988: 22), protegendo, deste modo, as *imagos* parentais desses ataques. Devido às assimetrias existentes entre os irmãos, resultantes da diferença de idades e do desenvolvimento motor, intelectual e afectivo – que faz com que haja uma "impossível similaridade" entre eles – tanto a rivalidade pela posse dos pais como a identificação especular é profundamente marcada pela inveja (Marc & Picard, 1989/s/d: 188). Neste sentido, para os psicanalistas, os afectos mais ternos nas relações fraternais não seriam mais do que uma defesa contra a inveja recalcada⁴⁶.

O falhanço da passagem estrutural da inveja para o ciúme acontece: seja porque a mãe se retira muito cedo (devido ao nascimento do segundo filho, pouco tempo após o primeiro, por exemplo), seja porque a mãe não permite a individualização da criança (problema de desmame), seja porque nem a mãe nem a criança investiram, convenientemente, o pai (que permitiria que

⁴⁵ Os psicanalistas têm longamente descrito os vários processos defensivos utilizados contra a dor mental produzida pela separação, ou seja, para negar a existência de terceiros – e que pode conduzir a adoeceres vários, tais como psicoses, doenças psicossomáticas... (*cf.* alguns casos ilustrativos, por exemplo, em Cabral & Pereira, 2000).

⁴⁶ A atenção especial que o rival merece por parte do invejoso/ciumento é mesmo, para Lacan, uma "identificação mental" do sujeito ao rival (Miollan & Vives, 1998: 18).

a criança estabelecesse uma triangulação precoce, indiciadora do "Édipo primitivo" e, assim, aquando do nascimento do irmão, ela já teria feito um corte na relação fusional com a mãe) (Hassoun-Lestienne, 1998: 28). No primeiro caso a criança pode estar, ainda, num período de "simbiose normal" com a mãe e, portanto, ainda não receptível a uma separação desta; nos dois últimos casos o falhanço explica-se, sobretudo, pela incapacidade da mãe de permitir que a criança se individualize⁴⁷ – sabe-se como a primeira tarefa educativa dos pais (e, primeiramente, da mãe) é a de impulsionarem a "separação-indivuação" dos filhos⁴⁸ porque, como refere Caével (1998: 39), ser-se pai é "tornar-se separador".

Mas, na maior parte das vezes, é possível a passagem da inveja para o ciúme porque as defesas contra a inveja são individualmente conseguidas e tornam-se, até, socialmente organizadoras. Com efeito, seguindo Freud (1921/1976e: 152-153), o sentimento de justiça não é mais do que a formação reactiva face à "inveja original" relativamente aos irmãos mais novos:

"O filho mais velho certamente gostaria de ciumentamente pôr de lado o seu sucessor, mantê-lo afastado dos pais e despojá-lo de todos os seus privilégios; mas, à vista dessa criança mais nova (como todas as que virão depois) ser amada pelos pais tanto quanto ele próprio, e em consequência da impossibilidade de manter a sua atitude hostil sem prejudicar-se a si próprio, aquele é forçado a identificar-se com as outras crianças. Assim, no grupo de crianças desenvolve-se um sentimento comunal ou de grupo, que é ainda mais desenvolvido na escola. *A primeira exigência desta formação reactiva é a de justiça, de tratamento*

⁴⁷ E dizemos "sobretudo, pela incapacidade da mãe" porque, obviamente, o desejo de todos nós é permanecermos nessa simbiose paradisíaca... De uma mãe, evidentemente, apoiada pelo pai que deseja/sonha ter só para ele "a fruição deste corpo de mulher" (Caével, 1998: 40).

⁴⁸ O processo intra-psíquico de separação-indivuação decorre do "quarto ou quinto mês e vai até ao trigésimo ou trigésimo sexto mês"; sendo que "a separação consiste na saída da fusão simbiótica com a mãe" e a "indivuação consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume as suas próprias características individuais" (Mahler, Pine & Bergman, 1975/1977: 15-16).

igual para todos. (...) Se nós mesmos não podemos ser os favoritos, pelo menos ninguém mais o será. (...) O que posteriormente aparece na sociedade sob a forma de (...) 'espírito de grupo', etc., não desmente *a sua derivação do que foi originalmente inveja*. (...) A justiça social significa que nos negamos muitas coisas afim de que os outros tenham, também, de passar sem elas, ou, o que dá no mesmo, não possam pedi-las. Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do sentido de dever" [os sublinhados são nossos].

A inveja e o ciúme são, pois, sentimentos estruturantes do desenvolvimento individual e, até, social.

Embora distintos, estes dois sentimentos estão, muitas vezes, estreitamente relacionados. Por exemplo: a inveja que um adulto sente pelo prestígio de outro pode ser também considerada como ciúme – pela aceitação que o sujeito invejado suscita nos outros; e o ciúme que uma criança sente pela atenção que os seus pais dedicam a um dos seus irmãos mistura-se, de seguida, com a inveja pelas características que suscitam a dita atenção (Díaz-Aguado, 1997). Nestes casos pode falar-se de "ciúme invejoso", para definir os sentimentos que se nutrem contra alguém que tem mais sucesso financeiro, profissional ou afectivo (Hassoun-Lestienne, 1998: 9). Não é de estranhar a intricação destes dois afectos porque, segundo Segal (1964/1976: 50):

"Os sentimentos de inveja relativamente ao objecto primário persistem sempre, mesmo que enfraquecidos. Alguns deles são deslocados do objecto primário para o rival, misturando-se com os sentimentos de ciúme em relação a este".

Tanto no senso comum como na literatura científica há uma tendência para confundir estes dois sentimentos, como veremos já de seguida. Este facto foi reconhecido por Segal (1964/1976) que refere, a propósito, que tanto nos escritos analíticos como na linguagem quotidiana a inveja é correntemente apelidada de ciúme, mas, pelo contrário, é muito raro que o ciúme seja descrito como inveja. Parece que se evita falar da inveja, remata a autora (*ibidem*).

Talvez se evite falar da inveja por ela ser mais arcaica, mais destruidora e, por isso mesmo, mais inconfessável do que o ciúme: "talvez porque os adultos teimem em esconder os seus sentimentos (sobretudo de si próprios) se tenha criado a ideia que a inveja é um sentimento mau" (Sá, 1999: 49). Ou, dado que a inveja e o ciúme estão, muitas vezes, associados, as pessoas tenderão a refugiar-se no segundo conceito, mais aceite, tanto individual como socialmente.

Olhando para a literatura, tem sido o ciúme um dos sentimentos mais estudados nas relações entre os irmãos. Da história de Abel e Caim diz-se, geralmente, que foi o ciúme que levou Caim a matar o irmão. Mas a psicanalista Pascale Hassoun (1997/1998: 75-77), ao analisar esta história bíblica, considera que, inicialmente, o que tomou conta de Caim, aquando do nascimento do irmão, não foi o ciúme, mas a inveja:

"Então, tinha olhado para Abel com um olhar envenenado⁴⁹. (...) Caim tinha-se tornado invejoso. A felicidade do outro significava a sua infelicidade (...) nada o conseguia alegrar mais do que a infelicidade que poderia atingir os mais próximos. (...) Experimentava constantemente um sentimento de cólera, receando sempre que outro possuísse algo de desejável e que tirasse prazer disso. Então, era tomado por um impulso de inveja que o levava a apropriar-se deste objecto ou a estragá-lo. Era a própria criatividade e alegria do outro que queria destruir. (...) Que triste paixão este ódio invejoso face ao seu irmão. (...) para ele [Caim], naquele momento, no princípio tinha sido não a vida mas a inveja. Um momento em que ele tinha de partilhar uma primeira fraternidade muito mais difícil de partilhar porque o seu irmão se encontrava na posição ideal para possuir o objecto total".

Mais adiante, a autora considera que Caim poderia ter resolvido esta situação invejosa se ele tivesse realizado a

"operação psíquica que visava reconhecer que este objecto [o seio materno, a mãe] – que o imaginário o

⁴⁹ Inveja, do latim *invidia* (*in, video*) – 1. olhar com insistência para, lançar maus olhares para 2. invejar, ter inveja, odiar (*Dicionário de Latim-Português, s/d*).

tinha levado a colocar na sua posse e do qual se tinha considerado roubado – não estava afinal nem com Abel nem com ele, que estava entre os dois (...) teria assim podido aperceber--se de que ele e o seu semelhante eram ambas vítimas de uma mesma decepção e poderia ter substituído a inveja pelo amor" (*ibidem*: 78).

Mas Caim não realizou essa "operação psíquica". Ele recusou-se à rivalidade recíproca com o irmão pela posse do objecto materno e, deste modo, permaneceu numa relação idealizada (e invejosa)⁵⁰ com a mãe, onde o irmão não tinha lugar. Como diz Soler (1989: 44), os filhos só se tornam irmãos quando são "todos iguais na privação", isto é, quando aceitam "ter todos igualmente perdido o objecto primordial". Assim, Abel era o rival que lhe impossibilitava um regresso ao seio materno, ao lugar da "completude mítica" (Hassoun-Lestienne, 1998: 30). Mais tarde, por nunca ter, verdadeiramente, aceite a "introdução do terceiro" (o irmão, neste caso), e perante a escolha de Deus (da mãe), que foi favorável às ofertas de Abel, Caim não encontrou outra saída senão eliminar aquele que o interditava de, como diria Klein (1957/1968: 41), "guardar a mãe [Deus] como sua propriedade exclusiva".

Também na história bíblica de José e seus irmãos, em que estes últimos acabam por vender o primeiro, é de inveja que se trata. José é o filho predilecto de Jacob:

"era o filho da sua velhice (...). Os irmãos, vendo que o pai o amava mais do que a todos eles, ganharam-lhe ódio e não podiam falar-lhe amigavelmente. (...) Vinde, vendamo-lo aos ísmaelitas e que a nossa mão não caia sobre ele, porque é nosso irmão e da nossa carne" (Génese, 37).

Em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud (1939/1990: 152) evoca esta história bíblica sobre a qual dirá:

"Quando se é o filho predilecto do pai temido, não há que admirar a inveja dos irmãos, e aquilo a que esta

⁵⁰ Quanto mais o objecto é idealizado mais a inveja é intensa (Segal, 1964/1976).

inveja pode conduzir, mostra-no-lo já a lenda judaica de José e seus irmãos".

Na maior parte das vezes, o desenlace das rivalidades entre os irmãos não tem um fim tão dramático como na história de Caim e Abel, nem o desejo de eliminação do rival é concretizado, como o foi (pelo menos temporariamente) pelos irmãos do José bíblico. O que pressupõe que, embora algumas vezes seja de inveja que se trate (pelo menos inicialmente), o ciúme é o sentimento mais corrente nas relações fraternais. Ou um ciúme-invejoso, melhor dizendo.

Embora nestas e noutras histórias bíblicas (de Esaú e Jacob, por exemplo⁵¹) seja a inveja e/ou o ciúme fraternal que tecem a trama principal, será a história de Caim e Abel (talvez por ser a primeira história das relações entre os primeiros irmãos da humanidade) que ficará como emblemática deste tipo particular de afecto entre os irmãos – e daí que seja usual, sobretudo entre os psicanalistas, a designação de complexo de Caim para definir este complexo fraternal (também, muitas vezes, apelidado de complexo de intrusão⁵²). Considera-se que é o ciúme o sentimento charneira deste complexo embora, como esclarece Azoulai (1990/1993), ele abarque outros sentimentos tais como o medo, a tristeza, a dúvida ou a raiva.

O complexo de Caim, assim designado inicialmente por Charles Baudoin (1931)⁵³, traduz o ciúme experimentado pela criança quando um irmão aparece a seguir na constelação familiar. E é, de certo modo, um complexo universal, já que se considera que mesmo os filhos únicos vivem esta rivalidade fraternal, seja com um familiar próximo (um primo, por exemplo) ou com uma outra criança (real ou imaginária). Para Baudoin, o complexo de Caim constitui-se como o núcleo de uma parte importante da personalidade

⁵¹ Um estudo psicanalítico exaustivo destas e doutras histórias bíblicas entre irmãos pode ser lido em Assoun (1998b) ou em Jeammet (2000).

⁵² É de Lacan (*Os complexos familiares*, 1938) esta designação. Segundo ele, este complexo "representa a experiência que realiza o sujeito primitivo, quase sempre quando ele vê um ou vários dos seus semelhantes participar com ele na relação doméstica ou, dito de outro modo, *quando ele conhece os irmãos*" (Lacan cit. in Lesourd, 1998: 47).

⁵³ Cit. in Rideau (1971/1980).

em formação (Gayet, 1993). E, ainda segundo Baudoin⁵⁴, a maneira como a criança resolve este conflito com os seus irmãos tende a repetir-se nas relações com os seus camaradas de escola ou de jogo e, mais tarde, nas suas relações sociais.

Parece que, por pouco que tenha sido mimada até então, a criança que vê nascer um irmãozinho (ou que imagine que ele possa nascer, ou que presuma que algum dos pares lhe *roube* os pais) suportará mal ser destronada⁵⁵. É comum, então, que manifeste reacções de ciúme para com o usurpador.

A psicanálise descreve maravilhosamente as situações triangulares sob a designação de complexo de Édipo (quando o rival é o pai) e de complexo de Caim (quando o rival é um irmão). Enquanto o primeiro é marcado por um duplo desejo de sedução e de morte, em princípio sobre duas pessoas (pai e mãe), o segundo conjuga, geralmente, um desejo de sedução e de destruição (incesto + fratricídio) sobre a mesma pessoa – embora nas fratrias numerosas estes dois componentes possam ser dissociados e orientados para mais do que um irmão (Gayet, 1993). Apesar de distintos, estes dois complexos têm pontos em comum: tanto um como o outro desenvolvem-se num clima ambivalente de amor e de ódio, ou melhor, de solidariedade e de rivalidade e, dado testemunharem desejos imorais, têm de ser liquidados e recalçados no inconsciente (*idem, ibidem*).

Quase sempre o complexo de Caim é entendido como uma extensão do complexo de Édipo. Mas, como já dissemos acima, certos autores distinguem o fraternal do parental porque pensam que o deslocamento sobre a rivalidade edipiana é redutor e que é necessário deixar um lugar mais importante à dimensão fraternal (Angel, 1996).

⁵⁴ *Cit. in* Deldime & Vermeulen (1984).

⁵⁵ O conceito de destronação (explicitá-lo-emos melhor mais adiante) foi utilizado, pela primeira vez, por Adler, para designar as reacções (muitas vezes subjectivas) de um primogénito perante o nascimento do irmão seguinte. O protótipo de "rei destronado" é o primogénito, único até então, face ao nascimento do primeiro irmão – porque é aquele que, pela exclusividade anterior, mais se ressentia com o crescimento da fratria – embora a destronação seja vivida, também, pelos irmãos do meio, quando estes *vêm* nascer o irmão seguinte. Só os filhos únicos e os mais novos é que nunca são destronados, embora tanto uns como os outros possam ter receios (e possam viver a angústia subsequente) de um dia virem a sê-lo: viverão, então, uma destronação fantasmática.

As reacções de ciúme podem revestir-se de diversas formas, que vão desde a hostilidade directa para com o usurpador (que gera os bem conhecidos pequenos/grandes conflitos quotidianos entre os irmãos) e para com a mãe, até à formação de sintomas por parte do usurpado (uma enurese ou uma encoprose secundária⁵⁶, por exemplo, um fracasso inesperado na escola, perturbações de sono ou alimentares, etc.). Gayet (1993) refere que, num inquérito realizado em França, foi encontrado que as manifestações habituais de ciúme eram: a agressividade verbal e gestual, o fechamento sobre si, os caprichos, as atitudes regressivas, as perturbações nervosas, o exclusivismo, a instabilidade caracterial e o autoritarismo.

Numa investigação longitudinal bem sistematizada, Dunn & Kendrick (1982/1986), utilizando uma amostra de quarenta primogénitos com idades compreendidas entre dezoito e quarenta e três meses, estudaram a reacção destes perante o nascimento do irmão seguinte, as relações entre eles durante os primeiros catorze meses de vida, bem como as relações dos primogénitos com os seus pais (sobretudo com a mãe), antes e depois do nascimento do irmão. Sobre a reacção dos primogénitos ao nascimento de um irmão, estas autoras observaram que as mudanças de comportamento mais comuns, depois do nascimento do irmão, foram um aumento das travessuras e condutas caprichosas, especialmente em relação às mães, mudanças estas manifestadas por 93% dos primogénitos investigados; alguns apresentaram irritabilidade, introversão, problemas de sono, de alimentação, regressão na fala e no controlo esfíncteriano, entre outros distúrbios (*ibidem*). Embora a maioria dos primogénitos se mostrasse interessada e carinhosa com o bebé, alguns tinham comportamentos agressivos para com ele (batiam-lhe, empurravam-no, davam-lhe beliscões) e atitudes deliberadas para o irritarem (puxavam-lhe o edredão, tiravam-lhe o biberão ou a chupeta), numa nítida demonstração de ciúme para com este (*idem, ibidem*).

Sistematizando, podemos dizer, com Deldime & Vermeulen (1984: 99), que os comportamentos reactivos mais comuns ligados ao complexo de Caim são os seguintes:

⁵⁶ Sobre a enurese secundária como um sintoma reactivo a uma causa conflitual externa ver Relvas (1992).

- "– *agressão* (sobre o bebé, a mãe ou os dois) e *ansiedade*: rivalidade de corpo a corpo, rejeição, negação da existência do rival, agressividade verbal, desejos de morte⁵⁷;
- *regressão* (a criança torna-se bebé): enurese (...), anorexia (...);
- *formação reactiva*: a criança torna-se muito sábia, não exprimindo nenhuma agressividade⁵⁸;
- *retorno sobre si da agressividade*: criança depressiva e ansiosa;
- *isolamento*: criança solitária e indiferente;
- *terrores nocturnos, sonambulismo*;
- *doenças «imaginárias» mas com sintomas*: a criança procura reter a atenção dos seus pais e ser mimada;
- *re-inversão de papéis*: a criança declara-se mais pequena do que o seu pequeno irmão;
- *paragem no crescimento*: «aquando do nascimento de um mais novo, a criança não sabe se pode continuar a crescer ou se é necessário que continue a ficar pequenina para estar conforme ao desejo dos adultos» (Mannoni)" [os sublinhados são nossos].

É, então, normal que as crianças reajam ao nascimento do rival utilizando um ou vários destes comportamentos. E só quando a família os pontua de forma sistemática é que eles são reificados e se transformam em sintoma⁵⁹. Sabe-se bem quanto as reacções sintomáticas podem causar desarranjos mais duradouros na dinâmica familiar – e como a família, perante uma crise, pode

⁵⁷ A agressão pode ser, também, projectada para o exterior do meio familiar: sobre os colegas de escola, por exemplo.

⁵⁸ Ou enche de carícias o recém-nascido (Oliveira, 1994).

⁵⁹ Para Ausloos (1996 *cit. in* Alarcão, 2000: 243), por um mecanismo que ele designa por "processo de selecção-ampliação", alguns comportamentos de um membro do sistema familiar podem ser seleccionados, privilegiados e ampliados, e porque tomam "um sentido particular para o seu portador e para os outros membros do sistema", tendem a repetir-se e a tornarem-se, portanto, em comportamentos sintomáticos (isto aconteceria num segundo estágio que o autor denomina de "processo de cristalização-patologização" dos ditos comportamentos).

ser obrigada a solicitar ajuda externa para sair dela. Os clínicos de crianças conhecem bem estas situações de *desespero* familiar...

Esta acentuação que os pais fazem das rivalidades fraternais pode ser o efeito de uma simples transferência das rivalidades que eles não resolveram na sua própria fratria⁶⁰. Utilizando o exemplo de Porot (s/d): dois filhos são levados, de modo inconsciente, a representar a rivalidade que existia entre a sua mãe e uma das irmãs, quando estas eram crianças. Daí que seja necessário interpretar de modo dinâmico as relações entre os irmãos (*idem*, *ibidem*), concebendo, nomeadamente, esta possibilidade de interferência intergeracional.

Embora usualmente só se fale do complexo de Caim, é pertinente questionarmo-nos, com Gayet, se não existe um "complexo de Abel". Este autor considera que, apesar da situação do mais novo ser diferente (ele ignora o amor exclusivo dos pais) e da sua agressividade para com o irmão mais velho ser "tipicamente reactiva" ("o mais velho é para ele, primeiramente, aquele que lhe contraria os desejos e aquele que, pelo menos nos primeiros tempos, funde com o casal parental") mais tarde "o ciúme do mais novo constitui-se, pouco a pouco, contra um rival demasiado forte para que possa esperar vencê-lo" (Gayet, 1993: 80). Este ciúme do mais novo, ainda segundo este autor, assemelha-se mais a uma espécie de ressentimento e traduziria o que ele considera que pode designar-se como o complexo de Abel (*ibidem*)⁶¹. As relações conflituosas na fratria teriam a ver, entre outras coisas, com a confluência destes dois complexos fraternais.

Os clínicos, sobretudo os psicanalistas, têm sublinhado como o comportamento do primogénito face ao nascimento do irmão seguinte depende, fortemente, da qualidade da ligação daquele com a mãe. Levy

⁶⁰ Das rivalidades e não só. De um modo lato podemos dizer, com Miller (1997/1998: 29), que "de um modo inconsciente, a tragédia da infância dos progenitores prossegue na relação com os próprios filhos, caso o recalamento fique por resolver". Para os sistémicos da família, a reprodução das memórias individuais e familiares nas gerações seguintes é correntemente designada por "transmissão multigeracional" (ou transgeracional). Este processo de reprodução psicológica foi estudado, sobretudo, por Murray Bowen (1978/1988), no que diz respeito à transmissão do nível de diferenciação/indiferenciação. Para Bowen, como refere Friedman (1991: 147), não é só a influência do passado que está em questão na transmissão multigeracional, "mas é, usando a frase de Rupert Sheldrake, «a presença do passado»".

⁶¹ No capítulo sobre as crianças do meio, analisaremos, mais detalhadamente, este complexo.

(1937)⁶², por exemplo, observou que quanto mais intensa e gratificante esta fosse mais hostil e mais ciumento se mostraria o primeiro filho relativamente ao segundo. Dunn & Kendrick (1981a) constataram o mesmo: quanto mais intensa era a relação anterior entre a mãe e a filha não só esta se mostrava mais hostil e agressiva com o irmão seguinte (fosse rapaz ou rapariga) como, catorze meses depois, o comportamento deste relativamente à irmã mais velha era mais negativo. Genericamente os diversos autores estão de acordo que uma criança hiper-protégida terá mais dificuldade em aceitar um irmão recém-nascido (Silva & Bernardini, 1993). Segundo Porot (s/d) pode até prever-se a qualidade futura das relações fraternais em função das relações que a criança teve anteriormente com a mãe: se a mãe foi super-protectora, normal ou indiferente, a rivalidade será, respectivamente, violenta, normal, inexistente. Embora, como se sabe, seja perigoso e inadequado falar-se, tão taxativamente, da linearidade dos comportamentos humanos...

O grau em que o irmão é sentido como um rival depende deste e, ainda, de outros factores. Um bom resumo desta questão é-nos dado por Díaz-Aguado (1997: 50-51). Segundo esta autora, a intensidade e a manifestação de ciúmes face ao nascimento de um irmão variaria em função:

"- da idade que a criança tem aquando do nascimento do irmão: os menores de dois anos parecem manifestar o seu mal-estar de forma mais encoberta, com retraimento. Pelo contrário, as crianças de três e quatro anos tornam-se mais desobedientes e expressam as suas exigências de forma mais explícita. A partir dos cinco anos, os ciúmes, tal como o resto das alterações originadas pelo nascimento de um irmão, parecem ser menores.

- da mudança originada pela nova situação: quando o nascimento do irmão coincide com outras mudanças importantes na vida do mais velho (mudança de quarto, forte redução da atenção que recebe dos seus pais, incremento do nível de exigências...), os ciúmes parecem ser muito maiores. Para preveni-los é muito importante reduzir ao mínimo as ditas mudanças ou antecipá-las. Por exemplo: se vai ser necessário que a criança mude de

⁶² Cit. in Dunn & Kendrick (1981a).

quarto, convém fazê-lo alguns meses antes do nascimento do irmão.

– *da relação que a criança tinha, anteriormente, com os pais*: quando a relação com a mãe era muito intensa e não existia uma grande relação com o pai, os ciúmes relativamente ao irmão mais pequeno parecem ser maiores, devido a uma forte redução da atenção materna que o primogénito experimenta. O facto da criança poder dispor de uma intensa relação com o pai (antes e depois do nascimento do irmão) amortiza o impacto do dito nascimento e ajuda a prevenir os ciúmes.

– *da quantidade de atenção que cada um dos pais dedica ao bebé*: quanto maior é a dita atenção, especialmente em comparação com a que dedicam ao primogénito, mais provável é que este sinta ciúmes do irmão. Nisto se reflecte, novamente, que os ciúmes surgem ao comparar a atenção recebida com a que recebe o outro e com a que ele próprio recebia antes.

– *do protagonismo que os pais dão ao mais velho no cuidar do mais novo*: os pais podem ajudar o primogénito a assumir o novo papel de irmão mais velho, estimulando a sua participação na prestação de cuidados ao bebé, de forma a que este se sinta competente e importante nessas ditas situações".

Para além destes factores apontados por Díaz-Aguado podemos considerar que a intensidade do ciúme depende, também:

– *da personalidade da criança*: "as crianças com uma personalidade ou, melhor dizendo, um temperamento de tipo dominante e auto-suficiente estarão menos expostas à problemática zelotípica do que aquelas crianças mais dependentes e submissas, que se auto-valorizam basicamente pelas respostas que recebem do meio externo" (Arranz, 1989: 122).

– *da ordem de nascimento*: "um inquérito levado a cabo pelo jornal infantil *Pomme d'Api*, junto das mães dos seus jovens leitores, deu os resultados seguintes (...): em 89% das famílias, o mais velho mostrava-se ciumento de um irmão mais novo, contra 11% de mais novos ciumentos do seu irmão primogénito" (Gayet, 1993: 19).

Sobre as idades mais propícias ao ciúme há autores, como Rabain, que estão de acordo com o exposto acima por Díaz-Aguado. Embora falando em termos de diferenças de idade, Rabain (1988)⁶³ refere que:

"as reacções de hostilidade e ciúme são máximas quando ela se situa entre *os dois e os quatro anos*. (...) abaixo de dois anos de diferença de idades estabelece-se entre os irmãos uma relação de companheirismo que evoca a dos gémeos. Inversamente, quando esta diferença é superior a quatro anos, as crianças são mais independentes uma da outra e têm poucas reacções agressivas entre elas" [o sublinhado é nosso].

Mas nem todos estão de acordo com a perspectiva destes dois autores. Gayet (1993) menciona alguns trabalhos onde pode ver-se, claramente, como as idades mínimas e máximas indicadas para os ciúmes diferem quase de estudo para estudo... Osterrieth (1963/1975), só para darmos um exemplo, refere que a intolerância máxima ao nascimento de um irmão situa-se entre os treze e os trinta e seis meses.

Em nossa opinião, parece-nos adequado situar o início da intensidade máxima dos ciúmes por volta dos dois anos de idade. Porque a conduta zelotípica implica um certo grau de desenvolvimento afectivo-cognitivo⁶⁴ que possibilite à criança conceber o outro como um rival. Ou seja: o ciúme só pode surgir, como afecto, depois desta ter constituído uma verdadeira "relação de objecto" com o mundo que a rodeia: o que começa a acontecer no decorrer do segundo semestre de vida mas que se consubstancia, mais eficazmente, por volta dos dois anos de idade. Pois só nesta altura, como

⁶³ Cit. in Angel (1996: 100-101).

⁶⁴ A afectividade e a inteligência, como se sabe, são "indissociáveis e constituem os dois aspectos complementares de toda e qualquer conduta humana" (Piaget, 1964/1974: 27). "A afectividade constitui a energética das condutas cujas estruturas correspondem às funções cognitivas e, se a energética não explica a estruturação nem o inverso, nenhuma das duas poderia funcionar sem a outra" (Piaget & Inhelder, 1966/1993: 103).

refere Mahler (1958b)⁶⁵, a criança "alcança o primeiro nível de identidade – o de ser uma entidade individual separada" –; também, segundo Piaget, é nesta idade que a criança se situa como "um objecto entre os objectos"⁶⁶.

E é este reconhecimento de si e dos outros que faz com a criança tenha, só nesta altura do seu desenvolvimento, uma plena "consciência da existência separada das outras crianças" (Mahler, Pine & Bergman, 1975/1977: 116) – podendo então, agora, sentir ciúmes delas. Como estes autores observaram:

"Isso evidenciava-se através do facto das crianças passarem a mostrar maior desejo de *ter* ou *fazer* o que outra criança tinha ou fazia – isto é, um maior desejo de espelhar, imitar, identificar-se, até certo ponto, com outra criança. Elas queriam os brinquedos, ou o copo de suco e biscoitos que eram dados a outra criança. Junto com este importante desenvolvimento, ocorre o aparecimento de raiva específica, dirigida a um objectivo, da agressão se o fim desejado definitivamente não pode ser atingido. (...) tais desenvolvimentos ocorrem na fase anal, com suas características de ganância anal, ciúme e inveja" (*ibidem*).

Quanto à idade em que os ciúmes desapareceriam para darem lugar a sentimentos mais afectuosos (que para Díaz-Aguado e Rabain, como vimos acima, aconteceria por volta dos cinco anos), há que referir a opinião

⁶⁵ *Cit. in* Mahler, Pine & Bergman (1975/1977: 100).

⁶⁶ *Cf.* Jesuíno (1976). Este "nascimento psicológico" da criança (Mahler, Pine & Bergman, 1975/1977: 100) só é possível graças aos processos autonomizadores da personalidade (como sejam: o início da inteligência representativa, da marcha, da linguagem socializada e o controlo dos esfíncteres) que surgem por volta dos dois anos de idade. Para Piaget (1964/1974: 30) é, sobretudo, a linguagem que provoca profundas modificações nas condutas: "[Do ponto de vista do desenvolvimento mental, a linguagem permite]: uma troca possível entre indivíduos, isto é, o início da socialização da acção; uma interiorização da palavra, quer dizer, o aparecimento do próprio pensamento (...); finalmente, e sobretudo, uma interiorização da acção como tal (...). Do ponto de vista afectivo, segue-se uma série de transformações paralelas: desenvolvimento dos sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias, respeito, etc.) e de uma afectividade interior organizando-se de maneira mais estável do que no decorrer dos primeiros estádios".

divergente de Mauco & Rambaud (1951). Segundo estes autores seria por volta dessa idade que a vinda do rival traria mais perturbações, dada a situação afectiva tensa que a criança teria, nessa altura, em relação aos pais (fase do complexo de Édipo). Se sublinhámos esta contradição é porque, a nosso ver, não é de excluir que, realmente, nesta fase de ebulição afectiva (que se situaria, segundo Freud, entre os três e os cinco anos), o nascimento de um irmão perturbe as normais identificações decorrentes do complexo edipiano. Mas, ao mesmo tempo, o deslocamento, para o irmão, das rivalidades contra os pais pode ajudar, também, à resolução deste complexo (veremos adiante, mais mais pormenor, esta questão).

Independentemente destas polémicas etárias, o que é compreensível é que só depois de resolvido o Édipo seja possível conceber um atenuamento das condutas zelotípicas face ao irmão-rival. Segundo Gayet (1993), quanto mais a formação moral e social, isto é, o *superego*, estiver amadurecido, menos perceptível será o complexo fraternal (a criança ter-se-á habituado a reagir a frustrações diversas, o que faz com que menos abertamente demonstre condutas de ciúme).

Em suma: podemos dizer que a manifestação extrema da rivalidade entre os irmãos poderá ocorrer, porque o desenvolvimento afectivo-cognitivo da criança assim o permite, a partir do momento em que esta estruturou uma "relação de objecto" com o mundo e até ao "fim do Édipo", utilizando uma linguagem psicanalítica ou, numa linguagem piagetiana, depois da emergência da representação (que aparece no final do "período sensório-motor"), isto é, durante o decorrer do "período pré-operatório", ou seja, entre os três e os sete anos de idade.

O nascimento de um irmão não gera exclusivamente ciúmes. É, também, origem de um grande interesse e carinho, como o constataram Dunn & Kendrick (1982/1986). A investigação destas duas autoras, assim como outras, revelaram bem como, logo nos primeiros dias a seguir ao nascimento de um irmão, é corrente que os primogénitos imitem os gestos do bebé, os seus bocejos e sons, e que mostrem curiosidade pela maneira como o bebé se comporta e façam, até, jogos em que simulam ser o bebé ou a mãe – o que reflecte bem o interesse que a maioria dos primogénitos mostra pelo seu irmão recém-chegado (Dunn, 1984/1986). Para além da experiência de novos papéis, a chegada de um irmão possibilita, também, o desenvolvimento de algumas capacidades cognitivas e relacionais que não são menosprezáveis, como veremos mais adiante.

Mesmo o ciúme não pode ser considerado, apenas, como um sentimento negativo. Edelson (1988)⁶⁷, por exemplo, explica que o ciúme é uma espécie de motor no plano pulsional, estruturante na dinâmica do acontecimento de uma civilização ou de um sujeito, e só é destruidor quando se tenta negá-lo. Ou quando atinge níveis demasiado intensos que impedem o normal funcionamento do eu – que é o que acontece nas reacções sintomáticas, como vimos atrás.

E, depois, é preciso sublinhar que não é só o nascimento de um irmão que provoca ciúmes numa criança: um outro qualquer acontecimento familiar pode levar qualquer um dos filhos a sentir uma diminuição da atenção ou do amor que os pais lhe devotam. A própria concepção clássica do complexo de Caim conduz-nos a que consideremos as condutas zelóticas como normais num contexto de *favoritismo* (real ou suposto) dos pais (ou de, apenas, um deles) para com um dos filhos⁶⁸, que não apenas no momento da destronação: o fratricídio aconteceu quando os dois irmãos eram adultos – mas o drama não terá sido devido a uma reactivação do sentimento de inveja/ciúme, experimentados por Caim aquando do nascimento de Abel?

Um caso que extraímos da nossa experiência clínica ilustra bem quanto o complexo de Caim fica latente e pode ser reactivado por situações futuras, muitos anos depois:

⁶⁷ Cit. in Angel (1996).

⁶⁸ Relembre-se que na história bíblica de *Caim e Abel*, Deus (a mãe) testemunhou maior consideração para com a oferta de Abel, o mais novo, que pela de Caim, o mais velho. Daí que o complexo de Caim também seja visto como o complexo do mais velho relativamente ao mais novo. O que se repete na história de *José e seus irmãos*: Jacob (o pai) mostrou uma nítida preferência por José, o mais novo (até lhe mandou fazer uma túnica comprida – "a túnica comprida era usada pelos ricos e nobres; a túnica curta, pelos trabalhadores" – *Génesis*, 37). Nota: José era, de facto, o mais novo dos seus meios-irmãos (filhos de Bilha e Zilfa, anteriores mulheres de seu pai), com os quais passou a infância, embora fosse o mais velho dos filhos de Jacob e Raquel: Benjamim era o mais novo e único irmão de sangue de José, nascido depois do *desaparecimento* deste (os meios-irmãos mais velhos de José tinham-no vendido, mas os pais pensavam que ele tinha sido morto! Só muitos anos mais tarde é que os dois irmãos de sangue se conhecerão, no Egipto, onde José era governador). Benjamim foi, então, uma espécie de criança de substituição que, para os pais, veio preencher o lugar deixado vago por José, o filho mais novo, que julgavam morto.

Ricardo é o mais velho de dois irmãos. Actualmente com 37 anos vem à consulta por motivos de uma "fobia social" que lhe dificulta a sua vida profissional como angariador de seguros.

Hoje chega-nos ao gabinete particularmente ansioso, depois de uma discussão com a esposa. Revela-nos que se sente impotente perante o "poder" das duas mulheres da sua vida: a mãe e a esposa. Mostra-se resignado: "o modo como elas me dão a volta, tão inteligentemente... não tenho outro remédio senão aceitar as suas decisões". Conta-nos, a propósito, a cena acontecida 8 anos antes, aquando do casamento de Paulo, o irmão mais novo (e único irmão de Ricardo), na qual a mãe lhe pede, para oferecer como prenda de casamento ao filho mais novo, os dois quadros que Ricardo tem no quarto (explique-se que quando Ricardo casou levou consigo, como herança antecipada, a mobília completa do seu quarto, onde estão incluídos os dois quadros⁶⁹ – colocados, religiosamente, cada um em cima de sua mesinha de cabeceira, tal como estavam no seu quarto de solteiro). Embora os quadros possuam algum valor material, Ricardo sublinha que, para ele, é o valor afectivo desses quadros que está(va) em jogo. Embora não se tivesse recusado a responder à solicitude da mãe sentiu-se na altura (e sente-se ainda hoje), defraudado: "foram-me subtraídas duas peças significativas do meu universo pessoal". Mais tarde terá conversado com a mãe sobre este assunto, que lhe terá argumentado que não tivera intenção de o magoar e que, agora, era tarde de mais para voltar atrás. Baixando a cabeça, Ricardo faz questão de sublinhar que já perdoou a mãe por tal acto e desculpabiliza-a: "foi um *descuido* dela" – embora, agora, "irreparável", acrescenta.

A nosso ver, parece claro que o descuido original terá acontecido aquando do nascimento de Paulo – no momento em que Ricardo foi destronado do seu trono (passa-se a repetição) de filho único e exclusivo dos pais: estes (ou, talvez, sobretudo a mãe) ter-se-ão, compreensivelmente (mas não sob o

⁶⁹ Sabe-se quanto o património mobiliário é disputado pelos irmãos, nas heranças, por ter, sobretudo, um valor simbólico: uma espécie de "uma carta afectiva" (Deniot, 1990: 39), "um suporte do passado e de um futuro" (Laurieux, 1990: 38) que gera, muitas vezes, "um conflito de interesses, mas, também, de identidades" (Gotman, 1990b: 95).

ponto de vista de uma criança de quatro anos – que era a idade que Ricardo tinha, na altura), descuidado dele para cuidarem do filho recém-nascido. E este episódio da retirada dos quadros, trinta e tal anos mais tarde, não fez mais do que reactivar a vivência dolorosa da infância, isto é, da destronação⁷⁰. E mais: materializou ou quantificou essa perda, em que os dois quadros, simbolicamente, podem ser lidos como as duas figuras parentais (o pai e a mãe), usurpados pelo rival recém-chegado. O que não tinha sido possível dizer, na altura, (mas que ficara inscrito) pôde, agora, ser verbalizado e materialmente quantificado.

Se, para o primogénito, o ciúme aparece, pela primeira vez, aquando do nascimento do segundo irmão, à medida que a fratria se desenvolve e cresce, e à medida que os pais vão definindo as suas preferências por este ou aquele filho, este afecto pode ser vivido pelos outros filhos, independentemente do lugar que eles ocupam na fratria. Porque na origem do ciúme entre irmãos e irmãs existe sempre, em suma, o desejo profundo que cada criança tem de ter, só para si, o amor dos seus pais – "as exigências de amor de uma criança são ilimitadas; exigem exclusividade e não toleram partilha" (Freud, 1933/1976h: 152) –, e esse desejo é de todos os elementos da fratria e pode manifestar-se em vários momentos da vida desta. Embora, na maioria dos estudos, sejam os mais velhos, como vimos acima, e as raparigas⁷¹, os que aparecem como demonstrando mais ciúmes.

Sintetizando: sem extrapolarmos muito, o que pode dizer-se é que há, com certeza, uma grande frequência de sentimentos zelotípicos entre os irmãos durante a primeira infância e, particularmente, que são os irmãos mais velhos os mais inclinados a terem esses sentimentos em relação aos mais novos (porque são estes que são tidos como os causadores da perda). E que

⁷⁰ Como disse Freud (1926/1976f: 114-115), os estados afectivos incorporam-se "na mente como precipitados de experiências traumáticas primevas, e quando ocorre uma situação semelhante são revividos como símbolos mnésicos".

⁷¹ Sobre a maior frequência de raparigas com ciúmes ver Osterrieth (1963/1975) e os estudos citados por Gayet (1993: 20). Como muitas vezes os ciúmes são confundidos com a inveja, talvez este facto se verifique, como o considera Freud (1933/1976h: 164), porque nas mulheres há uma "predominância da inveja na sua vida mental" e, por isso, elas têm menos "sentido de justiça", dado que "a exigência de justiça é uma fixação da inveja e estabelece a condição sob a qual uma pessoa pode pôr de lado a inveja" (já tínhamos visto acima como, para Freud, o sentimento de justiça não é mais do que uma formação reactiva aos sentimentos hostis e invejosos relativamente aos irmãos mais novos).

as rivalidades na fratria têm, como pano de fundo, quase sempre, sentimentos de ciúme (misturados, algumas vezes, com inveja). Vimos que quando a inveja predomina sobre o ciúme, o irmão (o terceiro) dificilmente pode ser concebido como tal; daí que – como na história de Caim e Abel – só o aniquilamento deste *outro* possa permitir a existência do eu. E é, no fundo, a não introdução/interiorização do terceiro que conduz à patologia ou a condutas que pouco têm de fraternal (que podem ir até ao limite do fratricídio). Porque, como se disse, faz parte do desenvolvimento normal a separação e o distanciamento da relação simbiótica, narcísica, onipotente e invejosa com a mãe, para que seja possível a constituição e diferenciação de si e, conseqüentemente, dos outros. E, portanto, os ciúmes seriam um afecto mais frequente e normal do que a inveja... Embora, como frisámos, muitas vezes estejam associados.

Claro que a separação que o irmão permite, embora positiva para o desenvolvimento, é dolorosa: para ganhar a individualização é preciso perder a relação mítica com a mãe. Para Petri (1991/2000: 29), o nascimento é

"a separação originária (...). Esta primeira separação da mãe torna-se, assim, um arquétipo, uma experiência primordial, precursora de toda a separação sucessiva. (...) [Depois,] uma outra inevitável separação no sucessivo desenvolvimento da criança está ligada ao nascimento de um irmão. (...) *Toda a angústia de separação que se manifesta sucessivamente antecipa um evento através do qual pode repetir-se a experiência radical da separação acontecida aquando do nascimento*" [o sublinhado é nosso].

Assim, a destronação reactivaria essa dor originada pela "perda do bem-estar que representa, idealmente, o ventre materno" (Lesourd, 1998: 47) e, também por isso, seria um acontecimento indelével na vida de cada um de nós...

Sublinhámos, ainda, como a atitude dos pais é uma variável a ter em conta tanto no desencadear da inveja como do ciúme na fratria e veremos, já de seguida, como eles são preponderantes na expressão e manutenção dos comportamentos conflituosos daí resultantes.

E importa repetidamente salientar a influência dos pais, até pelos processos de transmissão multigeracional de que falávamos acima e que iremos

destacando ao longo deste trabalho, na medida em que, embora se trate aqui de falar da fratria, é necessário, como refere Porot (s/d), interpretar de modo dinâmico e sistémico as relações entre os irmãos, dado que estas não dependem ou se resumem aos simples descritores do *status*⁷² fraterno (como o tamanho da fratria, o sexo e as diferenças de idade). Isto é: muitas vezes os filhos não fazem mais do que re-contar, segundo Angel (1990), a dinâmica que os pais viveram nas suas próprias fratrias.

⁷² "Para uma pessoa, o conjunto de papéis que ela desempenha efectivamente determina o seu *status*, enquanto o conjunto dos papéis que lhe são legitimamente atribuídos determina o seu *estatuto*" (Miermont *et al.*, 1987/1994: 423).

OS CONFLITOS

"O crescimento faz-se dos conflitos entre o que nos liga e nos distancia dos outros"

Eduardo Sá in "Manual de instruções" para uma família feliz, p. 58.

Acabámos de ver como os irmãos, até pela disputa pelas figuras mais significativas do seu universo infantil, estabelecem entre eles relações mescladas de amor e de ódio, de inveja e de ciúme, de solidariedade e de antagonismo. Ou seja: como todas as relações íntimas, as relações fraternais são ambivalentes e, portanto, potencialmente conflituosas. A primeira relação fraternal, entre Caim e Abel, foi até ao limite do fratricídio. O mesmo aconteceu na fundação de Roma, em que Rómulo mata o seu irmão-gémeo Remo depois deste, como rezam algumas crónicas, ter gozado com Rómulo, saltando sobre a linha divisória sagrada que ele tinha cavado, momentos antes, para demarcar os limites da cidade: a *Roma Quadrata* (Gilbert, 1970/1976).

Mas, nem sempre, a rivalidade entre os irmãos é agida de forma tão aberta, com "passagens ao acto". O agir delituoso dos sentimentos negativos denota "o fracasso de um conflito fantasmático interiorizado" (Miermont *et al.*, 1987/1994: 432), o que terá acontecido no caso de Caim e Rómulo. No primeiro caso, o conflito foi originado pela preferência parental⁷³, no segundo, por uma *sentida* traição fraternal⁷⁴.

Independentemente dos motivos que geram os ódios na fratria, pode talvez dizer-se que existe sempre uma espécie de conflito residual entre os irmãos que vem, provavelmente, desde as primeiras experiências relacionais: como dizem Reiss *et al.* (1994: 81), "o conflito é endémico nas relações fraternais". Esse conflito raramente é exteriorizado de forma tão brutal, mostrando-se

⁷³ Caim entrou mais em conflito consigo próprio do que em conflito com o outro. Pois que, como vimos, foi o não-reconhecimento deste outro que o levou ao fratricídio.

⁷⁴ Os irmãos são tão próximos que, por vezes, podem sentir-se traídos "por um segredo desvendado ou um compromisso rompido" (Dolto-Tolitch, 1990: 73).

antes, às vezes, muitos anos depois, sob a forma mais ténue de uma mágoa, como podemos ver neste relato de Anna Freud-Bernays:

"Quando eu tinha oito anos, a minha mãe, que gostava muito de música, quis que eu estudasse piano e, então, comecei a aprender. Apesar do quarto de Sigmund não estar próximo do piano, o som incomodava-o. Ele solicitou à minha mãe que o piano fosse retirado – se ela queria que ele não saísse, definitivamente, de casa. O piano desapareceu e, com ele, a possibilidade de todas as suas irmãs se tornarem pianistas"⁷⁵.

Trinta anos depois deste acontecimento, a irmã de Freud parece estar, ainda, ressentida com ele...⁷⁶

Para os psicólogos e, sobretudo, para os psicanalistas, os conflitos entre os irmãos provêm, primeiramente, da competição precoce pelo amor parental. Melanie Klein (1937/1975: 90-91) descreve desta maneira os conflitos (sobretudo os internos) que a criança vivencia relativamente aos seus irmãos:

"A criança revela também um intenso sentimento de ciúme para com [os seus] irmãos e irmãs, na medida em que [estes] se apresentam como rivais no amor dos pais. Entretanto, ela também os ama, e assim (...) são despertados intensos conflitos entre [os] impulsos agressivos e [os] sentimentos de amor. Tal situação conduz tanto a sentimentos de culpa como a desejos de fazer o bem; uma combinação de sentimentos que tem importante significado não apenas no nosso relacionamento com [os nossos] irmãos e irmãs, já que os relacionamentos com as pessoas em geral acham-se

⁷⁵ *Cit. in* Widmer (1999: 39).

⁷⁶ Refira-se que esta irmã de Freud, nascida dois anos depois dele, é a primeira das suas cinco irmãs. A relação entre os dois, segundo as informações disponíveis, foi sempre conflituosa (McGoldrick & Gerson, 1985/1997). Curiosamente, Anna casa-se com Eli, o irmão mais velho de Martha (esposa de Freud) – e com este duplo cunhado (por parte da esposa e da irmã) Freud manterá, igualmente, uma relação nada amigável (*idem, ibidem*).

modelados pelo mesmo padrão, mas também na nossa atitude social e nos sentimentos de amor e de culpa e no desejo de fazer o bem, mais tarde na vida"⁷⁷.

Para alguns sociólogos, não são tanto os "bens afectivos e abstractos" mas os "bens reais" que estão na origem dos conflitos entre os irmãos (Widmer, 1999: 35). Felson (1983)⁷⁸, por exemplo, refere que os conflitos fraternais concernem a posse de objectos e a precedência na utilização das infra-estruturas domésticas: o direito de utilização, de propriedade, da distribuição dos recursos parentais, do espaço reservado e da divisão do trabalho.

Parece-nos que esta perspectiva sociológica, apesar de antagónica dos pressupostos psicológicos, pode ajudar-nos a perceber os conflitos fraternais: a criança rivaliza com os irmãos com vista a delimitar o seu território psíquico, mas, também, o seu espaço material e físico. Na maioria das vezes fá-lo disputando bens reais, embora o objectivo escondido seja o de obter gratificações internas e afectivas: seja para obter ou re-ganhar o amor dos pais, seja para afirmar a sua própria individuação – porque tanto a desigualdade como a igualdade são, como se sabe, fonte de conflitos (Gotman, 1990b).

Claro que os conflitos originados pela obtenção de objectos e espaços físico-materiais têm maior visibilidade e, por isso, parecem ser os mais correntes entre os irmãos (porque são, também, mais facilmente quantificados nas investigações sociais). No entanto, recentemente, o sociólogo suíço Éric Widmer (1999), ao investigar irmãos adolescentes, não encontrou evidências de que as disputas entre eles pelos objectos e espaços domésticos estivessem relacionadas com o nível e a quantidade de conflitos mas, pelo contrário, os conflitos estavam sobretudo relacionados com factores

⁷⁷ Vimos anteriormente como Freud, de modo semelhante, tinha explicado como os sentimentos invejosos perante os irmãos podem, mais tarde, ser transformados sob a forma de um "sentimento de justiça social", exacerbado, por vezes.

⁷⁸ *Cit. in* Widmer (1999).

relacionais: como os conflitos entre os pais⁷⁹ e entre os pais e os filhos e as desigualdades de tratamento parental.

O que parece demonstrar que os conflitos entre os irmãos, embora possam ter a aparência de uma disputa por bens materiais são, quase sempre, originados pelas diferenças percebidas na partilha de bens afectivos: o ciúme parece ser a qualidade das relações fraternais mais estreitamente relacionada com o conflito (Reiss *et al.*, 1994). Essas diferenças, muitas vezes, nem são reais, como já vimos acima; antes resultam de uma equívoca percepção da criança que pode ser devida, por exemplo, ao seu precoce estágio de desenvolvimento, como explica Anna Freud (1965/1987: 56-57):

"Existem muitas áreas, na mente infantil, donde se sabe que surgem tais «mal-entendidos» sobre as acções dos adultos.

Temos, em primeiro lugar, a *egocentricidade* (...). Antes de ter sido alcançada a fase da constância objectal, o objecto, isto é, a pessoa maternal, não é percebida pela criança como tendo existência própria; é percebida apenas em termos da função que lhe é atribuída dentro do quadro das necessidades e desejos da criança. Assim, tudo o que acontece no e/ou ao objecto é entendido segundo o aspecto da satisfação ou frustração desses desejos. Todas as preocupações da mãe, seus cuidados com outros membros da família, com o trabalho ou interesses exteriores, suas depressões, doenças, ausências, até a morte, são desse modo transformadas em experiências de rejeição e deserção. Na mesma base, o nascimento de um irmão é entendido como infidelidade dos pais, como descontentamento e crítica sobre a pessoa da própria criança – em resumo, como um acto hostil a que a criança, por sua vez, responde com hostilidade e desapontamento, expressos tanto numa atitude de excessivas exigências e prepotências, como numa retracção emocional, com suas consequências adversas".

⁷⁹ Também Brody & Stoneman (1994) encontraram uma forte associação entre o conflito fraternal e o conflito do casal.

Anna Freud (*ibidem*) enumera mais alguns factores que podem originar esses "mal-entendidos", a saber: a imaturidade do aparelho sexual da criança, a relativa debilidade do processo secundário do pensamento infantil e a diferente avaliação do tempo que a criança faz relativamente ao adulto. Como já se disse acima a propósito dos ciúmes, o modo como a criança avalia as diferenças na família depende do seu desenvolvimento afectivo-cognitivo.

Mas os conflitos na fratria dependem, também, e essencialmente, da forma como a família (sobretudo os pais) lida com os comportamentos agonísticos entre as crianças. Porque eles são, geralmente, vigiados e controlados pelos pais. São estes que, em grande medida, delimitam e estabelecem a qualidade e a quantidade dos comportamentos de rivalidade entre os filhos (mesmo o modo como o casal gere os seus próprios conflitos serve de modelo aos filhos). Mas nem sempre o fazem, como refere Porot (s/d: 171), da forma mais adequada:

"[esta] rivalidade possui sobretudo um centro moderador na pessoa dos pais que estão ali para fixar os limites nos quais se pode manifestar, com a condição de que essa regulação não se transforme em repressão sistemática de toda a rivalidade, sob pretexto do bom entendimento e da boa educação; isso termina, em geral, na dissimulação ou na transferência, por vezes neurótica, da agressividade assim reprimida. Os jovens gatos têm necessidade de afiar as unhas".

Perante as pequenas/grandes querelas quotidianas entre os irmãos, a melhor atitude dos pais é fazerem "vista grossa" (Varela, 1985: 69), isto é, deixarem que os filhos regulem as contas entre eles (Oliveira, 1994). Alarcão (2000: 149) também vai no mesmo sentido, ao recomendar que se torna

"fundamental que os pais não se envolvam demasiado na gestão das relações fraternais, pois, nesse caso, serão facilmente chamados a triangulá-las nas situações de tensão ou de conflito, abrindo as portas para alianças e coligações transgeracionais que em nada facilitam a comunicação e o funcionamento dos sub-sistemas [familiares]".

Claro está que, muitas vezes, é necessário que os pais intervenham, dadas as desigualdades existentes entre os irmãos, derivadas das suas diferentes idades e ordem de nascimento⁸⁰. Os mais velhos estarão, geralmente, melhor colocados para ganharem todas as contendas, por serem os mais fortes, do ponto de vista físico, cognitivo e, até, afectivo e social. Sem a interferência dos pais, os mais novos seriam, quase sempre, *esmagados* pelo poder dos mais velhos. Como refere Porot (s/d: 172), as próprias crianças desejam e apelam, frequentemente, para uma intervenção parental: "essa instância superior: legislativa, judicial, executiva".

As atitudes dos pais têm de ser bem doseadas, de molde a que a protecção dos mais novos não venha a ter o efeito perverso de aumentar, ainda mais, os ciúmes dos mais velhos e a, conseqüentemente, incrementar as rivalidades entre os irmãos. É que, por vezes, os mais novos desenvolvem estratégias mais subtis que, não sendo percebidas pelos pais, podem gerar (no momento do castigo) um sentimento de injustiça por parte dos mais velhos.

Faber & Mazlish (1987/1995), no livro que temos vindo a citar (e que é um bom manual didáctico), sugerem algumas atitudes que os pais poderão adoptar, de maneira a melhor gerirem os conflitos entre os filhos. Por exemplo, ao referirem-se ao mito do tratamento igualitário em relação aos filhos, as autoras advertem: ser amado igualmente é ser amado menos; ser amado de maneira única é ser amado tanto quanto necessitamos de ser amados (*ibidem*). Os pais devem ter presente que é um facto normal e natural ter sentimentos diferentes em relação a crianças diferentes e que apreciar a individualidade de cada criança é considerá-la tal qual ela é, é agir de forma a que cada criança se sinta a primeira (*idem, ibidem*). E aconselham: dando desigualmente aos filhos, cada um recebe segundo a sua necessidade individual e os pais descobrirão uma forma nova, libertadora, de serem justos (*ibidem*). Até porque os pais não esperam a mesma coisa de cada um dos filhos – e é por isso que não lhes concedem benefícios idênticos – e daí ser diferente, também, o que cada um dos filhos lhes dá (Osterrieth, 1963/1975) e lhes solicita. Porque, no fundo, a equidade e a igualdade na família não passam de um ideal (Scelles, 1997).

⁸⁰ Como veremos melhor oportunamente, outros aspectos da constelação fraternal (como o sexo e as diferenças de idade entre os irmãos) podem incrementar as querelas entre eles.

Também Arranz (1989: 123) contesta as práticas educativas parentais igualitárias:

"a atitude educativa de tipo salomónica que aplica um critério de estrita igualdade incorre, a nosso ver, num grave erro, porque uniformiza as crianças de personalidades e temperamentos muito distintos (...). Neste caso, o «espaço de identificação» que os pais oferecem é o de «ser como o outro», alimentando, assim, a dinâmica psíquica da inveja".

Os conflitos fraternais são, então, normais – embora, quase sempre, passageiros e contornáveis. E são mais constantes do que os conflitos com os pares, com os professores e, até, com outros membros da família, como os pais e avós (Furman & Buhrmester, 1985b). Também Widmer (1999), no estudo que temos vindo a citar, encontrou que os conflitos fraternais, em termos de frequência, são o primeiro conflito familiar: um pouco mais regulares do que os conflitos entre pais e filhos mas muito mais regulares do que os conflitos entre o casal. Segundo este autor, isto pode dever-se ao facto dos primeiros serem menos disfuncionais para o sistema familiar do que os outros dois: a relação fraternal não é tão vital (nem para família nem para cada um dos seus membros), enquanto que, inversamente, a relação conjugal e a relação pais-filhos assumem importantes tarefas económicas, culturais e sociais de base (*ibidem*). Um outro aspecto que pode explicar a intensidade dos conflitos fraternais é que eles podem manifestar-se com um certo à-vontade porque o medo da ruptura definitiva é menor do que nas outras relações familiares e, até, sociais, como sublinha Widmer (*ibidem*: 34):

"A ruptura é muito difícil, pois ela significaria um afastamento do grupo familiar, no seu conjunto, por um dos irmãos. Se maridos e esposas podem divorciar-se, se os amigos podem perder-se de vista, os irmãos não têm esta possibilidade durante a infância e a adolescência. Esta condenação à presença do outro tem, sem dúvida, dois efeitos que se reforçam: por um lado, ela faz aumentar a frustração, pois que o descontentamento não pode exprimir-se por nenhuma ruptura; em segundo lugar, ela autoriza um certo relaxamento do respeito devido ao outro, pois que, aconteça o que acontecer, a relação perdura".

Os irmãos são, pois, constrangidos a aturarem-se e, sobretudo, a amarem-se, como já dissemos acima, e esta última obrigação é, muitas vezes, contraditória com os seus desejos mais profundos. E, portanto, geradora de conflitos.

Para o desenvolvimento diferenciado de cada um dos membros da fratria, os conflitos são importantes e, até, necessários. Faber & Mazlish (1987/1995: 14), na revisão bibliográfica que fizeram, encontraram argumentos segundo os quais os conflitos entre irmãos têm a sua utilidade:

"as lutas para se dominarem uns aos outros fortificam-lhes o carácter; as incessantes zaragatas em casa desenvolvem-lhes a vivacidade e a agilidade; as disputas verbais fazem-lhes apreender a diferença entre o ironizar e o fazer mal; as fricções ordinárias da vida em comum ensinam-lhes como se devem impor, defender, ou encontrar compromissos; e, por vezes, a inveja que causam, mutuamente, os talentos individuais, inspiram-nos a trabalharmos mais, a serem mais perseverantes, a procurarmos ter, igualmente, sucesso".

O lado pior dos conflitos reside na possibilidade deles poderem desmoralizar, seriamente, uma ou várias crianças e, mesmo, provocar-lhes danos permanentes (*idem, ibidem*). A diminuição da auto-estima pode ser, por exemplo, um dos resultados negativos dessas interações conflituosas⁸¹.

Concluindo: os pais são o motivo primeiro da inveja e dos ciúmes entre os filhos mas são, também, com as suas atitudes (conscientes ou inconscientes), os principais responsáveis pela boa ou má resolução dos conflitos originados, muitas vezes, por estes afectos. Que são para entender, mais do que para combater – como escreveu a jornalista suíça Gabrielle Desarzens⁸². Vimos como, em casos extremos, as atitudes dos pais (ou de um deles, apenas)

⁸¹ Até porque o contexto mais importante para o desenvolvimento e a evolução da auto-estima é a família e os tipos de interações que ocorrem entre os seus membros (Gecas & Schwalbe, 1986; Demo, Small & Savin-Williams, 1987).

⁸² *Cit. in* Portner (1999).

podem levar a que estes afectos normais e estruturantes (que a criança superará, paulatinamente, no decorrer do seu desenvolvimento) se convertam num hábito de conduta ou de relação e se *cristalizem* como um comportamento sintomático – que pode levar a uma inadaptação social ou a uma qualquer patologia.

Se os conflitos fraternais são comuns e fundamentais para o desenvolvimento individual, há outros aspectos das relações entre os irmãos que se revestem de igual importância, como veremos nas próximas páginas.

DESENVOLVIMENTOS RELACIONAIS NA E COM A FRATRIA

"A criança que fomos nunca morre, e estes primeiros companheiros, estes primeiros cúmplices, não podem ser negados"

Danièle Laufer in Une telle évidence, p. 19.

Nem só de ódios e amores vivem as fratrias. Para além dos sentimentos que se nutrem nesse espaço relacional, as relações entre os irmãos desencadeiam e possibilitam aprendizagens cognitivas diversas – que têm vindo a ser estudadas por alguns autores. Neste sub-capítulo trataremos de esboçar os principais desenvolvimentos relacionais que ocorrem na fratria e na sua articulação com os outros sub-sistemas familiares.

São experiências diversificadas aquelas que são vividas por cada um dos irmãos no seio da sua fratria de origem. Pela diferente idade, hereditariedade e personalidade que cada um deles tem. E pela posição distinta que cada um ocupa nesse sub-sistema familiar. Veremos mais adiante, quando falarmos da hereditariedade e do meio, quanto estes dois factores do desenvolvimento contribuem para as diferenças entre os irmãos. Aqui trataremos de esboçar a influência recíproca entre os irmãos e de como ela incrementa as diferenças entre eles, sobretudo as derivadas dessa circunstância única que é o posicionamento de cada um na sua fratria de origem.

O *holon*⁸³ fraterno é, para a criança, o seu primeiro grupo de pares (Minuchin & Fishman, 1981/1990: 29), e é

"dentro deste contexto, [que] as crianças se apoiam mutuamente, se divertem, se atacam, se tomam como bode expiatório e geralmente aprendem uns com os outros. Desenvolvem seus próprios padrões transacionais para negociação, cooperação e competição. Aprendem como fazer amigos e como lidar com inimigos, como aprender de outros e como obter reconhecimento. Geralmente tomam posições diferentes no constante dar e receber (...). Estes padrões [individuais] serão significativos quando ingressarem nos grupos de companheiros extrafamiliares, no sistema de classe escolar e, mais tarde, no mundo do trabalho".

A fratria é, assim, um autêntico "laboratório social" (Minuchin, 1974/1982: 63) no qual se experimentam, pela primeira vez, as mais variadas relações interpessoais que servirão de base às relações futuras.

A imitação (recíproca) e o jogo (ou outras actividades partilhadas) são, para os irmãos, o lugar privilegiado de aprendizagens cognitivas e relacionais de vária ordem: na ausência de fratria, ou seja, para os filhos únicos, a oportunidade para fazerem essas aprendizagens pode acontecer mais tardiamente, no jardim de infância, por exemplo, que é onde encontram, geralmente, pela primeira vez e mais demoradamente, um espaço relacional com os pares. Como refere Minuchin (*ibidem*), a significação do subsistema fraternal é observada muito claramente na sua ausência: os filhos únicos desenvolvem um padrão precoce de acomodação que pode ser manifestado em desenvolvimento precoce, ao mesmo tempo que, muitas vezes, apresentam dificuldades no desenvolvimento da autonomia e na capacidade de partilhar, cooperar e competir com os outros.

⁸³ O termo *holon*, do grego *holos* (todo) com o sufixo *on* (que sugere uma partícula ou parte) foi proposto por Arthur Koesler e utilizado por Minuchin & Fishman que o consideram "particularmente útil para a terapia familiar, porque a unidade de intervenção é sempre um *holon*. Todo o *holon* – o indivíduo, a família nuclear, a família extensa e a comunidade – são ambos, um todo e uma parte, não um mais do que o outro e sem que um rejeite ou entre em conflito com o outro" (*ibidem*: 23). Para estes autores, na família, para além do *holon* individual, existem outros três *holões*: o conjugal, o parental e o fraternal (*ibidem*: 26).

Para muitos autores, a imitação é considerada como um dos processos fundamentais das relações fraternais. Ela tem um papel importante, como veremos oportunamente, na diferenciação entre os irmãos. Por agora fiquemo--nos com o que disseram Marc & Picard (1989/s/d: 189-190) sobre este processo:

"A imitação, porque é um jogo, permite uma progressão de dois pólos importantes da maturação da criança: paradoxalmente, a diferenciação (eu não sou o Outro já que o imito); e a compreensão do outro e das suas motivações (por uma série de empatia mimética). A imitação permite, pois, ultrapassar o egocentrismo (...). Longe de ser uma simples manifestação passiva ou regressiva, a imitação seria pois, de facto, a forma mais primitiva de empatia".

Para percebermos melhor as vicissitudes das relações entre os irmãos temos de remontar ao começo da fratria, que acontece aquando do nascimento do segundo filho. A família, até aí composta, classicamente, pelo pai, mãe e um filho (subsistemas individual, conjugal e parental) passa a ter um novo subsistema: o fraternal. Inaugura-se uma nova etapa da vida familiar, com a consequente redistribuição de novos papéis e consequentes funções para cada um dos membros: o filho único, até então, torna-se irmão do recém-chegado e tem de assumir, perante este, o papel de irmão mais velho e, perante os pais, o papel de filho mais velho; o mais novo terá de desempenhar as respectivas funções de irmão e de filho mais novo; os pais passam a ter de gerir, para além das relações com os dois filhos, a relação entre estes⁸⁴.

⁸⁴ Pressupõe-se que o casal, numa etapa precedente, aquando do nascimento do primeiro filho, tenha já realizado as mudanças necessárias para passarem "de um sistema de dois para um sistema de três" (Minuchin, 1974/1982: 40). A introdução do terceiro não é, pois, exclusivamente, uma etapa importante no desenvolvimento individual (*cf.* capítulo anterior), mas, também, no desenvolvimento familiar. Como refere Alarcão (2000: 133): "não é apenas o bebé que, após um período de simbiose normal, tem que aceitar um terceiro, abrindo-se a novas relações. São também os pais que têm de aprender como relacionar-se diadicamente na presença de um terceiro".

O que acontece aquando do nascimento do segundo filho acontece, de modo igual, com o nascimento dos filhos subsequentes: o sistema familiar complexifica-se e necessita de reajustar-se ao novo membro recém-chegado, redefinindo os papéis e as funções anteriores. Segundo Minuchin (1974/1982), este período de adaptação a um novo membro produz, necessariamente, um stress na família que viverá, assim, pelo menos momentaneamente, um período de crise. É que cada vez que um novo membro entra na família, o "número de relações aumenta e a possibilidade de novas triangulações e coligações também" (Relvas, 1996: 103). E com este incremento de relações aumenta, logicamente, a possibilidade destas se tornarem problemáticas e/ou transgressoras.

Então, e seguindo ainda Minuchin (1974/1982: 58), pode dizer-se que a tarefa maior do sistema familiar face a estas *mexidas* na sua estrutura é ter a capacidade de transformar-se de forma a adaptar-se "às novas circunstâncias sem, no entanto, perder a continuidade, que proporciona um esquema de referência aos seus membros", ou seja, sem ver nessa mudança um possível ataque à sua organização. Segundo o autor (*ibidem*), a família consegue este objectivo desenvolvimental se souber manter uma delimitação clara das fronteiras entre os sub-sistemas que a compõem, de modo a permitir, por exemplo, e como já referimos anteriormente, que o subsistema fraternal interaja entre si sem a ingerência do subsistema parental. Aprendizagens como a negociação, a gestão de conflitos, a competição, como ganhar ou perder um aliado e outras formas de lidar com os semelhantes, na fratria, só são possíveis se os pais permitirem que os filhos se inter-relacionem sem o seu controlo. Controlo que é necessário, no entanto, nalgumas ocasiões: por exemplo, para evitar que um irmão mais velho exerça excessiva autoridade sobre os mais novos – autoridade que deve ser função dos pais. Por isso, para além de nítidas, as fronteiras devem ser suficientemente permeáveis (ou flexíveis) para permitirem as trocas entre subsistemas e, também, com o exterior.

Mas, às vezes, a família transforma a crise (normalmente: passageira) em risco⁸⁵, bloqueando a sua própria capacidade transformadora e entretendo, consequentemente, o seu próprio desenvolvimento. Nalgumas famílias a comunicação e preocupação entre os membros é tão intensa que, consequentemente, a distância, entre eles, diminui e as fronteiras são

⁸⁵ Como refere Alarcão (2000: 94), para Minuchin, a crise é, "simultaneamente, ocasião (de crescimento, de evolução) e risco (de impasse, de disfuncionamento)".

anuladas; outras desenvolvem fronteiras excessivamente rígidas, onde a comunicação se torna difícil e as funções protectoras da família ficam prejudicadas (Minuchin, 1974/1982). A estes dois pólos extremos de funcionamento das fronteiras este autor chama de "emaranhamento" e "desmembramento" (famílias emaranhadas e famílias desmembradas ou desligadas, respectivamente)⁸⁶. É dentro de um destes dois tipos de famílias que o disfuncionamento se pode mais facilmente enquistar.

Nas famílias desmembradas, onde as fronteiras dos subsistemas são muito rígidas, a *patologia* espreita, na medida em que, por exemplo, se um subsistema fraternal funcionar de modo independente dentro da família, acontece que as responsabilidades dos pais são questionadas e anuladas por essa rigidez e a sua função socializadora deixa de poder ser exercida – geralmente um dos irmãos assume a liderança dos restantes e incita-os a acções que promovam a desqualificação dos pais.

Se uma família funcionar durante largos períodos de modo emaranhado (com fronteiras difusas, portanto), pode acontecer que um dos pais utilize, por exemplo, um dos filhos para desviar ou afastar conflitos conjugais: aliando-se ao filho para *atacar* o outro cônjuge. E esta coligação transgeracional, que torna pouco clara a fronteira em torno do subsistema conjugal, pode fazer aparecer um padrão comunicacional disfuncional (*idem, ibidem*). Pode acontecer o mesmo quando um filho é parentificado, isto é, quando lhe são dadas funções que habitualmente são da responsabilidade dos pais. A parentificação pode ser útil e pode constituir-se, até, num arranjo normal nas grandes famílias: pode, pois, funcionar bem apesar desta estrutura incomum, mas pode também levar a que o filho parentificado desenvolva responsabilidades, competências e autonomia para além da sua idade, o que pode encaminhá-lo para um desenvolvimento *patológico*. Isto, porque, geralmente, as crianças parentificadas tornam-se sérias, hiper-controladas, reservadas, prematuramente maduras, hiper-normais e sobre-adaptadas à realidade – sendo que quase sempre se trata de uma "adaptação de superfície que participa na emergência de um *falso-self*, escondendo, muitas vezes, um núcleo depressivo importante" (Ferrari,

⁸⁶ Todas as famílias são concebidas como incidindo nalgum lugar ao longo de um *continuum* entre estes dois pólos (*ibidem*).

Crochette & Bouvet, 1988: 21). Um exemplo de parentificação patológica é descrita por Daniel Sampaio, na crónica *A princesa e a leviana*⁸⁷:

"Marta [a mais nova, a princesa] é um prolongamento do pai e vai ter dificuldades em crescer e ser autónoma. Raquel [a mais velha, a leviana] está muito só e triste. (...) Vive entre a pena que sente pela mãe, tantas vezes agredida e injustiçada, e o ódio pelo pai, alimentado por tantos ressentimentos".

Embora Sampaio não se refira ao relacionamento entre as duas irmãs, é de supor que ele não seja muito fraternal...

Isto é: sempre que as fronteiras entre os subsistemas (o conjugal, o parental e o fraternal) se tornam difusas, há possibilidade de confusão e stresse e a família pode disfuncionar (Minuchin, 1974/1982). Estas triangulações patogénicas atingem todo o sistema familiar e, especificamente, as relações na fratria ressentem-se disso, na medida em que, a um aumento da comunicação vertical (entre um dos pais e um dos filhos) corresponde, geralmente, uma diminuição da comunicação horizontal (entre os irmãos). Alguns dos conflitos entre os irmãos podem advir de situações semelhantes às que acabámos de descrever. Podem, concretamente, ter um valor de sintoma que garante a manutenção do funcionamento familiar que, de outra forma, se mostrava impossível de manter (Alarcão, 2000)⁸⁸.

Resumindo, perante a crise surgida aquando da inclusão de um novo membro, como explica Alarcão (2000: 94), a família tem duas opções:

"ou foge à mudança, ameaçando a sua evolução e, em última análise, o seu equilíbrio e a sua própria vida, ou transforma-se, correndo o risco de crescer sem saber exactamente como".

⁸⁷ Transcrita na colectânea *A cinza do tempo* (1997: 53-55).

⁸⁸ "Daí a paradoxalidade do sintoma visto como pedido de mudança para a não mudança" (Alarcão, 2000: 83).

Ou seja, quando a família aceita o risco do desenvolvimento estas etapas críticas ligadas ao seu crescimento quantitativo são ultrapassadas sem arranjos patogénicos e a fratria cresce, constituindo-se como um lugar de transacções frutíferas e de benefícios para todos os membros que a compõem. Vejamos, então, que custos e benefícios a fratria proporciona, a começar pelo primogénito.

Para este, o nascimento de um irmão começa por ser, desde logo, um acontecimento dramático, uma brusca ruptura no seu mundo egocêntrico, pela modificação que implica nas suas relações com os pais. Esta passagem de filho único a primogénito é vivida de forma muito diversa mas a maioria dos autores está de acordo que, nos primeiros dias após esse acontecimento, é normal observarem-se alterações no comportamento destas crianças, nomeadamente: perturbações de sono, choros frequentes, retrocessos na aprendizagem dos hábitos de higiene (enureses ou encoproses secundárias) e na fala, falta de concentração nos jogos ou na escola, agressividade para com os pais (sobretudo contra a mãe) e para com o irmão recém-nascido, rebeldia e desobediência, etc. (Dunn & Kendrick, 1982/1986; Dunn, 1984/1986; Dunn, 1988; Stewart *et al.*, 1987; Gayet, 1993).

Algumas destas condutas regressivas a estádios anteriores do desenvolvimento são aprendidas através da imitação que os primogénitos fazem dos seus irmãos bebés – podemos considerá-las como estratégias que são adoptadas para manter ou re-ganhar o amor dos pais (e, em especial, da mãe que é aquela que, naturalmente ocupada com o recém-nascido, diminui a sua atenção para com o primeiro filho⁸⁹, sobretudo na fase da *preocupação maternal primária*). Estas identificações regressivas do mais velho ao mais novo, típicas nos primeiros meses após o nascimento do irmão, são, segundo Gayet (1993: 90), uma reivindicação desajustada para readquirir os privilégios definitivamente perdidos. Tudo se passa, ainda segundo Gayet, como se o mais velho quisesse provar à sua mãe que ele era o próprio bebé, esperando, talvez, que ela se engane na criança; a argumentação subjacente

⁸⁹ Stewart *et al.* (1987) verificaram que, logo após o nascimento do segundo filho, havia um incremento das interacções pai-primogénito e que esta era, possivelmente, uma resposta ao decréscimo dos cuidados prestados pela mãe ao primeiro filho. Não só o pai aumentava o seu envolvimento com o filho mais velho como também este solicitava mais a atenção do pai. Estes autores sugerem, a propósito, que futuros estudos sobre o ajustamento dos primogénitos ao nascimento do irmão estudem qual o papel do pai neste processo.

poderia ser deste estilo: "fizeste mal em ter um bebé, porque tu já tinhas um: eu" (*ibidem*).

Pouco a pouco estas estratégias regressivas tendem a ser abandonadas à medida que a criança se apercebe da inutilidade dos seus esforços para tomar o lugar do rival (ou eliminá-lo) e quando compreende que o irmão está ali para ficar, para sempre, e que, doravante, tem de partilhar os pais e aprender a viver com ele.

Que o comportamento do primogénito, relativamente à mãe e ao irmão, varia em função do tempo foi verificado por Stewart *et al.* (1987). Estes autores, ao avaliarem longitudinalmente a reacção dos primogénitos face ao nascimento do irmão, verificaram que as respostas iniciais (no primeiro mês após o nascimento) eram as imitações do bebé e os confrontos com a mãe; aos quatro meses havia poucas imitações e confrontos mas, essencialmente, destacavam-se os comportamentos ansiosos; aos oito e doze meses havia alguns confrontos mas observava-se, também, um incremento da sua independência e da disposição em partilhar actividades com o irmão. Uma das razões para a modificação dos comportamentos do primogénito, segundo Stewart e colaboradores (*ibidem*), prende-se, em parte, com as mudanças no próprio meio familiar: a mãe decresce, ao longo do tempo, a sua hiper-atenção para com o bebé. E, também, porque à medida que o irmão é mais crescido, os dois irmãos podem, compreensivelmente, interagir mais: à medida que os irmãos crescem, como foi encontrado por Buhrmester & Furman (1990), as relações entre eles tornam-se mais igualitárias e menos assimétricas.

A agressividade reactiva que acompanha os momentos iniciais após o nascimento do intruso (a própria sintomatologia regressiva pode ser lida como tendo, na origem, fantasmas de agressão) não é só destrutiva: ela é a grande impulsionadora do saber (ou da inteligência). Freud (1908/1976b: 215-216) assim a considera:

"O desejo da criança por esse tipo de conhecimento [sobre a sexualidade, sobre a origem] não surge espontaneamente (...); surge sob o aguilhão dos instintos egoístas que a dominam, quando é surpreendida – talvez no fim do seu segundo ano – pela chegada de um novo bebé. (...) A perda, realmente experimentada ou justamente temida, do carinho dos pais e o pressentimento de que, de agora em diante, terá sempre de compartilhar os seus bens com o recém-chegado

despertam as suas emoções e aguçam a sua capacidade de pensamento. A criança mais velha expressa a sua franca hostilidade [em relação] ao rival através de críticas inamistosas, esperando que «a cegonha o leve de volta», e às vezes até através de pequenas agressões à desamparada criatura que está no berço".

Não fora o nascimento do *inimigo* e o filho único estaria tentado a "adormecer no sono dogmático do amor sem partilha, só compatível com a ignorância. Ele compreende, com efeito, que há qualquer coisa que ignora e que deve saber" (Assoun, 1998a: 27). E o que ele deseja saber, primeiro de tudo, é "de onde vêm os bebés?" (Freud, 1908/1976b: 216). Essa primeira pergunta "é, como toda a pesquisa, o produto de uma exigência vital, como se ao pensamento fosse atribuída a tarefa de impedir a repetição de eventos tão temidos" (*idem, ibidem*). Note-se, como diz Assoun (*ibidem*: 28),

"a sugestão freudiana sobre a genealogia do saber: a procura da origem seria animada por uma vontade de não--vinda do acontecimento. Daí a vontade mortífera que animaria toda a «arqueologia»... Perguntar-se de onde vem o irmão, é procurar prevenir a sua vinda ao mundo".

Mas depois virão outras perguntas e outras respostas que o irmão permite conhecer. Ou seja: após o impacto emocional inicial, o novo ser (o irmão recém-nascido que é substancialmente diferente dos adultos que conhece, que comunica de um modo diverso destes, que pode ter o mesmo sexo ou um sexo diferente do seu, etc.) torna-se, para o primogénito, fonte de curiosidade e interesse diversos. E, como tal, pode trazer-lhe, apesar dos custos (sobretudo do ter de dividir os pais), alguns ganhos essenciais para o seu desenvolvimento, tanto no plano dos sentimentos como na capacidade de pensar.

Dunn & Kendrick (1982/1986), na investigação já atrás citada, verificaram, entre outras coisas, que, após o nascimento do segundo filho, há um incremento de discussões entre a mãe e o primogénito, quer sobre os sentimentos, a motivação e as intenções para com as outras pessoas, quer sobre si-mesmo, o que contribui, segundo as autoras, para um aumento da independência e maturidade deste. Observaram, nomeadamente, que:

1. para a maioria deles a presença do irmão proporcionava-lhes um foco de discussão frequente com a mãe acerca de outra pessoa: o bebé como pessoa, com desejos, intenções, gostos e desgostos; com direitos, coisas de sua propriedade e com um género determinado; como rival na atenção, carinho, aprovação e desaprovação dos pais – o que implica, para o primogénito, uma reflexão sobre as categorias de si e do outro;
2. também para muitos deles acontecia uma mudança no modo como se referiam a si-mesmos, dado que, nas discussões com a mãe sobre o bebé, adquiriam novas noções: irmão/irmã, menino/menina, grande/pequeno, pipi/pilha (a discussão com a mãe sobre o género, seu e do bebé, era, aliás, a mais comum).

Mesmo independentemente das discussões com a mãe, algumas semanas depois do nascimento do irmão, mais de metade dos primogénitos dava mostras de maior independência: insistiam em comer, vestir-se e tomar banho sozinhos, resistiam mais tempo a jogar sozinhos e, alguns deles, deixaram de utilizar o biberão (*idem, ibidem*). Como se tivessem, de vez, desistido do seu papel anterior de filhos únicos e adoptassem o novo papel de mais velhos.

Os benefícios das interacções na fratria não são só para o primogénito, obviamente. Aliás, segundo Dunn (1984/1986), o grande interesse e a qualidade emocional patente na conduta do primogénito indicam que tudo está preparado para que cada um dos irmãos afecte o desenvolvimento do outro. Dunn & Kendrick (1982/1986), no estudo que temos vindo a citar, verificaram quanto o mais novo, na relação com o irmão mais velho, tinha a oportunidade de desenvolver, precocemente, habilidades de cooperação, antecipação e, também, atitudes de manipulação do irmão. Ao imitar⁹⁰ o mais velho, o mais novo pode aceder a "um reconhecimento da distinção entre si e o outro, senão a uma categorização de si-mesmo bastante bem elaborada" (*idem, ibidem*: 114), e isto desde muito cedo.

Gayet (1993: 89), utilizando uma linguagem mais psicanalítica, fala das identificações progressivas do mais novo relativamente ao mais velho. Este último, segundo este autor, é bem o modelo mais vezes encontrado, sobretudo mais do que o pai e a mãe:

⁹⁰ A imitação é recíproca, embora seja mais frequente que os mais novos imitem os mais velhos (Abramovitch, Corter & Lando, 1979; Abramovitch, Corter & Pepler, 1980).

"Desde que a diferença de idades entre os irmãos não seja muito grande, é também o modelo mais abordável, no sentido de que é mais fácil reproduzir os gestos ou a mímicas de alguém que tem sensivelmente o nosso tamanho e que, portanto, está mais à nossa mão. O mais velho é para o mais novo um intermediário entre o mundo das crianças e o mundo dos adultos" (*ibidem*).

Durante a infância, grande parte das interações entre irmãos desenrolam-se através de brincadeiras e jogos de representação⁹¹. A importância dos jogos simbólicos (ou de ficção) entre os pares, no desenvolvimento cognitivo e afectivo-social, foi primeira e amplamente sublinhada por Piaget ao longo de toda a sua obra (ver, por exemplo, a sua obra de 1964/1974). Mais recentemente, os investigadores da fratria têm demonstrado a mais valia das relações entre os irmãos no desenvolvimento, nomeadamente, na aquisição de competências várias como a compreensão dos pensamentos e sentimentos dos outros (Dunn & Kendrick, 1982/1986; Perner, Ruffman & Leekam, 1994; Farver & Wimbarti, 1995; Youngblade & Dunn, 1995; Brown & Dunn, 1996; Brown, Donelan-McCall & Dunn, 1996).

E quanto maior e diversificada for a fratria (em termos de sexo e idades, por exemplo) mais possibilidades há em experienciar/jogar novas situações e aprender com elas. O que está bem patente no estudo levado a cabo por Perner, Ruffman & Leekam (1994) que, ao investigarem a relação entre o tamanho da família e a "teoria da mente", verificaram que as crianças provenientes de grandes famílias eram mais capazes de predizerem uma história de carácter duvidoso (baseada em falsas crenças) do que as crianças de pequenas famílias, o que parecia sugerir que a interacção entre os irmãos providencia uma rica "base de dados" para construir uma "teoria da mente".

As aprendizagens na fratria dependem, em muito, das expectativas dos pais, do *status* e da personalidade da própria criança, factores que são distintos

⁹¹ Abramovitch, Corter & Lando (1979) observaram, em casa, 34 pares de irmãos pequenos (menores de seis anos de idade), do mesmo sexo, e verificaram que estes passavam juntos, na mesma divisão da casa, cerca de 90% do tempo e interagiam muito (tanto as díades de rapazes como as de raparigas, tanto as que tinham uma pequena como as que tinham uma grande diferença de idades). As actividades lúdicas são, até, mais frequentes entre os irmãos do que entre estes e as mães (Farver & Wimbarti, 1995).

para cada uma delas e que, por isso, são responsáveis pela diferenciação dentro da fratria e, consequentemente, das aprendizagens aí realizadas. Porque o que cada um aprende na fratria depende, em parte, do lugar único que ocupa nesse primeiro e importante contexto relacional – que é o lugar da sua diferenciação e individuação.

Quanto às expectativas dos pais, Kellerhals & Montandon (1991a) demonstraram que, no que concerne à frequência de um curso superior, elas são maiores relativamente aos primogénitos e filhos únicos do que para os mais novos. Sobre o *status* é comum e compreensível que os primogénitos apareçam, geralmente, como mais dominantes – porque esse é o papel que lhes é destinado na família (pelos pais, pelos irmãos e, até, socialmente) – enquanto o mais novo, complementarmente, se assume como submisso... Mais adiante, na segunda parte deste trabalho, abordaremos, com mais exaustão, este aspecto da personalidade de cada um tendo em conta a sua respectiva posição na fratria.

Para terminar, é necessário sublinhar que não é só nos primeiros anos de vida que a fratria é importante. Parece que mesmo antes de virmos ao mundo temos a experiência de uma *fratria original*, no útero materno:

"Graças à ecografia precoce, sabe-se hoje que toda a mulher está grávida cinco vezes por cada gravidez que prosseguirá. Logo nas primeiras semanas das gravidezes que continuam, existem, quase sistematicamente, dois ou três embriões. Dois dentre eles vão desaparecer, o terceiro vai sobreviver. Cada um de nós foi gêmeo de uma ou várias crianças que, durante a gravidez, foram «eliminadas»: fratria *in utero*!" (Soulé, 1990: 70)⁹².

⁹² Este facto explica as "inclusões fetais". Ohniguiian (1990: 182) dá-nos um exemplo deste fenómeno, não tão raro como isso: "Tyko Asplund sofria de dificuldades respiratórias que se tornavam cada vez mais insuportáveis. O médico pensou que era um cancro, mas, durante a operação, o cirurgião descobriu um feto macho de quinze centímetros no lugar do pretenso tumor no pulmão doente. (...) De facto, no princípio da gravidez, a mãe esperava gémeos. Depois, um dos embriões parece ter fagocitado o outro, incluindo-o nas suas células em formação. «O outro» desaparece, então, no corpo do seu irmão ou da sua irmã e funde-se nele. Se a «fusão» se passa bem, não temos mais notícias deste «gêmeo interior»; se não, ele reaparece de forma inesperada num pulmão, num ventre, numa coxa...".

Durante a infância, mas também na adolescência e, até, na idade adulta, os irmãos podem continuar a influenciar-se, mutuamente, e em vários domínios. Por exemplo, ao nível do comportamento sexual, East (1996), ao estudar uma amostra de jovens raparigas, verificou que aquelas que viviam com uma irmã mais velha grávida (menores de 19 anos e não-casadas) ficavam mais vulneráveis para uma maternidade precoce e aceitavam melhor serem mães-solteiras adolescentes; para além disso tinham expectativas de futuro pessimistas (em relação à escolaridade e à carreira profissional) e apresentavam alguns problemas de comportamento (e.g. abandono escolar e consumo de tabaco).

Ou seja: os irmãos podem ser, ao longo de toda a vida, uma poderosa referência, mas, também, um forte suporte afectivo, para o bem e para o mal:

"Do simples ciúme à paranóia auto-punitiva, evocados por Jacques Lacan, de forma normal ou patológica, os sentimentos fraternais inscrevem-se duradouramente em nós" (Angel, 1996: 301).

Embora tenha sido encontrado que os sentimentos que os irmãos desenvolvem durante a infância persistem durante a idade adulta (Brody & Stoneman, 1994), como é óbvio, as relações entre eles sofrem algumas alterações ao longo da vida. Na adolescência, com o emergir da sexualidade, os irmãos, naturalmente, afastam-se (porque há a procura de um objecto amoroso fora da família) ou, pelo contrário, aproximam-se (porque neste "contexto de atmosfera fluída" podem acontecer "derrapagens incestuosas") (Angel, 1996: 241). Depois, igualmente, na idade adulta, cada um pode estar centralizado na sua própria família (e a família de origem fica como que num segundo plano) mas pode, por uma ou outra razão (doença de um dos pais ou de um dos irmãos, relações incestuosas entre estes, etc.) continuar a existir um laço fraternal muito próximo, estreito e solidário. Alguns estudos, citados por Widmer (1999: 13), têm realçado a grande importância das relações fraternais na idade adulta:

"A questão das relações fraternais nas pessoas de idade é tanto mais central quanto o irmão é, muitas vezes, a

única pessoa sobrevivente da família de origem: nos anos 70-80, nos Estados Unidos, nove em cada dez indivíduos de oitenta ou mais anos de idade tinham ainda um irmão (Cicarelli, 1982); na Suíça, entre setenta a oitenta por cento das pessoas da terceira idade estavam nesta situação (Lalivie d'Épinay *et al.*, 1983). Os pais tinham morrido, a viuvez tinha acontecido (...). A relação de irmandade na terceira idade procura um suporte emocional; ela permite a partilha e a reminiscência; ela produz ajuda, serviços concretos (Goetting, 1986)".

E hoje, possivelmente, mais do que outrora, os irmãos vivem juntos durante muitos anos. As primeiras separações entre eles acontecem, normalmente, na adolescência: ou porque um vai viver sozinho ou coabitar com um companheiro, ou porque outro vai frequentar uma universidade ou trabalhar numa cidade, distante ou não da residência da família, etc.. Estas saídas são, geralmente, temporárias e não implicam grandes distanciamentos entre os irmãos (as vias e os meios de comunicação facilitam a proximidade). As verdadeiras saídas da família de origem acontecem, quase sempre, quando um deles forma uma nova família – o que se faz cada vez mais tardiamente, como se sabe (até porque a escolaridade alargou-se e, conseqüentemente, a entrada no mundo do trabalho também foi adiada).

A pertença, durante muitos anos, a este grupo social que é a fratria (que é independente e distinto de todos os restantes), une os irmãos numa longa história em comum, feita de bons e maus momentos, mas, também, os diversifica. Discutir, globalmente, a origem das semelhanças e das diferenças na fratria – é o assunto que nos prenderá no capítulo seguinte.

2. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA FRATRIA

"Ser irmão ou irmã, é ter nascido dos mesmos pais, é ter um património genético, social e cultural comum. (...) O irmão é o semelhante, sobretudo no discurso social e no romance familiar"

Sylvie Angel in Des frères et des sœurs, p. 19.

Mas não é só o semelhante... Uma das constatações banais do quotidiano são as semelhanças mas também as diferenças existentes entre os membros de uma fratria. Os estudos não são unânimes mas, por exemplo, Daniels & Plomin (1985) encontraram correlações de .40 a .50 para as habilidades cognitivas e de .15 a .25 para os traços de personalidade, entre irmãos geneticamente aparentados e que viveram juntos durante os primeiros anos de vida; enquanto que, na psicopatologia (esquizofrenias, psicose maníaco-depressiva, desordens neuróticas, alcoolismo, etc.), Rowe & Plomin (1981) verificaram que os vários estudos referem que os riscos de morbilidade para os irmãos são, em média, abaixo dos 20%. O que parece provar que os irmãos são mais diferentes que semelhantes, nos mais diversos aspectos.

Classicamente, a maior parte dos psicólogos do desenvolvimento tem como objectivo maior das suas investigações descobrir as leis eternas do desenvolvimento humano – leis que possam ser aplicadas a todas as pessoas e em todos os tempos. No dizer de Scarr (1992), essas leis são as chamadas leis nomotéticas: focam as sequências universais do desenvolvimento humano e os seus contextos. Simultaneamente, um pequeno grupo de desenvolvimentistas tem focado as suas investigações na variação individual dos padrões do desenvolvimento. As leis que estes últimos elaboram são, segundo a mesma autora, leis idiográficas: regularizam os padrões que são únicos em cada indivíduo (*ibidem*). Para os desenvolvimentistas idiográficos os padrões do desenvolvimento são

únicos para cada indivíduo; e as causas das diferenças são consideradas centrais na investigação desenvolvimental⁹³.

Neste contexto, e salvo raras exceções, poucas teorias do desenvolvimento procuraram explicar as fontes da enorme variabilidade existente dentro da fratria. Mas, ultimamente, tem sido essa a orientação mais explorada pelos "desenvolvimentalistas da fratria". Esses estudos podemos organizá-los em dois tipos principais que designaremos, *grosso modo*, por estudos sobre a influência da *hereditariedade e/ou do meio* e estudos sobre a *ordem de nascimento*.

Em primeiro lugar abordaremos a parte que cabe ao que, pretensamente, unifica (a hereditariedade e o meio) mas veremos como, por serem factores que não são totalmente partilhados por todos os membros, são, igualmente, responsáveis pelas diferenças encontradas no núcleo fraternal. Depois falaremos da ordem de nascimento (e.g.: filhos únicos, primogénitos, mais novos e do meio) e descreveremos as características dos irmãos tendo em conta esse aspecto diferenciador ligado à estrutura familiar.

⁹³ Lima (1997: 32) explica que "foi Windelband (1894) que desenvolveu as noções de nomotético e idiográfico. O nomotético está associado à formulação de leis gerais (explicação), ao passo que o idiográfico se relaciona com factos individuais (compreensão). O método idiográfico, pressupondo a unicidade e especificidade do sujeito, em caso limite, significa que nenhuma generalização ou predição tem sentido".

A HEREDITARIEDADE E O MEIO

"[É] agora fundamental compreender porque as crianças de uma mesma família são tão diferentes"

Judy Dunn & Robert Plomin in Frères et sœurs si différents, p. 10.

Quando falamos destes dois factores do desenvolvimento a tentação é, desde logo, dizer: semelhanças devidas à hereditariedade, diferenças devidas ao meio. Mas a resposta não é assim tão linear. Sabe-se quanto a hereditariedade e o meio (ou o inato e o adquirido) desempenham intrincados e nem sempre conhecidos papéis na determinação das características humanas. Desde há muito que os investigadores se têm preocupado a tentar destrinçar a parte que cabe a cada um destes factores no desenvolvimento humano. Conheceram-se fases de tudo: desde a completa devoção à causa genética até ao determinismo ambiental.

Sobre a hereditariedade sabe-se, desde Gregor Mendel (1822-1884) que ela tanto é responsável pelas semelhanças como pelas diferenças. Já no nosso século, Ronald Fisher (1918)⁹⁴ demonstrou que os irmãos biológicos eram geneticamente semelhantes em 50%, isto é, a possibilidade dos irmãos herdarem um mesmo alelo atinge os 50%. Os geneticistas têm dado ênfase às semelhanças mas, para Dunn & Plomin, a leitura pode ser feita ao contrário: os irmãos são geneticamente diferentes em 50%; e isto é, apenas, uma média (Dunn & Plomin, 1990/1992)⁹⁵.

⁹⁴ *Cit. in Dunn & Plomin (1990/1992).*

⁹⁵ "No Homem, os genes estão contidos em 23 pares de cromossomas. Em cada par, um dos cromossomas provém da mãe e o outro do pai. Para cada um dos pares, os irmãos biológicos têm 50% de possibilidades de herdarem um cromossoma diferente. Por consequência, eles herdam também milhares de alelos diferentes localizados sobre estes cromossomas. (...) É preciso, todavia, considerar este factor com prudência, pois os cromossomas paternos e maternos combinam-se e trocam elementos; é, pois, pouco frequente, que várias crianças herdem cromossomas perfeitamente idênticos" (*idem, ibidem*: 37).

Até há bem poucos anos atrás a preocupação era perceber as causas das semelhanças: para muitas características, tanto a hereditariedade como o meio parecem contribuir para as semelhanças encontradas entre indivíduos aparentados geneticamente. Perceber as diferenças entre os indivíduos, investigando conjuntamente as influências genéticas e ambientais, tem sido o objectivo (que tem unido psicólogos do desenvolvimento e geneticistas comportamentais) daquela que pode ser chamada uma nova perspectiva no estudo do desenvolvimento humano.

Judy Dunn e Robert Plomin são os dois mais eminentes representantes desta actual tendência na investigação desenvolvimentalista⁹⁶. Em 1990, a partir da análise que fizeram da literatura existente sobre a origem das diferenças na fratria relativas a diversas características, estes dois autores concluíram que, relativamente aos traços físicos e às doenças, é pela estatura e pelo peso que os filhos diferem menos entre si, sendo que também estas características são as mais influenciadas pela hereditariedade e, inversamente, são as diferenças relativas às doenças as mais importantes e, consequentemente, as menos determinadas geneticamente. No que diz respeito às diferenças psicológicas, os mesmos autores verificaram que os estudos apontavam a religião como sendo o factor de semelhança mais importante e que não é influenciado geneticamente, enquanto que, por exemplo, a correlação média relativa à personalidade não ultrapassava os .15 para os membros de uma mesma fratria.

A partir destes resultados, Dunn e Plomin autorizaram-se a concluir que o meio era o factor mais importante na diferenciação dos irmãos. E que as poucas semelhanças que existem entre os membros de uma fratria são devidas mais à partilha de um mesmo património genético do que ao facto de terem vivido juntos; pelo contrário, as suas diferenças são determinadas tanto pelo meio como pela hereditariedade (Dunn & Plomin, 1990/1992).

⁹⁶ Dunn, inglesa, doutorada em psicologia do desenvolvimento, tem-se dedicado, sobretudo, ao desenvolvimento psicológico das crianças. Plomin, americano, é um grande especialista de genética (aplicada ao comportamento). Os dois são mundialmente conhecidos e têm escrito, em conjunto ou separadamente, uma vastíssima obra sobre a origem das diferenças na fratria.

É, pois, evidente que os irmãos diferem consideravelmente uns dos outros, apesar de crescerem na *mesma* família⁹⁷. Não podendo a hereditariedade ser responsabilizada por tantas diferenças, a origem destas tem de ser encontrada no meio.

Ora, ainda segundo estes autores, não será o meio partilhado o mais importante, senão "os irmãos deveriam assemelhar-se porque são submetidos às mesmas influências do meio partilhado" (*ibidem*: 51). Factores como as características parentais (sejam as atitudes educativas, o nível sócio-económico, a classe social, etc.) e o sistema escolar têm sido, tradicionalmente, considerados como exemplos de factores partilhados. Mas, analisando mais de perto a questão, sabe-se bem como os pais, por exemplo, se comportam diferentemente em relação a cada um dos filhos; e como, mesmo quando as suas atitudes são muito semelhantes relativamente a todos eles, elas são sempre percebidas diferentemente por cada um dos irmãos. Entre outras razões porque: 1) cada um dos filhos tem uma relação diferente com cada um dos pais – os genogramas ilustram bem quanto peculiares são as relações pais-filhos, até pelos mecanismos de projecção intergeracional; 2) quotidianamente, como a comunicação depende da "pontuação dos acontecimentos interpessoais" (Bateson, 1971/1981: 124) que é, compreensivelmente, subjectiva – "toda a experiência é subjectiva" (Bateson, 1979/1987: 36) –, a família, ou seja, os acontecimentos familiares nunca têm exactamente a mesma leitura para os diversos protagonistas em jogo, criando, por isso, contextos diferentes para cada um deles.

A discordância das pontuações acontece, também, porque os filhos têm idades/níveis de desenvolvimento diferentes e, por isso, interpretam diferentemente os comportamentos parentais. Por exemplo, como

⁹⁷ A família, durante muito tempo, foi considerada como um bloco monólito de experiências que seriam partilhadas de maneira idêntica por todos os seus membros (Dunn & Plomin, 1990/1992). Hoje pensa-se o contrário: que a família não é a mesma para cada um dos filhos. Ou é só (quase) a mesma para os gémeos, sobretudo para os geneticamente aparentados, por eles terem a mesma idade e o mesmo nível de desenvolvimento. Sabe-se que os pais, mesmos quando os filhos são gémeos monozigóticos, tendem a tratá-los de modo diferenciado: como as crianças não nascem simultaneamente, no caso de serem duas, uma tende a ser considerada como a mais velha e outra como a mais nova (Zazzo, 1960 *cit. in* Almodovar, 1986; Toman, 1993) e daí que lhes sejam atribuídas funções correspondentes a essa ordem de nascimento, o que cria um ambiente diferente para cada uma delas. Para os sistémicos da família, como veremos já nas páginas seguintes, é óbvio que o contexto familiar não é o mesmo para os seus diferentes membros.

verificaram Wallerstein & Kelly (1979)⁹⁸, uma criança pequena pode interpretar a saída de casa do pai, após o divórcio, como uma consequência do seu próprio comportamento, enquanto que o irmão mais velho, um adolescente, já não incorre nesse *erro*.

O mesmo acontece em relação a qualquer acontecimento da vida familiar. Veja-se a morte de um elemento da família: esse acontecimento não é sentido/percebido de igual modo por todos – e não é só porque é diferente o grau de desenvolvimento que cada um tem quando esse facto ocorre mas, também, porque é diferente a relação que cada um tem com esse membro...

Isto é: mesmo aquilo que aparentemente é objectivo e partilhado por todos os membros, é lido, sempre, subjectivamente. O que indicia que a percepção/interpretação dos acontecimentos é mais significativa do que os acontecimentos em si (Dunn & Plomin, 1990/1992).

Pode dizer-se então que, talvez fora alguns valores e mitos familiares, poucas coisas são inteiramente partilhadas pelos irmãos. Daí que se considere pouco relevante, para o desenvolvimento, o meio partilhado (e, sobretudo, para o desenvolvimento diferenciado dos irmãos: o meio partilhado, porque é partilhado, induz semelhanças e não diferenças). E se tenha dado ênfase ao meio não-partilhado, isto é, aos factores ambientais que agem de maneira diferente sobre cada uma das crianças de uma *mesma* família⁹⁹.

⁹⁸ *Cit. in Hoffman (1991).*

⁹⁹ Foram, sobretudo, os estudos que utilizaram gémeos que demonstraram a influência insignificante do meio partilhado (Schmitz *et al.*, 1996) e, portanto, fizeram sobressair um factor até agora negligenciado: o meio não-partilhado. Exemplo disso são os estudos de Baker & Daniels (1990), McGuire *et al.* (1994) e O'Connor *et al.* (1995). Nos estudos com gémeos monozigóticos estima-se, em geral, que o meio não-partilhado representa a fracção da variância que não se pode atribuir nem à hereditariedade nem ao meio partilhado (Dunn & Plomin, 1990/1992). Foram, também, as investigações com crianças adoptadas que lançaram luz sobre esta questão: se elas se assemelhassem, isso seria devido ao meio partilhado (já que na ausência de um património genético comum, a hereditariedade não pode ser responsabilizada pelas semelhanças); como elas são dissemelhantes pode deduzir-se que a hereditariedade exerce uma grande influência ou que elas são afectadas de maneira diferente pelo universo familiar (*idem, ibidem*). Alguns estudos feitos com crianças adoptadas referem correlações muito próximas do zero (Scarr *et al.*, 1981) – o que demonstra quanta pouca influência tem o meio partilhado.

No meio não-partilhado estará, então, a resposta para muitas das diferenças entre os irmãos. Ele pode definir-se como sendo constituído por todas as experiências específicas individuais que cada um tem no seio da família e fora dela. Esta nova concepção do meio implica que, mais do que analisar a sua influência numa base familiar, convém colocá-la à escala do indivíduo (Dunn & Plomin, 1990/1992). Isto é, se quisermos perceber as influências do meio no comportamento, temos de estudar mais do que uma criança por família (Rowe & Plomin, 1981). Investigar as influências do meio *dentro* da família é mais profícuo do que investigá-las *entre* famílias. Por outras palavras: comparar uma criança que experimentou menos amor com o seu irmão é mais importante que comparar essa criança com outra que vive na rua (Daniels & Plomin, 1985) – não só para desvendarmos os segredos das influências do meio no desenvolvimento (normal e anormal) dos irmãos mas também de todas as crianças (Dunn, Stocker & Plomin, 1990)¹⁰⁰.

Para Rowe & Plomin (1981) as principais fontes de experiências não-partilhadas, e aquelas que mais têm sido estudadas, são as seguintes (Quadro 1).

Quadro 1: fontes de experiências não-partilhadas entre os irmãos (Rowe & Plomin, 1981: 524)

factores acidentais	interacção entre os irmãos	estrutura familiar	tratamento parental	redes extra- familiares
agentes teratogénicos	tratamento diferenciado	ordem de nascimento	tratamento diferenciado dos filhos	grupo de pares não-partilhado pelos irmãos
doenças físicas	desidentificação	espaçamento entre os irmãos	interacções de cada um dos pais com as características dos filhos	parentes professores
traumas pré- -natal e pós- -natal				
separação				televisão

¹⁰⁰ A influência do meio não-partilhado no desenvolvimento patológico dos adolescentes foi empiricamente verificado por Reiss *et al.* (1994).

Destas fontes, os *factores acidentais* são os que menos nos elucidam sobre as diferenças entre os irmãos. É certo que o facto de uma mãe contrair rubéola durante a gravidez de um dos filhos é um acontecimento que dá origem a experiências diferenciadas, não só porque afecta física e/ou psicologicamente a própria criança como, consequentemente, as suas relações com os outros. Este e outros factores acidentais podem ter, de facto, um grande impacto numa criança em particular, mas têm um poder explicativo limitado na população em geral, dado a sua baixa incidência (*idem, ibidem*)¹⁰¹. Para compreendermos as diferenças entre os irmãos, as restantes quatro fontes de influências do meio não-partilhado são mais profícuas, porque mais universais.

Iremos ver como a *interacção entre os irmãos e o tratamento parental* têm sido investigadas e qual a importância que lhes é atribuída na variabilidade entre os irmãos (a *estrutura familiar*, nomeadamente, a ordem de nascimento, será objecto do próximo sub-capítulo e como nos interessa, aqui, perceber apenas as fontes das diferenças entre os irmãos no seio da família, excluimo-nos de perscrutar as diferenças devidas às *redes extra-familiares*).

Um dos primeiros estudos sobre as influências do meio familiar não-partilhado, e que mostrou quanto as relações dentro da fratria são "experiências diferenciadas"¹⁰², foi feito por Daniels e Plomin, em 1985: os resultados indicaram que os adolescentes e jovens adultos percepcionavam a interacção com os seus irmãos (identicamente à interacção com o grupo de

¹⁰¹ Aos factores acidentais, Dunn & Plomin (1990/1992) preferem designá-los, genericamente, como factores do "acaso". Do acaso, para Dunn & Plomin, fazem parte todos os acontecimentos imprevisíveis sobre os quais o indivíduo não tem controlo: como as doenças, os acidentes e tudo o que se produz fora do círculo familiar (as relações de amizade ou os problemas escolares). Por definição, o acaso, bom ou mau, nunca pode ser partilhado pelos irmãos (*idem, ibidem*). A relação entre o acaso e o desenvolvimento ainda é um assunto pouco explorado. Mas o acaso é, de certeza, uma fonte de experiências não-partilhadas e pode ter um papel significativo no desenvolvimento individual, na medida em que, como se sabe, um acontecimento fortuito pode mudar drasticamente uma existência.

¹⁰² Avaliadas com o SIDE – *Sibling Inventory of Differential Experience* – criado por Daniels & Plomin, em 1984, e que mede as percepções dos sujeitos sobre as suas relações com os pais (mãe e pai, separadamente), irmãos e com os pares.

pares mas de forma muito mais significativa do que o comportamento parental) como a maior fonte de experiências diferenciadas¹⁰³. O que vem sublinhar tudo o que atrás se disse sobre a fratria, em especial quando falámos dos ciúmes e da rivalidade entre os irmãos: as relações entre estes são vividas de modo diferente e, por isso, são geradoras de experiências diferenciadas. Um sente-se usurpado, outro é o usurpador, um é mais *bebé* porque é o mais novo, outro é mais *responsável* porque é o mais velho, um pode ser o preferido da mãe, o outro do pai, um é do sexo feminino, o outro é rapaz...

As diferenças entre os irmãos são intensificadas por eles mesmos. Ao que parece, os irmãos têm tendência a contrastarem as suas características, possivelmente para impedirem a rivalidade entre si – este processo foi apelidado de "desidentificação" por Schachter (1976, 1982, 1985)¹⁰⁴. Por exemplo: numa família onde o primogénito tem uma alta realização académica, o segundo irmão pode desidentificar e desvalorizar esse aspecto¹⁰⁵. Talvez o que motiva este processo contra-identificatório seja não só o evitamento da rivalidade mas, também, para que cada irmão possa afirmar a sua identidade ou, melhor, diferenciar-se dos outros no seio do grupo fraterno.

Os pais também vêem a interacção entre os filhos como diferente, embora em muito menor grau do que é referido pelos próprios irmãos: 60% dos pais referem que um dos filhos testemunha mais amizade do que aquela que recebe, enquanto que 40% refere que um dos filhos é mais hostil do que o outro (Daniels *et al.*, 1985; Dunn & Plomin, 1990/1992).

Embora na investigação atrás citada, de Daniels & Plomin (1985), os irmãos considerem as relações entre si como mais diferenciadas do que as suas relações com os progenitores, na maior parte dos estudos o tratamento

¹⁰³ Os resultados mais detalhados desta investigação podem ser consultados em Daniels & Plomin (1985), Daniels (1986), Dunn & Plomin (1990/1992) e Plomin (1994).

¹⁰⁴ *Cit. in* Rowe & Plomin (1981); Musitu, Román & Gracia (1988) e Reiss *et al.* (1994).

¹⁰⁵ Nas famílias problemáticas este processo de desidentificação é muito comum e utiliza, geralmente, características de personalidade com pólos extremos, positivo e negativo, de uma forma constante e rígida, por exemplo: um irmão é sempre considerado (ou auto-considera-se) como o "mau", o outro como o "bom" (Musitu, Román & Gracia, 1988; Meynckens-Fourez, 1999). Ver também, a este propósito, Freud (1996/1920).

parental aparece como sendo a maior fonte de diferenciação no seio da família e, sobretudo, o comportamento maternal – como iremos ver já de seguida.

Por um lado, o tratamento diferenciado (real ou percebido) dos pais parece afectar o desenvolvimento dos filhos, como tem sido sublinhado por alguns autores. Nomeadamente, Daniels *et al.* (1985), ao estudaram a relação entre as diferenças vividas por cada um dos membros de fratrias de dois adolescentes e o ajustamento psicológico de cada um deles, verificaram que o mais ajustado dos dois era aquele que tinha recebido mais afeição maternal¹⁰⁶. Em 1986, quando Daniels investigou as diferenças experienciadas pelos irmãos e as relacionou com a realização profissional futura, os resultados foram no mesmo sentido que os obtidos anteriormente sobre o ajustamento: o membro da fratria que esperava obter maior realização profissional era aquele que tinha percepcionado maior afeição maternal. O comportamento maternal também foi relacionado com a auto-estima e com a competência: os irmãos que, por comparação, receberam menor afeição maternal foram aqueles que apresentavam menores índices nesses dois aspectos (Dunn & Plomin, 1990/1992). Num estudo recente, McHale *et al.* (1995) encontraram que o tratamento diferenciado dos pais¹⁰⁷ estava relacionado com o bem-estar dos filhos: o mais favorecido era o que apresentava maior nível de bem-estar.

Estes e outros estudos¹⁰⁸ provam quanto o comportamento parental é (e é percepcionado como sendo) desigual e como este aspecto contribui para o desenvolvimento diferenciado dos irmãos. As expectativas diferenciadas dos pais relativamente a cada um dos filhos são um bom exemplo disto: no estudo já atrás citado, de Daniels *et al.* (1985), os adolescentes que tinham

¹⁰⁶ O ajustamento psicológico era bastante diferente para cada um dos dois irmãos: uma correlação média de .15. Idênticos resultados foram obtidos, mais tarde, com uma amostra de crianças, num estudo desenvolvido por Dunn, Stocker & Plomin (1990).

¹⁰⁷ Inicialmente os estudos focaram o comportamento das mães em relação aos seus filhos. Mais recentemente, os investigadores começaram a integrar os pais-homens.

¹⁰⁸ Nomeadamente os estudos com gémeos monozigóticos têm evidenciado que os gémeos diferem na medida em que são tratados diferentemente pelos pais (Dunn & Plomin, 1990/1992).

recebido mais expectativas parentais positivas eram, também, os que apresentavam maiores índices de ajustamento.

Os pais têm consciência que tratam os seus filhos diferentemente. Clifford (1959) e Newson & Newson (1970)¹⁰⁹ referem que os pais exprimem frequentemente ansiedade sobre o papel que os seus próprios comportamentos jogam no desenvolvimento das relações entre os seus filhos. Isto é: para além de afectarem o desenvolvimento individual dos filhos, parece que parcialidade parental influencia também (e consequentemente) a qualidade das relações entre os irmãos. Sobretudo, parece interferir no nível de conflitualidade entre os irmãos. Já vimos acima, por diversas vezes, como a preferência e/ou a desigualdade do tratamento parental é responsável pelo desencadear de conflitos entre eles (a história de Caim, a de José e seus irmãos são, apenas, dois bons exemplos do que acabámos de referir). Alguns autores têm encontrado, de facto, a existência de uma relação estreita entre a *negatividade* das relações fraternais e o comportamento parental diferenciado (Dunn & Kendrick, 1981a, 1981b, 1982/1986; Furman & Buhrmester, 1985a; Brody, Stoneman & Burke, 1987; Stocker & McHale, 1992; Volling & Belsky, 1992; Brody, Stoneman & McCoy, 1992a, 1994; Brody & Stoneman, 1994; Brody, Stoneman & Gauger, 1996).

Uma das questões que é lícito colocarmos é se o tratamento diferenciado dos pais não é uma resposta adequada às diferenças de desenvolvimento dos filhos. Provavelmente os pais limitam-se a reagir às diferenças existentes entre os seus filhos (Dunn & Plomin, 1990/1992). O que parece, em parte, verdade: em determinados momentos os pais tendem a favorecer o filho cuja situação é julgada como sendo a mais desfavorável (a mãe que cuida do seu bebé e que *descuida* os seus filhos maiores, enquanto o pai intensifica a relação com estes, é um exemplo claro não só da divisão de tarefas entre o casal, como daquilo que os pais sentem que é necessário fazerem num período específico do desenvolvimento dos filhos). McHale *et al.* (1995) puderam observar como o estágio de desenvolvimento e a ordem de nascimento das crianças tinham a ver com a maneira como elas percebiam o tratamento parental: os mais novos (que tinham uma idade média de oito anos) mostravam-se mais vulneráveis do que os mais velhos (idade média de dez anos e meio) ao comportamento diferenciado dos pais. Por um lado isto deve-se, segundo os autores (*ibidem*), ao facto dos primogénitos, como pré-adolescentes, estarem mais virados para o mundo fora da família, enquanto

¹⁰⁹ Autores citados in Stocker, Dunn & Plomin (1989).

os mais novos estavam numa idade de maior "comparação social"; por outro lado, como os mais velhos se sentem *obrigados* a darem o exemplo aos mais novos, aceitam melhor a legitimidade do comportamento diferenciado dos pais; finalmente, o seu elevado poder inerente ao estatuto de primogénitos torna-os mais seguros e, portanto, menos afectados pela *injustiça* parental.

Ficamos, então, com a questão de saber se o tratamento diferenciado dos pais é causa ou efeito das diferenças (físicas e psicológicas) existentes entre os irmãos. É claro que as crianças são desiguais logo desde a nascença (quando nasce o segundo filho os pais têm uma clara percepção dessas diferenças...) e talvez o tratamento diferenciado parental seja, apenas, uma resposta ao comportamento diferenciado dos filhos. Brody, Stoneman & McCoy (1992b) verificaram que as pequenas diferenças entre os irmãos em termos de emotividade negativa podem, com o tempo, fazer aparecer altos níveis de tratamento diferenciado por parte dos pais, o que pode, por sua vez, aumentar as diferenças de níveis de emotividade negativa entre os membros da fratria. No estudo de Daniels *et al.* (1985), sobre o ajustamento e as experiências diferenciadas, a questão que os autores se colocam é mesmo essa: os adolescentes que declararam ter recebido menos afeição maternal e que eram os mais desajustados não terão percebido mais diferenças no tratamento maternal por serem os mais desajustados?

Sobretudo os autores psicanalíticos têm enfatizado quanto o temperamento de um filho, assim como o próprio fenótipo deste, despertam, nos pais, um jogo complexo de fantasmas e projecções inconscientes que se reflectem no modo como estes se relacionam com ele – a preferência ou a não-preferência pode encontrar aí uma explicação: um filho que se assemelha física e/ou psicologicamente a uma figura querida do passado dos pais pode mais facilmente ser amado do que se acontecer o inverso. Também uma característica objectiva como é o sexo da criança pode, logo à partida, condicionar a relação pais-filho, na medida em que é ou não o sexo desejado para aquela criança em particular (e pode ser o desejado para a mãe e não para o pai...).

Os resultados das investigações de McHale & Gamble (1989) e McHale & Pawletko (1992) demonstram bem quanto as características dos filhos podem modelar o tratamento diferenciado dos pais. Ao compararem famílias sem filhos deficientes com famílias em que o filho mais novo era deficiente, estas autoras verificaram o seguinte: nas famílias com um deficiente o

tratamento parental diferenciado era muito maior do que nas famílias sem deficiente¹¹⁰.

Apesar de Daniels & Plomin (1985) e Daniels (1986) terem sugerido que, na origem, as experiências diferenciadas dos irmãos têm pouca influência genética e que elas são, essencialmente, ambientais – como acabámos de ver – algumas características determinadas geneticamente (como algumas deficiências e, em geral, o fenótipo de cada criança) podem também interferir no modo como os pais se relacionam com os filhos.

Assim, pode concluir-se que há uma intrincada relação entre as características (físicas e psicológicas) dos filhos e o comportamento dos pais relativamente a estes e que, se é difícil estabelecer uma relação de causa-efeito entre estes dois aspectos (como, aliás, é comum nas ciências humanas), é imprescindível considerar-se esta recursividade se quisermos perceber as diferenças nas relações pais-filhos (Amato, 1989). Isto é: se queremos estudar o tratamento parental, nada melhor que socorrer-mo-nos do modelo complexo do desenvolvimento humano proposto por Bronfenbrenner & Crouter (1983)¹¹¹: "indivíduo x processo x contexto" – que permite que se considere que, numa mesma família, os mesmos processos podem ter diferentes implicações para cada um dos filhos, por estes terem diferentes características e, por isso, viverem diferentemente o *mesmo* contexto familiar (sobretudo porque cada um o interpreta/percepção subjectivamente¹¹²).

Por último, resta-nos sublinhar que a percepção da parcialidade parental tem sido vista como estando associada a uma maior competição e conflitualidade entre os irmãos: genericamente, considera-se que ela tem repercussões

¹¹⁰ Por exemplo, as mães dispendiam mais tempo com o filho deficiente, embora, nalgumas actividades, e algumas delas, tentassem compensar o filho são – estes sentiam que o comportamento diferenciado dos pais era legítimo, embora alguns deles se sentissem negligenciados.

¹¹¹ Cit. in McHale & Crouter (1996). Este modelo complexo, como refere Minuchin (1985), providencia uma importante perspectiva contextual e tem sido aplicado com sucesso em diversas áreas.

¹¹² Em tudo na vida: conta mais a percepção do que a realidade. Porque, provavelmente, o real, *per se*, não existe. Por mais igualitários que sejam os pais, os filhos nunca percebem (nem perceberão) que são tratados da mesma maneira.

negativas naqueles que percebem receber menos, na medida em que, como o observou, com perspicácia, Charles Dickens (1959)¹¹³:

"No mundo restrito onde se desenrola a existência de uma criança, (...) não há nada que ela perceba com tanta acuidade e que sinta com tanta intensidade como a injustiça".

Em jeito de conclusão, podemos dizer que o meio não-partilhado é o principal responsável pelas diferenças dos irmãos, sendo que o tratamento parental¹¹⁴ aparece como o factor que mais potencia (e é potenciado por) essas diferenças, embora a fratria *per se* desempenhe, também, um papel importante e poderoso, assim como as experiências não-partilhadas que se exercem fora do círculo familiar e aquelas que são devidas ao acaso. Como diz Dunn (1983): se é verdade que para compreendermos as origens da espantosas diferenças individuais entre os irmãos e para avaliarmos a sua influência no desenvolvimento é necessário examinarmos as diferenças na qualidade das relações parentais com cada filho, na mútua influência destas relações familiares com o temperamento de cada um, também é verdade que é necessário estudar as variáveis da estrutura familiar.

É dessas variáveis da estrutura familiar – e de como elas estabelecem diferenças entre os irmãos – que falaremos nas páginas que se seguem.

¹¹³ *Cit. in* Dunn & Plomin (1990/1992: 81).

¹¹⁴ É óbvio que a influência dos pais é uma das dimensões não negligenciáveis no desenvolvimento das crianças. E ela exerce-se, até, fora do círculo familiar. Por exemplo, sabe-se que os pais influenciam a escolha dos pares. Sobre este aspecto, embora os investigadores tenham claramente documentado o poderoso papel dos pais antes da adolescência (para formar as capacidades sociais das crianças e para dirigir as suas relações com os pares), os estudos sobre o quanto essas influências continuam durante a adolescência são em muito menor número (Brown *et al.*, 1993).

A ORDEM DE NASCIMENTO

"a posição que uma criança ocupa na sequência da família é factor de extrema importância na determinação de sua vida posterior, e deve merecer consideração em toda a anamnese"

Sigmund Freud in O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais, p. 390.

Algumas explicações para as acentuadas diferenças dentro da fratria fazem-nas depender das variáveis da constelação fraternal, especificamente da ordem de nascimento, sexo, diferenças de idade entre os irmãos e tamanho da fratria. Estes estudos sobre o *status* fraternal designá-los-emos, genericamente, como estudos sobre a ordem de nascimento¹¹⁵.

Tem sido sugerido, por inúmeros autores, que a ordem de nascimento é uma variável importante para se compreender o desenvolvimento social, emocional e intelectual dos indivíduos. Adler, como veremos melhor oportunamente, foi o primeiro a dar uma importância capital a este factor familiar. E Freud, apesar de remeter, quase sempre, a fratria para um papel de continente dos conflitos edipianos (e, portanto, secundário, pela possibilidade que permite de "lateralizar" os afectos do complexo principal, o de Édipo), não deixa de considerar a posição fraternal como um "factor de extrema importância" no desenvolvimento individual, como podemos ler no extracto que escolhemos para epígrafe deste sub-capítulo. De modo quase idêntico, Wallon (1952)¹¹⁶ escreveu que a criança:

"está como que encastrada num conjunto que tem para ela uma extrema importância, porque este conjunto

¹¹⁵ Fizemos esta opção porque, parece-nos, grande parte dos estudos são exclusivamente sobre a ordem de nascimento. Poucos deles incluem as restantes variáveis da constelação fraternal: o sexo dos irmãos, o tamanho da fratria e as diferenças de idades.

¹¹⁶ *Cit. in Gayet (1993: 11).*

delimita a sua personalidade, na realidade, uma fonte de interesses, de sentimentos, de exigências, de decepções que estão ligados ao lugar ocupado por ela na constelação familiar".

Como em todas as áreas da psicologia, e como atrás ficou demonstrado a propósito dos estudos sobre as influências da hereditariedade e do meio, também aqui reina uma grande diversidade de opiniões. Se há autores que consideram e têm encontrado significativa evidência da influência da ordem de nascimento nalguns aspectos da personalidade, outros, bem pelo contrário, acham-na implausível e apontaram correlações irrisórias e, até, espúrias entre as duas variáveis.

São várias as razões para estas incongruências dos resultados. Uma delas pode ser, desde logo, resultante das diversas metodologias utilizadas nos diferentes estudos, nomeadamente a medição das características dos indivíduos através de diferentes instrumentos que, para além de, na realidade, medirem a mesma característica diferentemente, tornam quase impossível a comparação entre os estudos; outra explicação, mais de ordem filosófica, prende-se com o facto sobejamente conhecido de que, se calhar, cada um só encontra aquilo que procura... Mas, talvez, uma das razões principais seja a de que, grande parte dos estudos são unicamente estudos sobre a ordem de nascimento. Quando muito, os autores incluem a variável sexo, mas mais raramente o espaçamento entre os irmãos e o tamanho da fratria¹¹⁷. Ora, parece que, como Schooler (1972) concluiu¹¹⁸: é necessário "complexificar" este género de estudos com todas as variáveis da

¹¹⁷ Veremos oportunamente como estes aspectos são importantes quando fazemos a leitura da posição de cada indivíduo na fratria: pertencer a uma fratria unissexual é diferente de pertencer a uma fratria onde existem os dois sexos; ter irmãos muito próximos em idade é distinto de tê-los muito espaçados; pertencer a uma fratria de dois não é a mesma coisa que pertencer a uma fratria de três ou mais. Vários autores constataram como todos ou, às vezes, apenas alguns destes factores da constelação fraternal (depende do comportamento que se estuda) fazem não só variar a experiência de cada criança na fratria como, também, influenciam o modo como os irmãos se relacionam entre si (Abramovitch, Corter & Lando, 1979; Abramovitch, Corter & Pepler, 1980; Minnett, Vandell & Santrock, 1983).

¹¹⁸ Ao fazer uma revisão de alguns estudos sobre a ordem de nascimento, Schooler encontrou, de facto, resultados contraditórios, tanto naqueles que utilizavam amostras "psiquiátricas", como naqueles cujos sujeitos eram retirados da população geral.

constelação familiar para, assim, melhor se poder compreender as influências da ordem de nascimento na determinação das características individuais.

Outro motivo importante, e que tem sido apontado por diversos autores, é que se tem tentado descobrir, em todos os domínios da personalidade (na inteligência, nos estados emocionais, no espírito de iniciativa e em outros traços individuais da mesma natureza), diferenças entre as várias posições fraternais (König, 1958/1996). Como se a ordem de nascimento fosse tudo. Vários autores não se têm cansado de repetir que "a constelação familiar não explica tudo" (Toman, 1959a: 208). Para Toman, bem como para muitos outros investigadores desta área (nomeadamente: König, Forer, Osterrieth, etc.), são, sobretudo, os aspectos relacionais (e.g. o grau de sociabilidade ou o comportamento social) os mais modelados pelo lugar que cada um ocupa na sua fratria de origem (*cf.* segunda parte). Os estudos sobre a inteligência, por exemplo, têm sido pouco animadores: dentre os vários descritores do *status* fraterno, apenas o tamanho da fratria tem sido associado, negativamente, com o nível intelectual – mas mesmo esta relação, segundo Guo & VanWey (1999), é muito duvidosa. Estes autores controlaram diversas variáveis familiares e encontraram que o meio familiar (sobretudo o "clima intelectual do lar", ou seja, a orientação dos pais para o conhecimento e a aprendizagem) e/ou a herança genética da família eram mais determinantes do rendimento intelectual dos filhos do que, propriamente, o tamanho da fratria.

De facto, a ordem de chegada não é tudo, mas é alguma coisa. Desde logo, para os pais: é diferente *começar* a ser pai de *continuar* a sê-lo, à medida que os filhos vão chegando:

"A díade alarga-se a uma tríade, e a «revolução» afectiva dos futuros pais é acompanhada de uma redistribuição de papéis, funções e imagens identificatórias a três níveis fundamentais: no seio do próprio par, nas relações entre os esposos e as famílias de origem e nas relações com os contextos envolventes mais significativos (profissional, de amizade, *rede* de suporte social)" (Relvas, 1996: 77-78).

A alteração do estatuto de cada um dos membros do casal é das mudanças mais visíveis: a mulher, para além de esposa passa a ser mãe; o homem, para

além de marido, passa a ser, também, pai. Com o nascimento do primeiro filho inaugura-se uma nova etapa no ciclo de vida da família¹¹⁹.

Mas, antes do nascimento, há o desejo *tout court* de ter um filho¹²⁰. Como escreveu Eduardo Sá (1995: 11): "Tenho dito que um filho nasce primeiro na imaginação e nos sonhos dos pais e que, portanto, num plano emocional, se nasce... antes de nascer". Depois desse primeiro desejo vêm outros: que ele seja um rapaz ou uma rapariga, que seja desta ou daquela maneira, que venha a ser isto ou aquilo, etc.. Os psicólogos têm largamente escrito sobre como as expectativas dos pais modelam as relações futuras com o filho e de como estas são importantes para o desenvolvimento individual do mesmo.

As expectativas sobre o sexo do primeiro filho são das mais importantes. Porque têm a ver com a identidade que será atribuída à criança, com reforço de determinados comportamentos e atitudes que são socialmente esperadas para cada sexo: «O meu bebé vai ser um rapagão forte, comilão, e mexido», ou pelo contrário, «a minha menina vai ser doce, sossegada, meiga» (Gonçalves, 1993: 73). Se o primeiro filho é do sexo esperado, o sexo do segundo importa menos; caso contrário, o desejo parental vai alimentar-se desta primeira decepção (Gayet, 1993). A educação do primogénito, a programação do nascimento seguinte e o sexo desejado para o segundo filho dependem, em parte, deste desejo inicial. Se os pais desejam um rapaz e se o primeiro, o segundo, o terceiro filho são raparigas, é provável que os pais contrariem a identidade sexual de uma destas raparigas. Assim, por exemplo, acontece muitas vezes que a última de uma fratria de raparigas deverá realizar as ideias do pai sobre a virilidade (*idem, ibidem*).

O sexo do primogénito parece interferir na decisão dos pais de terem outros filhos. Como verificou Toman (1971), as fratrias que começavam por um rapaz eram maiores do que as começadas por uma rapariga (as diferenças

¹¹⁹ Há quem defenda que o nascimento do primeiro filho assinala o nascimento da família; outros, pelo contrário, consideram que a família começa com a formação do casal e que o nascimento do primeiro filho é, já, a segunda etapa do ciclo de vida familiar (para mais detalhes sobre este assunto ver o esclarecido livro: *O ciclo vital da família*, de Relvas, 1996).

¹²⁰ Na maior (?) parte das vezes! Se fosse o desejo que comandasse o nascimento...

eram estatisticamente significativas)¹²¹. A explicação para este facto é difícil de discernir. O autor pergunta-se: isto significa que os pais cujo primogénito é uma rapariga tendem a parar de ter filhos mais cedo do que outros pais porque desejam um rapaz e acreditam que não o terão ou, então, quando o primeiro filho é um rapaz eles desejam uma filha e continuam?¹²²

Qualquer que seja o sexo, as expectativas dos pais ficam completamente goradas quando, e sobretudo, o primeiro filho nasce deficiente¹²³. Esta situação, como refere Relvas (1996: 104), vai, certamente, interferir no desejo dos pais de aumentarem a progenitura:

"Se o primeiro filho nasce com uma deficiência, os pais podem alterar o projecto de ter outros ou, pelo contrário, (...) [podem decidir] ter mais um, em quem vão depositar todas as expectativas de sucesso social e pessoal e a quem vão mesmo entregar a responsabilidade futura do irmão mais velho".

As expectativas parentais estão directamente relacionadas com a atribuição de papéis a cada um dos filhos. Tal como acontece em qualquer grupo, a

¹²¹ Os pais cujo primogénito era um rapaz tinham, em média, mais 1.51 filhos; quando era uma rapariga a média ficava nos 1.38 filhos; quando os dois primeiros filhos eram rapazes a média de filhos que se seguia era de 1.07; se os dois primeiros eram raparigas a média era de .71; etc. – todas as configurações começadas por rapazes eram, portanto, maiores do que as começadas por raparigas (*idem, ibidem*).

¹²² Ou talvez, perguntamos nós, há trinta anos atrás, na época em que Toman investigou esta questão, e embora os pais desejassem ter um filho-rapaz: eles não ficariam mais *tranquilizados* quando tinham filhas, para ajudarem na vida doméstica e para tomarem conta deles na velhice?

¹²³ Pimentel (1997) estudou, longitudinalmente (desde os primeiros dias até ao fim do primeiro ano de vida), alguns bebés diferentes (prematurados e com síndrome de Down) e a relação destes com as suas respectivas mães. Verificou, entre outras coisas, que "há uma estreita relação entre a qualidade do processo interactivo e os factores emocionais da mãe", nomeadamente, quando esta apresenta níveis intensos de "ansiedade, depressão, frustração ou sobrecarga" – como é o caso das mães dos bebés diferentes – a dinâmica interactiva mãe-bebé é influenciada e pode "comprometer o processo de adaptação mútua" (*ibidem*: 423). Nota: a deficiência na fratria será abordada, mais exaustivamente, no próximo capítulo.

atribuição de papéis, na família, embora menos estereotipados, é uma realidade. Na fratria, a atribuição de papéis faz-se, sobretudo, segundo a ordem de nascimento e o sexo. Há que ter em conta que os diferentes grupos étnicos dão uma importância diferente ao papel que cada um tem derivado da sua posição na fratria (McGoldrick & Gerson, 1985/1997). Seja como for: em todas as sociedades, aos mais velhos e aos mais novos, aos rapazes e às raparigas, espera-se que eles desempenhem determinadas funções e que se comportem em consonância. Mesmo em relação aos gémeos idênticos, e sobretudo se são os primogénitos da fratria, sabe-se como os pais têm tendência a considerarem um como sendo o mais velho e o outro o mais novo (Zazzo, 1960¹²⁴; Toman, 1993). Esta atribuição é, segundo Zazzo, feita de maneira tão arbitrária quanto fantasista (Almodovar, 1986). Se os gémeos forem não idênticos e tiverem um sexo diferente um do outro, para Toman (*ibidem*: 29), será a "autoridade e a preferência" dos pais que irá determinar a posição fraternal destas crianças. Assim: se o pai for um irmão mais velho e a mãe uma irmã mais nova, o rapaz será, provavelmente, considerado como o mais velho e a rapariga como a mais nova, mesmo que a ordem de nascimento tenha sido a inversa (*idem, ibidem*).

Cada um vai, pois, assumir um ou vários papéis familiares, únicos e diferentes, papéis que lhe são atribuídos pelos pais, pelos irmãos e, até, por si próprio. Como disseram Faber & Mazlish (1987/1995): os pais atribuem papéis aos filhos; os filhos dão-se a eles próprios papéis; os filhos dão-se papéis uns aos outros.

E, em geral, os papéis familiares são complementares uns dos outros: um membro é irresponsável, outro responsável; um doente, outro sadio; um caloroso, outro frio; um forte, outro fraco; um dominante, outro submisso; um extrovertido, outro introvertido; etc.¹²⁵.

¹²⁴ Cit. in Almodovar (1986). Zazzo é considerado um especialista sobre a psicologia gemelar (Voisenat, 1986).

¹²⁵ Já vimos acima, a propósito da desidentificação, como são as famílias mais problemáticas que utilizam, geralmente, papéis mais extremados e rígidos, enquanto que nas famílias menos problemáticas o processo de interação é mais dinâmico e cíclico. Nas famílias *normais*, os atributos/papéis de cada um dos membros não parecem ser tanto do tipo avaliativo, embora sejam muito diversos e, portanto, benéficos para a diferenciação dos irmãos (Musitu, Román & Gracia, 1988).

O conjunto de papéis de cada pessoa forma um *cluster* de papéis (Rodgers, 1977)¹²⁶. Por exemplo: numa família com dois filhos, um em idade escolar e outro adolescente, a mãe terá os seguintes papéis: papel de esposa, papel de mãe de um filho em idade escolar, papel de mãe de um adolescente. Este conjunto de papéis constitui o *cluster* dos papéis da mãe-esposa desta família (Cusinato, 1988/1992). O primeiro filho é, inicialmente, apenas isso; depois, com o nascimento de um ou mais irmãos, passa a ser filho e irmão mais velho. O segundo pode manter-se o mais novo ou tornar-se o do meio, etc.. O conjunto de *clusters* familiares está em permanente mudança (*idem, ibidem*).

Vários foram os autores que demonstraram que a atribuição dos papéis na fratria está intimamente ligada à ordem de nascimento. Por exemplo, Baskett (1984), ao estudar as interações entre os irmãos mais velhos e os irmãos mais novos e entre estes e os pais, observou que os mais velhos preferiam interagir com os pais, enquanto que os mais novos tendiam a dividir as suas interações com os pais e os irmãos mais velhos. Este facto, considera Baskett, poderia dever-se a uma maior identificação dos mais velhos com os pais e às mais altas expectativas destes relativamente aos primogénitos, enquanto que os mais novos perceberiam tanto os pais quanto os irmãos mais velhos como modelos válidos de identificação; por isso mesmo, a maior conformidade e a menor popularidade dos mais velhos poderiam resultar de um maior contacto destes com os pais do que com os irmãos e de uma maior recepção de respostas negativas, por parte dos pais (*idem, ibidem*).

Posteriormente, Baskett (1985), ao estudar as expectativas dos adultos (pais e estudantes de psicologia sem filhos) sobre o comportamento das crianças, concluiria que, de facto, as expectativas dos adultos baseavam-se na ordem de nascimento das crianças e funcionavam independentemente do comportamento actual destas, dando origem a profecias que se auto-realizavam. Os adultos tinham expectativas mais altas e avaliavam mais positivamente os primogénitos do que os filhos únicos e os filhos mais novos. Concretamente, os adultos esperavam que os mais velhos fossem os primeiros em tudo (líderes dominadores) e, também, os mais obedientes e responsáveis, securizantes, auto-confidentes e independentes. Esperavam que os filhos únicos fossem os mais academicamente orientados e com mais alta realização mas, também, os mais egoístas e os menos simpáticos.

¹²⁶ Cit. in Cusinato (1988/1992).

Finalmente, esperavam que os mais novos fossem os mais simpáticos, os mais sociáveis e populares, os menos obedientes e realizados e os menos securizantes (*idem, ibidem*).

As expectativas diferenciadas dos pais, baseadas na ordem de nascimento dos filhos, conduzem, obrigatoriamente, a um tratamento diferenciado dos primeiros relativamente aos segundos. Para além da ordem de nascimento dos filhos, o tratamento parental diferenciado parece ser função de outros factores como, por exemplo, o favoritismo dos pais, como já vimos acima. E a preferência parental, por sua vez, parece ser função dos processos de identificação pais-filhos.

Ora, a identificação entre pais e filhos parece ser, também, dependente da ordem de nascimento, desta feita, da ordem de nascimento dos próprios pais. Toman, como veremos melhor mais adiante, atribui uma importância capital a este fenómeno da identificação entre pais e filhos. E considera que se, de uma maneira geral, os pais tentam compreender o que um dos seus filhos sente e se se identificam com a situação em que este se encontra, psicologicamente (e logicamente) têm mais possibilidades de terem êxito com aquele que, na fratria, ocupa a mesma posição fraternal que eles ocupavam (Toman, 1993). A mesma opinião é partilhada por Faber & Mazlish (1987/1995), quando referem que os pais tratam os filhos em função da ordem de nascimento destes e, por vezes, em função da sua própria ordem de nascimento. E acrescentam: os pais "têm tendência a identificarem-se com o filho cujo papel corresponde mais estreitamente ao seu, durante a sua infância" (*ibidem*: 117).

Claro que a identificação é um processo recíproco: os filhos também se identificam com os pais. Ultimamente, alguns autores têm-se debruçado sobre esta identificação *ascendente* nas famílias com dois filhos e têm verificado que há uma tendência para que cada um deles se identifique com um pai diferente – este processo tem sido denominado por "divisão na identificação parental" (Musitu, Román & Gracia, 1988: 95) e está relacionado com a intenção que os irmãos têm de se desidentificarem uns dos outros, como falámos acima. Esta desidentificação parental origina que o primeiro par de irmãos – e, sobretudo, se forem do mesmo sexo – seja mais diferenciado entre si do que o par formado pelo primeiro e terceiro irmão, pelo segundo e pelo quarto, etc. (*idem, ibidem*). Nas famílias cujos pais têm/tiveram posições fraternais diferentes, esta reciprocidade e divisão identificatória reforçaria as diferenças entre os filhos, e, conseqüentemente, as características dadas pela ordem de nascimento.

Por tudo o que acabámos de dizer sobre a ordem de nascimento, é inegável que ela é um aspecto diferenciador dos irmãos (sobretudo pelos papéis que são inerentes a cada posição fraternal, pelas consequentes expectativas parentais e pelos processos identificatórios entre pais e filhos). Claro que o desenvolvimento da personalidade não depende, exclusivamente, destes factores relacionados com o *status* fraternal. A qualidade da relação com os pais, as atitudes e expectativas destes (outras que não as exclusivamente dependentes da ordem de nascimento dos filhos), os inúmeros acontecimentos da vida familiar e extra-familiar (como vimos no sub-capítulo anterior), influenciarão, e muito, a personalidade de cada um. Mas aqui trata-se, sobretudo, de realçarmos o que a fratria, ou a ausência dela, induz. E nunca é demais sublinharmos que ao incidirmos neste aspecto particular, que é o objectivo deste trabalho, nunca perdemos de vista o todo, que é muito mais complexo que tudo o que possamos aqui escrever...

Como o nosso estudo empírico se insere na problemática que podemos designar, genericamente, como fratria e personalidade, dedicaremos toda a segunda parte a uma revisão crítica sobre os principais estudos sobre este tema. E descreveremos, aí, algumas características que é comum encontrar-se nos sujeitos que ocupam a mesma posição fraternal (e.g.: filhos únicos, primogénitos, do meio e ultimogénitos), bem como as duas teorias que servem de base ao nosso estudo empírico (a de Sulloway e a de Toman). Antes, porém, para finalizarmos esta primeira parte, discutiremos algumas situações mais anómalas que podem acontecer na fratria, nomeadamente a morte, a doença e a deficiência de irmãos. E veremos como o significado e o impacto destes acontecimentos dependem, em parte, da posição fraternal de cada um dos irmãos sobreviventes ou indemnes, para além de outros factores familiares.

3. SITUAÇÕES PROBLEMÁTICAS NA FRATRIA

"Aqui, pois, está a festa (...). É, de facto, uma festa, apesar de tudo. É uma festa para os que ainda não morreram, para os que [estão] ainda relativamente incólumes, para aqueles que, por misteriosas razões, têm a sorte de estar vivos.

É realmente uma grande sorte"

Michael Cunningham in As horas, p. 221.

Qualquer acontecimento da vida familiar repercute-se em todos os seus membros: "uma visão corolário da perspectiva dos sistemas familiares é que um sintoma que apareça num membro geralmente sugere desarmonia ou disfunção em toda a família" (Fishel; 1991/1998: 48). Então, a *patologia*, na óptica sistémica, deixa de vista como estando "centrada num conflito intrapsíquico ou defeito na estrutura psicológica, para ser considerada relacionada com a disfunção do sistema em causa" (Sampaio & Gameiro, 1985/1992: 11). Geralmente, a perda por morte, dos pais e dos irmãos, é a situação mais dolorosa e problemática que o sistema familiar tem de enfrentar, sobretudo se essa perda é precoce e *anti-natural*: espera-se que as pessoas só morram quando idosas, que os pais feneçam antes dos filhos, que os irmãos nos acompanhem até à velhice...

A doença ou a deficiência num dos membros da família é, provavelmente, (quase) tão perturbadora como a morte – porque implica, igualmente, como veremos, uma perda.

Ora, a perda de um irmão (por morte, doença ou deficiência) é diferente da perda dos pais, desde logo porque as relações horizontais não são igualáveis às relações verticais (como vimos acima). Como se trata aqui de um estudo sobre a fratria, *esqueceremos* os pais e iremos debruçar-nos, apenas, sobre estas situações dramáticas que podem acontecer a um (ou a vários) dos irmãos e sobre a forma como isso afecta os restantes. Só pontualmente nos preocuparemos em descrever como é que os pais vivem esse problema, e sempre na medida em que essa vivência parental se reflecte no modo como

os filhos reagem perante o mesmo. Porque os pais são, pelo menos durante a infância dos filhos, a parte mais importante do sistema familiar: da valorização que os adultos fazem dos acontecimentos depende, em muito, a forma como se estrutura ou organiza o mundo das crianças.

Começaremos com a morte de irmãos. O desaparecimento físico de um membro da fratria, sobretudo em idades precoces dos irmãos, tem efeitos diversos daqueles que ocorrem quando a perda se verifica na idade adulta (veremos como a concepção da morte não é a mesma em todas as idades).

Depois falaremos conjuntamente da doença e da deficiência de irmãos. Justificavam-se dois espaços diferentes para abordar estas duas situações. Mas, em certa medida, a perda é equivalente: a não ser em casos muito graves que impliquem a hospitalização prolongada ou a retirada definitiva do irmão doente ou deficiente do meio familiar, a restante fratria tem de fazer o luto pelo irmão *são* ou *normal* na sua presença.

Outras situações problemáticas para a fratria poderiam ser exploradas: a morte ou o divórcio dos pais, a emigração ou o desemprego de um deles, ou outra qualquer situação que implicasse perdas para todos os elementos da fratria ou, apenas, para alguns deles: mudanças de escola, de residência, mortes de um membro da família alargada ou de amigos íntimos, homossexualidade, incesto, toxicodependência, suicídio... a lista é infinita! Em qualquer dos casos, qualquer alteração num dos membros da família repercute-se, como já o dissemos, na família e, conseqüentemente, na fratria.

Mas fiquemos com a morte e com a doença ou deficiência dos irmãos que, provavelmente pelas próprias conotações sociais e pela dor que engendram, parecem ser as situações que mais perturbam o *normal* desenvolvimento do sub-sistema fraternal e que põem em jogo as capacidades de separação dos sobreviventes e/ou indenes.

A MORTE DE IRMÃOS

"É mais do que certo e sabido que a morte, quer por incompetência de origem quer por má-fé adquirida na experiência, não escolhe as suas vítimas consoante a duração das vidas que viveram, procedimento este, aliás, entre parêntesis se diga, que, a dar crédito à palavra das inúmeras autoridades filosóficas e religiosas que sobre o tema se pronunciaram, acabou por produzir no ser humano, reflexamente, por diferentes e às vezes contraditórios caminhos, o efeito paradoxal duma sublimação intelectual do temor natural de morrer"

José Saramago in Todos os nomes, pp. 15-16.

Apesar de para todos nós, ontem como hoje, a morte *ser certa* – é um dos momentos cruciais no desenvolvimento humano, a última etapa do crescimento, como considera Kübler-Ross (1975/1985) – as atitudes perante este facto natural e inevitável nem sempre foram as mesmas ao longo da história. Ariès, o conhecido historiador francês, ao estudar a evolução destas atitudes constatou que a partir do séc. XIX houve uma mudança da "afectividade" em relação à morte – que passou a ser mais silenciada e temida:

"A atitude antiga, em que a morte é simultaneamente familiar, próxima e atenuada, indiferente, opõe-se muito à nossa, em que a morte provoca medo, a ponto de nem ousarmos dizer-lhe o nome" (Ariès, 1975/89: 25).

E essa mudança, segundo o historiador, teve a ver, entre outras razões e, sobretudo, nos últimos anos, com o avanço da medicina e com as alterações nas estruturas familiares:

"[Antigamente], toda a afeição disponível em cada indivíduo não se concentrava num número muito reduzido de pessoas (o casal e os filhos), era melhor dividida por um

grupo mais extenso de parentes e de amigos. A morte de um, mesmo entre os mais próximos, não destruía toda a vida afectiva; continuavam a ser possíveis substituições. (...) a morte nunca era a surpresa brutal que se tornou no séc. XIX, *antes* dos progressos espectaculares da longevidade. Fazia parte dos riscos quotidianos. Desde a infância, era mais ou menos esperada" (Ariès, 1977/1988: 335).

A morte de um filho era, então, mais frequente do que nos dias de hoje. As fratrias eram mais numerosas, os pais podiam encontrar "consolação" nos restantes filhos, os irmãos nos restantes membros do sub-sistema fraternal, a família nuclear nos restantes parentes... Isto não quer dizer que a morte fosse menos sentida e dolorosa mas, apenas, que o luto podia fazer-se mais rapidamente no seio dessas famílias grandes e alargadas (*idem, ibidem*). E até porque, sendo a morte um acontecimento mais frequente e, portanto, menos inesperado, era mais tolerado.

Mas actualmente, apesar de todos os progressos científicos e da consequente redução da mortalidade infantil – que criaram uma falsa ideia de perenidade até à velhice, cada vez mais prolongada – as pessoas (novas e velhas) continuam a morrer. A morte de pessoas idosas é mais ou menos aceite mas a morte de uma criança ou adolescente, dado o pequeno tamanho das fratrias de hoje, constitui-se, quase sempre, num acontecimento maior na vida dos restantes membros do sistema familiar. Isto porque quando uma criança morre pode acontecer, com muita probabilidade, que seja filho único (esses pais, de repente, ficam sozinhos); se a fratria é de dois, o irmão que sobrevive "transforma-se" em filho único; etc..

Independentemente destes factores sócio-demográficos que podem intensificar a dor e perturbar mais incisivamente a organização e a estrutura das famílias modernas, ontem, como hoje, após a perda de um ente querido sobrevem sempre um processo de luto psicológico normal que será superado após um certo período de tempo (Freud, 1917/1974).

Segundo Bowlby (1980)¹²⁷, este processo decorre, com certas variantes, tanto na criança (depois dos seis meses de idade) como no adulto, segundo quatro fases distintas:

- fase do embotamento-angústia-ira,
- fase do desfalecimento-nostalgia-busca da pessoa perdida (momentos de incredulidade da perda),
- fase da desorganização e do desespero,
- fase da reorganização mais ou menos completa".

A maioria dos autores partilha da opinião de Bowlby, a saber, da existência de um certo paralelismo entre o luto na infância e na adultícia, mas não quanto à idade a partir da qual se pode falar, verdadeiramente, de luto na criança (Guérin, 1975/1995; Gourdon-Hanus, Hanus & Jassaud, 1980; Grinberg, 2000). Veremos como a realidade parece dar razão aos autores que apoiam esta ideia (que partilhamos) de que a apreensão da morte como separação definitiva e, conseqüentemente, a manifestação de processos de luto só é possível depois da criança ter adquirido um certo nível de desenvolvimento afectivo-cognitivo. Neste sentido, compreende-se que a perda não é sentida da mesma maneira por todos os elementos da fratria: em geral, os irmãos têm idades diferentes (a não ser que sejam gémeos) e, conseqüentemente, estão a atravessar, quando a morte acontece, etapas de desenvolvimento diferentes. Claro que a personalidade e a relação particular de cada um com o irmão desaparecido vai, também, influenciar o modo como este acontecimento é vivido. Mas, primeiramente, e é o que veremos já de seguida, o impacto deste acontecimento trágico na fratria depende muito da forma como os pais elaboram o luto pelo filho perdido.

Assim, verifica-se que quando os pais desenvolvem um processo de luto patológico¹²⁸ os restantes filhos ressentem-se disso:

¹²⁷ Cit. in Miermont *et al.* (1987/1994: 356).

¹²⁸ Freud (1917/1974) chamou-lhe melancolia.

"alguns [pais] jamais se resignam com a perda de um filho e este luto repercute-se manifestamente nos outros filhos que se sentem abandonados, [considerando] que não estão «à altura», [sentindo-se] incapazes de serem tão «bons» quanto aquele que já não está cá. Eles participam no culto mortuário daquele que conheceram pouco, ou nada, e que eles nunca conseguirão substituir no coração dos seus pais" (Angel, 1996: 172).

Parece, então, que a morte de um filho pode levar meses e anos a ser elaborada pelos pais. Mesmo que a morte ocorra precocemente na vida de um irmão, ou antes mesmo deste nascer, os traços desse acontecimento trágico são (sempre) indelévels. Vale a pena pegar nalguns exemplos retirados da literatura para ilustrarmos melhor as diferentes situações que ocorrem após a morte de um irmão:

"Tudo me leva a crer, escreveu Freud a Fliess, no dia 3 de Outubro de 1897, que o nascimento de um irmão um ano depois de mim, tivesse suscitado em mim desejos maldosos, uma espécie de ciúme infantil e a sua morte tivesse deixado em mim uma espécie de remorso"¹²⁹.

Freud tinha onze meses quando a sua mãe dá à luz Julius que morrerá oito meses mais tarde – quarenta anos depois, ele falará deste episódio ao seu amigo Fliess (Angel, 1996). A culpabilidade de Freud tem a ver com o complexo de Caim: a morte do irmão que o destronou terá realizado os seus desejos de eliminar o rival. O próprio Freud, embora não se refira explicitamente ao seu caso, viu bem esta problemática:

"[depois da destronação], a partir do sentimento egoístico de haver sido prejudicado, dá fundamento a que os novos irmãos e irmãs sejam recebidos com aversão. (...) Se um desejo desse tipo se realiza, e se o irmão que se acrescentou à família desaparece novamente, logo depois, devido à sua morte, podemos

¹²⁹ *Cit. in* Angel (1996: 170).

descobrir, numa análise subsequente, quão importante foi para a criança essa experiência referente à morte, embora ela não tenha necessariamente permanecido fixada na sua memória" (Freud, 1917/1976d: 390).

O caso contrário, da morte de um irmão mais velho, prende-se com o que podemos designar por complexo de Abel, e foi o que aconteceu com o nosso Nobel da Literatura, José Saramago (1999):

"Ele nasceu em Outubro de 1920 e morreu em Dezembro de 1924. De difteria. Eu tinha dois anos. (...) Creio que a minha mãe ficou marcada pelo desaparecimento do filho mais velho, a minha mãe teve sempre uma relação um pouco fria comigo, não a censuro. Lembro-me que quando lhe pedia um beijo ela não mo dava, quando condescendia em fazer-me a vontade dava-mo de repelão. Ela não sabia que me estava a fazer muito mal... Ao sofrer a morte daquele filho tentou não ligar-se demasiado ao que tinha ficado, não sei se era isto que ela pensava mas não encontro outra explicação. Isso ajudou a formar a minha personalidade, a ser fechado comigo mesmo".

Tanto Freud como Saramago eram muito jovens para se lembrarem da morte dos irmãos. Embora essa experiência "não tenha necessariamente permanecido fixada na memória", num e noutro caso, parece que os afectos ligados a essa experiência traumática ficaram inscritos e deixaram as suas marcas (Freud, 1917/1976d e 1926/1976f).

Saramago, na mesma entrevista que temos vindo a citar, quando questionado sobre se tinha memória acerca do irmão, responde:

"Memórias que devem ser falsas. É como se visse o meu irmão a abrir as gavetas de uma cómoda para se servir delas como se fosse uma escada. Tenho esta imagem presente, mas será possível que o recorde de facto?".

Esta recordação de infância, provavelmente sonhada, faz lembrar um sonho de Freud, relatado n'A *Psicopatologia da Vida Quotidiana* (1901/1976a: 74):

"Eu tinha bons motivos para atribuir essa cena a uma data de antes do fim do meu terceiro ano de idade. Vi-me exigindo alguma coisa e chorando parado diante de um armário ['*Kasten*'], que o meu meio-irmão, vinte anos mais velho do que eu, mantinha aberto. E então, repentinamente, a minha mãe entrou, linda e esguia, no quarto, como se ela estivesse voltando da rua".

Ora, "caixas, estojos, arcas, armários e fornos representam o útero" (Freud, 1900/1972: 377), isto é, são símbolos do corpo materno. Não é pela sua posse que os irmãos rivalizam? Não é o que aparece nos sonhos de Freud e de Saramago: uma culpabilidade associada à disputa pela mãe?

A culpabilidade e os remorsos dos irmãos sobreviventes são usuais. Alguns ficam persuadidos que o seu desejo secreto de se desembaraçarem do irmão rival se realizou (Klagsbrun, 1992/1994: 181)¹³⁰. E arrependem-se, e envergonham-se por terem tido esse desejo. Podem auto-punir-se desejando a sua própria morte que julgam merecida por outrora terem feito (ou, simplesmente, desejado fazer) mal ao irmão agora morto (Guérin,

¹³⁰ Desejos "maléficos", isto é, de morte, que ficaram no inconsciente e que datam de épocas anteriores, seja, das primeiras relações entre eles (Freud, 1900/1972). Freud tem o cuidado de explicar que estes desejos de morte dos irmãos, em idades muito precoces, significam apenas que a criança deseja o desaparecimento, a ausência, a eliminação dos rivais... e não, propriamente, a sua morte: dado que a criança não tem, nessa altura, uma concepção da morte igual à dos adultos (*ibidem*). A evolução da concepção da morte será desenvolvida mais adiante.

1975/1995: 183). E, mais tarde, podem escolher uma profissão que lhes permita "triunfar" sobre a morte¹³¹:

"[Adler foi] o segundo de uma fratria de seis elementos. (...) No nascimento de um terceiro irmão, Adler sentiu-se traído, teve aversão à mãe e aproximou-se do pai. Este irmão, aliás, não sobreviveu, e Adler assistiu, aos três anos, à agonia e à morte deste irmão. A sua escolha profissional foi certamente influenciada por este acontecimento: tornando-se médico, quis triunfar sobre a doença e sobre a morte e ultrapassar o temor que ela inspira" (Schaffer, 1984: 19-20).

Outros experimentam um sentimento de mediocridade e perguntam-se porque é que eles vivem e o outro morreu (Klagsbrun, 1992/1994: 181). Na maior parte dos casos, esta desvalorização é suscitada pela própria atitude dos pais. Abatidos com o desgosto, obcecados com a perda de um dos filhos, eles não dão mais a mesma atenção aos outros que se sentem, então, rejeitados e inúteis (*idem, ibidem*: 182). A morte de um irmão faz perder, à criança, não só o irmão mas, também, "os pais de antes" (Raimbault, 1975/1995: 148).

No essencial, o que transluz das palavras de José Saramago é a perda da mãe subsequente à perda do irmão. E como o luto duradouro (ou a melancolia) da mãe do escritor prolonga o poder do irmão mais velho que, apesar de morto, continua a subtrair-lhe a mãe, a impossibilitar-lhe que seja, agora, e depois

¹³¹ E não terá a literatura, para José Saramago e Fernando Pessoa (e outros), idêntico significado? Lembre-se que Pessoa, nascido a 13 de Junho de 1888, vê morrer, em Julho de 1893, o pai e, alguns meses mais tarde, em Janeiro de 1894, o seu irmão mais novo (Jorge, que nascera em Janeiro de 1893). No curto espaço de alguns meses, aos cinco anos de idade, o poeta *desembaraça-se* dos dois rivais, o pai e o irmão destronador, e fica *sozinho* com a mãe. Esta volta a casar-se algum tempo depois, em 1895, e dar-lhe-á novos irmãos (meios-irmãos, portanto). É neste ano de 1895, aos sete anos de idade, antes de partir, com a mãe, para Durban (onde mora o padrasto), que o poeta escreve a sua primeira quadra: *À minha querida mamã: Eis-me aqui em Portugal/ Nas terras onde eu nasci./ Por muito que goste d'ellas/ Ainda gosto mais de ti.* [Nota: todos estes dados biográficos de Pessoa, mas não as interpretações, foram retirados de Azevedo (1996)].

da morte do rival, só dele. E como, depois de morto, o irmão fica inexequível de igualar:

"A minha mãe falava às vezes do Chico, dizia que era simpático, corado, bonito e muito agradável. Eu que sempre fui assim pálido não gostava de ouvir essas comparações, penso que isso acontece com a maioria das crianças" (Saramago, 1999).

A crer nas conclusões de O. Bourguignon (1984)¹³², mesmo antes da morte o irmão ocuparia já um lugar de destaque no *coração* dos pais. A autora, na sua investigação sobre a morte das crianças, constatou que as *preferidas* são as que morrem em maior número, como se houvesse "um sobreinvestimento parental, entendido como uma impossibilidade para os pais de se separarem da criança". Com a morte, a criança ficaria eternamente jovem, intacta, pura, sem mácula, bela, maravilhosa... e, para sempre, inseparável dos pais. O que implica que o luto pela criança morta é, para os pais, "um luto impossível" (Poussin, 1993: 60).

Outra situação, distinta das anteriores, é a morte de um irmão-gémeo:

"Charles Perrault, nas suas *Memórias* (provavelmente escritas em 1701 e 1702), escreveu: «nasci no dia doze de Janeiro de 1628 e nasci gémeo. Aquele que veio ao mundo algumas horas antes de mim foi apelidado de François e morreu seis meses depois». Um único detalhe, lembrado setenta anos mais tarde, e que, quando associado a outros dados biográficos, psicológicos, históricos e etnológicos, informa-nos que Charles Perrault, por superstição, foi educado como gémeo, o que provocou nele perturbações importantes, nomeadamente um amor-ódio em relação a seus pais, garantes deste gémeo continuamente evocado, apesar de inexistente e que, por isso mesmo, beneficiava de

¹³² Cit. in Poussin (1993: 60).

uma dominância impossível de ser colocada em causa"
(Soriano, 1992: 73)¹³³.

Geralmente a situação da morte de um irmão-gémeo é distinta das outras mortes na fratria porque a proximidade entre os gémeos faz com que a identificação narcísica que existe entre eles não deixe a possibilidade de um se desidentificar do outro, ou seja, do irmão sobrevivente se desidentificar do morto (Guérin, 1975/1995)¹³⁴. Embora neste caso, como Perrault viveu tão pouco tempo com o irmão-gémeo, não se tratará, propriamente, de um luto impossível por ter havido uma identificação narcísica entre eles... mas sim, como no caso de Saramago, é mais o luto patológico dos pais que *perturba* o desenvolvimento dos dois escritores. Perturbação que, nestes casos, foi positiva: não foi a evocação contínua dos pais de Perrault do filho morto e as comparações da mãe de Saramago que mitificaram os mortos e desvalorizaram os sobreviventes? Não foi/é a escrita uma tentativa de substituir esse "irmão natural por um irmão cultural" (Soriano, 1992: 74), uma tentativa de afirmação identitária que os pais tanto depreciaram?

Quanto mais cedo acontece a morte da criança mais possibilidade há dela ficar na história da família como um ídolo difícil de irmanar pelos restantes irmãos. Essencialmente porque não teve tempo de decepcionar. Ou, talvez, esta idealização seja uma forma de transformar a culpabilidade ligada à sua morte¹³⁵. E, até, não é o que geralmente acontece? Depois de mortos não somos, todos nós, bons e perfeitos?

¹³³ Neste artigo Soriano tenta explicar uma parte da personalidade deste famoso contista, nomeadamente os seus esforços "para substituir o irmão desaparecido por um outro irmão ou, dito de outra maneira, para substituir o verdadeiro irmão por um falso irmão, o irmão natural por um irmão cultural" (*ibidem*: 74).

¹³⁴ A mesma impossibilidade pode acontecer noutras relações duais muito próximas entre irmãos (que têm idades distintas, mas que são almas-gémeas afectivamente – como vimos nos casos de incesto). Como pressupõe Freud (1917/1974: 282), "a tendência a adoecer de melancolia (...) reside na predominância do tipo narcisista da escolha objectal".

¹³⁵ De qualquer forma, a idealização é uma fase comum a todos os lutos normais, fase mais ou menos longa que precede o desinvestimento e permite não só a introjecção do objecto perdido como, mais tarde, o investimento afectivo num novo objecto de amor, "o desenvolvimento de um novo amor" (Guérin, 1975/1995: 179).

Algumas vezes, a morte pode ser escondida e funcionar como um segredo de família (Angel, 1996). Apesar disso, o irmão-morto é um irmão- -fantasma e, seja ou não evocado pela família, estará certamente presente, como uma espécie de sombra, na vida dos restantes membros da fratria. Talvez até mais presente quando não se fala dele. E mais disfuncional porque, como sublinharam "Breuer e Freud (...) é importante que o acto possa ser substituído pela linguagem, «graças à qual o afecto pode ser ab-reagido quase da mesma maneira»" (Roudinesco & Plon, 1997/2000: 23).

A morte de um irmão antes do nascimento do irmão seguinte, apesar deste não ter memória do morto, pode ter, igualmente, a sua *presença* através da evocação que dele fazem os pais. E, sobretudo, se a morte ocorreu muito pouco tempo antes deste nascer – porque são uns pais ainda em período de luto que recebem o novo filho:

"– Como descreveria o seu relacionamento com o seu irmão?

– O meu relacionamento? Ele morreu antes de eu nascer.

– Pensa nele como seu amigo? Seu inimigo?

– Meu fantasma – disse Jody. – Eu sou ele, ele é eu. (...)

– Durante todo o ano em que tive nove anos – disse ela –, pensei que ia morrer. Esperei todos os dias. Não sabia como aconteceria... se seria uma coisa rápida ou uma coisa que se entranharia em mim durante dias ou semanas. Depois disso, sem ter em conta o que me acontecera, senti-me sempre como uma daquelas pacientes cancerosas que mais parecem um milagre pois vivem apesar de todas as expectativas.

– Que é que a fez pensar que ia morrer?

– Ele tinha nove anos quando morreu e de alguma forma, na minha cabeça, eu achava que todas as crianças morriam. Foi assim que as coisas se passaram. (...)

– Ele morreu quanto tempo antes de você nascer?

– Seis meses.

– Foi bastante próximo – disse Claire.

– Eu sei" (Homes, 1993/1999: 90-95).

Jody, a protagonista do livro de A. M. Homes, é uma filha adotiva. Ela foi adotada três meses depois do filho dos seus pais adotivos ter morrido. É uma criança de substituição. Se Jody fosse filha biológica dos seus pais adotivos, já não seria uma criança de substituição (visto que teria sido concebida antes da morte do irmão) e a mãe desta teria vivido os últimos seis meses de gravidez sob a depressão consequente ao luto do seu filho morto. A problemática é um pouco diferente – como veremos oportunamente. No entanto, numa e noutra situação, o que queremos aqui sublinhar é a proximidade da morte com o nascimento do filho seguinte. E como o luto, ainda tão recente e intenso dos pais, pode perturbar a qualidade da vinculação destes com o filho recém-nascido.

O luto faz-se acompanhar por uma inibição, um estreitamento do campo relacional (Angel, 1996). O casal que acabou de perder um filho é um casal em crise. A dor e a solidão subsequente à morte de um filho pode reforçar a sua relação mas pode, também, amplificar as tensões e fazer desencadear novos conflitos (*idem, ibidem*). Não raro, assiste-se ao afundamento do casamento, sendo também frequentes as descompensações depressivas ou psicossomáticas de um ou de ambos os cônjuges (Miermont *et al.*, 1987/1994). Por isso, à perda de um irmão segue-se, por vezes, a *perda* de um dos pais ou dos dois. A parentificação é um processo normal, subsequente a esta dupla perda: do irmão e dos pais. Seja um dos filhos sobreviventes que, após a separação/divórcio dos pais, fica incumbido desse papel parental deixado vago pelo pai que sai do núcleo familiar; seja, se os pais continuam juntos, toda a restante fratria vê-se como que *obrigada* a crescer rapidamente para se tornar *pais* dos seus próprios pais. Tudo isto amplifica, naturalmente, a dor e o ressentimento para com o irmão que, ao morrer, provoca todos estes desarranjos na estrutura familiar, ao arrastar, com ele, a perda de outros membros significativos da família (lembre-se *a perda* da mãe que Saramago sente após a morte do irmão) e, até, dos privilégios que antes cada um tinha na família (se o irmão que morre é o mais velho, por exemplo, o segundo vai ter de assumir o papel de mais velho dos restantes membros da fratria – com as consequentes responsabilidades que ele não estava habituado a desempenhar). É claro que qualquer mudança de lugar, na fratria, gera conflito, essencialmente consigo-próprio. Porque obriga a modificar o comportamento em sociedade, que será diferente daquele que cada um estava habituado a ter e que correspondia às suas afinidades mais profundas (König, 1958/1996).

Claro que todos estes desarranjos na estrutura familiar podem ser vistos também numa dimensão positiva, dado implicarem um crescimento ou

amadurecimento dos restantes irmãos. A redistribuição de papéis que tem de ser feita na *nova* família, reconstruída após a perda de um elemento, pode beneficiar um ou outro elemento que tinha um estatuto *desfavorável* na família *anterior*. Por exemplo: um irmão que até a esse acontecimento trágico era o irresponsável da fratria pode, depois disso, tornar-se responsável – seja porque se inibe de sobre-preocupar os pais, já deprimidos com a perda do filho, seja porque o seu papel de irresponsável deixa de ter lugar na nova família. E até porque há uma tendência, como refere Klagsbrun (1992/1994), para os irmãos sobreviventes se comportarem como "crianças modelo", para tentarem compensar a perda que os pais tiveram.

Sobre o luto dos pais há ainda a referir que, quanto mais espaçado estiver o nascimento do próximo filho da morte de um deles, mais possibilidades há dos pais estarem mais reconciliados com a perda do filho e, conseqüentemente, de ser menos tumultuosa a relação que estabelecem com o filho seguinte. Embora, também nestes casos da morte antes do nascimento do filho seguinte (ou dos filhos seguintes), aconteça muitas vezes o que já se referiu acima (acerca da morte de irmãos acontecida durante a infância destes): a criança-morta fica como um fantasma que altera, de qualquer forma, a relação entre pais e filhos (mesmo que estes últimos nasçam muitos anos após essa morte¹³⁶).

Um caso particular da morte antes do nascimento acontece quando os pais concebem uma outra criança logo após a perda de um dos filhos. A estas crianças é comum designá-las como crianças de substituição. Embora possam não estar muito conscientes disso, quase sempre acontece que este novo filho terá por missão (impossível) vir substituir a criança morta. Mais evidente se torna este desejo parental quando o nome dado a esta criança é o mesmo da criança desaparecida¹³⁷. Carregar o nome de um irmão morto

¹³⁶ Klagsbrun (1992/1994: 180-181) partilha connosco o que aconteceu na sua própria família: antes dela e do irmão terem nascido, os pais tinham tido um outro filho que tinha morrido, de pneumonia, com a idade de dezoito meses. "Quando o meu irmão e eu contraímos esta doença, os meus pais tiveram muito medo. Eu sabia que a minha mãe sempre se censurou por esta morte, e que não passava um dia sem que o meu pai pensasse neste primogénito". E Klagsbrun questiona-se, relativamente ao irmão vivo, que é uma criança de substituição: "É possível explicar o seu êxito – e as suas dúvidas – pelo desejo inconsciente que ele ressentia de encher o vazio deixado por este primeiro filho idealizado?"

¹³⁷ O nome ou o seu duplo, caso a criança seguinte seja de sexo diferente da criança morta: João/Joana, Manuel/Manuela, Mário/Maria, Paulo/Paula, Luís/Luísa, ...

pouco tempo após o seu nascimento pode perturbar gravemente a formação da identidade (Marbeau-Cleirens, 1992).

Se os pais dão o nome do filho morto àquele que vai nascer é para que este seja um filho que substitua o filho morto, do qual eles não fizeram o luto (*idem, ibidem*), embora conscientemente possa ser, apenas, uma homenagem ao desaparecido.

Na clínica, a transmissão do nome de uma criança morta é objecto de particular atenção, sobretudo quando o paciente é o filho substituto. No estudo das biografias de pessoas célebres, nomeadamente dos artistas, este fenómeno tem ajudado a compreender o génio dalguns deles: parece que a arte foi o caminho encontrado para afirmarem a sua própria identidade. O caso de Dalí, Van Gogh e Beethoven são ilustrativos daquilo que acabámos de referir¹³⁸. Vejamos o do genial pintor catalão:

"O seu pai, notário, chamava-se Salvador. A sua mãe não trabalhava. Salvador Dalí nasceu no dia 11 de Maio de 1904, nove meses e onze dias após o seu irmão mais velho, Salvador Dalí, ter morrido com a idade de vinte e um meses e vinte dias. Estas datas são importantes porque Salvador Dalí dizia que o seu irmão tinha morrido com a idade de sete anos, três anos antes do seu nascimento. Ele ocultava, assim, o facto de ter sido concebido somente alguns dias após a morte desse irmão" (Angel, 1996: 201- -202)¹³⁹.

¹³⁸ Como exemplo das crianças de substituição servimo-nos unicamente do caso de Dalí. Mas, na literatura, é comum encontrarem-se, descritas e analisadas, para além da de Dalí, as vidas de Van Gogh e de Beethoven – aos quais, como Dalí, foram dados os nomes dos irmãos mortos (ver Marbeau-Cleirens, 1992; Angel, 1996; Edy, 2000).

¹³⁹ Em todas as obras de divulgação sobre Dalí que consultámos, os autores incorrem neste "engano": o que é compreensível, dado que é o próprio pintor que refere, na sua autobiografia, ter nascido três anos após a morte do irmão. Também Marbeau-Cleirens (1992) e Edy (2000) fazem a análise do caso de Dalí baseando-se neste pressuposto. Mas as verdadeiras datas foram encontradas e mostram que a concepção de Dalí foi feita na sequência da morte deste irmão (Chamoula, 1983 *cit. in* Angel, 1996).

Bem reveladoras da importância e do impacto que este acontecimento teve na sua vida são estas palavras do pintor¹⁴⁰:

"Eu, eu conheci a morte antes de viver a vida... Desesperados, o meu pai e a minha mãe não encontraram consolação senão quando da minha chegada ao mundo. Mas a sua infelicidade impregnava-lhes as células dos seus corpos. No ventre da minha mãe eu sentia já a sua angústia... ela nunca me deixou. Este irmão morto, cujo fantasma me acolheu em jeito de bem-vinda era, se quisermos, o primeiro diabo daliniano. Eu considero-o como um ensaio de mim mesmo, uma espécie de génio extremo. (...) Não é por acaso que ele se chamava Salvador como o meu pai, Salvador y Cusi, como eu. Ele era o bem-amado: a mim, amavam-me demasiado. Em nascendo, coloquei os meus passos nos passos de um morto adorado, que continuavam a amar através de mim, ainda mais, talvez (...) aprendi a viver preenchendo o vazio da afeição que não me davam, verdadeiramente..."

O caso de Dalí remete-nos para a questão do luto parental de que já falámos acima. Pode legitimamente perguntar-se como é que a mãe do pintor viveu a gravidez deste segundo filho quando tinha acabado de perder o primeiro. Não será num misto de tristeza, dor, ambivalência, medo, que Dalí será gerado? E não será resultante dessa ambivalência parental que Dalí se sente demasiado amado e, ao mesmo tempo, não amado, porque o amado é o irmão morto?

O facto de lhe terem dado o mesmo nome da criança morta reflecte essa "dupla imagem do olhar" dos pais, como o refere Marbeau-Cleirens (1992: 46). E todo o comportamento posterior destes relativamente ao filho substituto indica-nos quanto este duplo olhar perdura:

¹⁴⁰ Dali, 1973 *cit. in* Angel (1996).

"Ele foi extremamente protegido pela sua mãe¹⁴¹, que morreu durante a sua adolescência. Mas, o seu pai, rompeu toda a relação com o seu filho, jovem adulto, cujo comportamento não correspondia à sua vontade. Sem dúvida, este Salvador de substituição, não realizava as acções perfeitas e idealizadas que o Salvador morto teria feito se tivesse sobrevivido" (*idem, ibidem*: 47).

Ao romper com o seu pai, Dalí tenta, com isso, libertar-se do seu passado e, talvez, do seu nome (Angel, 1996)¹⁴². Vai procurar a sua identidade, fora da família e através da sua arte:

"Durante toda a sua vida, Dalí sofreu dolorosas crises de angústia na procura da sua identidade; ele consegue encontrá-la querendo fazer-se valer, impondo a sua originalidade, as suas extravagâncias" (Marbeau-Cleirens, 1992: 47).

O próprio Dalí¹⁴³ confessa:

¹⁴¹ Pelo menos até ao nascimento da sua irmã Ana Maria, Dalí foi mimado como filho único e podia fazer, praticamente, tudo aquilo que lhe apetecia (Maddox, 1979/1990).

¹⁴² Estamos em 1929. "[este] é um ano charneira para Dalí. Estamos em pleno período surrealista e é, também, a grande época da arte de Dalí. Rompe com o seu pai (...). Encontra Gala, a mulher de Paul Eluard, mais velha do que ele onze anos. Maurice Porot e Jacques Miermont (1985) dão um sentido a esta escolha afectiva: «Ora este Salvador 1º tinha um segundo nome, Galo (duplo masculino de Gala). Encontrando neste mesmo ano Gala, que se tornará sua mulher, ele liberta-se ainda mais completamente, rejeitando o segundo nome por uma transmutação ao feminino. E Gala tornar-se-á 'Gala Salvadore'...». (...) Gala divorcia-se para ir viver com Dalí. (...) A sua paixão durará até à morte de Gala, em 1982. Dalí, inconsolável, refugia-se então no castelo de Pubol, na província de Gerona. Morrerá no dia 23 de Julho de 1989, com a idade de oitenta e cinco anos" (Angel, 1996: 203).

¹⁴³ *Cit. in* Labrousse (1990: 63).

"Ao cometer as mais extravagantes excentricidades, tentei provar a mim mesmo e aos outros que não era a criança morta, mas a criança viva".

A dificuldade maior destas crianças de substituição é, então, a de edificarem a sua própria identidade no seio do grupo familiar, onde não têm lugar ou, melhor, têm-no, mas é o lugar do morto ou, simultaneamente, delas e do morto. Com Porot (1993)¹⁴⁴ podemos dizer, em resumo, que as crianças de substituição têm, logo à partida, três desvantagens:

"o substituto nasce numa atmosfera de luto não liquidado; identificado ao desaparecido, cujo lugar lhe é atribuído, ele não tem o direito de ser ele próprio; enfim, pesa sobre ele um sentimento de culpabilidade totalmente paradoxal".

Até aqui falámos da morte de um irmão acontecida muito cedo na vida (ou até antes do nascimento) dos restantes irmãos. Vejamos o que pode ocorrer quando os sobreviventes são adolescentes. Ilustraremos esta problemática com dois exemplos, começando com a história do conhecido antropólogo americano Gregory Bateson (1904-1980):

"Gregory, o mais novo de três rapazes, parecia o menos dotado. O mais velho, John, foi morto na frente de batalha, durante a Primeira Guerra Mundial. Martin, o segundo, tinha relações conflituosas com o seu pai, que sonhava vê-lo estudar zoologia, enquanto que para ele só a poesia interessava. (...) Suicida-se a 22 de Abril de 1922, na Trafalgar Square, no dia do aniversário de John.

Gregory Bateson encontra-se, pois, aos dezoito anos, filho único após a morte dos seus dois irmãos. Todas as atenções se concentram sobre ele. (...)

Como imaginar a reacção de um adolescente de dezoito anos que perde sucessivamente os seus dois irmãos, um como herói, outro por suicídio? O que se passou entre

¹⁴⁴ Cit. in Angel (1996: 212).

Gregory e os seus pais? Como é que as suas relações evoluíram? O que poderia ter definitivamente destruído o génio de Bateson estimulou-o, talvez: ele deveria ter êxito pelos seus irmãos e por si. Aos dezoito anos, a sua personalidade estava suficientemente estruturada para que ele reagisse a este duplo choque sem se afundar. Todas as hipóteses são possíveis, já que não dispomos do seu testemunho pessoal sobre estes acontecimentos" (Angel, 1996: 177-178).

A perda de irmãos na adolescência nem sempre será vivida de modo tão pacífico – como parece que foi o que aconteceu com Saint-Exupéry:

"Antoine de Saint-Exupéry, autor d'*O Príncipezinho*, identificou-se de maneira tão estreita com o seu jovem irmão, morto quando ele mesmo tinha dezassete anos, que correu riscos insensatos ao comando do seu avião, como se viver e morrer não tivessem importância para ele. Desapareceu finalmente sem que ninguém saiba o que realmente lhe aconteceu" (Klagsbrun, 1992/1994: 182).

Ou seja, muitas vezes, os adolescentes, tal como as crianças, não choram abertamente a morte do irmão. Não porque não sofram com isso, como se sabe e facilmente se imagina. Condicionados pelo próprio ambiente familiar de luto, tendem a ocultar os seus sentimentos, talvez numa tentativa de não aumentarem o desgosto dos pais e de se sentirem, até, como referimos, na *obrigação* de tomarem conta destes. Em vez de exprimirem o seu desgosto, os jovens fecham-se sobre eles mesmos, bebem, ou deixam-se levar "por um turbilhão de actividades que os ajudam a negar a terrível realidade" (Klagsbrun, 1992/1994: 182).

Sintetizando, numa perspectiva sistémica, não se estranha, tal como referimos na introdução deste capítulo, que seja todo o sistema familiar que fica em crise perante um acontecimento dramático destes. Pelo menos temporariamente: porque é natural que o luto leve algum tempo a ser elaborado. Mas pudemos constatar como, muitas vezes, os filhos são afectados mais pelo luto dos pais do que pela própria morte do irmão. Isto acontece, essencialmente, quando as crianças são muito jovens e não têm, sequer, uma recordação muito *viva* desse irmão-morto (o que acontece, igualmente, com aquelas que nasceram após essa morte, sejam ou não

crianças de substituição) e, sobretudo, independentemente da idade dos filhos sobreviventes, quando os pais fazem um processo de luto patológico.

Vimos como no caso das crianças muito pequenas (Freud, Saramago, Perrault...), embora a morte não tenha permanecido na memória ficou dela uma marca indelével: pela memória do afecto ligada a esse acontecimento (e.g. culpabilidade e remorsos).

A perturbação causada pela morte de um irmão nem sempre é destrutiva para o desenvolvimento futuro dos restantes elementos da fratria (veja-se o caso de Freud, Saramago, Pessoa, Bateson, Dalí...). Com Porot (1993)¹⁴⁵, embora ele tenha falado a propósito das crianças de substituição, podemos talvez alargar as suas concepções a todos aqueles que sofreram mortes de irmãos e dizer que duas vias se lhes abrem:

"o «génio» ou a «loucura», um não sendo exclusivo do outro. A «loucura» vai desde a instabilidade psíquica e social às neuroses mais ou menos estruturadas e mesmo, até, às perturbações psiquiátricas sérias que necessitam de internamento. (...) Mais felizes são os que puderam sublimar os seus problemas numa obra criativa de valor na literatura, na música, na pintura, na escultura mas, também, de muitas outras maneiras".

A *escolha* entre uma ou outra destas vias é, primeiramente, função da forma como o sistema familiar pontua os comportamentos¹⁴⁶. Mas, também, da personalidade dos sobreviventes: da sua maior ou menor vulnerabilidade às

¹⁴⁵ *Cit. in Angel (1996: 212-213).*

¹⁴⁶ Já vimos acima como a formação de um sintoma, numa perspectiva sistémica, depende da "selecção-ampliação" de um dado comportamento de um dos membros da família por parte dos restantes, e sua consequente "cristalização-patologização" (Ausloos, 1996 *cit. in* Alarcão, 2000: 243).

perdas¹⁴⁷. Muitas vezes a perda actual não faz mais do que reactivar perdas antigas (como já vimos acima, algumas delas necessariamente obrigatórias no decurso do desenvolvimento: a perda do paraíso intra-uterino, da relação mítica com a mãe depois do nascimento de um irmão, etc.)¹⁴⁸. A não-aceitação da perda actual poria a nu a não-resolução desses lutos anteriores – por isso talvez se possa falar de uma predisposição patológica para fazer um luto patológico (Freud, 1917/1974; Hattab, 1984).

Normalmente a maioria de nós tem a capacidade de separar-se e individualizar-se e, conseqüentemente, de aceitar as perdas de entes queridos (apesar de dolorosas). Em termos de relações objectais esta capacidade implica reconhecermo-nos como uma identidade separada e autónoma dos outros e possuímos uma representação interna, estável e diferenciada, destes (Gourdon-Hanus, Hanus & Jassaud, 1980). A possibilidade da criança fazer um luto é, pois, viável apenas quando ela atinge este nível de desenvolvimento afectivo-cognitivo. Isto remete-nos para a questão que colocámos no início deste sub-capítulo: dalguns autores defenderem, contrariamente à ideia de Bowlby, que as reacções de luto só são possíveis muito depois dos seis meses de idade. Nomeadamente, para Anna Freud (1965/1987: 64), só depois de adquirida a constância do objecto:

"Se por «luto» entendermos não as várias manifestações de angústia, aflição, mágoa e disfunção que acompanham a perda de objecto nas primeiras fases mas, outrossim, o penoso e gradual processo de desprendimento da libido de uma imagem interna, não se pode esperar, é claro,

¹⁴⁷ A questão da vulnerabilidade individual lembra a metáfora freudiana: "se atiramos ao chão um cristal, ele parte-se, mas não em pedaços ao acaso. Ele desfaz-se, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam pré-determinados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo" (Freud, 1933/1976g: 77).

¹⁴⁸ Sobre a forma como as perdas/abandonos recentes radicam nas experiências precoces de separação leia-se, sobretudo, o fabuloso livro do psicanalista alemão Horst Petri, com o sugestivo título: *Lasciare ed essere lasciati* (1991/2000), a obra da psicanalista suíça Alice Miller (1997/1998) e *Culpa e depressão*, do psicanalista argentino León Grinberg (2000).

que isso ocorra antes da constância objectal (...) ter sido estabelecida"¹⁴⁹.

E como a possibilidade da criança fazer um luto está também intimamente ligada à ideia que ela faz da morte, para Gourdon-Hanus, Hanus & Jassaud (1980: 337) é necessário que, para além da constância do objecto, a criança possua algumas noções sobre este conceito – noções essas que são adquiridas progressivamente, segundo a ordem seguinte (embora não forçosamente nestas idades, médias, que são apontadas):

"separação (2 anos), perda das funções essenciais (6 anos), irreversibilidade (7 anos), universalidade (8 anos), propriedade exclusiva e endógena do ser vivo (9 anos). Em certas circunstâncias, estas aquisições podem fazer-se mais precocemente. Não é necessário ter uma concepção completa da morte para fazer um luto. Basta compreender a morte como uma separação definitiva e isto pode ser adquirido pelos 4 anos de idade".

Portanto, a crer nestes autores, só a partir dos quatro anos de idade é que a criança pode fazer um trabalho de luto mais ou menos semelhante ao dos adultos embora, mesmo assim, com alguns aspectos dissemelhantes. Nomeadamente com uma maior utilização da denegação e da identificação projectiva – que seria verificável sobretudo nas crianças em período de latência e nos adolescentes – o que pressupõe que o desinvestimento é mais problemático do que o é para os adultos (Gourdon-Hanus, Hanus & Jassaud, 1980; Grinberg, 2000). A recorrência mais frequente a estas defesas, por parte das crianças e adolescentes, dever-se-ia, segundo Grinberg (*ibidem*), a uma maior labilidade do Eu e a uma maior angústia perante a morte.

Para além dos pais e da forma mais ou menos patológica como eles elaboram o luto, para além da idade e da personalidade dos irmãos

¹⁴⁹ A constância do objecto emocional permite a "manutenção de uma imagem interior positiva do objecto, independentemente de satisfações ou insatisfações" (Freud, 1965/1987: 62); baseia-se, "em primeiro lugar, na aquisição cognitiva do objecto permanente" e é uma das tarefas a realizar pela criança na última sub-fase do processo de separação-indivuaçãoção (Mahler, Pine & Bergman, 1975/1977: 138).

sobreviventes (e.g. as suas experiências anteriores), a dor e o impacto da morte de um irmão é, igualmente, função das circunstâncias em que ela ocorreu: perder um irmão por acidente, inesperadamente, é diferente de perdê-lo após uma doença prolongada. Da morte a prazo, ou provável, nos irmãos com doença crónica, falaremos já de seguida. Mas, essencialmente, discutiremos como a doença ou a deficiência de irmãos (mesmo que não conduzam, a breve prazo, à morte) perturba o normal funcionamento da fratria.

IRMÃOS DOENTES OU DEFICIENTES

"A interdição que os pais me parecem impor-se de serem pais felizes é, sem nenhuma dúvida, para eles, um acréscimo de sofrimento e ele projecta-se de forma tremenda sobre a fratria: aos olhos dos pais, os irmãos têm também uma dívida a pagar para resgatarem a sua boa saúde em relação àquele, dentre eles, que é deficiente"

Élisabeth Zucman¹⁵⁰.

Podemos dizer, como para a morte, que uma criança doente ou deficiente perturba a dinâmica do sistema familiar no seu conjunto. Para Doherty & Campbell (1988), só um modelo geral sistémico nos permite compreender a saúde ou a doença/deficiência. Porque, como estes autores referem, a família afecta a saúde individual e a saúde individual afecta a família. Por outras palavras: a doença ou deficiência "está numa célula que tem por nome família. E a sua presença introduz um novo factor que modifica profundamente o metabolismo desta célula" (Koupernik, 1974)¹⁵¹. Interessá-nos aqui, sobretudo, analisar sucintamente o impacto destas situações problemáticas na fratria¹⁵².

A vivência destas situações no sistema familiar e em cada um dos membros, em particular, depende de como e quando a situação problemática aparece na família, da idade da criança-problema e da dos restantes irmãos, da ordem de nascimento, do sexo, da gravidade e do tipo de doença ou de deficiência, do seu prognóstico e evolução, dos cuidados médicos e familiares requeridos, etc.. Dificilmente se poderia apresentar uma teoria geral sobre esta matéria. Mas pode dizer-se, genericamente, que a qualidade e a quantidade das relações dentro da família são modificadas pela presença de um elemento enfermo ou deficiente e, conseqüentemente, isto

¹⁵⁰ In Prefácio a Scelles (1997: 8).

¹⁵¹ Cit. in França (1994: 48).

¹⁵² Para informações mais detalhadas sobre *fratria e deficiência* ver, por exemplo, os bem documentados e reflectidos trabalhos de França (1994) e Scelles (1997).

repercute-se, positiva e negativamente, no desenvolvimento de todos e, em particular, dos filhosãos.

Considerando que não é indiferente a etapa do ciclo de vida da família em que a doença/deficiência ocorre, podemos servir-nos do modelo proposto por Combrinck-Graham para percebermos os diversos efeitos deste *incidente* na vida familiar¹⁵³. Neste modelo, o desenvolvimento da família é descrito em espiral, sem primeiras nem últimas etapas, no qual o sistema familiar trigeracional é visto como oscilando através do tempo entre períodos de fechamento – centrípetos – e períodos de desligamento – centrífugos (Rosman, 1988; Rolland, 1992). Nestes últimos, "a família desmantela a sua velha estrutura", enquanto que nos períodos centrípetos há uma reconstrução, isto é, "começa a renegociação das relações e a reforma das estruturas entre os membros da família" (Combrinck-Graham, 1985)¹⁵⁴.

A doença/deficiência exerceria, na família, uma influência centrípeta. Segundo Rolland (1992: 58), se o problema ocorre numa etapa centrípeta do ciclo de vida familiar, no mínimo, faz com que haja um prolongamento desta, o que pode levar a que a família disfuncione. Se numa etapa inicial é normal que a família invista todos os seus recursos para fazer face ao problema desencadeado pela doença/deficiência de um dos seus membros, a perpetuidade desta numa etapa centrípeta impossibilita, obviamente, o desenvolvimento dos seus membros. O desenvolvimento dos irmãosãos, em particular, fica suspenso. A tendência para a família cristalizar nesta forma disfuncional depende, evidentemente, do nível de incapacidade ou do risco de morte da doença ou deficiência (Rolland, 1992).

¹⁵³ Um outro modelo útil para uma análise deste tipo seria o de Minuchin & Fishman (1981/1990). Como o essencial desse modelo foi já exposto acima e como alguns autores têm preferido interpretar a doença/deficiência utilizando o modelo de Combrinck-Graham, servir-nos-emos mais deste último ao longo deste sub-capítulo.

¹⁵⁴ *Cit. in* Rosman (1988: 295). Os períodos centrípetos (por exemplo: a família com filhos pequenos) são caracterizados por uma alta coesão familiar, as fronteiras externas da família estão apertadas (rígidas ou impermeáveis), enquanto que as fronteiras entre os membros são difusas, para permitirem que estes direccionem as suas energias para dentro da família e trabalhem juntos nas tarefas familiares; contrariamente, nos períodos centrífugos (por exemplo: a família com filhos adolescentes), as fronteiras externas estão soltas (permeáveis ou difusas), enquanto que a separação entre alguns membros da família é incrementada (fronteiras internas rígidas) (Rolland, 1992).

Se a doença ou deficiência ocorre numa fase centrífuga, as consequências podem ser ainda mais disfuncionais, porque implica um retorno a uma fase centrípeta anterior do ciclo de vida familiar (*idem, ibidem*). Um adolescente que se prepara para sair de casa pode, na sequência de uma súbita doença grave do seu irmão mais novo, ficar dividido entre a sua necessidade de separação/individuação e a lealdade familiar de continuar em casa para ajudar a família a cuidar do doente. A regressão a um estágio anterior de desenvolvimento individual e familiar pode ser a estratégia adoptada por este adolescente e sua família.

Como já vimos acima relativamente à morte, segundo o modelo sistémico, quando surge um situação problemática na família, esta vive, momentânea ou mais duradouramente, um período de crise, porque perde o equilíbrio da etapa precedente. A crise da família, caracterizada pela instabilidade e stresse, perdura até que ela readquira um novo equilíbrio. Quando surge a doença ou a deficiência de um dos membros, a família depara-se, então, com uma crise accidental que abala o seu equilíbrio e exige uma nova reestruturação familiar.

Mas, como também vimos para a morte, cada um dos membros da família vive o problema de forma peculiar. Primeiro, porque a doença/deficiência num dos membros da família pode afectar, profundamente, os objectivos desenvolvimentais de um outro membro da família; segundo, porque, frequentemente, os membros da família não se adaptam de igual modo a esse problema (Rolland, 1992).

A forma como a família vive a doença/deficiência depende, então, da etapa que esta atravessa quando o problema ocorre mas, também, de factores individuais, nomeadamente, da personalidade e do estágio de desenvolvimento de cada membro da família.

Relativamente a este último factor, considera-se que a situação para o sujeito portador da doença ou deficiência pode ser, potencialmente, mais problemática em idades mais tardias do que em idades precoces. Isto porque o desenvolvimento afectivo-cognitivo da criança pequena, como refere Barros (1999: 139), ainda não permite que ela identifique "a raridade e a anormalidade" da sua condição. A situação parece ser especialmente problemática na adolescência: se o início do problema se verifica na adolescência, o jovem pode ter necessidade de modificar muitos dos seus hábitos, gostos, estilos de vida ou, mesmo, ter de desistir de alguma autonomia comportamental que já tinha adquirido, ou que estava em vias de alcançar; pode ter dificuldades em elaborar planos e definir expectativas a

médio prazo (*idem, ibidem*). Claro que para os irmãos são tudo o que acabou de se dizer é igualmente verdadeiro: a percepção real do problema do irmão doente ou deficiente só é possível depois de terem adquirido um certo nível de desenvolvimento afectivo-cognitivo.

Depois destas noções gerais, que em quase nada se diferenciam do impacto e vivência da morte de um irmão, vejamos mais de perto como a doença ou a deficiência atinge a família, a começar pelos pais.

Quando um filho nasce deficiente ou doente os pais têm de adaptar-se, não só, ao recém-nascido (crise natural de desenvolvimento, ligada ao nascimento de um filho) como, também, ao facto desta criança ser diferente da desejada. O stress deste período do ciclo de vida familiar é, consequentemente, redobrado. E a reorganização dos papéis parentais que acontece normalmente após o nascimento de um filho tem de contemplar a situação deste filho diferente. Se é o primeiro filho, o facto deste nascer doente ou deficiente parece ser mais grave e doloroso para os pais: "no caso da criança deficiente [ou doente] ser o segundo ou o terceiro filho e se a criança mais velha for normal, o impacto pode ser um pouco menor, embora siga o mesmo padrão de luto" (França: 1994: 71). A altura em que o problema surge também parece ter importância: "Se a doença não for evidente, logo após o nascimento, mas só se tornar gradualmente aparente, no primeiro e segundo ano de vida, quer para a família quer para o médico, a reacção de luto é menos aguda, mas a sua estrutura é muito semelhante" (*idem, ibidem*).

Ferrari (1989) considera que, entre vários mecanismos possíveis, dois deles surgem como particularmente constantes e deletérios na reacção do sub-sistema parental perante este acontecimento perturbador:

1. o desenvolvimento de intensos sentimentos de culpabilidade, nomeadamente na mãe, que se sente ferida no seu narcisismo porque a doença/deficiência do filho é vista, fantasmaticamente, como uma incapacidade sua de o ter amado e cuidado convenientemente – daí que, muitas vezes, num desejo de reparar a criança mas, também, para

reassegurar--se das suas capacidades maternas, ela procure engravidar logo depois do anúncio do diagnóstico¹⁵⁵;

2. a alteração do projecto fantasmático que os pais tinham alimentado sobre este filho e que leva a que, muitas vezes, dramaticamente, eles percam a ilusão antecipatória tão necessária ao desenvolvimento da criança e que procedam a um desinvestimento, verdadeiro luto antecipado, que acarreta, inevitavelmente, uma morte psíquica do filho, antes da hora. Daí que as crianças com doença crónica, mesmo que esta não seja portadora, a curto termo, de um risco letal, vivam uma terrível angústia de morte, fruto deste luto/abandono antecipado da família.

Evidentemente que esta problemática não atinge apenas os pais. Se já existem outros filhos na família quando a criança-problema nasce, todos eles ficam afectados com esta nova e dramática situação e têm, também eles próprios, de se adaptarem a novos papéis dentro da fratria e da família. Tal como os pais têm de elaborar um trabalho de luto antecipado, pois a morte está já presente e inscreve-se nos pensamentos de toda a família (Angel, 1996). Para Relvas (1989: 55-56), face à morte esperada, há dois movimentos de reestruturação familiar distintos:

"durante a doença [ou deficiência] as funções do elemento afectado vão sendo progressivamente distribuídas, o que se constitui num *processo antecipatório*, de ensaio e experimentação daquele que se seguirá à perda. Para além disso, estabelece-se nova organização na vida familiar *que se destina a ser abandonada* após a morte do indivíduo: referimo-nos ao conjunto de alterações inerentes à assistência a prestar ao doente [ou ao deficiente], quer este esteja em domicílio, quer esteja hospitalizado (hipótese que, em certos casos, ainda é mais complicada)".

¹⁵⁵ Pode, também, acontecer o contrário. O casal pode hesitar em ter mais filhos, com receio de que estes venham a nascer, igualmente, com problemas: "O deficiente é, muitas vezes, o último filho ou um filho único. A mãe, atingida por esta infelicidade logo na primeira gravidez, recusa qualquer outra gravidez posterior. A angústia e o receio da repetição é, muitas vezes, o suporte real do esforço na limitação dos filhos" (França, 1994: 72).

Esta reestruturação obrigatória do grupo familiar não é feita imediatamente a seguir ao diagnóstico, mas corresponderia a uma fase já adiantada do processo de adaptação ou reequilíbrio da família. Face à doença ou deficiência, a maioria dos autores defende a ideia de que há uma sequência de estádios emocionais e atitudinais mais ou menos constante e universal: choque, negação, depressão, adaptação e reorganização (Drotar *et al.*, 1975)¹⁵⁶. Esta sequência, embora nem sempre observável, seria vivida pelos pais da criança (ou jovem, quando a doença ocorre numa fase mais avançada) a partir do conhecimento do diagnóstico, pela própria criança (ou jovem) (Barros, 1999) e, também, pelos irmãos desta. Este encadeamento de acomodação ao problema é muito semelhante ao do processo de luto psicológico pela perda efectiva de uma pessoa amada, que descrevemos acima. E é, no fundo, um luto que a família tem de elaborar pela criança-sã, tão ou mais complicado quanto é feito na presença...

Tudo se passa, então, de modo muito semelhante à perda de um filho/irmão por morte. A criança doente ou deficiente, embora não desapareça fisicamente, é, de certo modo, sentida como *perdida* para a família: muito embora dependa do grau de incapacidade da criança-problema, aquela não pode contar com ela para desempenhar (quase) nenhum papel específico no grupo familiar. A partir do momento em que o problema surge, a criança-problema desobriga-se das suas anteriores funções na família (claro que se a criança já nasceu com o problema nem sequer nunca lhe foram confiadas quaisquer funções familiares...). Passa a ter apenas direitos e poucos (ou nenhuns) deveres, ficando, na maioria dos casos, numa completa dependência de todos os familiares sãos. Daí que, normalmente, mesmo que o não seja, a criança-problema torna-se na mais nova da família (Marcelli, 1983)¹⁵⁷, o que exige reestruturações nas posições fraternais dos irmãos: estes tendem a assumir, progressivamente, o papel de crianças mais velhas

¹⁵⁶ Cit. in Barros (1999). Esta sequência, segundo Barros (*ibidem*), aproxima-se muito dos estádios definidos por Kubler-Ross (1969), em relação à preparação para a morte do próprio ou de um familiar.

¹⁵⁷ Cit. in França (1994: 74).

em relação ao irmão deficiente (Farber, 1956, 1959)¹⁵⁸ ou doente. Com este estatuto de mais nova, a criança-problema ganha as benesses dessa posição (um dos ganhos secundários da doença/deficiência¹⁵⁹) e desperta, com isso, as rivalidades dos restantes irmãos, sobretudo daqueles que perdem os privilégios da sua posição na fratria e se vêem obrigados a assumirem novos papéis (desconhecidos e com mais responsabilidades)¹⁶⁰:

"Cresci com uma irmã deficiente, diz uma outra mulher com amargura (...). Os meus pais (...) faziam-me sentir que, já que eu era normal, não merecia que se ocupassem de mim. Mas a minha irmã era servida como uma rainha, porque ela vivia numa cadeira de rodas. Tive sempre a impressão que ela exagerava a sua incapacidade, que ela se aproveitava disso. Quando eu perguntava alguma coisa, a minha mãe e a minha avó respondiam automaticamente: «Devias ter vergonha. A tua irmã tem muitas mais necessidades que tu». E, de seguida, elas não compreendiam porque é que eu não

¹⁵⁸ Cit. in Petit (1983). É de esperar que em fratrias maiores a reestruturação esteja dependente, também, do sexo dos irmãos e não siga sempre uma lógica ascendente (de todos ficarem mais velhos do que a criança-problema). Por exemplo: uma fratria que tenha a seguinte estrutura: um rapaz (a criança-problema), uma rapariga e um rapaz – é mais *natural* que a rapariga *salte* para se tornar na mais velha do irmão-problema e do mais novo, e que este fique na sua posição. Assim, o mais novo pode ficar liberto da responsabilidade de ajudar a tomar conta do irmão-problema, simplesmente porque é rapaz e socialmente o papel de *cuidar* é um papel usualmente atribuído às meninas. Poderíamos construir outros cenários com reestruturações diferentes desta. Possivelmente, para além do sexo, o tamanho da fratria e a diferença de idades são factores (entre outros, como a própria personalidade das crianças) que influenciam estes reposicionamentos nas fratrias, necessários após a doença ou deficiência de um dos seus membros.

¹⁵⁹ Outros ganhos secundários: "Nalgumas situações, o diagnóstico de doença crónica [ou de qualquer outro tipo de doença ou deficiência] pode significar para um jovem o ganhar da atenção e relevo na vida familiar que não tinha tido até aí, ou o pretexto para o aliviarem da exigência excessiva de êxito académico ou desportivo" (Barros, 1999: 134).

¹⁶⁰ A assunção de novos papéis fraternais, porque são novos e, por isso, desconhecidos, geram, sempre, ansiedade e stresse. Por isso não é de estranhar que, pelo menos numa fase inicial de adaptação aos novos papéis, a fratria esteja, como a família toda, em crise. E, consequentemente, vulnerável.

era simpática com ela" (Faber & Mazlish, 1987/1995: 132-133).

Tal como acontece aquando da perda de um irmão, por morte, a restante fratria vê-se, por causa do irmão-problema, subtraída da atenção dos pais. Inicialmente porque os pais deprimem quando o problema irrompe na família – e, como já atrás referimos, emergidos nesse período de luto, a sua capacidade de relação com os filhos fica-lhes diminuída. Depois, na continuidade, os cuidados e as atenções que o filho-problema requer fá-los negligenciar os restantes. O *abandono* dos pais pode ser compensado por um elemento da família alargada. Muitas vezes, os avós ou os tios podem desempenhar essa função de suporte. Embora, como Angel (1996) refere, estando a família alargada igualmente afectada pelo drama, não está, verdadeiramente, capaz de *ouvir* as outras crianças. Estas são, pois, abandonadas e, ainda, obrigadas a esforçarem-se por serem perfeitas, felizes, brilhantes e a darem aos pais todas as alegrias de que eles foram privados pelo aparecimento do problema (Klagsbrun, 1992/1994). Como se os pais projectassem, nos filhos são, a imagem idealizada, do filho *perdido*. E, ainda, algumas vezes, a incapacidade parental (dos dois ou, apenas, de um deles) leva-os a que deleguem num dos filhos as suas funções, o que induz, na criança parentificada, como já descrevemos acima, comportamentos de hipermaturação que mais cedo ou mais tarde podem perturbar o desenvolvimento da sua autonomia.

Ou seja, com Faber & Mazlish (1987/1995: 133) podemos dizer que:

- "– um filho com problemas torna-se mais do que um problema;
- os pais, desanimados, põem-se a exigir, dos filhos normais, que eles ajam de maneira a compensar o fardo que representa o filho com problemas;
- as necessidades dos filhos normais são negadas;
- os filhos normais começam a «querer mal» ao irmão com problemas".

Este "querer mal" aparece sob a forma de ressentimentos e ciúmes dos irmãos para com o irmão-problema, essencialmente motivados pelo

tratamento privilegiado que os pais lhe devotam. Diversos estudos, citados por Barros (1999), evidenciaram que os pais tendem a ser mais permissivos e condescendentes e atribuem privilégios especiais aos filhos doentes ou deficientes. Isto é: as discrepâncias das atitudes parentais são maiores nas famílias com um filho-problema do que nas famílias com filhos são (França, 1994).

A agressividade, que seria uma forma natural de demonstrar estes sentimentos, e que numa fratria sã pode ser dirigida directamente contra o agressor é, na maior parte das vezes, nestas fratrias com um irmão doente ou deficiente, recalcada ou deslocada para o exterior da família, dado que o agressor é um ser indefeso¹⁶¹. A ausência da agressividade em relação ao irmão-problema tem sido descrita por alguns autores, nomeadamente por Marcelli (1983)¹⁶² que, ao falar das fratrias com um irmão deficiente, considera que as pequenas dificuldades dos irmãos saudáveis (tais como: as condutas de inibição, de timidez, o relativo insucesso escolar e a enurese) são o corolário do recalco dessa agressividade. Ou, melhor, é o retorno do recalco que se faz através de sintomas diversos, que podem ir desde as *pequenas dificuldades* até patologias mais inquietantes (Ferrari, Crochette & Bouvet, 1988). Por seu lado, Breslau, Weitzman & Messenger (1982)¹⁶³ encontraram que as fratrias das crianças deficientes apresentavam níveis elevados de agressão interpessoal com os amigos e na escola – o que vem demonstrar a necessidade destas crianças exteriorizarem a sua agressividade fora do contexto familiar (onde não encontram um continente apropriado para essa conduta). Contrariamente, alguns autores falam de um aumento de agressividade no interior destas fratrias atingidas pela doença ou deficiência (Angel, 1996). Talvez isto aconteça porque as crianças sãs podem ter medo de se assemelharem ao irmão-problema ou, simplesmente, porque a agressividade funcionaria como um meio para elas colocarem à distância as suas partes mais frágeis ou mais regressivas – ao projectá-las no outro, no mais débil, elas libertar-se-iam dessas partes indesejadas (Meynckens-Fourez, 1999).

¹⁶¹ Talvez por isso Furman & Lanthier (1996) tenham encontrado que quando os irmãos vivem ambos um período de elevado stresse as suas relações são mais calorosas e menos conflituosas.

¹⁶² *Cit. in* França (1994).

¹⁶³ *Cit. in* França (1994).

Sobretudo quando há um agravamento da doença ou da deficiência, ou quando o diagnóstico letal é anunciado, os remorsos e a culpabilidade dos irmãos incólumes aparecem, por terem, outrora, desejado a morte do irmão-problema. Estes desejos mortíferos não têm a ver, somente, com a situação presente do irmão. Podem advir de etapas do desenvolvimento anterior, numa altura em que o problema ainda não existia. Porque é natural que a rivalidade que existe, normalmente, entre os irmãos (que primariamente aparece na disputa pelo objecto de amor materno, como vimos acima), seja reavivada pela presença de um irmão doente ou deficiente, na medida em que este retém a atenção dos pais (Ferrari, 1989), isto é, se apodera deles. Para os irmãos são esta rivalidade é difícil de assumir, porque ela pode ser vivida como "uma espécie de colusão entre fantasmas e realidade, como a realização dos desejos mortíferos que tiveram" (*idem, ibidem*: 418). E é esta culpabilidade que pode estar na origem, quase sempre, da dificuldade de expressão da agressividade para com o irmão-problema.

A culpabilidade pode revestir-se de outras formas: nos casos de doenças geneticamente transmitidas, o irmão indemne pode perguntar-se porque é que ele não foi atingido e culpabilizar-se por isso. As próprias circunstâncias em que o problema aparece, como no exemplo seguinte referido por Angel (1996: 163-164), podem levar ao paroxismo da culpabilidade:

"João Luís entendia-se maravilhosamente com o seu irmão mais velho. Nem dois anos de idade os separavam. (...) Um dia, Vicente propõe ao seu irmão ir buscá-lo a casa dos amigos, na sua nova moto. João Luís esperou-o em vão; a polícia informa a família do grave acidente que acabava de se dar (...). Depois de muitos meses hospitalizado, [Vicente] fica tetraplégico. João Luís ainda não tinha vinte anos e organiza toda a sua vida à volta deste irmão paralisado, defrontando-se com a culpabilidade de ser indemne e sentindo-se responsável pelo acidente: foi ao ir buscá-lo que o drama aconteceu. A sua abnegação era tal que ele não se casa senão após o irmão ter encontrado uma alma gémea, não teve filhos enquanto Vicente, que não os podia ter, não adoptou uma rapariguinha. (...) Renuncia ao seu emprego de jurista para criar uma empresa onde o seu irmão tinha acções".

Neste exemplo fica claro como o futuro da prole pode ficar comprometido em função da situação do irmão-problema. Sentindo-se, fantasmática ou realisticamente, culpados pelo que aconteceu ao irmão, os restantes sentem-se, muitas vezes, coarctados e não se permitem fazer aquilo que o doente/deficiente não pode fazer. Uma espécie de lealdade, cumplicidade ou solidariedade fraternal leva os primeiros a identificarem-se especularmente ao segundo, de tal forma que anulam a sua própria identidade para *viverem* a identidade do doente ou deficiente¹⁶⁴. Este processo é, quase sempre, induzido pelos próprios pais, que não permitem a distanciação entre os filhos ou projectam maciçamente, nos filhos sãos, a imagem idealizada do filho-problema.

Pelo facto dos irmãos se igualarem no que podem ou não fazer, o doente ou deficiente, que em comparação com os pares se sente diferente¹⁶⁵, vivencia um certo apaziguamento dos profundos sentimentos de infelicidade que essa diferença lhe suscita – pelo menos, na fratria, ficam todos irmanados no mesmo destino: um não pode ter filhos, o outro não os terá, por exemplo¹⁶⁶. Embora, claro está, a partilha da *desgraça* não esteja isenta, por parte do irmão-problema, de uma certa culpabilidade pois, no fundo, este sente-se como o responsável pela limitação que *impõe* aos irmãos sãos.

Por outro lado, da parte destes, a culpabilidade fica aligeirada com esta partilha. Mesmo a escolha profissional dos elementos saudáveis pode reflectir uma certa dissimulação do delito original (a rivalidade) entre os irmãos. Frequentemente, a fratria das crianças deficientes ou doentes

¹⁶⁴ Embora esta identificação, como refere Scelles (1997), possa sempre reactivar vários problemas psíquicos nos *irmãos-normais*, por exemplo: a confrontação com as suas próprias falhas e a sua impotência para ajudarem um ser que é mais frágil e indefeso do que eles, o desejo de se identificarem a este, mas, simultaneamente, o medo de perderem a sua *normalidade*. Claro que este medo e angústia de se identificarem demasiado ao irmão-problema depende do grau da doença/deficiência: se ela for muito severa torna-se mais fácil que os irmãos-sãos se desidentifiquem do irmão diferente (*idem, ibidem*).

¹⁶⁵ Claro que a vivência da *diferença* não é exclusiva dos doentes/deficientes. Muitas crianças confrontam-se com alguma forma de diferença, seja devido à nacionalidade, raça, religião, classe social ou particularidade física (Barros, 1999: 143).

¹⁶⁶ A propósito dos filhos, embora isso dependa da doença ou deficiência do irmão, pode acontecer que os irmãos indemnes tenham receio, no futuro, de virem a procriarem, com medo de terem filhos que, tal como o irmão, sejam doentes ou deficientes.

orienta-se para carreiras médicas, paramédicas ou sociais (Ferrari, Crochette & Bouvet, 1988; Angel, 1996; Scelles, 1997). Esta capacidade de ajudar os outros não compensa, sempre, a dor de ter crescido com um irmão severamente atingido, ou a responsabilidade de se ocupar dele, mas, em certa medida, torna as coisas mais fáceis (Klagsbrun, 1992/1994) porque permite, por formação reactiva, defender-se dos ignóbeis sentimentos de inveja e ciúme que, inevitavelmente, todos sentiram, algures, durante o trajecto comum que é a vida de uma fratria e que, como vimos dizendo, está muitas vezes na origem da culpabilidade associada a estas situações dramáticas.

A relação entre o casal também muda. Devido ao stress provocado pela situação de ter um filho com um problema grave acontece, muitas vezes, que os conflitos conjugais são amplificados e o casal divorcia-se. Se a doença ou deficiência do filho é congénita, por exemplo, um dos membros do casal pode sentir-se culpado por ter transmitido a doença ao filho e o outro membro pode *culpá-lo* (consciente ou inconscientemente) por esse problema¹⁶⁷. Todo o "fantasmático familiar", como consideram Ferrari, Crochette & Bouvet (1988: 24), pode modificar-se pela presença de um filho com uma patologia congénita, pois esta "aparece como o ressurgimento de taras reais ou supostas, atribuídas a um determinado antepassado ou linhagem".

Quando a escalada de conflitos leva à separação do casal um dos filhos pode ser parentificado, isto é, pode ser levado a ocupar o lugar deixado vago pelo pai que *abandona* a família. Se os pais continuam juntos, preocupados e deprimidos com a situação criada pelo filho-problema, todos os restantes filhos ficam como que parentificados (para tomarem conta dos pais) ou, de qualquer forma, passam a agir com mais responsabilidade e maturidade que antes, para aliviarem o fardo aos pais (já tão pesado pelo problema do filho doente ou deficiente).

O papel dos pais é importante na medida em que pode facilitar ou dificultar o ajustamento à doença ou deficiência, tanto do filho-problema como dos

¹⁶⁷ Se os pais se atribuem a si-mesmos a causa ou origem da doença/deficiência, seja por factores genéticos ou por algo que fizeram ou deixaram de fazer, a situação é mais problemática para os próprios pais e, como tal, pode vir a ser mais difícil também para a criança (Barros, 1999). Os sentimentos de culpabilidade ou revolta (dos pais e da criança) influenciam a construção de significações sobre a doença/deficiência e a adaptação em geral (*idem, ibidem*).

restantes irmãos. Para Barros (1999), os pais têm de cumprir três tipos de adaptação: aceitarem a ideia de um filho doente ou deficiente, modificarem as suas expectativas, projectos e rotinas de modo a adaptarem-se às exigências da doença/deficiência em cada período de vida; ajudarem a criança a aceitar o seu problema, as limitações que este impõe, as exigências do tratamento; e, finalmente, manterem algum equilíbrio nas outras áreas da sua vida enquanto pessoas (cônjuges, amigos, profissionais). E enquanto pais dos filhos são¹⁶⁸.

Mas ter um filho ou um irmão doente ou deficiente não traz só consequências nefastas para a família. Como sucede perante outros acontecimentos dramáticos que podem irromper no decurso do ciclo de vida de uma família, a doença ou deficiência de um dos seus membros pode desencadear processos positivos e estruturantes para toda a família ou, pelo menos, para alguns dos seus membros. O desenvolvimento *positivo* de um dos pais pode ser ilustrado com o exemplo do Nobel da Literatura de 1994, Kenzaburo Oë, que, numa entrevista concedida em 1987 à revista francesa *Magazine Littéraire*, confessava:

"Creio que, desde há vinte e quatro anos, a minha literatura é feita para compreender porque é que o meu filho nasceu com uma deficiência cerebral. (...) O meu filho é essencial para mim. (...) Foi o nascimento do meu filho que me revelou o verdadeiro caminho da minha vida"¹⁶⁹.

No caso dos irmãos, o facto de terem vivido com um irmão diferente e de, em consequência disso, terem sido *negligenciados* pelos pais, fá-los aprender rapidamente a *desenrascarem-se* por si-mesmos e, porque sabem bem o que é a solidão, eles são capazes de apreciar a amizade e de desenvolver uma grande compreensão em relação aos outros (Klagsbrun,

¹⁶⁸ Acrescentamos nós, novamente, porque Barros, como muitos outros autores, incorre no erro comum de esquecer a fratria...

¹⁶⁹ Extracto da apresentação do livro *Não matem o bebé*, de Kenzaburo Oë. Neste romance autobiográfico, o escritor narra a história do renascimento de um pai após o nascimento do seu filho deficiente.

1992/1994). Pinto (1991)¹⁷⁰, ao comparar adolescentes que tinham irmãos deficientes com adolescentes sem irmãos deficientes, concluiu que os primeiros revelavam mais atitudes sociais positivas. Talvez também por isso escolham profissões de carácter social, como já vimos atrás.

Por outro lado, o facto dos irmãos da criança doente ou deficiente servirem, muitas vezes, como professores, modelos e agentes de mudança (Craft *et al.*, 1990)¹⁷¹, isso compele-os a desenvolverem capacidades extras ou a progredirem nalgumas competências já adquiridas que sem este desafio não se revelariam ou não atingiriam, tão cedo, níveis tão significativos. Embora, sublinhe-se, este *aparente* crescimento dos restantes irmãos pode, apenas, ser pontual e traduzir uma hiper-adequação à situação problemática, mascarando, não raras vezes, o desenvolvimento de um *falso-self* que, mais cedo ou mais tarde, se exprimirá sob a forma de uma qualquer insidiosa sintomatologia.

Sintetizando, diremos que qualquer situação problemática na fratria (seja a morte, a doença ou a deficiência de um irmão) provoca sempre alterações no sistema familiar. Marcas indeléveis que nem sempre são negativas para o desenvolvimento posterior tanto da família ou de cada um dos seus membros. Quando os filhos são muito pequenos estão mais vulneráveis ao estado emocional dos pais, desencadeado por estes acontecimentos traumáticos, porque, obviamente, estão mais dependentes destes (afectiva e cognitivamente). Nas situações de luto patológico, como vimos, a posição de irmão mais velho ou de irmã mais velha pode ser um factor de maior risco – vimos como nos casos de parentificação são, geralmente, estas crianças que são responsabilizadas pelo cuidar dos pais e irmãos mais pequenos (embora muitas vezes possa ser toda a fratria que é obrigada a crescer prematuramente, como dissemos).

¹⁷⁰ Cit. in França (1994).

¹⁷¹ Cit. in França (1994). As conclusões do estudo de Craft *et al.* versam sobre as fratrias de crianças com paralisia cerebral, mas, pensamos, não é abusivo generalizá-las para as fratrias com outras deficiências ou doenças.

4. SÍNTESE

No conjunto dos três capítulos da primeira parte deste trabalho tentámos dar uma visão global sobre a fratria: as relações entre os irmãos, as semelhanças e as diferenças entre eles e as principais situações dramáticas que podem afectá-los. Sinteticamente, de tudo o que ficou dito gostaríamos de sublinhar os aspectos seguintes:

1. as relações entre os irmãos são coloridas por afectos que vão, num *continuum*, do amor ao ódio. A perigosidade existe se elas cristalizarem num destes dois extremos: demasiada proximidade pode levá-los ao incesto; uma grande distanciação e rivalidade (inveja) podem desencadear condutas agressivas que podem ir até ao limite do fratricídio.

2. embora classicamente, sobretudo os psicanalistas, tenham reduzido as relações fraternais a uma intricação de triângulos edipianos, actualmente, o quadro conceptual que prevalece é o de considerar que algumas experiências entre os irmãos são originais e independentes dessa problemática. Existe, assim, toda uma dinâmica que funciona a um nível horizontal: algumas relações entre os irmãos (que podem ser, até, algumas delas, muito mais sexualizadas do que as edipianas, como o incesto efectivado, por exemplo) explicam-se pela imagem especular que eles oferecem uns aos outros, confrontação essa que participa na elaboração do sentimento de identidade de cada um deles. As rivalidades na fratria não seriam, então, exclusivamente, resultantes do desejo de monopolizarmos e assegurarmos o amor dos pais, e de deslocarmos as culpabilizantes rivalidades edipianas, mas resultariam, também, da necessidade de nos diferenciarmos dos outros, para existirmos, enquanto pessoa, no grupo familiar.

3. o ciúme tem sido o sentimento mais estudado – talvez, até, porque é o mais comum e universal entre os irmãos. Mas, algumas vezes, na relação

entre eles, é de inveja e não de ciúme de que se trata ou, simultaneamente, das duas coisas. A inveja é mais arcaica e destrutiva do que o ciúme. Porque permanecer na inveja indicia que não se realizou a separação com o objecto primordial (a mãe), necessária a que o decurso evolutivo para a individualização se efective, isto é, para que possa haver um reconhecimento de si e do outro (e é este não-reconhecimento que pode levar a uma sentida necessidade de eliminar o outro, como no caso do fratricídio). Sem a introdução/interiorização do terceiro na relação mãe-filho fica entravado o desenvolvimento pessoal, porque é só depois da primeira triangulação que nos podemos abrir às múltiplas e obrigatórias relações sociais.

4. a destronação é um acontecimento indelével na vida de cada um de nós. Mesmo os filhos únicos e os mais novos, embora não a vivenciem efectivamente, experimentá-la-ão fantasmaticamente. O conjunto de sentimentos sofridos aquando desta despossessão é, correntemente, designado por complexo de Caim. O ciúme é considerado o afecto-charneira deste complexo fraternal.

5. o complexo de Abel traduziria os sentimentos que o destronador experimentaria quando se apercebe de que, antes dele, já existe outra criança na família, e de que esse rival é, até, mais forte do que ele, o que lhe dificulta, ou mesmo impossibilita, a legítima ambição de o suplantar. Mais do que ciúme, é um certo ressentimento (para com os pais: que tiveram outro filho antes dele; e para com o irmão: que lhe contraria o desejo de ser o continente exclusivo do amor dos pais) que forma o núcleo central deste complexo.

6. apesar dos irmãos, pelo menos inicialmente ou durante algumas fases do nosso desenvolvimento, frustrarem a tentação narcísica/egocêntrica de nos fusionarmos com os pais (ou seja, o de sermos filhos únicos), após o entendimento de que somos todos iguais nessa privação (necessária), eles são fontes enriquecedoras de aprendizagens cognitivo-relacionais diversas. Assim, ajudam-nos: a reconhecer a existência de sentimentos e pensamentos diferenciados (nossos e deles); a desenvolver capacidades de negociação, partilha, cooperação, competição, manipulação; a fazer amigos e a expressar sentimentos, etc.. E também, ludicamente, oferecem-se como companheiros fiéis de jogos e brincadeiras. Mais tarde, na idade adulta (sobretudo na

terceira idade), surgem como suportes afectivos, dado que, muitas vezes, são eles as únicas pessoas que restam da nossa família de origem.

7. a partir da análise de factores do desenvolvimento como a hereditariedade e o meio vimos como os irmãos são mais diferentes do que semelhantes e como as semelhanças se devem mais à partilha de um património genético comum do que ao facto de terem vivido juntos. Sendo o meio o factor mais diferenciador, a família, isto é, o primeiro e mais influente meio onde nos desenvolvemos, não é inteiramente partilhada por todos os filhos; pelo contrário, ela é a origem principal das diferenças entre eles. O tratamento diferenciado dos pais aparece como sendo a primeira fonte de experiências não-partilhadas. Mas, ao que parece, é mais o tratamento parental percebido do que o real. Aliás, como todos os factos (familiares ou não) são percebidos de maneira diferente por cada um de irmãos, é inquestionável que a maioria das suas experiências de vida sejam diversas. Considera-se que apenas alguns (poucos) valores e mitos familiares são relativamente partilhados por eles. Consequentemente, torna-se pouco relevante falar em meio partilhado.

8. uma outra fonte de diversidade entre os irmãos advém das suas diferentes ordens de nascimento. Não só porque o lugar que cada um ocupa na família implica a experiência de relações diferenciadas com os restantes membros como, também, porque as restantes características do *status* fraternal (como a idade e o sexo) originam que, em determinado momento, os factos familiares sejam diferentemente percebidos (pelo diferente nível de desenvolvimento de cada uma das crianças). A ordem de nascimento conferiria, assim, alguns aspectos diferenciadores à personalidade e a apreciação dos acontecimentos (familiares ou não) seria diversamente feita por cada um dos irmãos, num processo circular em que, recursivamente, se podem amplificar as diferenças individuais.

9. algumas situações acidentais – como a morte, a doença e a deficiência de um ou de vários irmãos – são acontecimentos que podem alterar o *normal* desenvolvimento do funcionamento da fratria e afectar, diferentemente, cada um dos membros. Não só pelo diferente nível de desenvolvimento que cada um deles tem quando a *tragédia* acontece como, também, pela peculiar relação que cada um mantém (ou manteve) com o irmão-problema (ou

morto). A culpabilidade e os remorsos são sentimentos frequentes nos irmãos indemnes ou sobreviventes, muitas vezes não porque se considerem directamente responsáveis pelo acontecido ao irmão mas porque a situação actual deste pode reactivar *delitos* antigos, reais ou imaginários, dos quais, agora, se penitenciam. Uma identificação mortífera com o irmão doente ou deficiente pode acontecer, seja como expiação dessa culpa, seja por uma projecção parental intensa que não permite a diferenciação entre os filhos. Sempre que o luto dos pais não foi completamente resolvido, os filhos são ou sobreviventes podem ser chamados a ocupar, no coração daqueles, o lugar que o filho *perdido* deixou vazio. A agressividade é, portanto, um outro sentimento reactivo comum a estas situações problemáticas na fratria, sobretudo pelos desarranjos que o irmão-problema ou morto provoca na família, como seja: a perda dos pais de antes da sobrevivência desse acontecimento. A parentificação de um dos filhos pode ser, igualmente, um arranjo possível subsequente a destruturações provocadas por estas situações problemáticas acontecidas no seio da fratria.

Iremos agora, na segunda parte, falar de fratria e personalidade, mencionando alguns dos principais trabalhos que têm sido feitos sobre esta temática – com destaque para aqueles que servirão de base para o nosso trabalho empírico que será apresentado na terceira parte.

FRATRIA E PERSONALIDADE

5. POSIÇÃO FRATERNAL E PERSONALIDADE

"Podemos dizer da fratria o que foi dito de um cavalo: «Animal perigoso nas duas pontas e desconfortável no meio»?"

Gilbert Maurey in Présentation, p. 14.

É ponto assente que a maioria das diferenças na personalidade têm origem na família. Vimos atrás como os irmãos criados juntos podem ter personalidades tão diferentes entre si quanto os indivíduos pertencentes a famílias distintas. Parte dessas diferenças, dissemos-lo, advém da posição que cada um ocupa na sua fratria de origem.

O conceito de personalidade é um dos mais centrais e sedutores da psicologia humana mas, simultaneamente, um dos mais difíceis de definir. Como refere Fontana (1977/1984: 12), "é um daqueles termos tantalizantes que quanto mais tentamos apreender, mais parece fugir à nossa compreensão". Por várias razões, entre elas, porque a personalidade "pode ser definida de forma a englobar praticamente todos os aspectos da vida e experiência humana" (Heatherton & Nichols, 1994)¹⁷². Assim, compreensivelmente, existem centenas de definições diferentes de personalidade: (quase) tantas quantas as pessoas que se aventuraram a tentar defini-la... E são tão variadas as propostas que muitos autores optam por falar dela sem, no entanto, a definirem (Lima, 1997). Para Fontana (*ibidem*: 13), uma das tentativas mais satisfatórias foi a apresentada por Eysenck, Arnold & Meili, em 1975:

¹⁷² Autores citados in Lima (1997: 13). Lima refere mais algumas razões que explicam esta dificuldade, nomeadamente: a perspectiva teórica na qual se inserem os investigadores, a função para a qual se está a definir esse constructo, etc. (*ibidem*: 16).

"A personalidade é a organização relativamente estável das disposições motivadoras de uma pessoa, proveniente da interacção dos impulsos biológicos e do meio físico e social. Geralmente, o termo (...) refere-se, especificamente, às características afectivo-volitivas, sentimentos, atitudes, complexos e mecanismos inconscientes, interesses e ideais, que determinam (...) o comportamento distintivo do homem e o pensamento".

Nesta definição acentua-se que a personalidade é relativamente *estável* (não nos tornamos pessoas diferentes de dia para dia), que é *organizada* (os seus atributos estão inter-relacionados), *distintiva* (cada personalidade é única) e, ainda, que é o resultado de uma *interacção* entre a hereditariedade e o meio (*idem, ibidem*).

Como já referimos acima, a propósito do desenvolvimento humano, como existem duas abordagens possíveis para o estudo da personalidade: a idiográfica (que sublinha a idiosincrasia e, conseqüentemente, visa a compreensão de cada pessoa em particular) e a nomotética (que está associada à formulação de leis gerais, isto é, à explicação do que é estável nas pessoas e do que é comum entre elas). Neste trabalho, como pretendemos perceber as diferenças de personalidade entre os sujeitos das diferentes posições fraternais, iremos, pois, socorrer-nos de um instrumento de avaliação da personalidade que se insere na perspectiva dos traços. Ou seja, em suma, iremos avaliar o primeiro aspecto descrito na definição de Eysenck e colaboradores: os padrões estáveis, constantes, persistentes (os traços da personalidade), inferidos a partir das regularidades do comportamento individual.

Assim, seguindo esta perspectiva, iremos descrever, ao longo dos três capítulos desta *Segunda Parte*, as características de personalidade mais comumente apontadas para as diversas posições fraternais.

Foi Alfred Adler (1870-1937) o primeiro a definir, em traços gerais, a personalidade correspondente a cada uma das principais posições fraternais. Este discípulo de Freud – um dos primeiros mas, também, um dos seus primeiros dissidentes – é considerado por muitos como o pioneiro no estudo das relações fraternais. Foi ele o primeiro a assinalar a constelação de irmãos como o primeiro "microcosmos" social, anterior à vida escolar e social, onde a criança, na relação com os iguais que são os seus irmãos, pode aprender a

desenvolver as suas capacidades cooperativas e a preparar-se para enfrentar os problemas da vida (Arranz, 1989). Ou seja, para Adler, é na relação com a família e, em particular, com os irmãos que se começa a desenvolver o sentimento social (ou de comunidade) – que é fundamental para a formação do carácter¹⁷³.

Para o criador da Psicologia Individual, cada uma das posições fraternais providencia experiências específicas e gera uma particular recepção das experiências comuns (Bernstein, 1993)¹⁷⁴. Adler (1926/1984) refere, nomeadamente, que a posição na fratria é de tal modo importante na modelação da personalidade e do carácter individuais que é possível reconhecer rapidamente, desde que tenhamos experiência suficiente, se um dado indivíduo é primogénito, único, o menor dos seus irmãos, etc..

Não terá feito um estudo sistematizado da problemática fraternal mas definiu, em traços gerais, a personalidade do filho mais velho, do segundo, do do meio, do mais novo, do filho único, etc. (uma breve simplificação da teoria adleriana pode encontrar-se em Stein (1997) (*cf.* Quadro 2). Como podemos ver nesse quadro, Adler, para além de definir as principais posições fraternais referiu-se ainda, a outras posições fraternais, tais como: único rapaz entre raparigas, única rapariga entre rapazes, fratrias só de rapazes, fratrias só de raparigas... Perspectivava, assim, que não era só a ordem de nascimento mas também o sexo e o número de irmãos que influíam na personalidade.

O autor que mais detalhadamente delineou as diversas posições fraternais (tendo em conta a ordem de nascimento, o sexo, as diferenças de idade e o tamanho da fratria) foi Walter Toman, como iremos ver no capítulo 7. Antes, porém, no capítulo 6, descreveremos a teoria e os resultados da investigação

¹⁷³ O sentimento social (ou de comunidade) e o sentimento de inferioridade são dois conceitos-chave na psicologia adleriana. O carácter individual constrói-se entre estes dois pólos opostos: o primeiro impulsiona o sujeito a unir-se aos demais e a vincular-se com as tarefas e ideais do grupo em que vive, e o segundo impulsiona-o a rebelar-se e a afirmar a sua personalidade e o seu domínio perante os outros, através de um processo de sobre-compensação (Adler, 1912/1993). O carácter, para Adler, é a maneira como cada um se comporta perante os outros (Schaffer, 1984) e formar-se-ia durante os primeiros quatro ou cinco anos de vida.

¹⁷⁴ *In* Adler (1912/1993).

de Frank. J. Sulloway que se refere, unicamente, à ordem de nascimento, *dividindo* os sujeitos em primogénitos e não-primogénitos.

Neste capítulo, embora o tenhamos estruturado em apenas quatro pontos – as quatro principais posições fraternais: filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos – nunca perderemos de vista os ensinamentos de Adler e Toman (entre outros), isto é, para cada uma dessas quatro principais posições descreveremos os diversos tipos que se podem genericamente enquadrar nessa denominação. Por exemplo, quando falarmos dos mais velhos, falaremos dos mais velhos de rapazes, dos mais velhos de raparigas, dos mais velhos muito distanciados em idade do irmão seguinte, etc.. Embora, muitas vezes, ao longo deste trabalho, nos reportemos às posições no singular (primogénito, do meio, etc.), no título dos quatros pontos deste capítulo utilizaremos o plural para frisarmos, propositadamente, a diversidade existente dentro de cada posição fraternal.

Veremos como existe uma certa discrepância nos resultados dos diversos estudos sobre este tema, sobretudo resultantes das diferentes metodologias utilizadas. Com efeito, muitos deles atenderam, exclusivamente, à ordem de nascimento (excluindo variáveis como o sexo dos irmãos, a diferença de idades entre eles e o tamanho da prole) e utilizaram diferentes instrumentos para avaliarem a inteligência e a personalidade dos irmãos (que medem, muitas vezes, aspectos divergentes dessas expressões humanas). Tudo isto dificulta a comparação entre as várias investigações que têm sido feitas sobre esta problemática.

Quadro 2: síntese da teoria de Adler sobre as posições fraternais (Stein, 1997)

POSIÇÃO	SITUAÇÃO FAMILIAR	CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS
único	O nascimento é um milagre. Os pais não têm experiência prévia. Retém 200% da atenção de ambos os pais. Pode tornar-se rival de um dos pais. Pode ser super-protégido e mimado.	Gosta de ser o centro da atenção dos adultos. Muitas vezes tem dificuldade em partilhar com as outras crianças. Prefere a companhia e utiliza a linguagem dos adultos.
mais velho	Destronado pelo filho seguinte. Tem de aprender a partilhar. As expectativas dos pais são geralmente muito altas. Muitas vezes são-lhe dadas responsabilidades e espera-se que dê o exemplo.	Pode tornar-se autoritário ou disciplinador. Sente que o poder é o seu direito natural. Pode tornar-se prestável desde que encorajado. Pode tornar-se <i>pai</i> depois do nascimento do irmão seguinte.
segundo	Tem alguém que lhe dá o exemplo. Tem sempre alguém na frente.	É mais competitivo, deseja alcançar o irmão mais velho. Pode tornar-se um rebelde ou tentar superar toda a gente. A competitividade pode descambar em rivalidade.
do meio	Está <i>ensanduichado</i> . Pode ser forçado a sair de uma posição de privilégio e significado.	Pode ser equilibrado, com uma atitude de <i>tanto faz</i> . Pode ter problemas em encontrar um lugar ou tornar-se o combatente da injustiça.
mais novo	Tem muitas mães e pais. Os irmãos mais velhos tentam educá-lo. Nunca é destronado.	Quer ser maior do que os outros. Pode ter grandes planos que nunca passam disso. Pode ficar o <i>bebê</i> . Frequentemente mimado.
gémeos	Um é mais forte ou activo. Os pais podem ver um como o mais velho.	Podem ter problemas de identidade. O mais forte pode tornar-se o líder.
“filho fantasma”	A criança que nasce após a morte do primeiro filho pode ter um <i>fantasma</i> à frente dela. A mãe pode tornar-se super-protectora.	Esta criança pode explorar a super-preocupação da mãe com o seu bem-estar, pode tornar-se rebelde e protestar ao sentir-se comparado com uma memória idealizada.
filho adoptivo	Os pais podem sentir-se tão agradecidos por terem um filho que o mimam. Podem tentar compensá-lo pela perda dos seus pais biológicos.	Esta criança pode tornar-se muito mimada e exigente. Eventualmente pode criar ressentimentos ou idealizar os seus pais biológicos.
único rapaz entre raparigas	Usualmente está com mulheres, se o pai estiver ausente.	Pode tentar provar que é o homem da família, ou tornar-se efeminado.
única rapariga entre rapazes	Os irmãos mais velhos podem agir como protectores.	Pode tornar-se muito feminina, ou uma maria-rapaz e superar os irmãos. Pode tentar agradar ao pai.

só rapazes	Se a mãe desejasse uma rapariga, pode vesti-lo como uma rapariga.	A criança pode tirar proveito do papel designado ou protestar vigorosamente.
só raparigas	Pode ser vestida como um rapaz.	A criança pode tirar proveito do papel designado ou protestar vigorosamente.

OS FILHOS ÚNICOS

"Cada um de nós está no centro de um universo emotivo. Ao filho único isto não basta: pretende estar no centro do universo todo. A confusão entre os dois sistemas pode levá-lo ao delírio. Não há perigo: em caso de internamento resta-lhe sempre a mãe a levar-lhe laranjas"

Gianni Monduzzi in Manual para nos defendermos da mãe, p. 98.

Os filhos únicos não têm, propriamente, posição fraternal. Pode, assim, parecer desadequado falar-se de filhos únicos num trabalho que pretende mostrar a importância da fratria no desenvolvimento individual. Mas não é: a ausência de fratria cria, por si só, características próprias a estes indivíduos e isso já é uma razão suficientemente forte para integrá-los aqui.

Há muitas espécies de filhos únicos: os autênticos (que foram e serão sempre únicos), todos os primogénitos (únicos até ao nascimento de um irmão) e os que nunca o foram mas se tornam únicos após a morte da restante fratria. Outros, ainda, podem ser considerados filhos únicos *funcionais* ou *quase-únicos*, apesar de terem uma fratria – são todos aqueles que têm uma grande diferença de idades em relação aos irmãos adjacentes. É o caso de um irmão mais velho muito espaçado do irmão que se lhe segue, de um mais novo muito mais novo do que o penúltimo, de um do meio muito distanciado do irmão imediatamente anterior e do irmão posterior.

Há algumas divergências quanto ao intervalo de idades que conferiria à criança este estatuto de quase-único: Arranz (1989) fala de um espaçamento de cinco anos que já converteria o irmão antecedente num *segundo pai* do irmão seguinte; Toman (1993) considera que só uma diferença de idades de seis ou mais anos é que faz com que as crianças apresentem características de filhos únicos (embora, segundo este autor, as crianças *quase-únicas* possam ter, também, características das suas respectivas posições; por exemplo: um rapaz mais velho de uma rapariga, distanciado desta por seis ou mais anos, apresentará características de filho único e de mais velho de rapariga).

Assim sendo, porque existem vários tipos de filhos únicos, eles não são todos iguais. Mesmo os filhos únicos autênticos podem diferir bastante uns dos outros porque, como considera Toman (*ibidem*), para além das

características da sua posição de únicos eles tomam, também, algumas características do pai do mesmo sexo, com o qual se identificam. Exemplificando: os filhos únicos cujos pais são, eles próprios, filhos únicos tendem a apresentar, e mais vincadamente, as características e o comportamento social correspondente a esta posição (*idem, ibidem*). O sexo também os distinguiria: ser filho único rapaz não é a mesma coisa que ser filha única (veremos adiante, no capítulo sobre Toman, os perfis distintos que este autor apresenta para estes dois tipos de posições fraternais).

No entanto, apesar das dissemelhanças, os filhos únicos têm em comum algumas características sobre as quais iremos reflectir.

As razões que levam um casal a ter um único filho são as mais variadas: história familiar, idade avançada dos cônjuges, problemas de saúde da mãe após o nascimento do primeiro filho, doença ou deficiência do primeiro filho, ruptura precoce do casal, etc., etc.. Mas não poder dar à luz uma fratria não é a mesma coisa que escolher ter só um filho (Angel, 1996).

"No primeiro caso, os pais cumprem um trabalho de luto em relação aos outros filhos que eles não podem engendrar. No segundo caso, a célula familiar corresponde àquela que eles tinham sonhado" (*idem, ibidem*: 69).

Vejamos então quais são as características mais comuns que são apontadas a estas crianças – e começamos por apresentar o caso de uma filha única, Indira Gandhi, através do qual podemos já observar alguns dos comportamentos típicos desta posição *afraternal*¹⁷⁵:

"Indira Gandhi cresceu relativamente isolada e viveu, primeiramente, no meio de adultos; torna-se, muito rapidamente, na confidente de seu pai. Ela tinha o sentimento de uma missão a cumprir e o sentido das

¹⁷⁵ Os filhos únicos não têm, obviamente, posição fraternal. Quando muito, abusando etimologicamente da palavra fratria, pode considerar-se que eles pertencem a uma fratria de um elemento, onde eles seriam o irmão de si próprios. Por isso, talvez não seja desadequado dizermos que a sua posição na família é *afraternal*.

responsabilidades, típicos de uma primogénita. Como líder, tal como uma filha única, era autoritária e levou uma existência quase solitária, guardando os seus projectos para si mesma. É interessante notar que o seu pai e o seu avô paterno eram os dois filhos únicos (funcionais). O seu pai, Jawaharlal Nehru, era onze anos mais velho que o seu irmão, e o seu próprio pai, Motilal Nehru (também um líder na Índia), era muito mais novo do que os seus irmãos e irmãs e tinha sido criado no lar do seu irmão mais velho, porque o seu pai tinha morrido antes mesmo do seu nascimento. A doença da mãe de Jawaharlal, assim como a da de Indira, podem, igualmente, ter acentuado a independência do seu papel como filha única" (McGoldrick & Gerson, 1985/1997: 69-70).

Líder, autoritária, solitária... A maioria dos autores, e até o senso comum, têm tendência a descrever o filho único essencialmente pela negativa: são os *maiores egoístas*, os *menos sociáveis*, etc.. Adler, que foi o primeiro a estabelecer uma tipologia das posições fraternais, descreve-o da seguinte maneira:

"Espera sempre que alguém lhe indique o caminho e o apoie, e frequentemente mimado, habitua-se a não esperar dificuldades de nenhum género. Como é o ponto central da família, adquire com facilidade a sensação de ser algo muito especial. (...) O constante cuidado de que a criança se sente objecto, fá-lo-á considerar o mundo como inimigo, e crescerá temendo constantemente os obstáculos que se lhe avizinham, para os quais não tem treino nem preparação, porque só se lhe fez gozar o lado agradável da vida. Tais indivíduos encontrarão sempre dificuldades em qualquer actividade independente e são inadaptados para viver. Facilmente fracassam, as suas vidas assemelham-se, frequentemente, à dos parasitas que só gozam quando outros se preocupam em proporcionar-lhes tudo" (Adler, 1926/1984: 131).

Para Adler, é a "cautela excessiva" e a "pressão" dos pais que favorecem este desenvolvimento problemático destas crianças (*ibidem*). A super-protecção

parental, segundo Alexandra Adler (1977)¹⁷⁶, filha de Alfred Adler, é uma resposta educativa lógica inerente à sua situação familiar: são o único filho (as atenções dos pais estão todas concentradas nele) e o primeiro (os pais são, portanto, inexperientes – sobretudo mais do que aqueles que têm mais do que um filho). Esta resposta, quase sempre, não favorece a aquisição de hábitos autónomos e isso impede-as de conseguirem um nível suficiente de confiança em si mesmas (Arranz, 1989).

No entanto, como refere o neoadleriano Titze (1979/1983), se os únicos forem criados numa atmosfera de "educação democrática", isto é, se não forem mimados em demasia, têm condições para adquirirem meios "activo-agressivos" que lhes servirão para a sua própria segurança e para se prepararem para a vida. E não serão, então, pouco confiantes como Adler estabeleceu. Que os únicos podem ser bastante auto-confiantes testemunham- -no alguns estudos sobre a auto-estima, onde eles se mostram significativamente com níveis mais elevados do que as restantes crianças (Arranz, 1989). Segundo este autor, parece razoável poder pensar-se que as crianças únicas desenvolvem bons índices de auto-estima dado que a atenção parental e a valorização da sua pessoa são especialmente intensos no seu meio familiar. Ou seja, a exclusividade parental pode ter também esta vertente positiva para o desenvolvimento: porque quem está seguro do amor dos pais (e os filhos únicos, mais do que as outras crianças, têm as condições ideais para confiarem nele e raramente o questionarem) adquirirá "um sentimento de si suficientemente sólido para abordar o mundo com optimismo que conduzirá ao sucesso real" (Assoun, 1998a: 99).

À semelhança de Adler, Mauco & Rambaud (1951) inventariaram uma série de características negativas ligadas à situação dos filhos únicos. Ao analisarem duzentos processos de crianças, da região parisiense, que tinham sido enviadas e seguidas em consultas psico-pedagógicas, estes autores verificaram que as crianças únicas mostravam-se, geralmente, mais desfavorecidas relativamente às outras crianças: por uma saúde mais fraca dos pais, dificuldades maiores durante a gravidez, no parto e aleitamento; o desmame era mais tardio, a promiscuidade com os pais e, sobretudo, com a mãe, era maior; o pai era mais apagado e mais calado, a mãe mais super-protectora; a vida social e, primeiramente, a vida escolar era muito mais

¹⁷⁶ Cit. in Arranz (1989).

difícil: daí uma indisciplina e um trabalho escolar nitidamente inferiores à das outras crianças.

Ao investigarem a relação entre a ordem de nascimento e a frequência nas consultas psico-pedagógicas, Mauco & Rambaud verificaram que, das duzentas crianças levadas à consulta por dificuldades afectivas e caracteriais, 33% eram filhos únicos, 27% eram primogénitas, 20% eram intermédias e 19% eram benjamins (na população geral, em cada cem crianças com menos de 21 anos, 18% eram filhos únicos, 21% eram primogénitas e 51% eram intermédios e benjamins). Os filhos únicos consultavam, pois, 2 a 3 vezes mais do que os filhos mais novos (*idem, ibidem*).

A partir destes resultados, a conclusão que estes autores tiraram reforça o que dissemos acima sobre o "peso" que a exclusividade na família pode implicar:

"Tudo se passa, pois, como se a extensão da família tornasse mais fácil às crianças a sua evolução afectiva e caracterial ou como se o filho único e o primogénito fossem objecto de uma atenção mais forte dos pais e mais difícil de suportar pela criança" (*ibidem*: 253).

Esta hiper-atenção dos pais pode dificultar o processo de separação-indivuação dos filhos únicos mas pode, simplesmente, levar a que os pais, inexperientes e ansiosos, sejam tentados, ao menor sinal, a procurarem especialistas de saúde mental¹⁷⁷. Mauco & Rambaud (*ibidem*) partilham desta última opinião: a propósito dos filhos do meio e dos mais novos, argumentam que estes serão levados com menos frequência às consultas, não por serem menos perturbados do que os únicos e os primogénitos mas, provavelmente, porque os pais estariam menos atentos a estas crianças. Ou porque, diríamos nós, também já tiveram oportunidade de experimentar e desenvolver as suas próprias competências, sentindo-se, assim, mais seguros de si próprios.

¹⁷⁷ Compreensivelmente, com o aumento do número de filhos os pais vão-se preocupando cada vez menos com as *pequenas coisas*. Como refere uma rapariga de uma prole de seis (citada por Neto, 2000): "No primeiro esterilizavam a chupeta, no segundo passavam por água quente, depois fria e, nos últimos, já se apanhava do chão para a boca...".

Aliás, alguns estudos têm comprovado que os filhos únicos não estão sobre-representados nos diversos grupos clínicos, ou seja, não parece que estes padeçam de maiores transtornos patológicos do que as restantes crianças. Yang *et al.* (1995) encontraram, até, que os únicos apresentavam menores índices de medo, ansiedade e depressão do que aqueles que tinham irmãos. Wagner & Schubert (1979)¹⁷⁸ verificaram que a frequência dos únicos entre doentes mentais graves e toxicodependentes se situava na média, ou acima dela. Muitos outros autores, chegaram até a esta generalizada conclusão: de que não há diferenças na prevalência das várias posições fraternais entre as populações "psiquiatricamente anormais" (*cf.* Schooler, 1972 e Arranz, 1989).

Ter só para si o amor e a atenção dos pais pode ser, contudo, um fardo demasiado pesado. Qualquer um de nós sonhou um dia ser o objecto de amor exclusivo dos seus pais, embora, "no inverso, o filho único sonhe partilhar os seus jogos e imagine relações fraternais idealizadas, sem rivalidade nem igualdade" (Angel, 1996: 68). Não será só o desejo de ter companheiros para as brincadeiras e jogos. Corman (1974)¹⁷⁹, depois de ter verificado, ao realizar o teste da família, que setenta e cinco por cento dos filhos únicos se representavam com irmãos imaginários, concluiu que tal facto expressava a necessidade que estas crianças têm de intercâmbios afectivos mais equilibrados e normais do que os edípicos, os quais estão sempre impregnados de uma certa culpabilidade.

A fratria parece ter, então, uma função estruturante, sobretudo, e inequivocamente, no período do Édipo. Adler (1958)¹⁸⁰ viu bem como se torna difícil, para o filho único, aceitar o terceiro:

"é mimado pela sua mãe. Esta teme perdê-lo e, por isso, tenta mantê-lo sob o seu amparo. A criança desenvolve o denominado «complexo materno», agarra-se às fraldas da mãe e deseja expulsar o pai do quadro familiar".

¹⁷⁸ *Cit. in* Arranz (1989).

¹⁷⁹ *Cit. in* Arranz (1989).

¹⁸⁰ *Cit. in* Titze (1979/1983).

Marcelli (1993)¹⁸¹, a este propósito, num artigo intitulado *Édipo, filho único*, tece as seguintes interpretações, onde se pode ver a função desligadora da fratria no triângulo edipiano:

"ao propor o mito de Édipo, destino de um filho único, o que Sigmund Freud mata em primeiro lugar não é o pai, é a fratria. Porque é a emergência da fratria que desperta a cólera, a frustração e a decepção em relação à mãe e, depois, é sobre a fratria que se desloca o ódio e o ciúme que protege a figura dos pais".

E mais adiante, sobre o Édipo do filho único, Marcelli expõe as suas hipóteses:

"Ser filho único representa a condição de realização do destino edipiano na sua dupla visão vertical: ascendente e descendente. Ascendente, é a condição de emergência do complexo de Édipo, a unicidade confirma a criança na sua convicção de que é o único objecto de amor da mãe, o pai torna-se, por isso, o único rival. Descendente, é o contra-Édipo parental e, sobretudo, maternal: a mãe satisfaz-se totalmente com um único filho que, por si só, lhe preenche os seus desejos e necessidades, significando que o esposo-pai ocupa, doravante, um lugar secundário. Ao contrário, o nascimento de uma segunda criança recoloca, *ipso facto*, o esposo-pai na primeira posição dos investimentos da mãe, a linhagem dos filhos virá em segundo".

Visto deste modo, a ausência de fratria, para o filho único, é um óbice para a resolução do Édipo. Luban-Plozza (1977)¹⁸² vê o filho único como "um potencial prisioneiro da sufocante relação triangular mãe-pai-filho". Neste contexto, é a própria identificação psicosexual que se encontra em risco. Diversos autores têm sublinhado a tendência destas crianças para uma

¹⁸¹ Cit. in Angel (1996).

¹⁸² Cit. in Arranz (1989).

identificação muito intensa com o progenitor do sexo oposto (cf. Arranz, 1989: 45-46). O que levaria a que os rapazes únicos mostrem maiores tendências femininas e as raparigas únicas maiores tendências masculinas do que as crianças de outras posições fraternais. E, em consonância, os desvios sexuais também seriam mais frequentes nos filhos únicos. Em sessenta e três homens homossexuais, Martensen-Larsen (1957b) encontrou que treze deles eram filhos únicos (duas vezes mais do que o número esperado).

Também Winnicott (1957), embora considere que os filhos únicos têm um meio familiar simplificado que lhes pode dar um equilíbrio, acentua que os companheiros de jogo lhes fazem falta e que lhes falta a experiência do "ódio" que se sente aquando do nascimento de um irmão¹⁸³. Ele é, de facto, um rei não destronado. E não é só a inexperiência do ódio perante o nascimento de um irmão. Depois, ao filho único, são-lhe vedadas todas as restantes emoções e o traquejo dos comportamentos ligados às relações fraternais: a rivalidade, a competição, "a proximidade homossexual ou heterossexual" (Soulé, 1990: 69), etc. – e a dificuldade, como se disse, de desenredar-se da problemática edipiana.

Por tudo isto pode concluir-se que a sua situação na família, até pelos contra-investimentos parentais, pode ser considerada como constrangedora ou potencialmente problemática para o seu desenvolvimento. Sobretudo a falta de pares pode modelar negativamente a sociabilidade destas crianças:

"A criança única terá, na sua representação das relações sociais, uma zona vacante, uma espécie de terreno vago onde vagueia a melancolia. Há uma orfandade fraternal" (Mesnier, 1990: 134).

Algumas das suas características de personalidade decorrem, então, da solidão¹⁸⁴ em que vivem: o filho único, emocionalmente, é um *inexperiente*; não tem irmãos com os quais sejam possíveis relações permanentes; só tem os pais, mas estes não são seus iguais; é um solitário: deseja viver com os

¹⁸³ Winnicott, 1957 cit. in Angel (1996). Já anteriormente, quando escreve sobre as consequências da redução das fratrias nas famílias modernas, Winnicott (1954/1957) argumenta que a falta de irmãos e, até, de primos, no caso dos filhos únicos, é grave.

¹⁸⁴ E a solidão, como disse João dos Santos (1988: 85), "é, frequentemente, depressiva".

outros mas, quando tem oportunidade, apressa-se para voltar a estar sozinho – tal é a posição ambígua das emoções do filho único (König, 1958/1996). Provavelmente deseja ser como os outros, procura-os mas, ao mesmo tempo, devido à sua inexperiência relacional com os pares, retrai-se dos contactos sociais. A prová-lo está o facto deles terem, em média, menos amigos do que as pessoas que têm irmãos (Toman, 1989). Ou, como Miller & Maruyama (1976) verificaram, eles são menos populares (tal como os restantes primogénitos) do que as outras crianças.

A menor popularidade dos únicos não é só um reflexo da sua solidão como, também, do seu alto *status* na família. Habitados a terem aí todo o poder (que nunca tiveram que partilhar), compreensivelmente, nos contextos extra-familiares eles tendem a fazer o que querem muito arbitrariamente e, por isso, não desenvolvem competências sociais, tais como: capacidade de negociação, tolerância, acomodação, aceitação de resultados menos favoráveis, etc. (*idem, ibidem*). Porque estas competências fazem parte da "educação" que só os irmãos podem dispensar (Assoun, 1998a).

Parece, então, que o facto de ser filho único implica algumas desvantagens, sobretudo no desenvolvimento de capacidades relacionais, mas a sua posição familiar representa também vantagens. Para além de uma boa auto-estima alguns autores consideram que a exclusividade de que os filhos únicos usufruem no seio da família, porque lhes possibilita uma grande quantidade de interacção com os pais, favorece um maior desenvolvimento cognitivo, nomeadamente verbal, quando comparados com as crianças de outras posições fraternais (Rosenberg & Sutton-Smith, 1966)¹⁸⁵. E por isso, e tal como os primogénitos em geral, são os mais representados entre os

¹⁸⁵ Sabe-se, sobretudo a partir dos trabalhos de Harlow (1958), Bowlby (1958/1976; 1969/1997) e Ainsworth (1969/1976), como a presença dos pais, e em particular da mãe, como figuras de vinculação, são fundamentais para as condutas de exploração da criança. "Com o desenvolvimento da locomoção, o bebé não só mostra comportamentos diferenciais, tais como aproximar-se, seguir, trepar, explorar e agarrar-se à mãe, de preferência a outros, como a usa como uma base segura a partir da qual explora e como um paraíso de segurança ao qual regressa" (Ainsworth, 1969/1976: 203). E como estas e outras experiências sensorio-motoras são importantes para o desenvolvimento intelectual posterior (Piaget, 1964/1974). O filho único tem, pois, condições excepcionais para se desenvolver intelectualmente, dado que é mais estimulado pelos pais. Não porque este seja um objectivo educativo dos pais, apenas porque, naturalmente, estes estão exclusivamente dedicados a esta criança. Falamos, naturalmente, de potencialidades, porque tudo depende, como é óbvio, da forma como os pais recebem este primeiro e único filho.

estudantes de todos os níveis de ensino, entre cientistas e noutros grupos académicos (Wagner & Schubert, 1977).

Ao estudarem a biografia de oitenta compositores, Schubert, Wagner & Schubert (1977), verificaram que os primogénitos e, especialmente, os filhos únicos, estavam significativamente mais representados do que outras posições fraternais¹⁸⁶. O que parece sugerir, segundo estes autores, que a composição musical clássica é uma habilidade mais similar à usual carreira académica do que a escrita criativa¹⁸⁷.

A superior *performance* intelectual dos filhos únicos só é ultrapassada pelos primogénitos de fratrias de dois e de três membros. Esta diferença parece dever-se ao facto dos únicos não poderem exercer o papel de interlocutores entre os irmãos mais novos e os pais, actividade esta que permite aos segundos potenciarem o seu desenvolvimento verbal e cognitivo (Breland & Kanmeyer, 1974)¹⁸⁸.

O desempenho cognitivo dos únicos parece estar relacionado com as expectativas parentais. Baskett (1985) como já vimos acima, ao estudar as expectativas dos adultos sobre o comportamento das crianças, verificou que estes esperavam que os filhos únicos fossem os mais academicamente orientados e com mais alta realização mas, também, os mais egoístas e os menos simpáticos. Aqui, sublinhe-se, embora se possa falar globalmente das expectativas parentais sobre o filho único, haverá algumas variações sobre o que eles desejam que este seja em função do seu sexo (até pelos papéis, socialmente designados, que se espera que mulheres e homens diferentemente desempenhem)¹⁸⁹.

¹⁸⁶ Resultados semelhantes foram obtidos por Raychaudhuri (1966 *cit. in* Schubert, Wagner & Schubert, 1977), numa amostra de músicos da Índia.

¹⁸⁷ Os autores citam o trabalho de Bliss (1970) que, numa amostra de setenta e quatro escritores, encontrou que estes são, predominantemente, os mais novos ou os do meio.

¹⁸⁸ *Cit. in* Arranz (1989).

¹⁸⁹ Note-se que estes papéis ligados ao género podem ser muito distintos entre as várias famílias, dado que eles são influenciados pela macro-cultura na qual cada família se insere, seja a raça, a religião, a classe social... (Ferree, 1990). Uma influência que é recíproca porque, como diz Losh-Hesselbart (1987: 535): "os papéis de género dentro da família influenciam os papéis de género fora da família e *vice versa*".

Estes resultados favoráveis aos filhos únicos, no que concerne ao desenvolvimento intelectual e rendimento académico, devem ser lidos com cuidado, dado que estas crianças podem ter um maior número de oportunidades para progredirem, porque não têm de partilhar os recursos económicos que os seus pais dedicam à educação (Arranz, 1989). Claro que este aspecto é válido, como o expressou Blake (1985)¹⁹⁰, somente para as classes mais desfavorecidas...

Os resultados sobre a ordem de nascimento e inteligência e/ou o rendimento académico não são muito consistentes. Se os estudos que acabámos de citar apontam para uma superioridade dos únicos, pelo menos nalguns aspectos da inteligência, outros há que demonstraram um menor rendimento escolar destes (Mauco & Rambaud, 1951) e, ainda, muitos outros, não encontraram qualquer relação entre estes dois aspectos (Olson, 1973; Miller & Maruyama, 1976; Galbraith, 1982; Lowery, 1995).

Ou seja: para muitos autores, as maiores diferenças entre os únicos e as outras ordens de nascimento situam-se na esfera do comportamento social, ou da relação com o mundo (o mesmo se verifica, como iremos ver, com as restantes posições fraternais). Pois, como refere König (1958/1996), a constelação familiar inspira a maneira como se reage face ao outro, determina em que medida se fazem amigos ou não, se estabelecem conhecimentos e se tecem laços com o próximo. Ou, como considera Osterrieth (1963/1975: 145), a interacção entre os irmãos é "uma prefiguração das suas relações sociais ulteriores". É também nesta perspectiva que se filia Toman, como veremos adiante. A este pressuposto, de que os modos relacionais da infância influenciariam os modos relacionais futuros (com os pares, os amigos, os companheiros, os colegas de trabalho, os cônjuges, os filhos, etc.), chamou Toman o "teorema da duplicação" (ver, sobretudo, Toman, 1959b, 1962, 1963, 1964, 1971 e 1989). Que é um pressuposto, como se sabe, igualmente defendido pelos psicanalistas e pelos teóricos da aprendizagem. E actualmente, pela maioria dos autores que se tem debruçado sobre a fratria (Brody & Stoneman, 1994).

Para concluirmos, diremos que: os filhos únicos, por serem primogénitos, são (quase) sempre recebidos, pelos pais e, até, pela família alargada, como entes especiais (é de crer que os não-desejados – não-desejados de todo ou do sexo contrário ao desejado – e os nascidos de relações extra-

¹⁹⁰ *Cit. in* Arranz (1989).

matrimoniais, por exemplo, não sejam tão divinizados...). A exclusividade parental de que usufruem é benéfica, por um lado, porque lhes possibilita, em particular, uma boa auto-estima e um elevado desenvolvimento motor e cognitivo mas, por outro lado, traz-lhes desvantagens, nomeadamente, pela hiper-protecção e hiper-preocupação que os pais lhes devotam: que pode ser castradora dos desejos de individualização e independência destas crianças. Entre outras coisas, a falta de irmãos dificulta-lhes o exercício de competências relacionais várias, entre as quais a cooperação e a competição e, portanto, a maior *lacuna* destas crianças está na falta de experiências que as relações sociais horizontais permitem.

Ou seja, não é muito legítimo pintar um *quadro negro* relativamente a estas crianças, como o foi feito por autores como Adler, Mauco & Rambaud, König... A questão que se pode pôr é se as suas conclusões sobre esta posição fraternal não tem a ver com a época em que estes autores (*mais antigos*) estudaram esta problemática. Arranz (1989: 39) sublinha, e muito bem, que Adler, por exemplo, baseou-se nos filhos únicos da Viena das primeiras décadas deste século, em que ser filho único constituía um facto extraordinário:

"naquele contexto, a procriação de um só filho explicitava, de forma quase invariável, alguma dificuldade física ou emocional dalgum membro do casal, ou alguma dificuldade na dinâmica da relação entre este (concepção pré-matrimonial, por exemplo). Assim, pois, o filho único crescia, em muitos casos, num ambiente um tanto ou quanto raro, que bem poderia estar tingido de uma ansiedade hiper-protectora ou de uma rejeição larvada".

A opção por fratrias pequenas data de há poucas décadas atrás, isto é, a condição de único, actualmente, não é tão atípica nem originária de situações tão problemáticas. O *perfil* destas crianças pode ser, então, bem menos obscuro do que no passado. Aliás, pode ver-se como os autores mais recentes que citámos são menos drásticos e obtiveram resultados mais favoráveis quando avaliaram e compararam estas crianças com as das outras posições fraternais.

Como fomos referindo, os únicos comungam, com os primogénitos, de muitas das suas características (até ao nascimento do irmão seguinte, todos os primogénitos são filhos únicos). E, por isso, têm sido, muitas vezes,

estudados conjuntamente. Algumas das discrepâncias dos estudos nesta área advêm, por certo, desta metodologia. Porque, como veremos já de seguida, os primogénitos não-únicos têm experiências distintas dos filhos únicos: a primeira é logo o facto de serem destronados e, depois, é toda a vivência com os irmãos que lhes confere um desenvolvimento peculiar.

OS MAIS VELHOS

"– Oh! não, não digas isso! Este miúdo necessita de um carinho especial, Merche. Não esqueças de que até há um ano atrás ele era o rei da casa. É um príncipe destronado, percebes? Ontem era tudo para ele; hoje, nada. É muito duro, mulher.

A voz da mamã era suave mas implacável:

– Tontices – disse. Eu destronei quatro príncipes sem tantos panos quentes e saí-me muito bem.

– Tiveste sorte (...). Mas vê o que dizem os psiquiatras.

– O quê?

– Os complexos (...). Tudo isso vem da infância (...). É muito sério, filha, isso dos complexos.

A voz da mamã soava misturada com o estalido das agulhas:

– Tontices – disse. (...) Se te fores a fiar nos psiquiatras não poderias dar um passo"

Miguel Delibes in El príncipe destronado, pp. 86-87.

O primeiro filho é, geralmente, esperado como um príncipe. Como já dissemos acima, nenhum outro filho *merece* tantos preparativos e expectativas. Antigamente, o primogénito nem pertencia aos seus pais: ele era considerado como a propriedade de um ser divino, o chefe da tribo, do clã ou do povo (König, 1958/1996). A maioria dos primogénitos eram oferecidos em holocausto, sobre altares ancestrais ou abandonados ao rigor dos elementos naturais (*idem, ibidem*). Na Bíblia encontramos alguns exemplos destes costumes ancestrais. O mais conhecido, o de Abraão reza assim:

"E Deus disse: «Pega no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas, Isaac, e vai à terra de Moriah, onde o oferecerás em holocausto, num dos montes que eu te indicar». (...) Chegados ao sítio que Deus indicara, Abraão

levantou um altar, dispôs a lenha, atou Isaac, seu filho, e colocou-o sobre o altar, por cima da lenha. Depois, estendendo a mão, agarrou no cutelo para degolar o filho. Mas o Anjo do Senhor gritou-lhe do céu: «Abraão! Abraão!». Ele respondeu: «Aqui estou». O Anjo disse: «Não levantes a tua mão sobre o menino e não lhe faças mal algum, porque sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não me teres recusado o teu único filho». Erguendo Abraão os olhos, viu, então, atrás dele, um carneiro preso pelos chifres a um silvado. Foi buscá-lo e ofereceu-o em holocausto, em substituição do filho" (Gênesis, 22).

Alguns destes usos mantiveram-se quase até aos nossos dias. Frazer¹⁹¹, no seu livro *The Dying God*, de 1936, refere alguns desses costumes, usuais em determinadas épocas e culturas:

"Até ao princípio do séc. XIX, era corrente os indianos sacrificarem o primogénito no Ganges. Sabe-se que entre os hindus, o primogénito é ainda mantido numa posição sagrada, sobretudo se ele é o fruto de um voto de pais que estiveram muito tempo sem progenitura, em qualquer dos casos o sacrifício desta criança é comum.

No Uganda, se o primogénito de um chefe ou de um notável é um rapaz, a parteira estrangula-o e declara que o bebé era um nado-morto. Este costume tinha por objectivo assegurar a vida do pai. Se ele tivesse um rapaz, morreria cedo e o filho herdaria todos os bens do pai.

Os índios Kutonaqa, da Colômbia britânica, adoram o sol e sacrificam-lhe os seus filhos primogénitos. Quando uma mulher está grávida, ela reza ao astro do dia e diz-lhe: «Espero um filho. Quando ele nascer, oferecer-to-ei. Tende piedade de nós».

Entre os índios Coast Salish, da mesma região, o primeiro filho é, muitas vezes, sacrificado ao sol, para assegurar a saúde e prosperidade do conjunto da família".

¹⁹¹ Cit. in König (1958/1996).

Muitos destes costumes, felizmente, já não existem. Mas, segundo König (1958/1996), provavelmente ainda actuam no nosso inconsciente e influenciam os nossos comportamentos actuais: "a auréola quase sobrenatural que orna o primogénito é uma sobrevivência deste modelo antigo impresso na nossa mentalidade".

Quando o primeiro filho nasce, durante alguns meses ou anos recebe todo o amor e atenção por parte dos pais e restante meio envolvente. Esta exclusividade termina aquando do nascimento de um irmão¹⁹². E termina, pode dizer-se, quase bruscamente. Os bebés nascem tão imaturos e necessitados de cuidados que os pais, e sobretudo a mãe, obrigatoriamente prestam menos atenção ao primogénito do que ao segundo filho recém-nascido, pelo menos durante os primeiros meses deste. Esta situação nem sempre é compreendida correctamente pelo primogénito (sobretudo quando ele é muito pequeno quando o irmão nasce), que sente a perda da exclusividade e a diminuição de cuidados dos pais como um favorecimento do recém-nascido em detrimento dele. A destronação pode constituir-se, assim, como um dos primeiros *golpes duros* na vida destas crianças, únicas, até então. Neste contexto, não se estranha que o irmão seja sentido primeiramente como um rival e só mais tarde seja investido como um aliado ou companheiro... Foi o que aconteceu com Pedro, o personagem principal da estória *infantil* de Astrid Lindgren (1978/1994):

"Eu também quero ter irmãos!

(...) Um belo dia, a mamã teve que ir à clínica, e quando voltou trazia a irmãzinha de Pedro. Era uma coisa pequena e enrugada que não cessava de chorar. (...) Todas as noites banhavam Helena na sua banheirinha e o papá e Pedro olhavam. A mamã e o papá gostavam muito, muito de Helena. Pedro, nem tanto assim. Não, pensando bem, Pedro não gostava nada de Helena. Isso de ter uma irmãzinha não era nada divertido. E era estranho que a mamã e o papá gostassem tanto desse fardo que não fazia mais do que berrar. Mas que gostavam, gostavam. Isso era bem claro. Talvez até

¹⁹² Mesmo antes do nascimento, quando a mãe está grávida, a vinda de um irmão pode gerar ansiedade, no primogénito como em todos os irmãos mais velhos, que pode ser manifestada em forma de agressão dirigida contra a mãe grávida ou contra os outros irmãos (Twerski, 1992/1994).

gostassem mais de Helena do que dele. Isso era o que parecia a Pedro. E quando lhe vinham essas ideias, Helena dava-lhe um ódio terrível.

«Que tolo fui ao dizer que queria ter irmãos! – pensava – Porque não pedi um triciclo em vez deste bebé chorão?»

(...) aborrecido, bateu na irmã, que estava em cima de uma manta estendida no solo. A mamã, que o tinha visto, agarrou Pedro por um braço e disse-lhe que devia envergonhar-se de ter batido na sua irmãzinha. Então, Pedro aborreceu-se ainda mais com Helena e também com a sua mamã, a quem quis dar um pontapé bem forte. Estava furioso, mas também um pouco envergonhado, ainda que não o quisesse demonstrar. (...)

- Mas, eu gosto muito de ti, meu Pedro! Antes gostava do meu bebé Pedro e agora gosto do meu miúdo Pedro. Ao ouvir isto, Pedro enrolou-se ainda mais no colo da mãe (...). [Alguns anos depois...] Pedro e Helena armavam grandes batalhas com as almofadas no seu quarto e os dois divertiam-se muito. Que sorte não ter trocado Helena por um triciclo. Com quem faria agora as batalhas de almofadas, se não...?"

A destronação tem sido considerada como uma problemática central para compreender o desenvolvimento da personalidade dos primogénitos. Segundo Adler (1930/1975: 127-128), que foi o primeiro a utilizar esta expressão¹⁹³, a introdução do irmão (o intruso, o rival) na família marca profundamente a vida do primeiro filho:

"De repente, aparece uma segunda criança e a situação [de ser o centro das atenções e de ser mimado] muda completamente. Ao primogénito, pela experiência, ensinou-se-lhe que podia dispor de tudo como se fosse um rei. Então, subitamente, a atenção da mãe transfere-se para o segundo filho. Já não tem tanto tempo para o mais velho. (...) Em tais ocasiões, muitas crianças sentem-se consumidas pelos ciúmes e começam uma amarga luta

¹⁹³ "Escolhemos esta expressão, que caracteriza a mudança de situação com tal exactidão, que os autores fiéis às circunstâncias que descrevem, e até mesmo Freud, viram-se obrigados a recorrer a ela" (Adler, 1933 *cit. in* Arranz, 1989: 55).

para conseguirem a atenção dos seus pais e para recuperarem a situação prévia e mais favorável. (...) O primogénito experimentou uma autêntica tragédia quando nasceu o segundo. (...) mostra-se constantemente temeroso que o segundo filho o alcance e, inclusive, o supere (...) Na sua alma grava-se esta noção: «De repente chega alguém e rouba-me tudo»".

Para Adler, a destronação vai ter repercussões negativas no desenvolvimento do primogénito, tanto se ocorre precocemente, nos primeiros anos de vida, como se ocorre mais tarde, quando ele já tem constituído o seu "estilo de vida". No primeiro caso, há muitas possibilidades de que no seu estilo de vida fique inscrita a ideia de competitividade e de rivalidade, dado que ainda existe um alto grau de dependência relativamente à figura materna (Arranz, 1989) e também porque todo o processo da destronação se instala sem palavras nem conceitos; no segundo caso, o primogénito reage de acordo com o seu estilo de vida já estabelecido (Ansbacher & Ansbacher, 1956)¹⁹⁴. Nesta situação já não deveria haver nenhum problema mas, o mais provável, é que o estilo de vida do primogénito se tenha constituído num ambiente de "excessiva super-protecção"¹⁹⁵ e este tenha, por isso, "configurado um objectivo vital de superioridade pessoal" (Arranz, 1989: 56), o que o levará a reagir negativamente à chegada do irmão.

É compreensível que a vivência da destronação dependa, em parte, da idade que o mais velho tem aquando do nascimento do irmão¹⁹⁶. Pode, embora com precaução, formular-se a regra de que: quanto maior é o espaçamento de idades entre o primeiro e o segundo filhos menor é o impacto da destronação, dado que o desenvolvimento psicossocial e cognitivo do primogénito já lhe permitirão, em idades mais tardias, aceitar melhor a perda da exclusividade familiar. Para Toman (1993: 31) isto aconteceria quando a criança primogénita tem seis ou mais anos de idade – nessa altura

¹⁹⁴ *Cit. in* Greene & Clark (1970).

¹⁹⁵ De facto, como foi encontrado por Greene & Clark (1970), estas crianças percebem-se, a elas próprias, como mais super-protegidas pelos pais do que os restantes irmãos.

¹⁹⁶ Já vimos acima como esta questão das idades é muito controversa entre os diversos autores...

ela pode, por exemplo, sair para a escola sem grandes receios, dado que o "seu domínio ou território em casa" já está bem demarcado. O território em casa e no interior da própria criança, até porque nesta idade ela está já na fase da latência e, conseqüentemente, mais centralizada "no conhecimento do mundo exterior" do que, propriamente, nos conflitos intra-psíquicos, "nitidamente sexualizados", da fase edipiana (Relvas & Alarcão, 1989: 101-102). Isto é, potencialmente, quanto mais a criança estiver distanciada dos pais, menos o nascimento do irmão a afectará. Embora quase sempre, como os professores e os pais bem podem testemunhar, a criança vacile na sua caminhada progressiva para a autonomia, pelo menos momentaneamente, apresentando alguns comportamentos regressivos – frequentes sobretudo quando ela está ainda pouco segura desse seu auto-território que é, no fundo, a sua individualidade.

Mas, o modo como é vivida a destronação depende, à semelhança do que atrás se disse sobre intensidade e a manifestação dos ciúmes face ao nascimento de um irmão, não só da idade, mas também de muitos outros factores, dos quais destacamos os seguintes:

- *do sexo do destronador*: se é do mesmo sexo do destronado, este tem mais ciúmes e mostra-se mais hostil, porque o irmão vem rivalizar com ele pelo carinho do mesmo progenitor, o do sexo oposto (Obendorf, 1929)¹⁹⁷. Pelo menos inicialmente. Depois pode ser mais gratificante ter um companheiro de jogo do mesmo sexo do que o contrário;
- *da personalidade do destronado* (e.g. da relação anterior deste com os pais): uma criança demasiado mimada terá mais dificuldade em aceitar um irmão do que outra de personalidade mais de "cariz cooperativo" (Arranz, 1989: 56). Para estes últimos, renunciar à condição de único pode ser "um baixo preço" a pagar para se livrarem da "angústia da solidão" (Twerski, 1992/1994: 29);
- *da relação dos pais com cada um dos filhos*: a gestão da relação entre os dois filhos dependerá, essencialmente, deles. Como vimos acima, por um fenómeno de transmissão multigeracional, a relação

¹⁹⁷ Cit. in Dunn & Kendrick (1982/1986). Obendorf refere-se à situação edipiana, considerada pelos psicanalistas como a problemática central no desenvolvimento individual.

que os progenitores estabelecem e mantêm com cada um dos filhos depende da relação que eles tiveram com as suas famílias de origem: alguns desses vínculos são reactivados pelas relações presentes entre cada um deles e cada um dos filhos.

Nem todos os autores acordam uma importância fulcral à destronação ou, pelo menos, sublinham que este *desmame* é vivido pelos dois protagonistas. Por exemplo, König (1958/1996: 26), embora refira que o impacto do encontro entre o primogénito e o secundogénito é preponderante no desenvolvimento do primeiro, considera que ele tem sido exagerado pelos psicólogos actuais e recorda que "o choque" vive-se dos dois lados:

"o primogénito começa a compreender que o seu lugar ao sol é contestado por alguém que ele nunca tinha visto antes. (...) Para o segundo filho o choque é mesmo, por vezes, mais intenso. Desde o nascimento que ele pensava juntar-se aos seus pais (...), e agora tem de compreender que o lugar que tinha escolhido para si está ocupado por um outro".

Sobre as marcas futuras que a destronação deixa na personalidade dos primogénitos, Titze (1979/1983: 114), ao fazer uma síntese das ideias principais da teleoanálise adleriana, diz o seguinte:

"a destronação é um repto para o primogénito, que raramente se resigna (...) Na maioria dos casos lutará pelos direitos perdidos e não deixará que o rival se lhe imponha. Mesmo que consiga as armas adequadas para a auto-afirmação, não conseguirá retornar ao paraíso perdido. (...) Assim, o primogénito mostrará uma atitude pessimista em relação ao presente e ao futuro, enquanto contempla o passado resplandecente de luz. Em adulto, tenderá a adoptar a mesma atitude, já que os primogénitos parecem ser marcadamente conservadores (por exemplo, nas suas convicções políticas).

Se o primogénito não consegue, durante a infância, impor-se ao segundo irmão ["mais pequeno, mais débil e menos capaz do que ele"] é provável que, na vida futura, adopte uma «atitude desmoralizada», que se distingue por uma aberta misantropia".

A competitividade e o conservadorismo são, pois, as facetas mais comuns que ficam inscritas, como resultado da destronação, no "carácter" dos primogénitos (Adler, 1930/1975). A do conservadorismo é, até, aquela que tem sido mais unanimemente encontrada pelos diversos autores que, depois de Adler, têm estudado o efeito da ordem de nascimento na personalidade individual. König (1958/1996: 26), por exemplo, escreveu, a este propósito, o seguinte:

"O primeiro filho é um defensor; um defensor das crenças, um guardião das tradições, um protector da família. O mais velho protege o passado da irrupção de toda a inovação, acto ou ideia. Ele deve manter o património. (...) Seria instrutivo saber quantos primogénitos se tornaram juízes, homens de leis e advogados. Eles são, provavelmente, de longe, mais numerosos, em comparação com os segundos e os terceiros filhos. (...) É o primeiro filho o herdeiro da coroa, do título, o chefe da família em matéria de sucessão, seja ela espiritual ou material. Todos estes deveres e todas estas possessões repousam nas suas mãos e carregam os seus ombros porque, desde a sua mais tenra infância, ele foi criado nesta noção de defesa e estreiteza de espírito".

Embora hoje em dia o *direito do mais velho* ou da *primogenitura* já não exista, pelo menos nas sociedades ocidentais (a não ser nas famílias reais, onde o mais velho é, ainda, o herdeiro da coroa...), pode facilmente supor-se que esta lei ainda funcione no plano afectivo, muitas vezes inconscientemente, como resquício desses direitos legais que, durante

séculos, foram outorgados aos primogénitos¹⁹⁸. Claro que o conservadorismo dos primogénitos provém não só desta lei interiorizada mas, também, pelo facto deles serem os principais depositários das expectativas e esperanças dos pais e destes funcionarem, pelo menos durante os primeiros anos, como os seus únicos modelos de imitação (Sanchez, 1983/1989: 52-53). Ao pretenderem, ardentemente, a aprovação dos pais, procurarão imitar e identificar-se com os comportamentos destes (*idem, ibidem*). Eles são, portanto, os verdadeiros defensores do *statu quo* familiar.

Estudos recentes têm comprovado este maior conservadorismo dos primogénitos relativamente às crianças de outras posições fraternais. Greene & Clark (1970: 389), ao testarem a teoria adleriana verificaram que era estatisticamente significativo o item que "reflectia" que os primogénitos estavam mais interessados nos acontecimentos do passado do que nos do futuro. Este aspecto da personalidade dos primogénitos foi, também, estatisticamente comprovado por Sulloway (1996/1997), numa grande amostra de cientistas: eles eram mais conservadores do que os não-primogénitos (que eram mais revolucionários).

Ainda segundo a perspectiva adleriana, a destronação levaria a que estas crianças desenvolvessem uma "hetero-imagem negativa" de si – a "rivalidade ambiciosa" teria aí, inclusive, a sua raiz (Titze, 1979/1983). Para Twerski (1992/1994), os sentimentos de inferioridade (ou a baixa auto-estima¹⁹⁹) não seriam devidos, apenas, ao facto destas crianças serem destronadas mas, também, pela inferioridade física que estas crianças sentiriam face ao pais (e

¹⁹⁸ O direito da primogenitura, inicialmente estipulado pelos romanos e que se manteve até à Revolução Francesa, conferia aos primogénitos a herança de todos os bens da família, com exclusão de toda a restante prole (Campos, 1990). Com o ideal revolucionário da igualdade, "herdeiro da Revolução" que se espalhou, a partir de França, um pouco por todo o mundo civilizado, essa lei foi retirada, paulatinamente, dos códigos civis (Gotman, 1990a). Embora ainda hoje, e mesmo não sendo uma "lei escrita", os magistrados, em casos pontuais e de dúvida, sigam esse preceito antigo: o de conferirem, ao primogénito, a salvaguarda do património familiar. Tal como é feito na sociedade civil. Note-se que o direito da primogenitura não era universal: nalgumas sociedades, como as Eslavas, por exemplo, era o mais novo que ficava em casa e herdava o património familiar (Schnitzer, 1990: 56).

¹⁹⁹ Estes e outros constructos (como o auto-conceito, a auto-consciência, etc.) são, muitas vezes, confundidos e empregues aleatoriamente para designarem a mesma coisa. Uma alargada discussão sobre este assunto pode ser lida na tese de doutoramento de Veiga (1995).

avós e tios, etc.) "gigantes" – os restantes irmãos já não viveriam esta desproporção porque teriam sempre um irmão que não seria um "altíssimo gigante"... Mas Twerski (*ibidem*) reconhece e adverte que o nascimento de um irmão pode ser, também, para o primogénito, uma oportunidade para aumentar a sua auto-estima: se ele aproveitar para se identificar com um dos progenitores (tornar-se *pai* do irmão, por exemplo) e, assim, incrementar o seu *status*; ou se ele vir o irmão como alguém que o vai admirar e, mesmo, idolatrar²⁰⁰. Mas isto aconteceria raramente, segundo Adler, porque o primogénito é geralmente mimado e, como tal, terá sempre dificuldade em aceitar o irmão intruso: este é visto, basicamente, como alguém que lhe rouba a exclusividade parental e não é a mais-valia do irmão que lhe vai diminuir essa perda.

Para além destas características de personalidade, muitas outras têm sido apontadas como sendo mais comuns e específicas dos primogénitos do que dos seus congéneres que ocupam outras posições fraternais. E não apenas em consequência da destronação mas, também, devido a toda a situação que os rodeia nos primeiros anos de vida, decorrente de serem o primeiro filho, o único durante algum tempo e o mais velho dos irmãos. Este filho é, então, descrito como: franco, generoso, protector; simultaneamente abdicador e reivindicador; auto-suficiente e mais conformado; autoritário; líder; dominante; rígido; auto-controlado e flexível; mais responsável; com um alto sentido de ordem e introvertido; um alto *superego* e baixa ansiedade; independente; mais susceptível à pressão social e mais dependente; menos popular e menos original e artisticamente criativo²⁰¹.

²⁰⁰ Já vimos acima como há uma tendência generalizada dos mais novos imitarem e se identificarem aos mais velhos. E, como lembra o psiquiatra Twerski (*ibidem*), ver que outro adopta as nossas ideias e acções é um testemunho palpável de que somos apreciados. [Twerski é famoso, sobretudo, pela sua colaboração com Charles M. Schulz – o criador dos *Peanuts*: Charlie Brown, Lucy, o pequeno Linus com o seu inseparável cobertor... Este livro que temos vindo a citar, tal como outros livros de Twerski, é ilustrado pelo genial Schulz].

²⁰¹ Características apontadas, respectivamente por: König (1958/1996); Osterrieth (1963/1975); Baskett (1984); Porot (s/d); Wagner & Schubert (1977) e Baskett (1984); Minnett, Vandell & Santrock (1983), Baskett (1984) e Twerski (1992/1994); McDonald, 1971 *cit. in* Arranz (1989); Sampsel, 1982 *cit. in* Arranz (1989); Varela (1985); Sanchez (1983/1989); Howarth (1980); Baskett (1984); Warren, 1966 *cit. in* Schooler (1972); Miller & Maruyama (1976) e Baskett (1984); Eisenman, 1964 *cit. in* Cicirelli (1967).

Como se pode verificar, algumas destas características apontadas são, claramente, contraditórias (rígido/flexível, independente/dependente, por exemplo), embora haja uma certa constância no que concerne a considerá-los como dominantes ou líderes (sendo que o autoritarismo, a responsabilidade, a menor popularidade, seriam aspectos afins desse comportamento de chefia)²⁰².

A tendência dos primogénitos para a liderança foi, primeiramente, comprovada por Sir Francis Galton, nos finais do século dezanove. Ao analisar figuras eminentes do período pós-restauração da monarquia em Inglaterra (de 1660 até 1868), Galton apurou que esses homens ilustres eram, maioritariamente, primogénitos e filhos únicos (Dunn & Plomin, 1990/1992; Klagsbrun, 1992/1994).

Também Toman & Toman (1970), ao analisarem as fratrias de pessoas "distintas" que foram "figuras de capa" da revista *Time Magazine* durante doze anos consecutivos (de 1957 a 1968), verificaram que os primogénitos e os filhos únicos, do sexo masculino, estavam mais representados do que as restantes posições fraternais e que estes provinham, maioritariamente, de fratrias onde havia uma preponderância de irmãos-rapazes. Relativamente às mulheres, em muito menor número dentre essas pessoas "distintas", os autores verificaram que as mais velhas estavam significativamente mais representadas do que as outras posições.

Resultados muito idênticos a estes foram obtidos, posteriormente, por Wagner & Schubert (1977): ao estudarem a fratria de trinta e oito Presidentes dos Estados Unidos da América (desde Washington até Carter), verificaram que estes eram, maioritariamente, irmãos mais velhos (estavam significativamente sobre-representados, relativamente aos do meio e aos mais novos) e que a maioria das fratrias dos Presidentes eram compostas apenas por rapazes, isto é, eram unissexuais. Já Adler (1920) tinha previsto esta superioridade dos primogénitos entre os Presidentes; Zweigenhaft (1975), ao testar esta hipótese adleriana, confirmou, de facto, a existência de

²⁰² As inúmeras contradições entre os estudos sobre a ordem de nascimento têm sido exploradas por alguns autores, como Schooler (1972), para questionarem os efeitos desta variável na personalidade.

uma maioria significativa de primogénitos entre os membros do Congresso dos EUA²⁰³.

Como vimos acima, a tendência para a maior liderança/dominância dos primogénitos e, sobretudo, dos oriundos de fratrias unissexuais tem sido observada em investigações com amostras de sujeitos *normais* e mais novos, nomeadamente com crianças e adolescentes.

Por um lado, este comportamento de liderança explica-se por uma maior identificação dos primogénitos com os pais, isto é, com a autoridade e com as instituições (Toman & Toman, 1970); por outro lado, devido ao poder que detêm no seio da fratria, podem exercitar o papel de professores dos irmãos mais novos²⁰⁴ e utilizar com mais frequência e legitimidade comportamentos agonísticos e pró-sociais (Miller & Maruyama, 1976; Abramovitch, Corter & Lando, 1979; Abramovitch, Corter & Pepler, 1980). Sutton-Smith & Rosenberg (1965, 1966, 1968, 1970)²⁰⁵ apuraram, nomeadamente, que os primogénitos utilizavam técnicas persuasivas de "alto poder" (como a exigência) enquanto que os mais novos empregavam, geralmente, técnicas persuasivas de "baixo poder" (como a súplica).

O comportamento agonístico e pró-social dos primogénitos parece variar em função da composição da fratria. Isso mesmo foi encontrado por Abramovitch, Corter & Lando (1979) que, ao observarem, em casa, trinta e quatro pares de irmãos pequenos (menores de seis anos de idade), do mesmo sexo, verificaram que os mais velhos iniciavam comportamentos agonísticos e pró-sociais mais vezes do que os irmãos mais novos mas o sexo afectava esses comportamentos: significativamente, os rapazes mais velhos eram mais agressivos fisicamente do que as raparigas mais velhas, e estas eram mais pró--sociais do que todos os outros (rapazes mais velhos, rapazes mais novos e raparigas mais novas). Posteriormente, Abramovitch, Corter & Pepler (1980) observaram, em casa, trinta e seis díades de irmãos pequenos (também menores de seis anos), mas dos dois sexos. E as conclusões foram similares ao anterior estudo, apenas com uma diferença: enquanto que no primeiro estudo, nas díades unissexuais, o sexo afectava o comportamento

²⁰³ Autores citados in Wagner & Schubert (1977).

²⁰⁴ As raparigas primogénitas tendem a agir como "pequenas mães" (Abramovitch, Corter & Lando, 1979).

²⁰⁵ *Cit. in* Bragg, Ostrowski & Finley (1973).

agressivo, nas díades mistas isso não se verificava. Isto é, nestas últimas não havia diferenças significativas entre os rapazes mais velhos de uma rapariga e as raparigas mais velhas de um rapaz: tanto os primogénitos como as primogénitas eram mais agonísticos do que os seus irmãos mais novos.

Quanto à diferença de idades entre os dois irmãos, Abramovitch, Corter & Lando (1979) e Abramovitch, Corter & Pepler (1980) verificaram que esta tinha, apenas, "um pequeno efeito nos padrões de interacção", especificamente, no comportamento agonístico e pró-social. Embora não tenham encontrado que a diferença de idades afectasse a interacção entre os irmãos, os autores colocaram a hipótese de que esta poderia vir a ter efeitos futuros na personalidade das duas crianças – efeitos que não foram visíveis no período pré-escolar, que foi aquele que os autores estudaram. De facto, Furman & Buhrmester (1985a), numa amostra de pré-adolescentes de idades compreendidas entre os onze e os treze anos, observaram o efeito significativo da diferença de idades nos comportamentos agonísticos entre os irmãos: quanto mais próximos eram em idade mais conflituosas, competitivas e antagónicas eram as suas relações.

Como já várias vezes sublinhámos ao longo deste trabalho, o comportamento dos filhos tem a ver com o comportamento e as expectativas parentais. O comportamento agonístico e pró-social dos mais velhos será, então, em parte, induzido pelos pais²⁰⁶. Por um lado, estes exigem que os filhos mais velhos cedam perante os mais novos – por estes serem mais pequenos – o que incrementa os comportamentos agonísticos dos primeiros relativamente aos segundos (Varela, 1985); por outro lado, pedem-lhes que cuidem, que se responsabilizem pela prole, isto é, que sejam o modelo, o exemplo, o professor dos irmãos, isto é, que tenham comportamentos pró-sociais relativamente a estes.

Alguns investigadores têm verificado as diferentes expectativas parentais em função da ordem de nascimento dos filhos. Nomeadamente, Baskett (1985), ao estudar as expectativas dos adultos sobre o comportamento das crianças concluiu que os pais tinham expectativas mais altas e avaliavam mais positivamente os primogénitos do que os filhos únicos e os mais novos. Concretamente em relação aos primogénitos, os pais esperavam que eles

²⁰⁶ Só em parte porque, como tem sido encontrado por alguns autores, os comportamentos agonísticos e pró-sociais são, também, influenciados pela personalidade/temperamento dos irmãos (Bryant & Crockenberg, 1980; Dunn & Kendrick, 1982/1986).

fossem os primeiros em tudo, líderes dominadores e, também, mais obedientes e responsáveis, securizantes, auto-confidentes e independentes (*idem, ibidem*).

Dadas estas elevadas expectativas parentais, não se estranha que Greene & Clark (1970) tenham encontrado que os mais velhos se mostravam mais frequentemente desagradados com os seus pais, que sentiam que eram mais criticados por estes e desejavam ter mais liberdade em casa. E, talvez por todas estas razões, como foi constatado por Furman & Buhrmester (1985a), a grande maioria dos primogénitos percebem que os pais favorecem mais os irmãos mais novos. Não lhes bastou serem destronados como, ainda, têm de ceder perante os irmãos intrusos e assumir um papel de adulto, *renunciando*, assim, definitivamente, à infância...

Mas, ao mesmo tempo, a confiança parental (e a exclusividade de que disfrutam nos primeiros anos de vida, tal como os filhos únicos) pode aumentar a auto-estima destas crianças primogénitas. Como refere Varela (1985), elas sentem-se as mais ouvidas e as mais aprovadas pelos pais. No entanto, as altas expectativas parentais podem ser um peso demasiado pesado para estas crianças: se estão acima do que, de facto, conseguem realizar, elas podem ser lançadas, muitas vezes, numa maturidade precoce que lhes originará alguns distúrbios assinaláveis (Sanchez, 1983/1989) ou lhes poderá provocar ansiedade ou sentimentos de inadequação e insuficiência (Osterrieth, 1963/1975). Talvez também por isso, sob o ponto de vista psicopatológico, elas têm sido consideradas como as mais desajustadas (Adler, 1930/1975)²⁰⁷; mais instáveis (Mauco & Rambaud, 1951)²⁰⁸; mais anti-sociais (Brunori, Perretta & Bolzani, 1997). De sublinhar que a tendência anti-social é o oposto dos comportamentos pró-sociais que, como vimos, usualmente estas crianças manifestam, durante a infância, relativamente aos irmãos mais novos (quase sempre por *imposição*

²⁰⁷ Olson (1973) e Croake & Olson (1977), ao testarem a teoria de Adler, verificaram isso mesmo: os mais velhos (assim como os mais novos) obtiveram pontuações mais elevadas na maioria das escalas do MMPI, e especificamente, os rapazes mais velhos eram mais hipocondríacos do que os rapazes do meio.

²⁰⁸ Estes autores apuraram que, depois dos filhos únicos, eram os primogénitos aqueles que apresentavam mais problemas de comportamento: os pais levá-los-iam à consulta, maioritariamente, pela instabilidade que eles manifestavam e que era devida, em parte, à dificuldade que estas crianças tinham em renunciar à situação de filhos únicos (pois as perturbações encontravam-se, frequentemente, ligadas ao nascimento dos irmãos).

parental!); e dos estudos que revelam que os primogénitos estão grandemente sobre-representados nas profissões caritativas (Sherman & Dinkmeyer, 1987).

Muitos investigadores interessaram-se por estudar a relação entre a ordem de nascimento e o desenvolvimento cognitivo e/ou o rendimento académico. Alguns deles encontraram um predomínio dos primogénitos, relativamente às outras posições fraternais, nestes dois aspectos (Mauco & Rambaud, 1951; Roe, 1952²⁰⁹; Perner, Ruffman & Leekam, 1994). Os resultados de Rosenberg & Sutton-Smith (1964) vão, também, neste sentido: estes autores encontraram, como era esperado, que as raparigas eram superiores aos rapazes na sub-escala L (linguística) e os rapazes superiores às raparigas na sub-escala Q (quantitativa) do teste de ACE; mas, em ambos os sexos, os primogénitos eram superiores aos secundogénitos nos resultados linguísticos²¹⁰. Na investigação de 1966, os mesmos autores estudaram fratrias de três e encontraram relações menos pronunciadas entre a ordem de nascimento e o desenvolvimento cognitivo. O facto parecia dever-se a que nas fratrias de dois os primogénitos mantinham uma relação especial com as suas mães, enquanto que nas fratrias de três essa relação se perderia. Ou seja: nas fratrias de dois, as relações pais-filhos aparecem como o maior determinante no desenvolvimento cognitivo, enquanto que nas fratrias de três o sub-grupo dos irmãos parece afectar muito desse desenvolvimento (*idem, ibidem*).

Estas conclusões de Rosenberg & Sutton-Smith (1966) contrariam, de certo modo, o que tem sido defendido por alguns autores: que o facto de poder ensinar os irmãos mais novos é benéfico para o desenvolvimento intelectual – em fratrias maiores o papel de professores dos primogénitos é mais acentuado mas, apesar disso, a influência dos pais parece ser mais preponderante para o desenvolvimento intelectual dos filhos [também Guo & VanWey (1999), encontraram evidências deste ser um factor determinante na inteligência das crianças – mais do que o tamanho da fratria]. Por outro lado, estas variações são ilustrativas de como a simples alteração da amostragem pode apontar novas vias para a compreensão de um problema. A diversidade metodológica empregada é, provavelmente, uma das razões

²⁰⁹ Cit. in Oliveira & Oliveira (1996).

²¹⁰ Uma revisão dos principais estudos que suportam a hipótese da inferior experiência linguística dos não-primogénitos pode ser vista em Dunn & Shatz (1989).

mais plausíveis para a incongruência de opiniões sobre este tema. Talvez por isso, não surpreende que muitos autores tenham concluído precisamente o contrário: que não há qualquer relação entre a ordem de nascimento e o desenvolvimento intelectual, como já referimos acima, ou, pelo menos, que a ordem de nascimento não parece ser um factor muito importante que afecte a inteligência e o rendimento escolar.

Sobre a inteligência, talvez possamos concluir que os primogénitos, quando comparados com as outras ordens de nascimento, não são mais nem menos inteligentes, apenas possuem uma inteligência diferente. Harris (1964)²¹¹ descreveu uma inteligência verbal-conceptual como mais característica dos primogénitos – devido à sua particular interacção de exclusividade e de interlocução com os pais e restantes irmãos; e uma inteligência preferencialmente baseada nos aspectos perceptivos e não verbais, nos secundogénitos e nos nascidos depois. Por outro lado, a inteligência dos primogénitos parece ser mais bem aceite e reconhecida socialmente talvez porque as motivações destes reproduzem mais fielmente os valores dos adultos, como sejam a motivação académica, a capacidade de esforço, a responsabilidade, etc. (Arranz, 1989). Ou, dito de outra maneira, parece que os primogénitos utilizam a sua inteligência de uma forma socialmente mais adaptada. Stewart (1962)²¹², ao estudar sete mil crianças em idade escolar, verificou que os mais velhos (de fratrias de dois, três ou mais irmãos) tinham mais facilidade e prosseguiram durante mais anos os seus estudos do que os mais novos – tal facto parecia dever-se não a uma maior inteligência dos primogénitos mas a uma melhor utilização das suas aptidões e dons, sendo que os mais novos seriam menos confiantes neles mesmos e menos motivados para tirarem o máximo das suas capacidades.

As diferentes metodologias utilizadas e, até, a difícil operacionalização dos constructos relativos à inteligência pode ser, também, uma das razões para que os resultados, nesta área, não sejam tão consensuais.

Em resumo, é muito arriscado falar, globalmente, dos primogénitos sem atendermos às restantes variáveis da constelação fraternal, como o sexo, a diferença de idades e o tamanho da fratria. Mas muitos autores têm-no feito. E tem sido esta, aliás, a grande pecha da maior parte dos estudos. Que tem conduzido, em parte, como fomos oportunamente referindo, a

²¹¹ *Cit. in* Arranz (1989).

²¹² *Cit. in* König (1958/1996).

resultados contraditórios. Porque o modo como o primogénito se vai desenvolver depende, em muito, destes factores. As relações na fratria diferem de primogénito para primogénito: um rapaz mais velho de uma rapariga vive, na fratria, experiências diferentes de um rapaz primogénito de dois rapazes, por exemplo. E são essas vivências fraternais diferenciadas que podem incrementar algumas das características gerais atrás apontadas ou, inversamente, atenuá-las. Vimos, por exemplo, como um primogénito de uma fratria unissexual pode exacerbar as suas condutas de liderança (não será o caso de um rapaz mais velho de uma rapariga), ou, pelo contrário, se não conseguir impor-se aos restantes irmãos-rapazes mais novos, pode tornar-se temeroso, pouco confiante e menos assertivo.

Compreende-se, em parte, que se opte, geralmente, por descrever a posição fraternal apenas pela ordem de nascimento porque é, realmente, uma tarefa muito árdua equacionar todas as combinações possíveis quando consideramos, simultaneamente, todos os descritores do *status* fraterno. Requerem-se, em geral, amostras imensas e mesmo nessas, se estudarmos fratrias de três ou mais elementos, é difícil conseguirmos grupos numericamente semelhantes para os diversos tipos fraternais que venhamos a constituir. Por isso, usualmente, tem-se estudado as fratrias de dois, que são, compreensivelmente, aquelas que oferecem menor número de possibilidades de agrupamento. Veremos já a seguir, no ponto sobre as crianças do meio, como tem sido parca a investigação dessas crianças – porque ser do meio é pertencer, no mínimo, a uma fratria de três, e as fratrias grandes têm esse óbice da complexidade... Também, como veremos, os mais novos são, muitas vezes, designados como "segundos" – porque, na realidade, muitas das investigações têm-se feito com fratrias de dois.

Ilustremos o que acabamos de dizer: numa fratria de dois temos essencialmente quatro tipos de primogénitos: o rapaz mais velho de um rapaz, o rapaz mais velho de uma rapariga, a rapariga mais velha de um rapaz e a rapariga mais velha de uma rapariga – isto considerando apenas o sexo. Mas, se entrarmos com a diferença de idades, o número de tipos de primogénitos duplica: o rapaz mais velho de rapaz com uma diferença de idades pequena, o rapaz mais velho de um rapaz com uma grande diferença de idades, e assim sucessivamente (ou triplica, se fizermos três agrupamentos de idades: espaçamento menor de dois anos, de dois a quatro, mais de quatro, por exemplo). Se considerarmos uma fratria de três, atendendo apenas ao sexo, teremos logo oito combinações possíveis: *mmm*, *mmf*, *mfm*, *mff*, *fff*, *fmf*, *ffm* e *fmm* (*f* = rapariga, *m* = rapaz). Com as

diferenças de idades, relativamente aos dois irmãos, o número de combinações já será de algumas dezenas...

Mas não se pode falar genericamente dos primogénitos, pelo menos sem ter em conta esta diversidade de experiências que eles podem vivenciar na fratria (o mesmo se pode dizer, claro, para todas as restantes posições fraternais).

Como já atrás dissemos, acerca dos filhos únicos, também aqui, para os primogénitos, a constelação fraternal confere-lhes, sobretudo, comportamentos específicos que têm a ver com o modo como eles se relacionam com os outros: a liderança, o conservadorismo... É nesta área que encontrámos maior unanimidade entre os investigadores, sendo que os estudos sobre a inteligência e a psicopatologia, como vimos, são os mais discordantes entre si.

Passemos, então, à descrição das crianças do meio (onde veremos como todos os descritores do *status* fraterno são importantes para se perceber as vias possíveis de desenvolvimento destas crianças).

OS DO MEIO²¹³

"Tem o inconveniente de não ser tão esperto como o mais velho nem tão engraçadinho como o mais pequeno"

Gomaespuma in Família há só uma e o cão foi achado na rua, p. 35.

Em geral, não há posição fraternal mais indefinida do que esta. Ser o do meio é nem ser o mais velho nem o mais novo, o maior ou o mais pequeno, e é, simultaneamente, ser as duas coisas. Depende das circunstâncias – e elas podem variar, muitas vezes, num curto espaço de tempo. Num dado momento a família pede-lhe que obedeça e seja submisso ao(s) irmão(s) mais velho(s), no momento seguinte pode solicitar-lhe que cuide e se responsabilize pelo(s) mais novo(s). Veremos como este duplo papel não é forçosamente negativo, como faz crer a frase em epígrafe, mas origina características muito especiais nestas crianças.

Elas estão, pois, ensanduichadas entre dois irmãos com estatuto bem definido: o mais velho e o mais novo. Pode pois pensar-se, justamente, que a grande tarefa de uma criança do meio consiste em conquistar um lugar no grupo familiar e, provavelmente, a via mais natural para o desenvolvimento da sua identidade consiste em procurar diferenciar-se dos restantes membros da prole. A outra via possível, obviamente, é subordinar-se à personalidade destes. As crianças do meio que escolherem a primeira destas

²¹³ Um irmão do meio seria, na verdadeira acepção da palavra "meio", aquele que está "equidistante das extremidades ou do princípio e do fim" (*Dicionário da Língua Portuguesa*, s/d). Rigorosamente, só o segundo de uma fratria de três ou o terceiro de uma fratria de cinco, etc., é que seriam do meio. Nas fratrias pares não há nenhum irmão verdadeiramente do meio – são, quando muito, intermédios (*inter* = entre ou dentro de + *meio*). Apesar deste erro, também matemático, preferimos designá-los deste modo porque, correntemente, no nosso país, é assim que são designados. Nas outras línguas, usualmente, encontramos: *mediano* (castelhano), *middle* (inglês), *intermédiaire*, *du milieu* ou *moyen* (francês).

Assim, embora ao longo deste capítulo nos referiramos, genericamente, à(s) *criança(s) do meio*, são todas as crianças intermediárias de uma fratria que são aqui, obviamente, *objecto de estudo*.

duas opções são aquelas que, provavelmente, mais êxito têm, "porque tiveram que mostrar-se combativas no seio da sua família e assumir papéis tão diferenciados quanto possível dos seus irmãos e irmãs, estabelecendo, assim, as suas distâncias e a sua diferença" (Klagsbrun, 1992/1994: 64). No caso de não conseguirem encontrar um lugar na fratria, tenderão a tornar-se tão dependentes do irmão mais velho e do mais novo que se furtarão a desenvolver qualquer actividade própria (Forer, 1969) e, provavelmente, no futuro, serão adultos dependentes e com pouca iniciativa: estarão sempre à espera que os outros lhes indiquem o caminho.

Nas fratrias de dois, o irmão mais novo pode optar, preferencialmente, por um destes dois processos: de diferenciação ou de similitude relativamente ao mais velho – que já lá está, com o seu papel e estatuto bem definido. No caso das crianças do meio, elas não têm, necessariamente, de funcionar num único destes registos. Como constatou Léglise (1999), usualmente os do meio (de fratrias de três) tendem a contra-identificarem-se com o mais velho e a identificarem-se com o mais novo. E questiona-se sobre as razões que conduzem a este facto:

"Para que o do meio exista, não é necessário que ele se coloque como radicalmente diferente do mais velho, enquanto que o mais novo é aceite como semelhante porque dependente dele? O do meio pode, pois, sem risco, ver-se no mais novo (...) [porque] nesta relação do do meio com o mais novo, o objecto identificatório é o do meio. Existe aí uma relação de mestre-discípulo (...). Há, pois, por um lado, um mais velho que é, para o do meio (...), em certa medida, inatingível ou, melhor, o objecto que não se pode ter; e de um outro lado um Eu do benjamim que coloca esta criança do meio na posição de objecto autónomo e identificatório" (*ibidem*: 46-47).

Evidentemente que esta possibilidade que os irmãos do meio têm de servirem de objectos identificatórios para os mais novos é uma vantagem: "é- -se sempre um pouco Deus quando criámos um semelhante" (Léglise, 1999: 47). E é, possivelmente, muito por aí que estas crianças constroem a sua identidade...

A identidade passa, também, pela obtenção de uma identidade sexual que é, em parte, construída a partir das relações fraternais: nomeadamente, "a descoberta da diferença dos sexos opera-se (...) a partir do corpo e do

psiquismo do irmão ou da irmã" (Debry, 1999: 276). A situação destas crianças, desde logo potencialmente problemática pela sua "hibridez" na hierarquia fraternal, pode complicar-se também quando o espaço identificatório sexual já está ocupado pelos restantes elementos da fratria. Isto porque, no grupo dos irmãos, segundo Gayet (1993: 97), para além de um estatuto hierárquico, a criança possui, também, um estatuto sexual:

"Apresentam-se duas dicotomias: 1º ser rapaz ou rapariga; 2º ser o mais velho ou o mais novo. Toda a criança intermediária tem o estatuto híbrido de ser mais nova que... e mais velha que... (...) Mas se, também, o estatuto sexual vacila, se, pois, ele não é mais o único rapaz ou se ela não é mais a única rapariga, (...) tudo se afunda num relativismo completo".

É, pois, a composição da fratria (e as relações com os pais, evidentemente) que pode dificultar o estabelecimento da identificação sexual destas crianças. É o que acontece nas fratrias unissexuais, nas quais, como diria Martensen-Larsen (1957a, 1957b) existe uma "excessiva atmosfera unissexual". Tomemos como exemplo as fratrias de tipo: *um rapaz entre dois rapazes* e *uma rapariga entre duas raparigas*. Como estas crianças do meio têm uma grande necessidade de se diferenciarem dos irmãos (sobretudo dos mais velhos), pode pensar-se que nessa busca elas intensificam uma identificação com o progenitor do sexo oposto: no caso do rapaz, com a mãe, que é a única mulher na família e, na rapariga, com o pai, que é o único homem da família, situação que as leva a tornarem-se, respectivamente, mais efeminadas e mais masculinizadas. Aqui, também, as expectativas parentais terão o seu vincado papel: os pais tenderão a desejar, na maioria dos casos, filhos de ambos os sexos e é provável que, quando isso não acontece, eles aspirarão, quase sempre inconscientemente, a *ajustarem* uma destas crianças conforme esse desejo. Adler diagnosticou esta possibilidade com bastante acuidade, ao referir-se ao facto de, nas fratrias só de rapazes, os pais tenderem a vestir um deles como uma rapariga e vice-versa, no caso das fratrias só com raparigas (cf. Quadro 2).

Percebe-se que as crianças do meio tenham mais dificuldades em diferenciarem-se dos seus irmãos mais velhos e mais novos nas fratrias unissexuais do que se elas forem do sexo contrário ao dos seus restantes irmãos: é o caso de *um rapaz no meio de duas raparigas* ou de *uma rapariga no meio de dois rapazes*. Para esse rapaz e para essa rapariga, serem os

primeiros, e únicos, do seu sexo, dá-lhes, em princípio, um estatuto diferente e, mesmo, privilegiado. Em princípio, porque a condição de ser o único rapaz entre duas irmãs pode levar a que esta criança se sinta compelida a competir com a sua irmã mais velha. Este rapaz necessita, segundo Forer (1969: 149), de estabelecer uma relação muito próxima com o seu pai, não só para desenvolver a sua masculinidade como, também, para buscar nele o apoio necessário para competir com a sua irmã mais velha que está numa posição mais dominante do que ele. Como Adler referiu, este rapaz está, muitas vezes, só entre as mulheres, sobretudo na ausência do pai, o que tanto o pode levar a tentar provar que é o homem da família como, ao contrário, se não conseguir os seus intentos, o pode tornar efeminado. Para a rapariga entre dois rapazes, a fórmula é idêntica: uma boa identificação com a mãe pode ajudá-la a *libertar-se* do poder do irmão-*rapaz* mais velho. Segundo a perspectiva adleriana, o irmão mais velho pode agir como protector desta rapariga, tornando-se ela "muito feminina", tanto para lhe agradar a si como ao pai, ou, então, ela pode tornar-se uma maria-*rapaz* e tentar superar o rival primogénito (*cf.* Quadro 2).

Para as fratrias que têm mais de três elementos todas as anteriores leituras se complexificam. Por exemplo: numa fratria de quatro, os dois do meio podem, cada um deles, escolher caminhos diferentes na sua diferenciação. Um deles pode emparelhar-se com o mais velho (tornando-se, assim, o mais novo do mais velho), o outro pode fazê-lo com o mais novo (convertendo-se no mais velho do mais novo). Este emparelhamento, como se compreende, fará com que estas duas crianças do meio, porque se colocam, na fratria, com papéis diferenciados, desenvolvam, cada uma delas, diferentes personalidades: uma desenvolverá características de irmão mais novo (será mais dependente, por exemplo), a outra de irmão mais velho (aprenderá a ser mais dominante, nomeadamente na relação com o benjamim). Embora, é preciso notar, estes papéis, mesmo assim, nunca sejam tão vinculados como o dos seus irmãos que são, realmente, o mais velho e o mais novo da fratria. Muitas vezes, estas duas crianças do meio são chamadas a desempenharem tanto um papel como o outro e, deste modo, desenvolvem características tanto de uma como de outra posição. Esse foi o nosso caso, exactamente igual a este rapaz a quem Natanson (1992: 101) deu a voz:

"«Eu sou o terceiro grande e o terceiro pequeno», dizia o terceiro de uma fratria de cinco. Quando um «trabalho obrigatório» incumbia aos «grandes», ele estava lá, e,

quando os «pequenos» eram excluídos do mundo dos grandes, ele tinha o sentimento de o ser, também".

Toman, como veremos adiante, elaborou um conjunto de regras que nos podem ajudar a perceber como é que os emparelhamentos na fratria são feitos: a distribuição dos sexos na fratria, as diferenças de idade, a identificação ao pai do mesmo sexo e a complementaridade com o pai do sexo oposto, são, segundo este autor, algumas das variáveis das quais depende a formação de sub-grupos nas fratrias múltiplas. Numa dessas regras ("regra da grande diferença de idades e dos sub-grupos"), este autor (1993) estabelece que, em função da diferença de idades, nas fratrias mais numerosas, há uma tendência a formarem-se sub-grupos "psicologicamente separados" e, só depois, dentro de cada um, se formariam os pares. Numa fratria do tipo: $m_{12} m_{11} f_9 m_2 f_1$ (rapaz de doze anos, rapaz de onze anos, rapariga de nove, etc.), as três primeiras crianças tenderão a formar um sub-grupo, as duas últimas um outro. A fratria *parte-se* entre a terceira e a quarta criança, compreensivelmente, dado que a diferença de idades entre estas é de sete anos. Ou seja: quando o quarto e o quinto irmão nascem, já as três mais velhas viveram, no mínimo, sete anos em conjunto e estão numa fase de desenvolvimento mais semelhante entre si e muito distanciadas dos dois últimos irmãos. O resultado é que, se geralmente temos, numa fratria de cinco, três irmãos do meio, em casos semelhantes a este, devido às diferenças de idades, algumas destas crianças podem fugir a este estatuto. No nosso exemplo, só o segundo rapaz da fratria é que, provavelmente, terá dificuldade em arranjar um lugar bem definido e ficará, por isso, como o único do meio: o mais velho ficará com o papel de mais velho, a primeira rapariga será a mais nova do primeiro sub-grupo e o terceiro rapaz não terá dificuldade em ser o mais velho da rapariga mais nova, e última.

Mas, se o desenvolvimento das crianças do meio depende, em parte, da composição da fratria (do sexo, do tamanho da fratria e das diferenças de idades), a idade em que são destronadas e o sexo do destronador também interferirão, bastante, no modo como elas constróem a sua personalidade. A destronação é importante porque é o nascimento do irmão seguinte que as desloca de uma posição mais ou menos confortável, para uma que não o é tanto: de mais novas passam a do meio, com as consequentes perdas que esta mudança implica. Ilustremos isto com o nosso próprio exemplo:

Nesse tempo, do paraíso, eu era a segunda rapariga de uma fratria de três (o mais velho era um rapaz). O facto de ser a mais nova conferia-me um estatuto especial, na

família. Depois, quando tenho quatro anos e uns meses, os pais chegam, subitamente, com um bebé nos braços: um lindo rapaz (lembro-me de, uns dias antes, tê-lo conhecido no hospital e de como, nessa altura, nem me parecera assim tão deslumbrante, como toda a gente dizia que ele era!). De um dia para o outro, a minha vida muda radicalmente: já não sou mais a menina mimada da família, a quem tudo lhe era permitido fazer, também sob o olhar protector e condescendente dos dois irmãos mais velhos. Agora, as atenções voltam-se todas para o recém- -chegado. Eu sinto-me, obviamente, descuidada e infeliz. Para os meus dois irmãos mais velhos nada muda: o rapaz mais velho continua a ser o primogénito da fratria, a minha irmã continua a ser a mais velha e a primeira das raparigas. O bebé, esse, é o mais novo. E eu fico sem nenhum papel de relevo: a do meio, agora e para sempre (mesmo quando, dois anos depois, nasce o último irmão, também um rapaz, as coisas para mim mantêm-se; nessa altura será a vez do meu destronador ser destronado...). E ficámos os dois, eu e ele, com essa missão, nem sempre fácil, de arranjarmos "um lugarzinho ao sol". Talvez inicialmente eu o tenha odiado muito, ao meu destronador. Mas depois, até pelas circunstâncias idênticas em que nos encontrávamos, tornámo-nos, ao longo dos anos, num par unido e fraterno.

No meu caso, a destronação ocorre, segundo a perspectiva psicanalítica, em pleno período edipiano e, como o irmão-rival é um rapaz, isso pode ter ajudado a que eu deslocasse, para a figura deste, as minhas rivalidades edipianas. Se o meu destronador fosse uma rapariga, se a *perda* tivesse acontecido mais cedo, a problemática seria diversa desta. A destronação que vive o meu destronador, por exemplo, que acontece aos dois anos deste e, igualmente, por um rapaz, não será do mesmo tipo. Como será bem diferente a vivência desta destituição familiar quando uma criança tem seis ou sete anos de idade: independentemente do sexo do seu destronador, pode pressupor-se que a perda seja vivida mais pacificamente... Portanto, nem o sexo do destronador, nem a idade em que a destronação acontece são irrelevantes. Também aqui, embora se fale deste acontecimento de modo genérico, importa equacionar todas as variáveis que podem interferir na forma, mais ou menos intensa, como ele é vivido.

Mas, se o irmão seguinte pode trazer benefícios ou escolhos para o do meio, na medida em que pode tornar-se o continente privilegiado dos afectos

edipianos – como ligeiramente acabamos de equacionar –, importa, aqui, sobretudo, realçar esta possibilidade de deslocamento em relação aos afectos fraternais. Como já deixámos antever acima, ao do meio (que antes do nascimento do rival era o mais novo) raramente lhe é permitido expressar as rivalidades com o(s) irmão(s) mais velho(s). Já referimos como é aceite socialmente (veja-se na literatura e nas mitologias) o ódio/ciúme e, até, a passagem ao acto destes sentimentos dos mais velhos relativamente aos mais novos (foi Caim que matou Abel e não o contrário). Mas é menos aceite o inverso. E não só porque os mais novos se devem subjugar ao poder instituído dos mais velhos (que os pais incentivam e reforçam, quase sempre), mas, também, pela razão óbvia da sua inferioridade desenvolvimental (nomeadamente física), que os interdita de lutarem, em pé de igualdade, com os grandes da fratria – a não ser nos casos (raros, felizmente) em que os mais velhos sejam doentes ou deficientes...

Como o do meio é um mais velho para o benjamim, e pelas razões apontadas para as relações entre um mais velho e um mais novo, objectivamente é mais fácil e compreensível que ele exprima abertamente a sua agressividade em relação ao irmão seguinte (até porque foi ele que o destronou) do que em relação ao(s) mais velho(s). De facto, Léglise (1999) encontrou que era mais fácil verbalizar e admitir o ódio relativamente ao terceiro irmão do que relativamente ao primeiro. E parece ser menos culpabilizante, como admite a autora, pois que, geralmente, o irmão mais velho está associado ao par parental – numa posição, portanto, intocável – e os laços do do meio com este são pré-edipianos e pré-históricos, como os laços com os pais, e sobre todos eles recaiu, inevitavelmente, a amnésia infantil (*ibidem*). Esta percepção da *fusão* entre o mais velho e os pais percebe-se, ainda segundo Léglise, porque:

"No começo da sua vida, o do meio [neste momento: o mais novo da família] não diferencia o pai e a mãe do primogénito. Para o bebé, esta tríade é Una. Com efeito, o mais velho fez sempre parte deste universo, que ele descobre ou que ele cria, segundo Winnicott. (...) E, além disso, este mais velho possui a linguagem dos pais, comporta-se (segundo ele) como eles e parece, pois, pertencer ao mundo dos não-dependentes" (*ibidem*: 61).

O ódio/ciúme primitivo do do meio para com o mais velho – que, como vimos acima, Gayet (1993) designa como "complexo de Abel" –, apesar de

não lembrado nem verbalizado, pode ser, então, facilmente deslocado para o irmão mais novo – que será, pois, uma vítima inocente. Como escreveu Freud numa carta (ver *Correspondências*, 1873-1939)²¹⁴:

"Centenas de milhares de indivíduos indiferentes
expiarão o facto do pequeno homem feroz ter poupado o
seu primeiro inimigo".

Claro que a relação do do meio com o mais velho não é, apenas, uma relação de ódio. Como qualquer relação próxima, é uma relação ambivalente. E, possivelmente, começará, até, por ser uma relação de "admiração" e de amor, já que o mais velho é visto, inicialmente, com estando acoplado aos pais e, só depois, como fazendo também parte do mundo das crianças e não "parte dos deuses superiores" (Léglise, 1999). Daí que, mais adiante, a autora conclua, embora com algumas interrogações:

"A tragédia da criança do meio será, pois, a descoberta
(quando? como?) deste antes de si. (Houve uma cena
primitiva antes daquela que deu lugar ao meu
nascimento). (...) no fantasma do do meio que espécie de
relação existe entre a mãe e o filho mais velho ou entre o
pai e a filha mais velha?" (*ibidem*: 119).

Contrariamente à ideia generalizada de que a chegada do irmão seguinte é o que está na origem dos ciúmes/ódio que visivelmente o do meio devota ao mais novo, Léglise (*ibidem*) defende que, provavelmente, este acontecimento não faz mais do que despertar o sofrimento advindo aquando da descoberta de ter nascido depois do mais velho, isto é, de não ser o primeiro filho dos pais. Ou seja: a destronação seria agravada pela reactivação desses pré-edipianos e dolorosos afectos que constituiriam o núcleo do complexo de Abel que, por isso mesmo, para estas crianças do meio, seria, pois, de maior importância do que o complexo de Caim.

²¹⁴ Cit. in Léglise (1999: 57).

Talvez devido a esta *simultaneidade* dos dois complexos, não se estranha que alguns autores tenham *observado* que a destronação destas crianças não-primogénitas é tão "traumatizante" quanto o é para as primogénitas. Por exemplo, Klagsbrun (1992/1994) defende que sim e cita o trabalho de Levy (*Studies in Sibling Rivalry*, 1937) para corroborar a sua opinião:

"Nos anos 30, um psiquiatra, David Levy, estudou as tribos índias da América do Sul para ver se, independentemente do meio cultural, as crianças se mostravam ciumentas e hostis aquando do nascimento de um bebé. E descobriu que era o caso. Ele descobriu, igualmente, que os mais novos podiam ser tão ciumentos quanto os primogénitos. Um dia, quando ele colocou as crianças a brincarem com bonecas que representavam os seus pais e os seus irmãos, uma pequena rapariga de sete anos, a antepenúltima de dez filhos, olhou uma mãe-boneca que tinha uma rapariguinha nos braços e disse: «Quando a irmã vê o bebé, a irmã fica triste porque a mamã não se ocupa mais dela, mas da outra». Pouco depois, ela arrancou o braço que a mamã-boneca utilizava para segurar o bebé".

No entanto, outros autores, como Mauco & Rambaud (1951), Forer (1969) e Titze (1979/1983), embora defendam que a destronação é um evento também importante na vida dos irmãos do meio consideram que ele não é vivido "tão intensamente" como o é pelos primogénitos, dado que aqueles nunca receberam um tratamento exclusivo, embora também se vejam privados de muitos privilégios.

Ou seja: à laia de conclusão pode dizer-se que é necessário ter em linha de conta todos os factores relativos à constelação fraternal para percebermos melhor o desenvolvimento posterior destas crianças ensanduichadas na fratria²¹⁵. E dadas as conjunturas diferenciadas que podem ter experienciado com os irmãos (como acabámos de referir), elas podem ser bem diferentes umas das outras, pelo menos em termos do seu comportamento social. Por exemplo, segundo Toman (1993), umas serão "do meio mais velhas" e outras

²¹⁵ Claro que, como já algumas vezes referimos, o desenvolvimento da personalidade não depende, exclusivamente, destes factores relacionados com a fratria. Mas nunca é demais sublinharmos este aspecto...

"do meio mais novas", conforme assumirem, com mais preponderância, respectivamente, o papel de mais velhas dos seus irmãos mais novos ou o papel de mais novas dos seus irmãos mais velhos.

As crianças do meio são, pois, diferentes entre si mas, também, iguais. Porque a situação peculiar desta posição "híbrida" e "perpetuamente instável" (Gayet, 1993), na fratria, confere-lhes, ao mesmo tempo, características de personalidade semelhantes. Devido à indefinição do seu papel na fratria, à pouca atenção e interacção familiar e à diferença de desenvolvimento relativamente ao irmão mais velho, alguns autores consideram que estas crianças tendem a desenvolver baixos índices de auto-estima, sentimentos de inferioridade, de insegurança e de abandono (Mauco & Rambaud, 1951; Forer, 1969; Musitu, Román & Gracia, 1988; Arranz, 1989).

Para Titze (1979/1983), uma criança do meio construiria uma auto-imagem negativa e desvalorizada de si, sobretudo quando a diferença de idade relativamente ao irmão mais velho é enorme: a distância parece-lhe tão grande que desenvolve uma "opinião primária" de mais débil, mais pequena e inferior ao mais velho. No entanto, Kidwell (1982)²¹⁶, encontrou que as crianças do meio que tinham um espaçamento de cerca de dois anos eram as que apresentavam uma menor auto-estima, em comparação com aquelas que estavam distanciadas dos irmãos por um, três ou quatro anos de idade. Este autor verificou, ainda, que a auto-estima dos rapazes do meio é grande quando os restantes irmãos são raparigas, isto é, quando eles são o único homem das suas fratrias. Parece, pois, que a auto-estima das crianças do meio não é função, apenas, da diferença de idades entre os irmãos. O sexo, como o prova o estudo de Kidwell e como já vimos acima, é um dos factores, entre outros, que também determina, em parte, o modo como se processa o desenvolvimento destas crianças. O que prova, mais uma vez, como um só factor não explica a totalidade do fenómeno em estudo...

Provavelmente, a baixa auto-estima, os sentimentos de inferioridade e insegurança do irmão do meio advêm-lhe porque, depois de destronado, se sente tratado injustamente pela vida, porque vê que nem possui os direitos do primogénito, nem as vantagens do mais novo (Dreikurs, 1969) e depois,

²¹⁶ *Cit. in* Musitu, Román & Gracia (1988).

naturalmente, considera-se "a ovelha negra" (Corman, 1974)²¹⁷, o *outsider* da família (Klagsbrun, 1992/1994).

Expulsos e abandonados (pelo menos assim o crêem), geralmente têm de, sozinhos, encontrar o seu lugar dentro da família, já que os pais estão, muitas vezes, durante grande parte da infância dos filhos do meio, demasiados ocupados com o(s) mais novo(s), ainda demasiado dependente(s), e com o(s) mais velho(s), possivelmente a atravessar(em) etapas cruciais do seu desenvolvimento (entrada na escola primária, início da adolescência...). Daqui decorre que, geralmente, estas crianças tornam-se solitárias e têm, como observou Léglise (1999), uma "consciencialização aguda" da solidão:

"a obrigação de estar só faria surgir, paradoxalmente, a necessidade de independência e, através dela, uma espécie de liberdade de escolha. O que era, à partida, uma coisa que [o do meio] teve de suportar – fonte de sofrimento – torna-se uma coisa desejada – fonte de satisfação. Assim, ser incompreendido e rejeitado faria tomar consciência de estar só, depois, de ser o solitário, de ser único" (*ibidem*: 101-102).

A necessidade de independência, como disse Klein (1959/1968: 134), "faz parte da maturação normal mas pode, também, servir de defesa para combater a solidão". Seja como for, a posição de *nem carne, nem peixe* das crianças do meio possibilita-lhes serem independentes, isto é, livres e autónomas: não têm de assumir nem as responsabilidades do irmão mais velho, nem as desresponsabilidades do mais novo. Os pais conhecem bem estas situações: se o mais novo faz uma asneira, por exemplo, o do meio pode (e é o que faz, geralmente) desculpar-se, perante os pais, remetendo a culpa para o mais velho que não terá sabido cuidar bem do benjamim; numa situação inversa, pode sempre "puxar os louros" para si, assumindo-se como mais velho... Isto é, elas podem, quando lhes convém, assumir uma ou outra das posições.

E esta possibilidade que têm de experimentar diferentes papéis na fratria, fá-las-ia sentirem-se mais à vontade em qualquer tipo de relação que

²¹⁷ Autores citados in Arranz (1989).

estabeleçam no decorrer da sua existência: seja a de assumirem uma posição dominante, seja a de serem subalternas. Por exemplo, uma rapariga "absolutamente do meio" (que tenha um irmão e uma irmã mais velhos e uma irmã e um irmão mais novos) está preparada para todo o tipo de relações: com homens e mulheres que foram, nas suas fratrias de origem, irmãos mais velhos e irmãos mais novos (Toman, 1993). Porém, não será a mais feliz das mulheres: é de esperar que quando está apenas numa relação (com um companheiro, por exemplo), ela possa pensar, e sentir, que lhe faltam todas as restantes (*idem, ibidem*). Porém, Bossard & Boll (1975)²¹⁸ encontraram que, geralmente, estas crianças estão satisfeitas com a sua posição na fratria.

Mais ou menos satisfeitas, parece compreensível que, ao longo das suas vidas, elas possam tirar partido das suas diversificadas experiências, sentindo-se bem adaptadas em muitas situações, por serem mais versáteis, nas relações sociais, do que os primogénitos, os únicos e os mais novos que, em geral, experimentaram, na infância, apenas um tipo de conduta (Osterrieth, 1963/1975; Forer, 1969). Alguns estudos citados por Arranz (1989) confirmam este aspecto: são sujeitos mais cooperativos e socialmente colaboradores, sem, no entanto, ocuparem lugares de liderança (serão os primogénitos os que melhor se adequariam, como vimos, a essas tarefas). Os do meio são, ainda, bons negociadores, como refere Klagsbrun (1992/1994). E competitivos:

"No filho segundo encontra-se um afã de domínio e superioridade num matiz peculiar. (...) esforça-se com um zelo constante por conquistar o predomínio e no seu comportamento notar-se-á a linha de rivalidade que dará forma à sua vida. O segundo sente como um forte estímulo que alguém esteja à frente dele e, se se encontra em condições de rivalizar com o irmão mais velho, fá-lo-á, habitualmente, com violento empenho" (Adler, 1926/1984: 130)²¹⁹.

²¹⁸ Cit. in Klagsbrun (1992/1994).

²¹⁹ Normalmente Adler fala do segundo filho como sendo o protótipo das crianças do meio. Esta designação, como se compreende, é um pouco desadequada, actualmente: as fratrias são cada vez menores e, muitas vezes, o segundo também é o mais novo. Que terá, obviamente, não tanto as características de segundo, mas as de mais novo.

O espírito competitivo das crianças do meio tem sido verificado na área desportiva: maioritariamente, os atletas que participaram nos Jogos Olímpicos de 1968 e 1976 são os segundos ou os terceiros na ordem da fratria (Malina *et al.*, 1982)²²⁰. "No caso dos atletas olímpicos portugueses isto tende a acontecer havendo, no entanto, diferenças por modalidades" (Raposo, 1993: 144).

No fundo, como argumenta Alberoni (1991/1997: 31), a competição é sempre saudável desde que seja feita "segundo as regras estabelecidas pela sociedade", porque permite sair do "universo invejoso" (vimos acima como permanecer na inveja pode conduzir a um ensimesmamento narcísico mortífero, obra da pulsão de destruição, de *Thanatos*...).

Tomando, pois, a boa adaptabilidade como uma característica bastante comum destas crianças, podemos questionar-nos, com Osterrieth (1963/1975: 141), sobre as suas razões:

"Acontecerá assim porque a situação dele [filho segundo], confinando-se entre um modelo a seguir e o dos mais novos que virá a dominar, é mais equilibrada e satisfatória? Será isto porque os pais, enriquecidos com a experiência que acumularam enquanto tiveram o mais velho a seu cargo, lhe dispensam uma solicitude menos ansiosa, prendendo-se menos com pequenas coisas, se ocupam dele de uma maneira mais livre e menos impaciente? Ou será, então, porque os filhos de lugar intermédio nunca conheceram a condição de filho único e porque a partilha de afecto parental constitui o quinhão normal desde o princípio da sua existência?".

Custa pouco a crer que a resposta mais sensata e correcta seja a de que todos estes factores contribuirão... Realce-se como os pais têm, também aqui, na adaptabilidade, uma função relevante: a sua maior experiência no desempenho do papel de progenitores contribui, em parte, para esta

²²⁰ *Cit. in* Raposo (1993).

característica dos filhos que se seguem ao primogénito e, nomeadamente, dos do meio.

Como dissemos logo no início, as crianças do meio procuram diferenciar-se dos irmãos e, nomeadamente, e de sobremaneira, do mais velho. Algumas delas podem, no entanto, adoptar uma atitude demissionária, como se dissessem: "Para quê tentar, se o meu irmão mais velho conseguirá mais do que eu!" (Osterrieth, 1963/1975: 141).

Mas a diferenciação activa é a via mais escolhida, até porque estas crianças visam re-ganhar a atenção dos pais (perdida, pelo menos temporariamente, aquando do nascimento do filho mais novo), o que faz com que elas sejam compelidas a desenvolverem interesses e competências distintas do mais velho. Assim o considera o psiquiatra neoadleriano Dreikurs (1969)²²¹:

"[O segundo] saberá descobrir, com extraordinária perspicácia os pontos fracos do mais velho e, com rendimentos extraordinários, buscará o reconhecimento de pais e educadores... Se o primeiro, por exemplo, é débil e enfermo, o segundo tornar-se-á são e robusto; se um se destaca pela sua inteligência, o outro buscará o êxito mediante os seus dotes sociais".

Como o primogénito representa o poder estabelecido e é o detentor do *statu quo* familiar, o do meio é, geralmente, pouco respeitador das regras e, consequentemente, desenvolve um carácter pouco convencional (muitos autores, entre os quais Sulloway, como veremos melhor adiante, têm destacado a personalidade "revolucionária" dos não-primogénitos) e criativo.

Relativamente a este último aspecto, podemos dizer que é a procura de estratégias para se diferenciarem do irmão mais velho que lhes agudiza a imaginação, a criatividade e a intuição (veremos adiante como estas características são apontadas, igualmente, para os irmãos mais novos). Não se estranha, pois, como constatou Léglise (1999), que parte deles se inclinam para as artes: são escritores, desenhadores, músicos.... amam criar o Belo; ou, então, são "estéticos": amam contemplar o Belo.

²²¹ Cit. in Titze (1979/1983).

Ou, em suma, tentam ser os primeiros, nalgumas áreas, já que na fratria são os segundos, os terceiros...

No aspecto psicopatológico, Olson (1973) verificou que os rapazes do meio eram menos paranóicos, mais confiantes e mais inclinados a respeitarem a opinião dos outros do que os rapazes mais velhos e mais novos. Embora Howarth (1980) tenha constatado que os rapazes do meio (ou mais novos) que tinham um irmão-rapaz mais velho, eram mais hipocondríacos. A razão, segundo o autor, é que os machos são, geralmente mais dominantes, e o facto de terem um irmão acima deles aumentar-lhes-ia a hipocondria, um aspecto da ansiedade (*ibidem*). O que parece indiciar que uma boa adaptabilidade não é uma característica de todas as crianças do meio²²².

Já atrás nos referimos como é controversa a relação entre a ordem de nascimento e o desenvolvimento cognitivo e/ou o rendimento académico. Muitos estudos têm encontrado um predomínio dos primogénitos nestes dois aspectos. Os do meio (assim como os mais novos) seriam menos inteligentes e, conseqüentemente, teriam menos êxito escolar do que os mais velhos. Para alguns autores, esta é uma falsa questão, dado que haveria uma diferença entre as várias ordens de nascimento, mas essa diferença seria mais de tipo qualitativo do que quantitativo: os primogénitos apresentariam, normalmente, uma inteligência verbal-conceptual enquanto que os nascidos depois teriam uma inteligência preferencialmente baseada nos aspectos perceptivos e não verbais (Harris, 1964)²²³. A menor habilidade verbal dos não-primogénitos é, de certo modo, confirmada pelos achados de Mauco & Rambaud (1951): estes autores verificaram que o motivo mais dominante que levava as crianças do meio às consultas psico-pedagógicas eram as perturbações da linguagem.

As expectativas dos pais, mais uma vez, teriam aqui um papel preponderante. As próprias crianças teriam uma percepção acurada dos diferentes desejos parentais. Greene & Clark (1970) verificaram que os do meio percebiam os seus pais como não interessados nas suas actividades escolares.

²²² Mais uma vez sublinhamos como é inadequado e arriscado fazerem-se generalizações para todas as crianças de uma mesma posição fraternal sem levar em linha de conta a constelação específica do grupo fraternal de que fazem parte.

²²³ *Cit. in Arranz (1989).*

Para concluir, diríamos que é esta a posição que está mais subordinada a todos os descritores da constelação fraternal, como sejam: o sexo, a diferença de idades, a idade da destronação, o tamanho da fratria (nos únicos nem sequer se põe esta questão, no primogénito é o sexo do destronador e a idade em que é destronado que mais o marcarão). A equacionação de todas estas variáveis dificulta o estabelecimento de regras muito universais relativamente a estas crianças do meio. Como nas posições fraternais anteriormente descritas, é no seu comportamento social que mais unanimemente podemos encontrar algumas semelhanças entre elas.

OS MAIS NOVOS

[Irena, a mais nova das três irmãs, riposta a Olga, a do meio]

"- Estás tão habituada a ver-me como uma criança que te parece estranho quando estou séria. Eu tenho vinte anos!"

Anton Tchekov in Três Irmãs, p. 12.

Geralmente, fala-se do mais novo como sendo o *bebé* da família, o mimado, o irresponsável. As circunstâncias especiais da sua posição fraternal conferem-lhe características próprias, embora se possa dizer, *grosso modo*, que ele é o oposto do primogénito e é algo semelhante ao do meio. Pois que, tal como este último, ele tem um nível inferior de interacção com os pais e, como ele, tem de lutar por um "espaço de auto-identificação" (Arranz, 1989). Mas o mais novo possui, mesmo assim, características diferenciadas dos restantes irmãos. Para além doutras diferenças, ele nunca é destronado (na realidade, embora fantasmaticamente possa ter medo de vir a sê-lo...), isto é, nunca muda de posição fraternal (a não ser, claro está, na infeliz eventualidade dos irmãos mais velhos morrerem – ficará, então, como filho único²²⁴), enquanto que o mais velho e o do meio vêem sempre a sua posição modificar-se.

Adler (1926/1984: 127-128) viu desta maneira a situação familiar peculiar dos mais novos que lhes daria, segundo ele, "uma série de rasgos de carácter":

"Para os seus pais constitui um caso especial e não o tratam como aos outros. Como mais jovem é, também, o mais pequeno e, por conseguinte, o mais necessitado de protecção, num período em que os demais irmãos são já mais independentes e crescidos. Geralmente cresce, por isso, numa atmosfera mais cálida. (...) Não é para a

²²⁴ Cf. acima o caso de Bateson, que era o mais novo de três irmãos e que depois da morte dos dois mais velhos ficou, logicamente, como único.

criança agradável ser sempre o mais pequeno, a quem nada se pode confiar, servindo isto para a estimular a esforçar-se em demonstrar do que é capaz. Por isso, pois, o seu afã de domínio é exacerbado. O irmão menor será, regularmente, um indivíduo que só se contentará com as melhores situações e que terá, sempre, o desejo de sobressair dos demais".

O autor fala do último dos filhos que era, vulgarmente, e na altura (princípio do século), antecedido por muitos irmãos e distanciado deles, sobretudo do primogénito, por muitos anos de idade. Consequentemente, a idade dos pais era, também, já avançada. Hoje, com a redução das fratrias, percebe-se que a situação do mais novo possa ser menos "cálida": o mais novo é, na maior parte das vezes, o segundo ou o terceiro irmão, a idade dos pais pode ser muito semelhante àquela que tinham quando os outros filhos nasceram, os irmãos mais velhos não serão, geralmente, tão crescidos que possam funcionar como segundos pais em relação ao benjamim da família. Embora, se for o caso, se a criança mais nova estiver muito espaçada dos restantes irmãos, mesmo numa fratria reduzida, é natural que seja mimada por todos...

Os pais podem, até, aproveitar esta última oportunidade de terem uma criança em casa para a tratarem sempre como a menor e, por isso, tenderão a educá-la com grande mimo e indulgência (Varela, 1985). Ela pode ser, então, "a criança sacrificada" às necessidades e desejos parentais (Klagsbrun, 1992/1994: 67). Se os pais estiverem à beira da ruptura, ou se, entretanto, se separarem, ou um deles morrer, esta criança mais nova pode ver-se obrigada a ficar em casa mais tempo do que o previsto, à espera que os pais solucionem os seus conflitos ou, então, para cuidar de um dos pais (*idem, ibidem*). Se os pais já tiverem uma idade avançada, podem, igualmente, infantilizar o benjamim da fratria: ao evitarem que ele cresça, este poderá servir-lhes de apoio e conforto na velhice, e poderá também permitir-lhes que continuem a exercer as funções parentais durante mais anos, evitando reencontrarem-se, de novo, como casal²²⁵. Daí que esta criança possa tardar a individualizar-se e diferenciar-se o que, muitas vezes, esconde com uma

²²⁵ Os sistémicos da família têm longamente referido como, após a saída de todos os filhos de casa, os pais de meia-idade podem ter algumas dificuldades "de investimento em si próprios, tanto individualmente, como enquanto casal" (Relvas, 1996: 205).

"atitude tirânica para com os outros e, principalmente, para com a mãe" (Osterrieth, 1963/1975: 143).

Provavelmente, esta correspondência aos desejos parentais prende-se com o facto da criança mais nova, durante a sua infância, não ter nunca a certeza de não vir a ser destronada (durante os primeiros anos de vida ela não compreende que os pais, por exemplo, podem ter uma idade já avançada que não lhes permite ter outro filho, ou que não o desejam, mesmo que sejam novos...). O receio de virem a perder a relação idílica com os pais faz com que estas crianças últimas da fratria ajam em conformidade com esses desejos parentais de não-separação. Não desgostando os pais, dão-lhes a entender que eles não precisam de arranjar mais um filho, pois elas estão ali para lhes satisfazerem todos os sonhos...

Compreende-se então que, muitas vezes, o mais novo seja sentido, pelos restantes irmãos, como o favorecido – embora, ao mesmo tempo, este lhes possibilite libertá-los de algumas responsabilidades filiais, como tomarem conta dos pais em períodos problemáticos – e não o considerem senão como o bebé da família e quase como não pertencente "à mesma ninhada". Já atrás dissemos que uma grande diferença de idades faz com que as crianças possam ser consideradas como quase-únicos, ou únicos funcionais. Este mais novo muito espaçado, em idade, pode ser, por tudo o que acabamos de dizer, educado como tal e apresentar, conseqüentemente, características de filho único (e, simultaneamente, de filho mais novo – segundo a perspectiva tomaniana, como já referimos).

Ou seja, como nas restantes posições fraternais, é necessário termos em conta todos os principais descritores do *status* fraterno (o tamanho da fratria, o sexo, a diferença de idades), para percebermos adequadamente as características destas crianças mais novas, como demonstraremos ao longo deste sub-capítulo.

Mas voltemos a Adler (1926/1984: 128-129), para vermos como ele equacionou as duas possibilidades de desenvolvimento destas crianças:

"Existe uma categoria de menores que ultrapassam todos os demais e que fizeram muito mais do que os seus irmãos. Um caso desfavorável desta classe é a outra espécie de menores que, com o mesmo afã, não desenvolveram uma plena actividade e confiança em si-mesmos, coisa que, igualmente, pode provir das suas relações com os seus irmãos. Ao não poder sobrepor-se a

eles, pode ocorrer que o menor se retraia e coíba, se faça covarde e busque sempre algum pretexto para eludir as suas obrigações. (...) A muitos chocará que o menor se conduza, habitualmente, como coarctado e com uma dose maior de sentimento de inferioridade. (...) Nenhum dos dois tipos parece ser apto para a convivência humana. O primeiro gosta de empreender as coisas quando a competência ou rivalidade têm grande valor. Este tipo só poderá conservar o equilíbrio à custa dos demais, enquanto que o segundo padece durante toda a vida debaixo do opressivo sentimento da sua inferioridade e da sua falta de adaptação".

O mais novo é, assim, para Adler, um desajustado: quer ele consiga sobrepor-se aos mais velhos, quer não. Esta concepção adleriana foi confirmada por Olson (1973) e Croake & Olson (1977): os mais novos (assim como os mais velhos), eram os que pontuavam mais elevadamente na maioria das escalas do MMPI – o que estava de acordo com a teoria adleriana sobre o pior ajustamento destas crianças (dos mais novos e dos mais velhos).

A escritora Rita Ferro (1999), a mais nova de um rapaz e de uma rapariga, numa crónica recente, autobiográfica, corrobora esta concepção adleriana dos mais novos sofrerem, até por serem os mais pequenos e mais frágeis da família, de "uma dose maior de sentimento de inferioridade":

"Assim, a seguir à minha irmã, de uma cesariana pacífica, nasceu esta que vos escreve de um parto tão brutal que acabou por esterilizar a minha mãe. Poder-se-ia dizer que há males que vêm por bem, atendendo ao calvário da santa que me gerou²²⁶, se esta circunstância de mais nova me não tivesse estigmatizado a infância. Não vos descrevo. Catorze meses de diferença eram, para a minha irmã Mafalda, um ascendente de peso. Tratava-me com uma superioridade tão redutora, ria-se tanto das minhas amigas e das minhas ideias, que ainda hoje dou comigo a corar quando, por razões profissionais, sou obrigada a falar em público. Fiquei insegura. (...) saltava para cima

²²⁶ Rita Ferro refere-se aos três filhos que a mãe perdera anteriormente, "dois deles já baptizados"...

de mim e imobilizava-me no chão, esmagando os meus antebraços com os joelhos dela, e iniciava então, rejubilando, a sua tortura dilecta: soltava da boca um fio de cuspo, fininho, a prumo sobre a minha cara, e sugava-o no último momento, bem treinada, quando o visco se encontrava a um decímetro de atingir o meu esgar repugnado e eu lhe jurava sujeição: «Dominada?», «Sim!», «Rendes-te?», «Rendo-me!», «E arrumas os dois armários?», «Arrumo!» (...). Foram anos disto, a somar às sevícias infligidas pelo meu irmão. (...) Esse então, mais velho que eu três anos, nem precisava de pretextos: «Cheguei!». (...) Hoje em dia, reconheço, são melhores almas que eu; mas um irmão mais novo não se pode dar ao luxo de ter carácter, compreendem? O irmão mais novo não se pode dar ao luxo de ter nada, a não ser, quando muito, o instinto de sobrevivência de um felino!".

Globalmente, os mais diversos autores estão de acordo, quer com Adler quer com estas ideias expressas por Rita Ferro. O mais novo desejaria ultrapassar o mais velho, mas, em caso de vitória, ficaria com sentimentos de culpabilidade e de medo: "De medo, por um lado, da cólera e da vingança do mais velho, mas, também, de encontrar-se só, muito distante e à frente, fora da esfera de influência do mais velho" (Klagsbrun, 1992/1994: 68). Assim, decidiria, na maior parte das vezes, por interditar-se de o fazer, escolhendo vias diversas do mais velho e, mesmo assim, evitando sempre fazer melhor do que este; algumas vezes, para contrabalançar a ausência de poder no seio da família, tenderia a exercê-la fora desta, embora, no seu interior, se comporte, quase sempre, como o mais novo (*idem, ibidem*).

Ou, então, optaria por se afirmar em áreas diversas do(s) irmão(s) mais velho(s). Comparativamente aos primogénitos, tem sido encontrado que os mais novos (tal como os do meio) são, geralmente, menos convencionais (Sulloway, 1996/1997), mais criativos (Eisenman, 1964; Bliss, 1970)²²⁷ e mais sociáveis (Miller & Maruyama, 1976).

A necessidade de se diferenciarem e de contrariarem o poder do mais velho, faz com que os irmãos mais novos se assemelhem, genericamente, aos do meio, embora, obviamente, eles se distingam destes, pelo menos nalguns aspectos. Klockars (1967), por exemplo, numa das suas amostras (naquela

²²⁷ Autores citados, respectivamente, in Cicirelli (1967) e Schubert, Wagner & Schubert (1977).

que era constituída unicamente por sujeitos do sexo masculino), encontrou diferenças significativas entre estas duas posições fraternais: os mais novos obtiveram classificações menos altas na compreensão de si e dos outros, eram menos líderes e mostravam menor interesse no *status* do que os do meio.

Claro que se o mais novo é o segundo da fratria e se é de sexo diferente do primogénito, este "afã de domínio" pode não ser tão premente. Mas tudo depende da sequência dos sexos: se uma rapariga é a mais nova de um irmão- -rapaz, ela está numa posição privilegiada: por ser, simultaneamente, a mais nova e a única rapariga da fratria. Pode desenvolver, livremente, características femininas *socialmente correctas*: ser passiva, dependente do irmão- -rapaz e, mais tarde, dos outros homens... No caso de um rapaz mais novo de uma rapariga, a situação, para este, já pode ser menos favorável. Por ser o único rapaz da fratria e porque os valores *masculinos* ainda imperam, de certo modo, na sociedade em que vivemos, pode esperar-se que os pais desejem que este rapaz mais novo supere a irmã em todos os domínios: escolar, de realização profissional, etc.. O "afã de domínio" neste rapaz mais novo de uma irmã será, pois, em grande parte, incutido pelos pais. Ele terá de ser forte, dominante, independente... como é socialmente desejável que um homem seja.

Do mesmo modo, se numa fratria de três os dois mais velhos são do mesmo sexo e o mais novo é de sexo diferente, compreende-se que esta criança tenha pouca necessidade de rivalizar com os mais velhos. E, até, o facto de poder vir a ser mimada e estimada pelos pais e irmãos, pode incutir nela um sentimento de superioridade (o que não está nada de acordo com a teoria adleriana que prevê, geralmente, que os mais novos desenvolvam um agudizado sentimento de inferioridade). Mas, igualmente, se for o caso de um rapaz mais novo de duas irmãs, ele pode sentir-se impelido (seja, *pressionado* pelos pais) a lutar para superar o poder das suas irmãs mais velhas.

Mas, se numa fratria já existirem os dois sexos ou se, mesmo não existindo, ela já for conforme aos desejos parentais (em número e na distribuição dos sexos), pode acontecer que a criança mais nova seja uma criança não-desejada. Os pais podem ter decidido não ter mais filhos e, conseqüentemente, esta sobrecarga inesperada vai implicar uma dificuldade de relacionamento com este último filho, criando-lhe algumas dificuldades de desenvolvimento. Será uma criança "semi-abandonada" (Varela, 1985), que terá muitas dificuldades em arranjar o seu lugar na fratria, pelo que,

provavelmente, tenderá a desenvolver-se desajustadamente, como o concebeu Adler²²⁸. Os pais não terão razões para a mimarem – e se o fizerem, a criança sentirá a incongruência do comportamento parental, porque ele resulta de uma espécie de anulação desse não-desejo, através daquilo que os psicanalistas designam como formação reactiva.

Como se disse relativamente às outras posições fraternais, a personalidade das crianças mais novas depende, em muito, dos papéis que lhe são distribuídos na fratria e na família e, sobretudo, daquilo que os pais esperam que elas sejam. Baskett (1985), ao estudar as expectativas dos adultos sobre o comportamento das crianças concluiria que estes esperavam que os mais novos fossem mais simpáticos, mais sociáveis e populares, menos obedientes, realizados e securizantes. Alguns estudos confirmaram algumas destas características: Miller & Maruyama (1976) verificaram que os mais novos eram, de facto, significativamente mais populares entre os pares (sobretudo mais do que os únicos e os primogénitos), que eram mais amigáveis e menos exigentes e ciumentosos; Minnett, Vandell & Santrock (1983) encontraram que, enquanto os mais velhos elogiavam e ensinavam os seus irmãos mais novos, estes, em contrapartida, mostravam mais comportamentos de satisfação e auto-súplica; Abramovitch, Corter & Lando (1979) apuraram que os mais novos mostraram uma substancial quantidade de comportamento pró-social e, relativamente ao comportamento agonístico dos mais velhos, submetiam-se mais do que contra-atacavam.

As menores expectativas dos pais, tanto no plano da realização escolar, como no desempenho de responsabilidades familiares, favorece que estes tenham, relativamente aos filhos mais novos, uma certa despreocupação na sua educação, que os leva a ter atitudes mais permissivas e, às vezes, também mais incongruentes. Talvez por isso, Greene & Clark (1970) tenham verificado que grande parte destas crianças percebam os seus pais como inconsistentes ao educá-los. E que se sintam, muitas vezes, negligenciados pelos pais, ignorados ou deixados de fora das conversações familiares e do mundo adulto (Klagsbrun, 1992/1994). Frequentemente os pais comparam-

²²⁸ Já atrás dissemos que é necessário ler-se a teoria adleriana atendendo ao contexto social da época em que ela foi elaborada (como, aliás, é necessário fazê-lo para todos os autores...). E dizíamos que, há mais de oitenta anos, era mais comum as fratrias serem grandes: as últimas crianças da fratria já não seriam tão desejadas quanto as primeiras... Isso pode ter levado a que Adler, na sua experiência clínica e pessoal, tivesse encontrado, porque era assim na realidade, que os mais novos eram os mais desajustados.

-nos aos irmãos e eles sentem-se privados da sua própria identidade (*idem, ibidem*).

Segundo Schachter (1959)²²⁹, o facto destas crianças não serem suficientemente atendidas pelo meio familiar faria com que elas, num situação de stresse, respondam de uma forma inadequada, nomeadamente, por condutas auto-destrutivas. Diversos estudos, citados em Arranz (1989), têm confirmado a maior frequência desta posição fraternal entre os consumidores de drogas. E de álcool: Martensen-Larsen (1957a), ao estudarem a relação entre a constelação familiar e o alcoolismo, verificaram que a ordem de nascimento mais prevalecente entre os homens alcoólicos era dos filhos mais novos; já anteriormente Bakan (1949) e Feeney *et al.* (1955)²³⁰ tinham encontrado que os mais novos eram os mais excessivamente representados entre os alcoólicos. Estes dados podem também sugerir que a dependência psicológica destas crianças relativamente aos outros, fomenta uma conduta adicta em relação a produtos *proibidos*.

Também a inteligência e a realização escolar dos mais novos da fratria, até pelo investimento parental, são um pouco ao inverso da dos primogénitos e mais semelhantes às dos irmãos do meio. A sua inteligência seria, como já atrás dissemos, preferencialmente baseada nos aspectos perceptivos e não verbais, o que faria com que eles (tanto os do meio como os mais novos) tivessem menor êxito escolar – dado que na escola a inteligência verbal-conceptual é a mais valorizada. Harris (1964)²³¹, por exemplo, verificou isso mesmo: que os mais novos produziam trabalhos mais relacionados com as percepções sensoriais imediatas, que tinham um talento prático e preciso e uma acurada atenção discriminativa para o detalhe. E Koch (1954), Altus (1965) e Stewards (1967)²³² mostraram como os nascidos depois do primogénito eram superiores nos testes de tipo perceptual.

Ou seja, como se disse para as restantes posições, também não é claro que os mais novos sejam menos inteligentes do que os restantes irmãos – terão, tal como eles, uma inteligência diferente, até pelas diferentes experiências

²²⁹ Cit. in Arranz (1989).

²³⁰ Autores citados in Wagner & Schubert (1977).

²³¹ Cit. in Cicirelli (1967).

²³² Autores citados in Arranz (1989).

de vida que tiveram no seio da família. Embora certos aspectos contextuais em que algumas destas crianças vivem (ou viveram) possam de facto levar a que elas tenham uma menor inteligência e rendimento académico: ambiente de super-protecção (criado pelos pais e irmãos), aumento da idade dos pais e consequente menor interacção com estes, menor nível de expectativas parentais e a não possibilidade de ensinarem os irmãos mais novos.

Como síntese, pode dizer-se que nem sempre os autores estão de acordo quanto a algumas das características típicas da personalidade dos filhos mais novos. Há incongruências nos vários estudos – tal como existem relativamente às outras posições fraternais. Primeiramente, porque nalguns estudos eles são englobados na categoria geral dos "não-primogénitos" (Sulloway, 1996/1997), outras vezes na dos "segundos filhos"... Esta questão metodológica, e as restantes lacunas já referidas diversas vezes (tais como o facto de, muitas vezes, não se atender a todos os descritores do *status* fraterno: tamanho da fratria, diferença de idades, sexo) leva, não só, a uma certa discrepância nos resultados como, também, a uma dificuldade de comparação entre eles.

O dado que sobressai mais de tudo o que acabámos de dizer sobre estas crianças mais novas é a possibilidade delas serem criadas num ambiente de hiper-protecção que convém, sobretudo, aos desejos parentais de *reterem* um dos filhos no núcleo familiar, para que este lhes sirva de amparo na velhice. E, muitas vezes, porque esta é a última oportunidade, a escolha recai sobre o benjamim da família. Também as condições do contexto familiar podem estar criadas para que assim aconteça: idade avançada dos pais, os restantes filhos já *lançados* fora da família, etc..

Os mais novos podem, todavia, ser bastante mimados pelos pais mas actualmente, porque são, muitas vezes, os segundos ou os terceiros (e com pouca diferença de idade relativamente aos restantes membros da fratria), não o serão tanto pelos irmãos. Assim, hoje, os mais novos podem, até, encontrar algumas dificuldades na obtenção do seu espaço dentro da fratria. Subjugados ao poder dos mais velhos, provavelmente, como disse Rita Ferro, o que lhes resta é desenvolverem um "instinto de sobrevivência de um felino!".

Contrariamente aos do meio – que podem contra-identificar-se com o(s) mais velho(s) e servirem (ou terem o sentimento de servirem) de objecto identificatório do(s) mais novo(s) – aos benjamins da fratria resta-lhes, muitas vezes, optarem pelo primeiro destes processos. O que lhes pode ser positivo, na medida em que podem procurar vias criativas para o seu

desenvolvimento. Porque no inverso, podem correr o risco de se tornarem muito dependentes dos irmãos, isto é, de se perderem nessa semelhança e, conseqüentemente, de entravarem a caminhada para a sua individualização.

Feita esta resenha dos aspectos mais salientes da personalidade das diversas posições fraternais, passemos agora, nos dois capítulos seguintes, à descrição das teorias de dois autores que se debruçaram sobre esta problemática (Sulloway e Toman), começando pelo primeiro.

6. A TEORIA DE SULLOWAY

"Algumas pessoas, parece, nasceram para rebelar-se"

Frank J. Sulloway in Born to Rebel, p. xiii.

Recentemente, em 1996, Frank J. Sulloway publica *Born to Rebel: birth order, family dynamics, and creative lives*²³³. Neste volumoso livro (de mais de seiscentas e cinquenta páginas), no qual trabalhou durante vinte e seis anos, o autor analisa a influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da personalidade, especificamente na personalidade de grandes cientistas²³⁴.

As duas perguntas às quais tentou responder foram as seguintes:

- "1. porque é que algumas pessoas possuem o génio para abandonarem a sabedoria convencional do seu tempo e revolucionam a nossa maneira de pensar? (...)
2. porque é que, durante as revoluções radicais, algumas pessoas rapidamente abandonam as suas antigas e

²³³ Este livro tem sido considerado, por alguns, como um dos mais importantes tratados sobre a História das Ciências Sociais e Humanas. Já anteriormente, Sulloway tinha publicado *Freud, biólogo da mente* – uma revisão polémica sobre a origem e validade da teoria freudiana. Este capítulo é um resumo de *Born to Rebel*: sempre que não dissermos nada em contrário, as páginas citadas são, obviamente, páginas desse livro.

²³⁴ Sulloway começou por compilar mais de meio milhão de dados biográficos, tomados de vários milhares de biografias, donde retirou dados sobre a vida de três mil oitocentos e noventa cientistas da História Ocidental, com o objectivo de analisar, especificamente, a reacção destes perante vinte e oito inovações científicas dos últimos cinco séculos – desde a Revolução de Copérnico até às Revoluções "teóricas" do século XX, como a Psicanálise de Freud, a Teoria da Relatividade de Einstein, etc..

errôneas formas de pensar, enquanto que outras se agarram tenazmente ao dogma dominante?" (p. xi).

Segundo o autor, apesar das numerosas hipóteses e considerável investigação empírica sobre este tema, não existe uma resposta satisfatória para a questão de saber porque é que algumas pessoas se rebelam enquanto outras defendem, zelosamente, o *statu quo*.

O objectivo inicial do autor começou por ser, então, o de explicar a propensão à rebeldia. Desde logo, ao examinar as biografias de cientistas iniciadores de revoluções científicas pareceu-lhe que os pensadores revolucionários eram indivíduos visionários, ou seja, que possuíam um certo tipo de personalidade – uma personalidade *revolucionária*. Posteriormente, ao analisar estatisticamente os dados, verificou que os não-primogénitos estavam sempre em maioria entre os defensores da "mudança conceptual". Para as vinte e oito inovações as probabilidades eram de 2 para 1, a favor de um maior apoio dos não-primogénitos, sendo que a probabilidade desta diferença ser aleatória era menos de uma por cada bilião.

"Mesmo quando os iniciadores das novas teorias são primogénitos [nos quais o autor inclui os filhos únicos] – como é o caso de Newton, Lavoisier, Einstein e Freud – na sua maioria os seus seguidores são não-primogénitos. Entre os inovadores cientistas radicais, os primogénitos são a excepção, assim como entre os cientistas que aceitam as suas teorias" (p. 42).

E depois, num grau que não suspeitava antes de ter começado o seu estudo, Sulloway descobriu que as origens da rebeldia residiam dentro de cada família²³⁵. Porque ao estudar as preferências conceptuais de cento e cinco irmãos cientistas, que faziam parte da amostra, constatou que durante as disputas das teorias liberais era 7.3 vezes mais provável que os não-primogénitos apoiassem a alternativa inovadora, quando comparados com os primogénitos, ou seja, esse valor era o dobro da proporção que existia

²³⁵ Como historiador da ciência logo concluiu que, sendo a família a maior forjadora das tendências individuais para a revolução e contra-revolução, ela é um dos principais motores da mudança histórica.

entre cientistas não aparentados. Isto é: quando o autor controlou a variável "meio familiar" verificou que esta não eliminava as diferenças devidas à ordem de nascimento, antes pelo contrário, aumentava-as. Esta "prova de fogo" permitiu-lhe concluir, não só, que a ordem de nascimento é um excelente instrumento de predição da "abertura às inovações", como extrapolar que ela é, sobretudo, um factor familiar "crucial" no desenvolvimento da personalidade (p. xiv). E é um factor universal, na medida em que, como Sulloway esclarece:

"As diferenças entre irmãos relativamente à abertura às inovações não são o resultado de variáveis não controladas do meio, como a classe social e o tamanho da família. As diferenças segundo a ordem de nascimento estão presentes em cada um dos mais de vinte países representados na minha investigação histórica. Estas diferenças dão-se tanto na população masculina como feminina (...). Finalmente, a influência da ordem de nascimento manteve-se estável desde a Reforma protestante, ou seja, durante um período de quase cinco séculos. Apesar da estrutura e da dinâmica familiar terem variado durante todo este tempo, o fundamental é que estas mudanças não foram suficientemente relevantes, na sua magnitude, para afectarem as tendências da ordem de nascimento (...). Em resumo: *poucos aspectos da conduta humana têm tanta validade como este – através de classes, nacionalidades, géneros e épocas*" (p. 53) [o sublinhado é nosso].

Foi depois destas evidências que Sulloway argumentou que a questão do "porque é que algumas pessoas se rebelam" é sinónimo de nos perguntarmos "porque é que os irmãos são tão diferentes entre si" (p. xiii).

Evolucionista confesso, Sulloway considera que as estratégias fraternais, entre as quais se incluem os diferentes graus de receptividade à experiência, são adaptações darwinistas para conseguir incrementar o amor e a atenção dos pais. Os desafios que os irmãos menores têm que enfrentar durante o seu desenvolvimento são diferentes dos dos seus irmãos maiores, razão pela qual as suas personalidades evoluem de maneira diferente:

"É natural que os primogénitos se identifiquem mais fortemente com o poder e a autoridade. Chegam antes à família e utilizam a sua superioridade em força e tamanho para defenderem os seus privilégios. Em comparação com os seus irmãos menores, os primogénitos são mais assertivos, socialmente dominantes, ambiciosos, ciumentos da sua posição e defensivos. Os irmãos menores, os débeis no sistema familiar, tendem a questionar o *statu quo* e, nalguns casos, a desenvolverem uma «personalidade revolucionária». (...) Das suas fileiras saíram os grandes exploradores, os iconoclastas e os hereges da história" (p. xiv).

Ou seja, para o autor, a posição privilegiada que os primogénitos ocupam na família (e.g. a exclusividade e proximidade com os pais, durante os primeiros anos de vida) originaria que estes desenvolvessem uma personalidade mais conservadora, enquanto que os não-primogénitos (segundos, terceiros... e últimos da fratria), ao pretenderem afirmar-se numa área diferente da do irmão mais velho, tornar-se-iam mais liberais e anti *statu quo* (familiar e, por extensão, social) – daí o título da obra: *Born to Rebel*. Exemplos típicos de uma e outra ordem de nascimento seriam, respectivamente, Freud e Adler:

"Segundo Ansbacher (1959), a própria eleição inicial dos pacientes, assim como as teorias que [Freud e Adler] desenvolveram baseadas nas suas evidências clínicas, foram influenciadas pelas suas ordens de nascimento. Freud, o filho preferido da sua mãe e típico primogénito, estava consciente do seu estatuto social, valorizava a autoridade e o domínio sobre os seus seguidores. (...) Adler, segundo Ansbacher, foi influenciado pelo seu estatuto de secundogénito quando abandonou a noção de complexo de Édipo, de Freud, típico de um primogénito (com o seu exagerado ênfase nas relações entre pais e filhos). Ao elaborar os aspectos psicológicos da ordem de nascimento, Adler via os seus pacientes como vítimas do seu esforço para conseguirem mais poder (o destino de numerosos irmãos menores)" (p. 56).

Para avaliar até que ponto a ordem de nascimento determina, para além da tendência à rebeldia, as diferenças de personalidade entre os irmãos,

Sulloway serviu-se da taxinomia dos traços de personalidade elaborada por McCrae & Costa (o modelo dos *Big Five* – que considera que as cinco grandes dimensões da personalidade são: a Extroversão, a Amabilidade, a Conscienciosidade, o Neuroticismo e a Abertura à Experiência²³⁶), e elaborou aquilo que ele designou como a sua contribuição psicodinâmica para o estudo das diferenças devidas à ordem de nascimento – que descreveremos a seguir.

ORDEM DE NASCIMENTO E PERSONALIDADE

Baseado na literatura existente sobre a ordem de nascimento e nos resultados da sua própria pesquisa com a amostra dos cientistas, Sulloway formulou, então, para cada uma das cinco dimensões básicas da personalidade, as suas próprias hipóteses, que têm a forma, segundo o autor, de respostas a uma pergunta geral: competindo pelo investimento parental, quais são as estratégias que os filhos utilizam mais provavelmente, dada a sua diferente ordem de nascimento?

As hipóteses de Sulloway para cada uma das cinco dimensões da personalidade são as seguintes:

"1. *Extroversão*: como dimensão da personalidade, a Extroversão implica (...) dois traços principais – traços temperamentais e interpessoais. (...) A predição da ordem de nascimento que poderia fazer-se com os traços temperamentais da Extroversão não é a mesma que resultaria com os traços interpessoais.

Em primeiro lugar, abordamos o tema da ordem de nascimento e do temperamento. Ao longo de grande parte da infância, os primogénitos disfrutam das vantagens de serem maiores, mais fortes e mais desembaraçados do que os seus irmãos menores. A possessão destes atributos faz com que seja natural que

²³⁶ Na nossa investigação utilizámos, igualmente, este modelo dos cinco grandes factores da personalidade (ver terceira parte). Aí definiremos, mais detalhadamente, este modelo.

os primogénitos se sintam mais seguros de si-mesmos do que os não-primogénitos. É provável, também, que os primogénitos tentem minimizar os custos de terem irmãos, dominando-os. Assim, os primogénitos deveriam superar os não-primogénitos nas condutas de «reafirmção» e «domínio». (...) os primogénitos são mais seguros de si-mesmos do que os não-primogénitos, um elevadíssimo número deles está representado entre líderes políticos, por exemplo, entre os presidentes dos Estados Unidos e os primeiros-ministros britânicos.

Quando se mede a Extroversão relativamente à sociabilidade, atributo que se associa com a posição social baixa, os não-primogénitos devem superar os primogénitos. Por este motivo, não se pode fazer uma predição global sobre a ordem de nascimento e a Extroversão, apenas se podem realizar predições relativamente a algumas das seis facetas desta dimensão.

2. *Amabilidade*: devido à sua superioridade física, é de supor que os primogénitos sejam mais hostis do que os não-primogénitos e os primogénitos se situem, por si-mesmos e com respeito aos seus irmãos, numa posição superior em relação ao uso físico do poder. Entre os não-primogénitos, a inferioridade física sugere o uso de estratégias que evitem os confrontos físicos. Entre as estratégias de um não-primogénito cauto encontram-se o reconhecimento das exigências do primogénito, a cooperação, a súplica, as lamúrias e o recurso à protecção dos pais. Estas estratégias de uso do «poder em menor grau» estão bem documentadas em estudos sobre a conduta dos não-primogénitos. Em comparação com os primogénitos, os não-primogénitos são mais altruístas, afectuosos e cooperantes.

3. *Conscienciosidade*: dado o lugar especial que ocupam na estrutura familiar, os primogénitos deveriam ser mais submissos do que os não-primogénitos perante os desejos, os valores e as normas dos pais. Uma forma eficaz que os primogénitos têm para reterem o favor parental é ajudarem nas tarefas de cuidar do resto dos irmãos, tentando ser o filho «responsável» da família. Como consequência, os primogénitos deveriam situar-se numa posição superior, relativamente aos não-primogénitos, em relação ao sentido da responsabilidade.

A tendência dos primogénitos de se destacarem nos estudos, ou noutros campos intelectuais, corresponde à forte motivação que possuem para satisfazerem as expectativas parentais. Os estudos confirmam constantemente que os primogénitos «se identificam mais com os pais e se mostram mais dispostos a aceitar a autoridade».

4. *Neuroticismo*: as nossas hipóteses psicodinâmicas sobre o Neuroticismo têm uma aplicação mais restrita do que as referidas em relação às outras dimensões da personalidade. A razão é que o Neuroticismo (ou Instabilidade Emocional) não se aplica de igual modo em todos os casos. Não é provável que os primogénitos sejam mais «nervosos» ou «neuróticos» do que os não-primogénitos. Apesar disso, o Neuroticismo está fortemente vinculado aos ciúmes, atributo que actua como instrumento para a conservação dos recursos valorados. (...) Os primogénitos têm mais motivos do que os irmãos menores para manifestarem ciúmes perante os seus irmãos. (...) Os pais tentam desalentar os ciúmes e é possível que os primogénitos eliminem esse traço. Apesar disso, quando os pais não estão presentes, uma mostra de ciúmes raivosos pode resultar num meio eficaz para intimidar os irmãos menores.

Os estudos publicados sobre a ordem de nascimento correspondem a estas expectativas. Por exemplo, descrevem-se os primogénitos como mais inquietos em relação à sua posição social. Também são mais apaixonados do que os não-primogénitos e tardam mais a recuperar-se quando sofrem algum transtorno. (...) A Bíblia narra esta mesma história. Foram os ciúmes de Caim, e não os de Abel, que provocaram o primeiro assassinato nas Escrituras.

5. *Abertura à Experiência*: os não-primogénitos deveriam mostrar-se mais abertos a novas experiências do que os primogénitos, dado que esta dimensão se associa com a falta de convencionalismo, a aventura e a rebeldia. Esta predição deve-se ao facto de que os irmãos menores se identificam menos com os seus pais, assim como pelo domínio que sofrem por parte dos irmãos maiores. Os irmãos menores, ao «estarem desamparados», simpatizam com outros indivíduos oprimidos e,

geralmente, apoiam a mudança social igualitária. O êxito da mudança social parece trazer consigo riscos, pelo que se espera que os não-primogénitos sejam mais aventureiros do que os primogénitos.

Os estudos publicados sobre a ordem de nascimento coincidem, em grande medida, com estas expectativas. Os não-primogénitos tendem, mais do que os primogénitos, a porem em dúvida a autoridade e a resistirem à pressão para chegarem a um consenso. Os primogénitos, pelo contrário, tendem a apoiar os valores morais convencionais. As investigações também mostram que os irmãos menores tendem a correr mais riscos do que os primogénitos. Por exemplo, os não-primogénitos têm mais probabilidades de realizarem actividades físicas perigosas, como a prática de desportos que implicam confrontos violentos directos" (p. 68-70).

Embora Sulloway admita que é necessária mais investigação para validar algumas destas hipóteses ("devem ser corroboradas ou rebatidas empiricamente"), considera que elas são razoavelmente consistentes com a evidência (p. 68). Apesar de conhecedor das opiniões controversas que este tema tem suscitado, Sulloway defende que, desde que reinterpretada correctamente, a literatura existente sobre a ordem de nascimento revela tendências surpreendentes e permite-nos dar um primeiro passo para entender porque é que os irmãos são tão diferentes entre si. Esta sua opinião fundamenta-se na análise que ele próprio fez a diversos estudos sobre esta temática e, concretamente, sobre o estudo de Cécile Ernst e Jules Angst, *Birth Order: its influence on personality*. Neste livro os autores fazem uma crítica a mais de mil publicações dedicadas à fratria, para concluírem que a maioria das consequências derivadas da ordem de nascimento são especulações falsas com uma base empírica deficiente. Referem, entre outras críticas, que os investigadores da ordem de nascimento não terão sido capazes de ter em conta factores fundamentais como a classe social e o tamanho da família.

Sulloway pegou nos próprios argumentos de Ernst & Angst e eliminou da sua análise os estudos que não controlavam estas duas variáveis, tendo ficado com cento e noventa e seis estudos empiricamente correctos (segundo as condições estipuladas por Ernst & Angst). Feito o cálculo de probabilidades (para saber se os resultados podiam ser aleatórios ou não), Sulloway verificou que quatro das cinco dimensões mostravam tendências muito surpreendentes. As mais evidentes apareceram para a Abertura à Experiência (onde os estudos afirmativos são dez vezes mais numerosos do

que os negativos) e para a Conscienciosidade (vinte estudos afirmativos para nenhum negativo). Para a Extroversão os resultados foram um pouco ambíguos. O autor considera que a fonte de confusão reside mais no próprio constructo da Extroversão do que na ordem de nascimento, dado que os investigadores tendem a pôr no mesmo saco a "sociabilidade" (característica dos não-primogénitos) e a "assertividade" (característica dos primogénitos). Quando se examinam os resultados da ordem de nascimento e da Extroversão, em termos das várias facetas desta dimensão, então eles ganham sentido.

Para além deste estudo sobre o livro de Ernst & Angst, Sulloway analisou crítica e exaustivamente outras investigações sobre a ordem de nascimento, nomeadamente as levadas a cabo por Helen Koch, psicóloga da Universidade de Chicago que desde 1954 a 1960 publicou dez artigos sobre a ordem de nascimento nos quais examinava a influência que esta exercia sobre dezenas de traços de personalidade. Dessas análises concluiu, de forma convincente, que a ordem de nascimento determina os traços de personalidade. Não a ordem de nascimento vista isoladamente mas, como os estudos de Koch realçam, interligada com o sexo, a diferença de idades entre os irmãos e o sexo destes, o que está de acordo com os próprios críticos da ordem de nascimento bem como com aqueles autores que desenvolveram investigações mais detalhadas sobre a fratria (como Toman que analisaremos no capítulo seguinte, logo depois do comentário crítico à teoria de Sulloway).

COMENTÁRIO CRÍTICO SOBRE A TEORIA DE SULLOWAY

Numa leitura rápida, *Born to Rebel* é um livro sedutor, onde Sulloway interliga a história das revoluções científicas dos últimos cinco séculos com a teoria evolucionista e a psicologia da personalidade. A ideia fundamental defendida nesta obra resume-se, como vimos, no seguinte: a peculiar personalidade de cada um dos irmãos explica-se pelas diferentes estratégias que eles adoptam na eterna busca pela atenção parental. Essas diferentes estratégias são desenvolvidas por cada um, como o autor explica, e sob o ponto de vista darwiniano, "num esforço para sobreviver à infância" (p. 86). É o diferente espaço familiar (ou nicho) que cada um ocupa (e os consequentes papéis distintos daí advindos) que faz com que as suas

experiências sejam diversificadas (e, por isso mesmo, não-partilhadas). A ordem de nascimento seria um dos factores determinantes na criação dos espaços familiares. Ao longo da história das revoluções científicas os primogénitos mostrar-se-iam mais convencionais, enquanto os não-primogénitos seriam mais rebeldes – porque durante a infância, na família, ter-se-iam *habituado* a comportar-se dessa maneira, para delimitarem o seu nicho.

Apesar da extensão do seu estudo e da importância, para a Ciências Sociais e Humanas, do papel fulcral da família na determinação da personalidade, sobretudo no que concerne à formação das atitudes sociais dos seus membros (embora, claro está, não seja inovador quanto a esta conclusão...) ²³⁷, alguns dos seus resultados não são isentos de crítica, bem assim como a metodologia adoptada.

Vejamos em concreto quais são as maiores *críticas* que se podem apontar a este estudo que tem tido, apesar de tudo, uma ampla divulgação (estando já traduzido em diversas línguas) e que tem contribuído para que recentemente, em diversos países, um tanto levianamente, quanto a nós, se apliquem os perfis sullowayanos nalgumas práticas profissionais ²³⁸:

1. a amostra dos cientistas é composta por "pessoas excepcionais", de "elite", na sua maioria brancos e machos (Freese, Powell & Steelman, 1999; Polácek, 2000). Embora o autor preconize a universalidade das suas

²³⁷ Como referem Jefferson, Herbst & McCrae (1998: 499): "Nalguns aspectos, a teoria de Sulloway está de acordo com o conhecimento contemporâneo sobre a personalidade. A ordem de nascimento (excepto, talvez, para os gémeos) é a variável que distingue as crianças na família e os estudos sobre o comportamento genético da personalidade (Loehlin, 1992) têm realçado, de modo consistente, a importância destas influências do meio não-partilhado".

²³⁸ Só para exemplificarmos, veja-se o artigo saído na *Avanta Magazine* (da Bélgica – cf. Wind, 1999), onde se escreve que nas entrevistas de selecção profissional a "pergunta nova", obrigatória, é sobre a ordem de nascimento: se alguém procura um gestor, será, provavelmente, entre os candidatos primogénitos que recairá a escolha mais acertada, por serem mais ambiciosos, perfeccionistas, dominantes... Leia-se também a extensa resenha crítica do livro de Sulloway saído na revista *Qué Pasa* (do Chile – uma das revistas de maior tiragem na América Latina), onde são apresentadas aos leitores, sem grandes discussões científicas, as conclusões expressas em *Born to Rebel* (que está já traduzido para castelhano, numa edição subtraída de oito dos onze anexos da edição original, importantes para se conhecer a metodologia adoptada por Sulloway).

conclusões, o facto é que a sua amostra representa, como o próprio refere, um pouco mais do que "vinte países" e uma pequena percentagem de mulheres (trinta e seis). Claro que ao ter escolhido estudar cientistas, entende-se, à luz das circunstâncias históricas dos últimos cinco séculos, esta distribuição sexual, racial e social da amostra: as mulheres, os sujeitos de outras raças e das classes mais desfavorecidas só aparecem em números mais significativos nos últimos dois séculos, e com mais acutilância no século XX, dada a progressiva democratização da sociedade.

Relativamente às mulheres, Sulloway verificou que todas elas, excepto uma, tinham tido "uma postura claramente radical": as radicais eram, maioritariamente, não-primogénitas e a única conservadora era primogénita²³⁹ – o que estava de acordo com os resultados obtidos com os homens.

Para entender melhor o radicalismo entre as mulheres, o autor estudou uma outra amostra, de reformistas americanos, já mais equilibrada em termos de sexo, tendo constatado que, tal como na amostra dos cientistas, a ordem de nascimento era a variável mais poderosa na predição da rebeldia. Apesar de Sulloway ter tentado minimizar as limitações da sua amostra principal (dos cientistas), em termos de sexo e classe social/raça, esta sua segunda amostragem é, do mesmo modo, passível de ser criticada: ela é, exclusivamente, constituída por indivíduos dos Estados Unidos. Mesmo assim, o autor autorizou-se a generalizar que a ordem de nascimento era "o factor de predição mais consistente das adesões revolucionárias", sendo que a sua repercussão "transcende o sexo, a classe social, a raça, a nacionalidade e – para os últimos cinco séculos – o tempo" (p. 356) – ficando-nos a dúvida quanto à *real* universalidade desta variável familiar... O próprio autor, ao assinalar a incongruência obtida nos resultados sobre as lutas raciais – quando os interesses pessoais estão em jogo, a influência da ordem de nascimento fica diminuída: os negros primogénitos foram igualmente lutadores pelo abolitionismo, tal como os seus irmãos não-primogénitos – aponta-nos, desde logo, para uma certa limitação das suas conclusões.

2. Por outro lado, é o próprio Sulloway que cita alguns estudos que têm demonstrado como o sexo dos irmãos e o tamanho da fratria podem inverter

²³⁹ A antropóloga Margaret Mead, que se manifestou contra a psicanálise – uma revolução radical.

esta tendência dos primogénitos serem mais conservadores. Refere, nomeadamente, que tem sido encontrado que nas fratrias de dois (nas compostas por duas irmãs) são as primogénitas que se mostram mais claramente rebeldes e as mais novas mais conformistas²⁴⁰, enquanto nas fratrias mistas se verifica o contrário; mas já nas proles grandes, de três ou mais irmãos, onde as obrigações da primogénita como figura parental substituta são reforçadas, a tendência é a geral: a delas serem mais conformistas.

Embora o autor reconheça, a partir da análise da bibliografia sobre a ordem de nascimento, haver necessidade de contemplar os diversos descritores do *status* fraterno para se perceber melhor a influência desta variável na construção da personalidade, paradoxalmente, na sua própria investigação, ele não integra algumas dessas variáveis. Apesar de conceber a possibilidade de interferência destas variáveis (o sexo e o tamanho da fratria), o autor, baseado nos seus resultados, seja com a amostra dos cientistas, seja com a dos reformistas, confere-lhes um estatuto de menoridade, quando comparadas com o poder diagnóstico da variável ordem de nascimento.

Pode conjecturar-se, uma vez mais, se a especificidade das suas amostras não o terá conduzido a uma certa *precipitação* nas suas conclusões. O direito de primogenitura vigorou, sobretudo nos países ocidentais estudados pelo autor, até há bem pouco tempo e, por outro lado, as fratrias eram maiores do que as de hoje – o que pode ter reforçado a tendência conservadora dos primogénitos. Parece pois perigoso, como argumenta Polácek (2000), estender estas conclusões para as fratrias actuais que, em média, são compostas por dois elementos.

Concluindo, não parecem muito claros estes resultados de Sulloway sobre a rebeldia. Recentemente, Freese, Powell & Steelman (1999) não só não confirmaram as conclusões de Sulloway como, pelo contrário, encontraram resultados opostos aos deste. Das vinte e quatro variáveis que estudaram, só duas diferenciavam, significativamente, os primogénitos dos não-primogénitos: uma na direcção apontada por Sulloway (os primogénitos

²⁴⁰ A explicação, segundo Koch (1960) e Sutton-Smith & Rosenberg (1970) [autores citados in Sulloway, 1996/1997: 150], é a seguinte: devido ao facto de serem "retiradas como o único objecto de atenção da mãe", a primogénita tende a identificar-se com o pai, desenvolvendo, por isso papéis instrumentais (ou seja, masculinos), isto é, rebelam-se contra os papéis normalmente designados para o seu sexo (de tipo expressivo) e consequentemente, mais tarde, mostram-se mais revolucionárias nas questões sociais.

defendiam a existência de um presidente conservador), mas a outra não (os não-primogénitos eram mais favoráveis a uma maior severidade do sistema judicial). E, mais importante, verificaram que variáveis como o género, a raça, a classe social, o tamanho da família e o estilo de educação parental estão todas ligadas, e mais fortemente do que a ordem de nascimento, com as atitudes sociais dos indivíduos.

Nem é pois evidente, como o provam algumas investigações actuais, que a ordem de nascimento seja um factor crucial na determinação da personalidade. Por exemplo, Jefferson, Herbst & McCrae (1998) efectuaram alguns estudos para testarem as hipóteses expostas em *Born to Rebel* e encontraram poucas evidências do efeito da ordem de nascimento nos traços da personalidade medidos pelo NEO PI-R. Como Sulloway alega que os questionários auto-administrados não são fiáveis para avaliar o efeito da ordem de nascimento, Jefferson, Herbst & McCrae (1998) analisaram duas investigações nas quais a personalidade dos sujeitos tinha sido auto-avaliada e, noutras duas, hetero-avaliada (isto é, feita por terceiras pessoas²⁴¹).

Nas duas primeiras investigações, apenas numa delas os primogénitos se distinguiam, significativamente, dos não-primogénitos em duas das trinta facetas da personalidade: os primeiros eram menos altruístas e sensíveis do que os segundos²⁴². Embora este resultado caminhe no sentido das hipóteses de Sulloway (os mais novos seriam mais Amáveis – pontuariam mais na dimensão da Amabilidade – do que os mais velhos), ele é pouco significativo pois demonstra o pouco efeito da ordem de nascimento na variação da personalidade (pelo menos quando ela é *medida* pelo próprio sujeito).

Nos outros dois estudos (personalidade hetero-avaliada), apenas num deles os autores verificaram que a ordem de nascimento explicava 5 a 9% da variância na personalidade dos sujeitos – o que sugere, segundo os autores, um suporte parcial para as hipóteses de Sulloway. Parcial não só porque a percentagem da variância explicada é mínima, mas também porque num dos estudos os primogénitos não se distinguiam significativamente dos não-

²⁴¹ O NEO PI-R tem duas Formas (a S: para ser preenchida pelo próprio; e a R: que se destina a ser preenchida por terceiros – pessoas próximas do sujeito).

²⁴² Cada um dos cinco domínios é composto por seis facetas. Portanto, o NEO PI-R mede 30 facetas. O altruísmo e a sensibilidade (respectivamente, A3 e A6) são duas facetas do domínio da Amabilidade (A).

-primogénitos em nenhum dos cinco domínios e em nenhuma das trinta facetas da personalidade medidos pelo NEO PI-R.

Também Phillips (1998) e Parker (1998)²⁴³ constataram que os primogénitos não diferiam significativamente dos não-primogénitos em nenhum dos cinco factores da personalidade medidos pelo NEO PI-R.

Apesar destas recentes investigações mostrarem pouca associação entre a ordem de nascimento e os traços da personalidade e embora, desde logo, nos pareça muito redutora a classificação que Sulloway faz da ordem de nascimento como uma variável exclusivamente dicotómica – primogénitos (englobando os filhos únicos) e não-primogénitos (todos os restantes, ou seja, segundos, terceiros... e últimos da fratria) – não quisemos deixar de testar a teorização proposta pelo autor, dado que, por um feliz acaso, visto que o nosso projecto de tese é anterior à publicação do livro de Sulloway, o modelo de personalidade que guiou as hipóteses deste historiador americano foi o mesmo que nós utilizámos na nossa investigação (ver terceira parte). Decidimos ainda testar o modelo proposto por este autor porque, na altura, desconhecíamos que outros tinham tido esta mesma tentação. Com efeito, tivemos conhecimento dalgumas destas investigações atrás citadas muito depois de termos realizado o nosso próprio estudo sobre a teoria exposta em *Born to Rebel...* Como veremos, os nossos resultados não foram muito diversos dos encontrados por esses autores.

Antes, porém, de apresentarmos e discutirmos os resultados dos vários estudos empíricos que realizámos (entre eles, o baseado na teoria de Sulloway) descreveremos, no próximo capítulo, a teoria *fraternal* de Walter Toman que, também, nos servirá de base num desses estudos.

²⁴³ Autores citados in Jefferson, Herbst & McCrae (1998).

7. A TEORIA DE TOMAN

"Se eu revejo toda a minha experiência e os meus esforços de investigação ao longo dos anos, nunca encontrei um conjunto de dados tão objectivos e fáceis de compreender como os da constelação familiar"

Walter Toman in Family Constellation, p. 196.

Em 1961, Walter Toman publica *Family Constellation*²⁴⁴. Nesta obra, o autor explica e demonstra como diferentes características da constelação familiar produzem efeitos diversos sobre os comportamentos, as atitudes sociais e os traços da personalidade dos indivíduos.

Psicanalista de formação, Toman começa a recolher dados a partir de 1951, durante a sua actividade clínica na Áustria e nos Estados Unidos. Depois, a partir de 1955, com a ajuda dos seus assistentes, faz estudos mais

²⁴⁴ Este capítulo pretende ser uma síntese da obra de Toman sobre as constelações familiares. Procurámos, sobretudo, resumir os aspectos mais relevantes da sua teoria e, particularmente, aqueles que utilizaremos na nossa investigação. Embora tenhamos consultado e citado a generalidade das referências indicadas na Bibliografia cingimo-nos, sempre que possível, aos textos mais recentes do autor, por pensarmos que esta é uma forma correcta de nos posicionarmos perante uma obra que foi sendo construída ao longo dos últimos 50 anos. Assim, sempre que não dissermos nada em contrário, este resumo seguirá as ideias do autor expressas na edição mais recente de *Family Constellation* (a 4ª, de 1993).

Toman, psicólogo austríaco, de Viena, onde iniciou a sua carreira universitária, foi professor nas universidades americanas de Harvard e Brandeis. De 1964 a 1987 foi docente de Psicologia Clínica e Director do Departamento de Psicologia da Universidade de Erlangen - Nuremberga (Alemanha). Actualmente é Professor Emérito dessa Universidade.

Family Constellation está traduzido nas principais línguas. Para os leitores mais exigentes desaconselhamos a versão francesa, por se tratar de uma edição bastante alterada na sua estrutura (16 capítulos foram fundidos em 7!).

sistemáticos e em larga escala, cujos resultados são, pela primeira vez, publicados em 1959 (Toman, 1994b). Em 1961 surge o seu primeiro livro sobre este tema, onde estão agrupados todos os resultados das suas pesquisas com famílias. Nas posteriores versões, Toman actualiza os dados e a bibliografia, dando, nomeadamente, uma visão dos trabalhos de investigação que vão confirmando ou não a sua teoria das constelações familiares.

Por constelação familiar entende as pessoas com quem se viveu mais tempo, mais íntima e regularmente (Toman, 1959b). Como explica Gerbino²⁴⁵, a posição de Toman é a de considerar cada família nuclear não como uma mónada isolada, mas como um sistema que mantém relação e contacto com outros parentes, sobretudo os avós e os irmãos dos progenitores – e é o conjunto de todas essas pessoas que forma a constelação familiar do indivíduo. Ou seja: para Toman, a constelação familiar implica, pelo menos, três gerações de indivíduos de uma mesma família. Isto é: perfeitamente em consonância com o "modelo em voga" na época (anos 50-60), o autor faz uma abordagem sistémica da família. Sobre este aspecto, Toman (1993: 262) refere:

"A abordagem sistémica, que constitui a base da nossa investigação familiar (...), foi também usada pelos pioneiros da terapia familiar, Bowen (1960) e Ackerman (1961) e outros. Muitos psicoterapeutas e terapeutas familiares utilizaram a nossa abordagem. Ainda hoje, alguns deles, consultam-me regularmente".

Murray Bowen (1966/1991: 48), o criador da "terapia analítico-sistémica transgeracional", ao explicar as origens da sua teoria familiar, confirma ter-se servido das ideias tomanianas:

"Existe também outra concepção teórica que eu amalgamei com a minha teoria e apliquei a todas as famílias que fazem psicoterapia. Trata-se dos perfis de personalidade das distintas posições que ocupam os irmãos, apresentados por Toman no seu livro *Family*

²⁴⁵ Cf. Prefácio da edição italiana de *Family Constellation* (Toman, 1993/1995b).

Constellation (1961). Creio que este livro é uma das contribuições recentes mais significativas para o conhecimento da família".

Este primeiro pressuposto de base (da importante *influência das pessoas com quem se viveu*) foi Toman buscá-lo aquilo que ele acha que está implícito na obra de Freud e em muita da actual prática clínica: como é na família que a maior parte de nós passa os primeiros anos de vida, a constelação familiar apresenta-se como uma determinante básica na construção da personalidade individual.

A influência da constelação familiar é de tal ordem que determina as futuras relações do indivíduo, nomeadamente aquelas que ele estabelece com os pares, amigos, companheiros, colegas de trabalho, cônjuges, filhos, etc.. Este constitui o segundo pressuposto de base sobre o qual Toman constrói a sua teoria da constelação familiar, apelidado de *teorema da duplicação*²⁴⁶, e, como refere o autor, está já implícito no conceito freudiano de "compulsão à repetição", podendo ser definido da seguinte maneira: "tudo o resto mantendo-se constante, uma nova relação interpessoal é mais duradoira e bem sucedida quanto mais se assemelhar às antigas e muito precoces relações sociais (intrafamiliares) das pessoas envolvidas" (Toman, 1993: 78). Esta duplicação dos comportamentos acontece porque:

"os animais e os humanos tendem, automaticamente, a considerar as novas situações à luz de situações similares do passado. (...) Segundo a teoria da aprendizagem, isto representa um processo de generalização das experiências passadas para as situações presentes (ver Hull, 1943). Na terminologia psicanalítica, isto chama-se transferência (Freud, 1916/17)²⁴⁷. O Homem transfere, pois, as suas experiências e atitudes passadas para as

²⁴⁶ A avaliar pelo número de artigos que o autor escreveu especificamente sobre este aspecto das constelações familiares, parece ser um dos temas mais do seu agrado (ver Toman 1959b, 1962, 1963, 1964, 1971, 1989 e Toman & Gray, 1961).

²⁴⁷ A transferência, como os clínicos sabem, toma "uma forma única e especial na psicoterapia" (Toman, 1994a: 256).

situações presentes – ou, pelo menos, tenta" (*idem*, *ibidem*: 75).

Isto é: à semelhança dos autores psicanalíticos e dos teóricos da aprendizagem, Toman considera que os contextos mais precoces e constantes, mais do que os tardios e esporádicos, são aqueles que são utilizados como base para as generalizações das experiências em novos contextos. Apesar desta força do passado sobre as experiências presentes, Toman adverte que:

"Isto não significa que os eventos que ocorrem mais tarde na vida das pessoas não exerçam uma influência sobre os eventos que aconteceram mais precocemente. Se o passado não pode ser mudado, a sua interpretação pode sê-lo. A partir das experiências na escola e no trabalho, uma pessoa pode ser capaz de reavaliar retrospectivamente algumas das suas experiências em casa. Mesmo as relações com os seus familiares podem ser, consideravelmente, modificadas. Contudo, devemos esperar que estas relações modificadas exerçam, sobre a futura vida familiar do indivíduo e sobre o seu comportamento social, uma influência mais débil do que a das relações precoces que teve com a sua família de origem. Isto não quer dizer que existe um inexorável determinismo, mas que as influências recentes e contemporâneas não devem ser sobre-valorizadas em relação às mais precoces, que produzem os seus efeitos há muito mais tempo. Os efeitos destas estão, muitas vezes, mascarados: manifestam-se nos sentimentos e atitudes, nos desejos e nos interesses fundamentais, parcialmente inconscientes. Afectam o nosso comportamento social e, é certo, tanto mais fortemente quanto menos conscientes elas forem" (*ibidem*: 5-6).

Em suma: embora Toman considere que, habitualmente, o papel aprendido na família é aquele que, normalmente, a pessoa repete no exterior, ele não descarta a possibilidade de, algumas vezes, as experiências futuras determinarem alterações nesse primeiro modelo de vinculação. Um pensamento sistémico aplicado à família, circular e não linear, impõe que este autor preveja esta recursividade dinâmica entre o passado e o presente...

Os dois pressupostos de base acabados de enunciar constituem, então, a base da teoria da constelação familiar tomaniana.

Das constelações familiares Toman estudou, essencialmente, as posições fraternais e as consequentes características de personalidade que elas determinam (que é o assunto que nos prenderá já de seguida). Deve sublinhar--se, no entanto, que, embora Toman considere que os dados fornecidos pela constelação familiar possuem um valor diagnóstico e prognóstico maior do que os dados fornecidos pelos testes psicológicos, "a constelação familiar não explica tudo" (Toman, 1959a: 208). As características singulares da constelação familiar, tal como "irmã mais velha de irmãos-rapazes" ou "ter todos os irmãos do mesmo sexo" ou "ter perdido o pai na infância", etc., podem explicar, de 10 a 20% do comportamento social futuro ou das preferências por tipos particulares de relações sociais; todavia, se combinarmos duas ou mais características, a percentagem pode elevar-se a 50% e, algumas vezes, até mais (Toman, 1995c: 13).

AS POSIÇÕES FRATERNAIS

Quando um indivíduo nasce, o seu papel é-lhe atribuído pelo grupo familiar e, em condições normais, ele corresponde à sua posição fraternal. O autor averiguou que muitas variáveis podem, no entanto, modificar a posição fraternal *natural* dos indivíduos. Entre elas: as mudanças de residência e de escola, os amigos, os acidentes e as doenças, as hospitalizações, as viagens, as perdas de membros da família, a origem étnica, a afiliação religiosa, a predilecção política, etc.. Verificou que quando aconteciam desvios acentuados em relação à média, tal facto poderia afectar, adversamente, o comportamento social individual e perturbar, consequentemente, a posição fraternal tipo.

Para além destas, considera que as características individuais, nomeadamente aquelas que são "parcialmente hereditárias" (como a constituição física, o aspecto geral, a acuidade visual, a memória, a

inteligência, o temperamento, a tolerância à frustração, etc.²⁴⁸), não podem ser esquecidas, se queremos entender o papel que cada um tem na sua família. Mas sublinha que há que ter em conta que as variações destas características, dentro de uma família, existem, mas são independentes da posição fraternal:

"Não podemos afirmar que o mais velho, ou o mais novo, ou um irmão do meio, ou os rapazes, ou as raparigas, numa dada configuração de irmãos sejam, geralmente, mais inteligentes ou menos inteligentes do que os restantes. O mesmo se pode dizer para todas as outras características hereditárias (...). Nenhuma está associada a uma posição fraternal em particular. Dentro dos limites da hereditariedade de uma determinada família, a parte genética destas características varia ao acaso" (Toman, 1993: 64).

E dá alguns exemplos: se um rapaz mais velho de uma rapariga e de um rapaz é deficiente mental, um dos dois irmãos mais novos pode assumir o papel de chefe da fratria (provavelmente será a rapariga e ela desenvolverá não características de irmã do meio, mas de mais velha de irmãos-rapazes); mas se se der o caso do rapaz mais novo ser mais forte fisicamente do que os dois irmãos mais velhos, este pode assumir a liderança e tornar-se, até, no protector dos seus irmãos mais velhos (desenvolverá, por isso, características de mais velho e não de irmão mais novo, conforme a sua posição fraternal *natural*).

O autor refere, ainda, que o sexo pode também influenciar, por si só, determinadas características da personalidade: espera-se que as raparigas sejam diferentes dos rapazes (elas podem ser mimadas, eles não; eles podem lutar entre eles, elas não).

Toman aconselha que quando não se conheçam, em detalhe, as variáveis *hereditárias* ou aquelas que estão relacionadas com as condições de vida dos indivíduos, mais vale considerar que as condições médias prevalecem: uma diferença de idade média entre os membros da família, um número médio

²⁴⁸ É o efeito dos factores genéticos que determina uma boa parte destas características, mesmo que o meio possa ajudar no seu desenvolvimento.

de mudanças de residência e de hospitalizações, situações escolares e/ou profissionais habituais, os pais com idades na média, uma situação financeira, política, religiosa e étnica da família comum à maioria das famílias desse país ou região, etc.. Isto porque, justifica, tanto umas variáveis como as outras distribuem-se, ao acaso, pelos indivíduos: há menos possibilidades de errarmos se tentarmos perceber uma família ou os papéis desempenhados pelos seus membros desta maneira, do que se assumirmos que prevalecem condições inusuais e extremas; posteriormente, poderemos sempre fazer uma confrontação das nossas hipóteses com os dados que, entretanto, recolhermos.

Concretamente, ao estudar os perfis das principais posições fraternais, Toman verificou que sempre que existiam estas duas condições:

1. os pais do sujeito com posições fraternais compatíveis;
2. nem o sujeito nem os seus pais com perdas significativas antes dos 16 anos;

e sempre que prevaleciam as condições médias de vida (referidas anteriormente), os sujeitos que ocupavam a mesma posição fraternal tinham uma similitude de comportamentos, atitudes e interesses preferenciais. Foi deste modo que o autor chegou ao estabelecimento de perfis distintos para cada uma das principais posições fraternais principais.

As principais posições fraternais obteve-as tomando como paradigma a fratria de dois filhos – que, tendo em conta o sexo e a ordem de nascimento do sujeito, possibilita as oito combinações seguintes:

1. irmão-rapaz mais velho de irmãos-rapazes – $m(m..)^{249}$
2. irmão-rapaz mais novo de irmãos-rapazes – $(m..)m$
3. irmão-rapaz mais velho de irmãs – $m(f..)$

²⁴⁹ O membro da fratria a que nos queremos referir fica fora dos parênteses e o resto da fratria dentro, colocando o sexo e a posição na fratria por ordem (do mais velho ao mais novo). Assim: $(mf)f$ (mm) designa uma rapariga, que é a "do meio" da sua fratria, e que tem um irmão-rapaz e uma irmã mais velhos e dois irmãos-rapazes mais novos. Os dois pontos significam que a restante fratria tem o mesmo sexo.

4. irmão-rapaz mais novo de irmãs – $(f..) m$
5. irmã mais velha de irmãs – $f (f..)$
6. irmã mais nova de irmãs – $(f..) f$
7. irmã mais velha de irmãos-rapazes – $f (m..)$
8. irmã mais nova de irmãos-rapazes – $(m..) f$

Embora Toman tenha tomado como paradigma a fratria de dois membros, com esta nomenclatura no plural o autor engloba, também, as fratrias múltiplas com vários colaterais do mesmo sexo. A justificação é a de que as características psicológicas de uma determinada posição aplicam-se geralmente quer a pessoa tenha não um, mas dois ou três irmãos do mesmo sexo. Por exemplo, o irmão-rapaz mais velho de irmãs – $m (f..)$ – significa que, quer o rapaz tenha uma, duas ou mais irmãs mais novas ele desenvolverá sempre características de rapaz mais velho de irmã. Assim, $m (f) = m (ff) = m (fff) = m (f..)$. Em qualquer uma destas oito principais posições fraternais existe, então, apenas uma posição fraternal: o sujeito é o mais velho ou o mais novo de uma fratria de um ou mais elementos de um só sexo.

Mas há que salvaguardar que, seguindo ainda o mesmo exemplo, é ligeiramente diferente ter várias irmãs do que ter só uma. Pode considerar-se que a posição dos rapazes que têm várias irmãs é mais marcada do que a dos rapazes que têm só uma irmã: porque podem ser considerados como mais "preciosos" por serem os únicos rapazes entre várias raparigas. Por outro lado, os rapazes com várias irmãs aprendem mais das relações entre rapazes e raparigas: aprendem, por exemplo, a colocarem uma irmã contra a outra – o que faz com que as características da sua posição fraternal sejam mais claras, embora elas sejam similares à dos rapazes que têm uma só irmã. Para os restantes sete principais tipos de posições fraternais a leitura a fazer é idêntica a esta.

Às oito posições principais, Toman juntou, ainda, a posição de filho único – m – e a de filha única – f –, apesar destes não terem, propriamente, posição fraternal.

Sobre os filhos únicos, Toman referiu que eles podem diferir muito entre si, porque, para além das características da sua posição tomam, também, algumas características da posição fraternal do pai do mesmo sexo (isto é: o

filho único da posição fraternal do pai e a filha única da posição fraternal da mãe), com o qual se identificam. No caso dos filhos únicos cujos pais do mesmo sexo são, eles próprios, filhos únicos aqueles tendem a apresentar, e mais vincadamente, as características e o comportamento social correspondente à posição fraternal de filhos únicos.

Os indivíduos que têm irmãos dos dois sexos e os do meio podem ter mais do que uma posição fraternal. Por exemplo, um rapaz mais velho de uma rapariga e de um rapaz – $m(fm)$ – pode possuir características de irmão mais velho de irmã – $m(f..)$ – e de irmão mais velho de irmão – $m(m..)$. Ou seja, a dificuldade maior que os indivíduos *múltiplos* colocam prende-se com o facto de que podem possuir características de duas ou mais posições fraternais, embora o que quase sempre acontece é que manifestem preferência por, apenas, uma delas. São, sobretudo, os sujeitos do meio que oferecem mais dificuldades de interpretação. Os papéis fraternais destes sujeitos misturam-se e eles acabam por não ter uma posição fraternal precisa, porque os papéis mais vinculados, tais como o de mais velho e o de mais novo já foram tomados por outros elementos das suas fratrias.

Para facilitar a interpretação das posições múltiplas, no sentido de melhor se perceber qual o papel fraternal predominante desses sujeitos *múltiplos*, Toman elaborou um conjunto de seis regras. O autor avisa que se for complicado levar em linha de conta todas essas regras podemos limitar-nos às regras 1a e 5, isto porque existem outras vias para descobrir qual a posição preferida do sujeito (entre elas a investigação das posições fraternais dos amigos: a posição mais repetida no círculo de amigos é semelhante à posição do membro preferido da sua fratria). As duas regras básicas são as seguintes:

1a. regra dos membros imediatamente adjacentes: dos vários papéis que uma pessoa pode ter na sua configuração fraternal, o papel desempenhado *vis-à-vis* do elemento da fratria imediatamente adjacente é o mais marcante (exemplo: um rapaz que tem, a seguir a ele, uma rapariga e, depois, um rapaz – deverá ter mais marcado o seu papel de rapaz mais velho de rapariga do que o de rapaz mais velho de rapaz).

5. regra da identificação ao pai do mesmo sexo: entre os vários papéis que uma pessoa pode ter na sua configuração fraternal, o mais marcante é aquele que mais se assemelha ao papel desempenhado pelo pai do

mesmo sexo na sua fratria de origem (exemplo: um rapaz mais novo de uma rapariga e de um rapaz, cujo pai é mais novo de rapariga, desenvolverá, provavelmente, o papel de mais novo de rapariga, como o pai).

No caso dos indivíduos mais velhos ou mais novos de irmãos de um só sexo, os oito perfis aplicam-se tal como foram descritos por Toman, sempre que as duas condições referidas e as "condições normais de vida" prevalecem e sempre que entre os dois irmãos não exista uma diferença superior a seis anos. No caso desta diferença ser superior, Toman verificou que tanto o mais velho como o mais novo da fratria tomavam características do perfil de filhos únicos, embora pudessem, igualmente, apresentar características das suas respectivas posições fraternais.

Isto é igualmente válido para os sujeitos *múltiplos*: um irmão do meio que esteja distanciado de seis ou mais anos dos seus irmãos (antecedentes e subsequentes) terá características de filho único, para além das características de filho do meio²⁵⁰.

Os gémeos podem constituir, por si só, uma fratria ou fazerem parte de uma fratria. As fratrias de gémeos ou com gémeos requerem uma análise particular. No caso de serem dois (mesmos sendo idênticos), a família designa um deles para o papel de mais velho e o outro de mais novo. Se os gémeos forem não-idênticos e tiverem um sexo diferente um do outro, para Toman (1993: 29), será a "autoridade e a preferência" dos pais que irá determinar a posição fraterna destas crianças (por exemplo: se o pai for um irmão mais velho e a mãe uma irmã mais nova, o rapaz será, provavelmente, considerado como o mais velho e a rapariga como a mais nova, mesmo que a ordem de nascimento tenha sido a inversa). Se os gémeos fizerem parte de uma fratria é provável que adoptem o comportamento social e as

²⁵⁰ Na nossa investigação prática distinguiremos os filhos *únicos puros* (*f* ou *m*) dos *quase-únicos* (pertencentes a fratrias de dois ou mais elementos mas cuja diferença de idade com o membro mais próximo seja de 6 ou mais anos). Um aspecto, entre vários, que pode distinguir os únicos dos quase-únicos é que estes últimos, quando são irmãos mais velhos, são destronados pelos mais novos, enquanto que os filhos únicos nunca o são. As diferenças de idade são também importantes quando se estuda a qualidade de relações entre os membros da fratria. Para Toman (à semelhança de muitos autores), os conflitos são tanto mais importantes quanto menor é a diferença de idades embora, tanto nas fratrias pequenas como nas grandes, os laços entre os irmãos sejam, simultânea e paradoxalmente, mais fortes.

preferências correspondentes ao lugar que ocupam nessa fratria, como se fossem uma pessoa só (*idem, ibidem*). Por exemplo, dois rapazes gêmeos mais velhos de três irmãs: os dois assumirão o papel de irmãos-rapazes mais velhos de irmãs.

Uma problemática que Toman não deixou de abordar foi a das famílias reconstituídas²⁵¹ e das famílias com filhos adotivos. Num ou noutro caso, a introdução de meios-irmãos (e/ou de irmãos por parentesco) e de irmãos adotivos, respectivamente, pode modificar a posição fraternal dos indivíduos implicados: tudo depende da idade que as crianças têm quando acontece essa modificação na sua fratria – as modificações nos papéis fraternais acontecem, mais provavelmente, quanto mais jovens forem as crianças das fratrias reunidas²⁵².

Nas fratrias reconstituídas há que ter em conta (para além da posição fraternal de cada um na sua fratria de origem) o efeito das perdas que podem ter acontecido. Porque é provável que estas mudanças nas fratrias se façam, muitas vezes, após a perda de um ou dos dois pais. Se os pais adicionam uma criança adoptada aos seus próprios filhos, por exemplo, a criança adoptada terá sofrido uma perda. De um ou dos dois pais. Ou perde-os quando a adopção acontece.

Vejamos, então, o que são e o que descrevem os perfis das principais posições fraternais elaborados por Toman.

OS PERFIS

Sinteticamente, pode dizer-se que os perfis apresentados por Toman contêm descrições de comportamentos que pertencem à esfera daquilo que

²⁵¹ Também designadas por reconstruídas ou, como Gameiro (1997) prefere, "novas famílias".

²⁵² Por "meios-irmãos" entende-se que têm, em comum, um dos pais; por "irmãos por parentesco" designaremos aqueles que não têm a uni-los qualquer laço de sangue (são os filhos que cada um dos parceiros traz para o novo casamento e que têm a uni-los, apenas, o laço de parentesco que une, agora, estes parceiros); os "irmãos adotivos" são aqueles que não têm qualquer vínculo sanguíneo com nenhum dos membros da família e que, por isso mesmo, são introduzidos na fratria com esse estatuto de "adotivos".

podemos apelidar de traços de personalidade e, sobretudo, de comportamentos relacionais (nomeadamente: as relações com os bens materiais e culturais, as relações com parceiros do mesmo sexo e do sexo oposto, com os filhos, as perdas mais penosas, as opções políticas e religiosas, etc.). Para cada perfil Toman indica, ainda, nomes de personalidades públicas que podem exemplificar cada uma das dez principais posições fraternais, bem assim como as profissões mais adequadas a cada posição (ou que apareceram mais vezes nos sujeitos que ele estudou)²⁵³.

Sobre os perfis tomanianos Murray Bowen (1966/1991: 48) escreveu:

"[No seu livro *Family Constellation* (1961) Toman] expõe a tese de que as características da personalidade estão determinadas pelas posições dos irmãos e pela constelação familiar em que o sujeito cresceu. A meu ver, estes perfis de personalidade são sumamente exactos, sobretudo no que se refere àquelas pessoas que se encontram na metade da minha escala da *diferenciação de si-mesmo*. Toman realizou os seus estudos em famílias «normais» e não tentou, sequer, tomar em conta outras variáveis. Tão pouco considerou as alterações de personalidade numa criança que é objecto do processo de projecção da família".

No entanto, como explicita Bowen numa obra posterior, é possível com estes perfis compreender como é que uma criança é escolhida como objecto desse processo de projecção familiar:

"o grau de coincidência entre o perfil de personalidade e as normas é uma boa maneira de determinar o nível de diferenciação e a direcção tomada pelo processo de projecção familiar de uma geração à outra. Por exemplo, se um mais velho tem tendência para imitar um mais novo (em vez de ser o contrário), é uma boa indicação de

²⁵³ A enumeração de individualidades do meio artístico-cultural ou político só é feita nas 3ª e 4ª edições de *Family Constellation*. Tirando esse aspecto, nestas duas últimas edições os perfis apresentados são uma versão resumida daqueles que aparecem nas 1ª e 2ª edições (Toman, 1961/1969).

que esta criança é a mais triangulada. Mas, se o mais velho é muito autoritário, é uma boa indicação de um certo nível de deficiência do seu funcionamento. Um mais velho que funciona calmamente e de maneira responsável é, pelo contrário, uma boa indicação de um nível melhor de diferenciação" (Bowen, 1978/1988: 99).

São, portanto, ainda segundo Bowen (1986)²⁵⁴, perfis de base, ou modelos, a partir dos quais se pode entender cada uma das posições reais possíveis. O próprio Toman sublinhou, repetidamente, como os seus perfis são, apenas, perfis de referência, e descreveu as diversas circunstâncias que podem fazer alterar a posição fraternal (cf. acima). *Os perfis aplicam-se, então, tal qual, apenas às pessoas que tiveram condições médias de vida e que obedecem às duas condições seguintes: os pais do sujeito devem ter posições fraternais compatíveis; nem o sujeito, nem os seus pais, devem ter sofrido perdas significativas antes dos dezasseis anos.*

É importante dizer-se que Toman considera que nem sempre um sujeito se reconhece no perfil correspondente à sua posição fraternal. Isto acontece, segundo o autor, sobretudo porque as características de comportamento no contacto com os outros são, muitas vezes, desconhecidas para o próprio sujeito: os perfis descrevem o que uma pessoa faz quotidianamente e não aquilo que ela pensa fazer e, muito menos, o que ela desejaria ser: são os outros (amigos, familiares...) que melhor reconhecem o perfil de um dado sujeito.

Sobretudo pelas razões apontadas acima, da possibilidade de interferência dos contextos extra-familiares no modo de agir dos indivíduos, os perfis aplicam-se melhor aos jovens adultos (também às crianças, aos adolescentes e aos idosos²⁵⁵) do que aos adultos já instalados na sua vida profissional: a posição social e as responsabilidades profissionais podem ter uma influência maior do que a posição fraternal, embora numa situação de descompressão – em casa, por exemplo – aconteça que as pessoas expressem mais claramente os traços correspondentes à sua posição fraternal.

²⁵⁴ Cf. Prefácio da edição francesa de *Family Constellation* (Toman, 1976/1987).

²⁵⁵ Segundo Toman, os idosos tendem a retomar a posição fraternal da sua infância e juventude: sobretudo com os familiares e amigos, ou quando estão sob stress, eles tendem a agir segundo o modelo relacional dos seus primeiros anos de vida.

Um resumo dos oito perfis básicos e das posições múltiplas foi publicado por Toman em 1970, com o título sugestivo de *Birth Order Rules All: never mind your horoscope*, que transcrevemos, integralmente, a seguir. Os extractos dos perfis do filho único e da filha única foram retirados de Toman (1993). As ilustrações que antecedem cada perfil são da autoria de Luís Filipe Gomes.

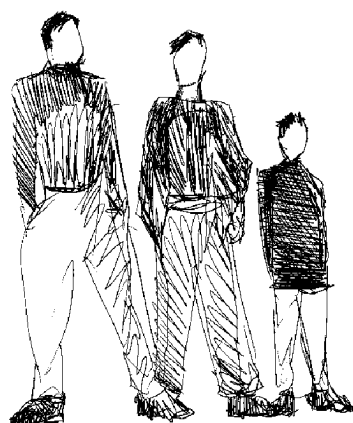


Figura 1: *m (m..)* – irmão-rapaz mais velho de irmãos-rapazes

"É um homem a valer: agressivo, assertivo, sob controlo a maior parte do tempo. É líder de homens, quer tome o poder pela força quer pela astúcia. Dá-se bem com outros homens, principalmente quando eles não são irmãos-rapazes mais velhos, e costuma preferir a companhia deles à das mulheres.

O Irmão-Rapaz Mais Velho de Irmãos-Rapazes (IRMVIR) é um bom trabalhador quando quer. Consegue inspirar os outros, liderá-los com competência e tomar as maiores dificuldades para si-mesmo; no entanto, em questões de vida ou de morte, torna-se cauteloso – como se sentisse que a sua sobrevivência fosse mais importante do que a de um simples subalterno (se ele socorre uma vítima, é porque está seguro de recolher os louros). Pode aceitar a autoridade de um superior homem, mas só se se identificar com essa autoridade. Caso contrário, ele tem tendência a procurar brechas na posição do seu chefe para tentar debilitar o poder dele. E, posteriormente, vai querer o poder para si.

O IRMVIR não gosta muito das mulheres como pessoas. Não se apaixonará por uma simples mulher, mas ficará contente se uma se apaixonar por ele. Tem tendência a tratar as mulheres como se fossem os seus irmãos-rapazes mais novos: espera que elas obedeçam às suas ordens e que o aceitem como o seu ídolo exclusivo. Quanto mais irmãos tiver (ou tenha tido) mais difícil será contentar-se com uma só mulher. É possível que ele se faça rodear por mulheres, mas elas tenderão a ser figuras bi-dimensionais: terão de ser obedientes, respeitadoras e eficazes; em circunstância alguma, deverão questionar a sua autoridade.

Se o IRMVIR se casar quererá manter o seu círculo de amigos homens. Essas amizades tendem a ser um suplemento forte e necessário do casamento; se as mantiver terá menos dificuldades em dar-se com a sua esposa. Quando tiver família fará tudo para cuidar dela; manterá a ordem e disciplina com os filhos.

O IRMVIR é um perfeccionista em quase todas as áreas da sua vida. O seu ambiente terá de ser mantido em ordem: finanças reguladas (ele detesta ter dívidas), a casa com excelente aspecto, relações claramente definidas. Ele consegue avaliar objectivamente o trabalho dos outros, assim como o seu próprio trabalho, mas secretamente crê que os seus contributos são mesmo os melhores. Gosta de factos limpos e de conceitos firmes e detesta grandes palavreados.

Politicamente acredita em lideranças fortes, nas elites e em ditaduras necessárias. Pode ter sido um revolucionário na sua juventude, mas, em breve, tende a pender para o lado conservador.

O IRMVIR não gosta de depender de outras pessoas e, por isso, raramente procura conselhos profissionais. Quando está na posição de dar conselhos a alguém, tende a tomar o controlo e a gerir em demasia".

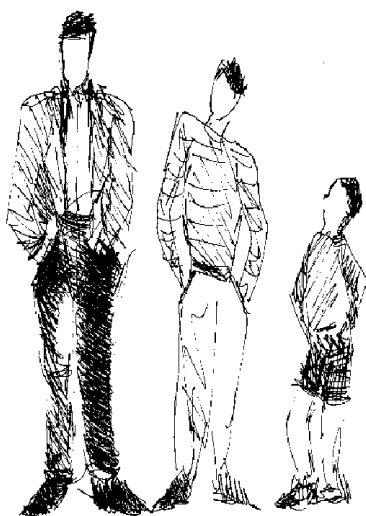


Figura 2: (*m..*) *m* – irmão-rapaz mais novo de irmãos-rapazes

"O Irmão-Rapaz Mais Novo de Irmãos-Rapazes (IRMNIR) é caprichoso, obstinado e, por vezes, petulante. Pode ser audacioso e imaginativo, mas, também, chato e irritante. Primeiro, parece não tolerar ninguém acima dele; age como se a independência e a liberdade fossem as suas maiores preocupações. Contudo, quando olhamos de perto, acontece que normalmente ele precisa de superiores para poder reagir contra eles, para se libertar deles; mas, depois de fazer isso, imediatamente se apressa a voltar para a segurança que os superiores lhe oferecem.

Ele é um trabalhador irregular, por vezes excelente nos seus empreendimentos e, outras vezes, bastante improdutivo. Ele está no seu melhor em empreendimentos artísticos e científicos livres, quando o seu ambiente é cuidado por uma instituição impessoal, por um chefe benévolo, ou por uma mulher maternal. Não é um verdadeiro líder. Em posições de autoridade tem, muitas vezes, falta de estabilidade, de justiça e de discernimento. Ele não só aceita a autoridade como a adora.

Diferentemente do IRMVIR, o IRMNIR aceita e gasta dinheiro com facilidade e preocupa-se pouco em saber como arranjará mais. Gastará o seu e o dinheiro de outras pessoas com a mesma facilidade e adora dar presentes fabulosos, impulsivamente.

O IRMNIR é brando com as mulheres, um *gentleman* e um cavalheiro, mesmo que brigue duro. Tende a ser tímido, desajeitado, quase inocente e as mulheres, quase sempre, estão dispostas a dar-lhe mais do que ele pede. Como qualquer homem criado só com irmãos-rapazes, o IRMNIR compreende mal as mulheres. Mesmo quando age como *lobo* está, na realidade, alheio às mulheres e às suas preocupações. Ele não as quer conhecer bem; a única coisa que quer é ser compreendido.

A sua melhor parceira pode ser uma irmã mais velha de irmãos-rapazes, mas até ela deve ser maternal e deixá-lo prosseguir os seus múltiplos interesses (frequentemente de curta duração). Ela terá que guiá-lo sem ele se aperceber, ser o seu chefe secreto, para poderem ser felizes. A chegada dos filhos será difícil para ele, já que eles ameaçam o seu estatuto de queridinho da sua esposa.

À semelhança do IRMVIR, precisa de amigos homens. Eles são-lhe tão importantes que sacrificará uma namorada para poder manter uma amizade com um amigo próximo.

Politicamente o IRMNIR é contra a monarquia, contra a ditadura e contra a liderança firme em geral. *Laissez faire* é o seu lema – tudo se resolverá por si só. A sua filosofia raramente é sistemática, como o é para um IRMVIR: sente atracção pelo misticismo, pelo romantismo, pelo existencialismo.

O IRMNIR não só procura ajuda como conta com ela. O IRMVIR despreza essa dependência, mas o IRMNIR socorre-se de profetas, de conselheiros e da psicoterapia. Adora toda a atenção que lhe derem".

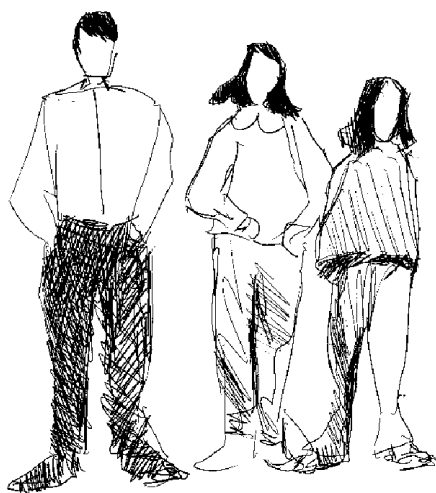


Figura 3: *m (f..)* – irmão-rapaz mais velho de irmãs

"Este é o verdadeiro homem das mulheres. O Irmão-Rapaz Mais Velho de Irmãs (IRMVI) adora as mulheres: como amigas, colegas, amantes, esposa. O amor é a coisa mais importante da sua vida; não importa a área profissional onde está, desde que consiga, com isso, ganhar a vida. Daí resulta que o IRMVI seja menos afectado do que o IRMVIR se um dos seus empreendimentos falir. Uma vez que a sua família sobreviva, as coisas não podem ser assim tão más. O IRMVI é um trabalhador responsável e gosta de fazer bem. No entanto, só no caso de conquistar uma mulher é que a realização pessoal valerá a pena e só nesse caso é que correrá riscos, será imprudente ou agirá corajosamente. O trabalho sem as Musas é um deserto.

Pode aceitar a autoridade desde que não interfiram na sua vida privada; se estiver numa posição de autoridade é do género de viver e deixar viver. Sente que os seus subordinados se devem divertir (por exemplo, as mulheres) e para esse fim ele encoraja festas no local de trabalho; mas não permitirá que os seus trabalhadores façam gazeta.

Se o seu superior for uma mulher, ela terá de ser um tanto ou quanto submissa e paciente, até que ele sinta afecto e admiração por ela. Ela deve agir como uma amiga sensata.

Como é de esperar, o IRMVI é simpático e considerado pelas mulheres. Pode cortejar durante muito tempo sem se desencorajar e raramente sentirá vergonha por qualquer coisa que faça por ela. Ele também tem um sexto sentido aguçado acerca do interesse das mulheres por ele.

O IRMVI tomará bem conta dos seus filhos; no entanto, não se esforça demasiado por isso. A sua esposa estará sempre primeiro. Todavia, tem tendência a ser um bom pai, como os melhores: nem demasiado estrito, nem demasiado permissivo, nem impositivo, nem indiferente.

Os amigos homens são menos importantes para o IRMVI do que para os homens que têm, apenas, irmãos-rapazes. Habitualmente não costuma ser um dos da malta. É que finalmente, pensa ele, não há nada que os homens tenham para oferecer que não possa vir também, ou melhor, das mulheres. Só se estiver definitivamente de olhos postos numa namorada ou satisfatoriamente casado é que o IRMVI tolerará a companhia exclusiva dos homens (mesmo assim, esta tolerância raramente ultrapassa mais do que um dia).

Politicamente o IRMVI prefere um governo moderadamente conservador, uma vez que ele valoriza a não interferência na vida dos indivíduos. Na política e na religião não insiste num ismo; todos deveriam decidir-se por si próprios".



Figura 4: (f..) m – irmão-rapaz mais novo de irmãs

"As mulheres, absolutamente, adoram-no. Amam-o. Limpam o que ele suja. Arrumam a casa e cozinham para ele, organizam os seus ficheiros e engraxam-lhe os sapatos. Onde quer que ele esteja e o que quer que ele faça, costuma haver uma mulher por perto para lhe satisfazer as suas necessidades. O IRMNI (Irmão-Rapaz Mais Novo de Irmãs) não é um trabalhador muito regular ou sistemático, mas, naquilo em que as suas habilidades e interesses são grandes, ele é capaz de grandes realizações – se houver uma alma maternal por perto para tomar conta das suas necessidades mais simples (e, normalmente, há).

Ele pode ser simpático para as mulheres, mas comporta-se, a maior parte do tempo, como se não precisasse disso. Apesar de tudo, elas tomarão conta dele, de qualquer maneira; houve mulheres a encarregar-se dele desde que se lembra. Uma vez que o IRMNI sempre tomou as mulheres como certas, o seu cortejo tende a ser brincalhão, periférico, até ligeiramente sarcástico. Gosta de pensar que é uma pessoa querida e, até certo ponto, é; tem uma certa graça descuidada acerca de si. Mas a mulher que ele conquistar terá muito que aguentar. Ela terá que ignorar muitos problemas potenciais e contar com pouco apoio dele, excepto em emergências de maior. Ela não pode ter uma carreira ou profissão própria; ele quere-a perto de si como esposa que cuida dele.

Um filho tende a ser um impecilho para o IRMNI, já que será um rival para as atenções da sua esposa. Ele pode prender-se, mais do que nunca, ao seu trabalho ou, pelo menos, fingir isso. Pode vir raramente a casa ou começar a fazer viagens de negócios prolongadas. Se o filho for uma rapariga, pode sentir-se menos ameaçado pois pode continuar a ser o único homem na família. Seja como for, o IRMNI não é um pai excessivamente bom. A sua esposa será a única a cuidar dos filhos e terá que resolver os problemas deles e satisfazer as suas inquietações. Ele é mais do que um companheiro para os filhos, mas, inicialmente, está demasiado preocupado com o seu trabalho para ser de grande utilidade.

O IRMNI não é particularmente popular entre os seus pares homens que se ressentem pela maneira como ele toma a ajuda e o apoio como certo. Só com homens que são, como ele, os juniores da fratria é que o IRMNI pode

evitar problemas e brigas. Pode estabelecer relações platônicas com mulheres mais velhas, ou com mulheres que tinham posições seniores entre os seus irmãos. Estas podem ser as suas verdadeiras amigas e ele tomará conta delas muito mais do que de todos os outros homens.

Na política o IRMNI pode até nem ter opiniões ou pode adoptar estritamente pontos de vista técnicos. Em sua opinião, qualquer sistema pode funcionar desde que se observem alguns princípios básicos de economia e expediência.

A religião e a filosofia não o preocupam muito. Na religião ele ou é indiferente ou convencional e tende a ser impaciente com qualquer filosofia de vida. Não acredita em nada que possa apoderar-se de um indivíduo e mudá-lo. Considera que «somos o que somos».



Figura 5: *f (f..)* – irmã mais velha de irmãs

"Até certo ponto, é a mulher cópia do IRMVIR: dominante, assertiva, um tanto ou quanto mandona. Quando não pode encarregar-se dos outros e dizer-lhes o que fazer estará infeliz, arreliada, ou tristemente amuada. Irradia auto-confiança e independência, mas, muitas vezes, finge estar mais segura de si própria do que realmente está. Tem sempre que dizer sobre qualquer tópico, mesmo que não seja uma perita. É boa

trabalhadora, principalmente quando está numa posição de liderança. É competente e responsável e consegue fazer as coisas eficientemente. As outras mulheres terão que submeter-se à sua autoridade, se quiserem a sua simpatia ou tolerância. Ela trabalhará energicamente para estabelecer e manter o seu poder e não descansará até ter ultrapassado estas mulheres em posição hierárquica ou em sucessos alcançados. Só cederá a autoridade a homens mais velhos. Resumindo, ela é uma espécie de rainha. Só aceitará ordens do seu *rei-pai* (e, talvez, de alguns *lordes*), mas dará ordens a todos os *príncipes* e exige submissão de todas as *princesas*.

As propriedades e as possessões são menos importantes para uma IMVI (Irmã Mais Velha de Irmãs) do que as pessoas – irmãs, filhos, amigos. Se não tiver ninguém para tomar conta e dirigir é infeliz e pode sentir-se inútil e deprimida.

Os homens têm dificuldade em aproximar-se pois ela tem tendência a rejeitar avanços, mesmo quando não tem intenção disso. Muitas vezes ela parece tão forte e independente que desencoraja os seus seguidores. Se o homem que ela quer não lhe liga, tentará dar-lhe ordens e, até, falar mal dele. Que tipo de homem aguentará tudo isto? Muitas vezes um homem que seja um tanto ou quanto passivo ou feminino, que já foi muito mandado antes ou que sofreu perdas. A sua melhor opção seria um irmão-rapaz mais novo de irmãs.

Quantas mais irmãs tiver maiores serão os seus problemas com o casamento. Pode não se casar, escolhendo ir para enfermagem, talvez para um convento, ou ser uma assistente social. Se casar, os filhos serão importantes para ela e ajudá-la-ão na sua relação com o marido. Ela seria, então, capaz de o libertar e de votar toda a sua energia para a prole.

A IMVI tem tendência para ser uma mãe orgulhosa e protectora. O marido terá que compreender que o seu papel na criação dos filhos foi simplesmente menor.

Politicamente a IMVI tem tendência para ser conservadora, anti-revolucionária; a autoridade legítima tem de ser obedecida. Acima de tudo, acredita no seu pai, na sua máxima e legítima autoridade. Só se ele fosse um rebelde é que ela adoptaria um credo "inconveniente".



Figura 6: (f..) f – irmã mais nova de irmãs

"A Irmã Mais Nova de Irmãs (IMNI) é uma *camaleoa* charmosa. Quer uma vida aventureira e colorida. Gosta de entretenimento e mudança e pode procurá-los ao acaso e espontaneamente. Com ela nada está acabado: está pronta a atirar as suas crenças, realizações e amigos pela borda fora e a começar de novo. Este entusiasmo saltitante ajuda a reter a sua juventude até à velhice.

A IMNI tem vantagem na sua competição com outras mulheres: pode seduzir melhor os homens do que elas. Costuma ser tradicionalmente mais feminina do que a IMVI (que pode ser demasiado mandona) e do que a IMVIR (que pode ser demasiado maternal). Embora conquiste os homens facilmente, é demasiado caprichosa e instável para conseguir guardá-los. Por isso, na competição final, tem tendência a perder.

Pode ser uma trabalhadora qualquer – excelente ou errática, *pau para toda a colher* ou medícras, colega fidedigna ou uma fala-barato incorrigível. Só raramente é que ela é uma boa líder. É a melhor em trabalhos que exigem muita perícia, mas que são um tanto ou quanto sistematizados e que não requerem tomada de decisões – talvez dactilógrafa ou intérprete. No entanto, com toda a sua ansiedade por distrações e aventura, ela é, frequentemente, pouco original nas suas contribuições. Pode tentar ser criativa, mas as suas tentativas são,

normalmente, muito apressadas ou caóticas para lhe serem de alguma utilidade.

Resumindo: a IMNI é rápida e charmosa e, um tanto ou quanto, pretensiosa, ingénua e emocional – e uma marota. A sua família tem de estar sempre pronta para surpresas.

A IMNI dá valor à propriedade e às possessões, mas não consegue criar ou gerir riqueza. Terá que casar com um homem com dinheiro. Por outro lado, pode casar com um homem pobre e inadequado só por despeito, talvez por uma das suas irmãs se ter saído bem financeiramente. A IMNI gosta de manter vários homens no anzol, especialmente se quer fazer ciúme a alguém.

Apesar da sua grande atractividade para os homens, a IMNI pode ter problemas no casamento. Ela não foi habituada a viver com um macho, por isso será preciso um homem dominante e indulgente para a dirigir – talvez um irmão-rapaz mais velho de irmãs. Mesmo que tenha um casamento satisfatório, terá dificuldades com os filhos (ela quer ser a bebé mimada). Falará muitas vezes com o seu marido para contratar alguém que cuide deles. Só se ele estiver de acordo ou lhe tirar, ele próprio, esse fardo dos ombros é que eles passarão sem grandes conflitos.

Politicamente, a IMNI pode ser qualquer coisa, mudando de um extremo ao outro, ou pode não ter, sequer, nenhuma opinião. Ela apoiará uma causa só por gostar dos seus líderes, ou porque o seu namorado os apoia, ou porque foi insultada por um dos que defendem a causa oposta. As suas atitudes em relação à religião são similares. Podem ir desde a indiferença completa até à devoção fervorosa e podem mudar de momento para momento, dependendo de como ela se sente. Em todas as suas crenças ela prefere o sentimento à razão".



Figura 7: *f (m..)* – irmã mais velha de irmãos-rapazes

"Embora de forma menos notória, a Irmã Mais Velha de Irmãos-Rapazes (IMVIR) é, como todos os primogénitos, independente e forte. É prática, concreta, e tem um egoísmo saudável. Relaciona-se facilmente com os homens: eles são importantes para ela e têm tendência a gostar dela. Os homens rodeiam-na, sabendo que ela é *pau para toda a colher*. No entanto, ela não quer competir com eles; prefere apoiá-los como uma espécie de mãe ou irmã mais sábia.

No trabalho, não se excede em velocidade e diligência, mas os colegas adoram tê-la à volta deles. É uma mediadora nas disputas, intercede junto ao chefe e, com tacto, acalma o macho beligerante. Relega o trabalho com graciosidade e eficácia. Pode tender a ser condescendente, especialmente quando considera o trabalho pouco importante e um desperdício do seu valioso tempo.

As possessões materiais são-lhe insignificantes, quando comparadas com a possessão dos *seus* homens. Renunciaria à sua carreira por um homem e o seu marido acha-se, a si próprio, em muito boas mãos.

A IMVIR está longe de ser uma mulher misteriosa e esquiva e não irradia grande poder de fascinação. Parece tão razoável, responsável, amigável e aberta – age com

tanto senso comum – que os homens, por vezes, não se apercebem que estão apaixonados por ela. Ela lembra-lhes tanto o lar e a mãe que nem sequer lhes ocorre pedirem-na em casamento. Por conseguinte, terá de ser ela a propor-lhes isso.

A IMVIR quererá ter filhos independentemente do casamento que tenha feito. Os filhos virão ter com ela mais do que irão ter com o pai, com problemas e queixas; e ela disfrutará de cuidar não só do marido como também dos filhos, qualquer que seja o seu número.

Se tiver muitos irmãos-rapazes, a IMVIR quererá um rebanho de homens à sua volta, numa função ou noutra: pode tornar-se numa anfitriã profissional em clubes de homens; a confidente de grandes cientistas (afinal de contas, por debaixo de toda a inteligência, eles não passam de crianças).

Politicamente valoriza a moderação e a razão acima de tudo. Será mais simpática com a oposição do que os seus colegas de partido, talvez porque acredita que a mediação e a discussão podem ser capazes de resolver todas as diferenças de opinião".

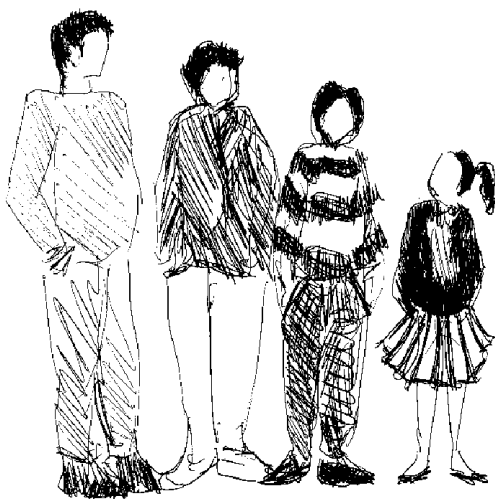


Figura 8: *(m..) f* – irmã mais nova de irmãos-rapazes

"A Irmã Mais Nova de Irmãos-Rapazes (IMNIR) costuma ser tudo aquilo que um homem quer que uma mulher seja: feminina, amigável, simpática, com tacto, submissa, mas não subserviente. Ela é uma boa companheira e *pau para toda a colher*. Pode ser extravagante, ignorando os sentimentos de um homem, e ocasionalmente egoísta, embora raramente o seja quando está comprometida com um homem. Mesmo quando tem talentos especiais, não tem tendência para ter uma profissão: é facilmente empurrada para o casamento e (muitas vezes acidentalmente) para a maternidade.

Em maior grau do que as outras mulheres, ela é guiada pelos seus sentimentos e instintos e pode ser vítima deles. Se se apaixonar por um homem, mesmo que seja por um notório *zé-ninguém*, não o abandona. Defende-o contra todos e perdoa-lhe, repetidamente.

No trabalho é a empregada ideal se estiver sob a direcção de alguém. É uma excelente secretária, por exemplo. Dá-se bem com colegas de trabalho homens (eles acham-na simpática, charmosa, atenciosa e divertida), mas as mulheres nem sempre gostam dela. Ela não está, realmente, acostumada a lidar com mulheres e, por isso, não é muito amigável para elas. Não está do lado delas. Segue o chefe.

Enquanto a IMNI mostra traços de cumplicidade ou presunção nas suas relações com os homens, a IMNIR não tem necessidade de brincar à menina bonita. É-o, real e naturalmente. Por isso, os homens têm tendência a adorá-la. As amigas são-lhe pouco importantes. Os namorados costumam afastá-la delas, senão ela estimulará os ciúmes das outras mulheres. Mas, mais frequentemente, ela nem sequer as procura.

A IMNIR terá filhos quando o marido os quiser, ou quando ela tiver vontade de o presentear com um filho. Ela não quer filhos para si mesma, mas porque o seu marido tem prazer em tê-los; será uma boa mãe.

Se tiver muitos irmãos, pode não encontrar nenhuma outra situação fora de casa que seja suficientemente atractiva para a fazer sair. Pode permanecer a queridinha dos pais, mesmo depois de todos os irmãos terem saído. Ou pode tentar repetir fora da família o que tinha em casa – talvez acumulando um número de amantes que a cubram de tesouros.

Política e religiosamente é tão indecisa como a IMNI. É tudo o que os seus irmãos, pai, namorado ou marido são. Para além disso, acredita que as mulheres devem apoiar as convicções dos seus homens e que a mulher deve, acima de tudo, ser feminina".



Figura 9: *m* – filho único (rapaz)

"O filho único, mais do que os rapazes de outras posições fraternais, gosta de viver sob o olhar de pessoas de idade superior à dele e, entre elas, aquelas que têm uma posição de autoridade e de poder. Deseja que elas se sintam felizes e orgulhosas dele. Mais do que qualquer um gosta de ser amado, apoiado e ajudado. Pensa que tudo está feito para colmatar as suas necessidades e talentos, seja no trabalho ou no seu modo de vida.

Dado que, em regra, os pais o estimulam mais do que a qualquer outro tipo de crianças, é com um certo avanço que vai provar a sua maturidade intelectual e os seus talentos. Pode atingir altos níveis num domínio. Se os pais, tutores e professores se interessarem por ele e se lhe descobrirem os dons necessários, pode atingir os mais altos níveis num determinado domínio. Pode assumir um cargo de direcção, embora não seja feito exactamente para isso. Pelo contrário, é a sua estabilidade interior, o seu sentido de objectividade, a sua maneira destacada de seguir a sua via no sentido dos seus interesses, ou mesmo no sentido dos interesses

comuns, de estar por cima das rivalidades internas do grupo, que os seus colegas vão valorizar. (...)

São, de longe, as mulheres maternas que o filho único prefere (...). As irmãs mais velhas de irmãos-rapazes ou, então, as irmãs mais velhas de irmãos são as melhores parceiras para ele. Aquelas que são mais velhas do que ele ou que têm uma posição fraternal similar à da sua mãe podem igualmente entender-se bem com ele. (...)

Renuncia, mais facilmente do que os outros maridos, a ter os seus próprios filhos. Se deve ter um, deseja que seja um rapaz.

Os amigos (homens) são menos importantes para ele do que os patrões paternais".



Figura 10: f – filha única

"Mais do que as mulheres que têm irmãos, a filha única depende dos cuidados e da atenção das pessoas mais velhas. Na escola, como no trabalho, na sua vida quotidiana, deseja que os seus superiores, os seus colegas e os seus amigos se comportem em relação a ela como seus pais. Apoia-se nos seus superiores, mais do que nos seus colegas, tentando ir no sentido dos seus desejos e projectos e, por não poder ser a única filha deles, deseja tornar-se na sua «criança preferida». É por isso que passa por *lambe-botas*, por desejar ter um

tratamento preferencial. Claro que ela pode implicar-se no seu trabalho, mas, sobretudo as suas colegas, acham-na egoísta. (...)

Sem pai nem conselheiro paternal, a sua carreira pode encalhar. Mas, mesmo com um protector, as suas possibilidades de êxito e de independência são fracas. (...)

Tem dificuldades, logo de início, em esconder a sua natureza mimada e egocêntrica nos seus contactos com os homens. Mais do que outras mulheres, dificilmente renuncia às suas necessidades em benefício do seu parceiro. Pode parecer mais desprovida de coração e extravagante do que a maioria das mulheres. Mas, melhor do que todas, ela sabe acordar nos seus pretendentes atitudes paternais. (...) Isto não significa que uma filha única não possa ser uma boa esposa, podendo mesmo ser menos tentada, do que outras, pela infidelidade. Se ela deve deixar o seu marido é, provavelmente, para voltar para os seus pais, mais do que ir para os braços de um amante.

O seu melhor parceiro é, pois, um irmão-rapaz mais velho de irmãs ou um irmão-rapaz mais velho de irmãos-rapazes – que a pode guiar paternalmente sem, no entanto, lhe dar a afeição total que ela espera. (...)

Uma filha única está menos próxima dos seus filhos do que as outras mulheres, excepto quando a sua mãe ou uma pessoa maternal se propõe ajudá-la e se ocupe deles. Ela mesma deseja ser uma criança. Se é ela que toma conta do seu filho, deseja ter a atenção e a admiração de, pelo menos, uma pessoa mais velha. O seu marido pode ajudá-la, louvando-lhe a sua generosidade e dando-lhe uma assistência prática. Um único filho, de preferência rapariga, está muito bem para ela. (...) Com muitos filhos, espera ainda mais a ajuda e o encorajamento do seu marido e familiares. (...)

Gosta de ter amigas, com a condição de que estas estejam dispostas a terem um papel maternal em relação a ela. São, pois, nitidamente mais velhas do que ela, irmãs mais velhas ou do meio que tenham irmãs mais novas. Habitualmente, ela prefere ter, com as suas amigas, contactos individuais, mais do que em grupo".



Figura 11: posições fraternais múltiplas (mais velho de irmãos e irmãs)

"Se um homem é o mais velho de irmãos-rapazes e de irmãs, ele será uma mistura de IRMVIR e de IRMVI. Se tiver mais irmãos-rapazes do que irmãs, ele será mais como um IRMVIR; se tiver mais irmãs do que irmãos-rapazes ele será mais como um IRMVI. A IMVIR&I será, semelhantemente, uma mistura de IMVIR e IMVI. Uma IMNIR&I será uma mistura de IMNIR e IMNI. Para os indivíduos em qualquer uma das inúmeras posições intermédias, costuma haver uma predominância numa ou noutra direcção – pode ser um pouco mais como um júnior ou como um sénior ou pode, pronunciadamente, ser um ou outro. Se a pessoa está precisamente no meio, ela pode ficar um pouco confusa *quanto* ao que é"²⁵⁶.

²⁵⁶ Para um melhor entendimento da posição fraternal predominante que os sujeitos *múltiplos* adoptam devem consultar-se as regras que o autor elaborou e que servem para guiar e facilitar essa interpretação (ver acima).

AS POSIÇÕES FRATERNAIS DOS PAIS

Vimos anteriormente como Toman considera que a posição fraternal vivida nas famílias de origem é um dos aspectos que influencia a relação entre o casal e entre este e os filhos.

Começando pela relação entre o casal, o autor observa que na sua apreciação é importante saber se a relação entre as posições fraternais dos parceiros é não-complementar ou complementar.

A relação entre as posições fraternais dos parceiros é não-complementar quando ela apresenta um conflito de posição e/ou de sexo. Existe um *conflito de posição* quando dois parceiros de sexo oposto têm ordens de nascimento semelhantes ou idênticas nas suas fratrias de origem. Nenhum dos parceiros aprendeu a interagir com alguém da sua própria posição fraternal. Numa relação deste tipo, cada um pode reclamar para si o papel que está habituado a desempenhar. É o caso de $m(f) / f(m)^{257}$ – um rapaz mais velho de uma irmã com uma irmã mais velha de um rapaz – ambos os parceiros são os mais velhos da sua fratria de origem: daí que, nesta relação, eles possam apreciar-se pelo que têm de comum, possam reconhecer-se um no outro. Ambos têm a possibilidade de "meter os pés nos sapatos do outro" e, conseqüentemente, de sentirem as mesmas coisas e de agirem como o outro, mesmo na sua ausência; mas isto não implica, evidentemente, que os dois parceiros consigam dar-se bem um com o outro, nem que cooperem e se complementem um ao outro (no Quadro 3 ver: [7], [8] e [11] a [14]).

Existe um *conflito de sexo* entre as posições fraternais dos parceiros quando pelo menos um deles é oriundo de uma fratria monossexual – é de esperar que ele, ou ela, tenha dificuldades em habituar-se ao outro sexo nas suas relações amorosas ou conjugais (ver, no Quadro 3, exemplos [3] a [6] e [9] a [14]).

Nas relações complementares, pelo contrário, as posições fraternais dos parceiros completam-se: um é o mais velho, o outro o mais novo; e ambos viveram, nas suas fratrias de origem, com irmãos do sexo oposto. Isto é,

²⁵⁷ A barra indica casamento, concubinato, ou qualquer outro tipo de relação amorosa durável e, em cada um dos lados da barra, está a fratria de origem de cada um dos parceiros dessa relação.

nestas relações cada parceiro deseja fazer aquilo que o outro não deseja, têm interesses e preferências diferentes.

Toman considera que as relações complementares podem ser completa ou parcialmente complementares. Os exemplos típicos de relações completamente complementares são aquelas cujos parceiros têm as seguintes posições fraternais: $m(f)/(m)f$ – rapaz mais velho de irmã com irmã mais nova de rapaz – ou $(f)m/f(m)$ – rapaz mais novo de irmã com irmã mais velha de rapaz (ver Quadro 3: exemplo [1] e [2]). As relações parcialmente complementares são aquelas onde os parceiros, nas suas fratrias de origem, têm, pelo menos, uma relação complementar, considerando a ordem de nascimento e sexo (Quadro 3: exemplos 1b). Do ponto de vista psicológico, estas últimas, podem ser também consideradas como complementares.

Quadro 3: graus de complementaridade das posições fraternais entre namorados, cônjuges, amigos ou amantes de sexos opostos, em vários tipos possíveis de relações (Toman, 1993: 88-89)

graus de complementaridade (de 1 a 3)	tipos principais	outros tipos
1a. parceiros sem nenhum conflito, nem de posição nem de sexo	$m(f)/(m)f$ [1]* $(f)m/f(m)$ [2]	$m(ff)/(m)f$ $(ff)m/f(mmm)$
1b. cada parceiro tem, pelo menos, uma relação fraternal sem conflito, de posição ou de sexo, com uma das relações fraternais do parceiro		$m(fm)/(m)f$ $(f)m(f)/f(mmf)$ $(mf)m(f)/(m)f(mf)$
2a. parceiros sem nenhum conflito de posição (ou com um conflito parcial), mas em que um dos dois tem um conflito de sexo	$m(f)/(f)f$ [3] $(f)m/f(f)$ [4] $m(m)/(m)f$ [5] $(m)m/f(m)$ [6]	$m(ff)/(f)f$ $(m)m/f(mmm)$ $m(f)/(f)f(f)$ $m(m)/(m)f(m)$
2b. ambos os parceiros têm um conflito completo (ou parcial) de posição, mas não um conflito de sexo; ambos têm um conflito de sexo, mas não um conflito de posição (ou só um conflito parcial)	$m(f)/f(m)$ [7] $(f)m/(m)f$ [8] $m(m)/(f)f$ [9] $(m)m/f(f)$ [10]	$(ff)m/(mmm)f$ $(m)m(f)/f(mm)$ $(m)m(m)/f(ff)$ $(m)m(m)/(f)f(ff)$

2c. ambos os parceiros têm um conflito completo de posição e um deles também tem um conflito de sexo	$m(f)/f(f)$ [11]	$(ff)m/(ff)f$
	$(f)m/(f)f$ [12]	$m(mm)/f(mmm)$
	$m(m)/f(m)$ [13]	
	$(m)m/(m)f$ [14]	
2d. ambos os parceiros têm um conflito completo de posição e de sexo	$m(m)/f(f)$ [15]	$m(mm)/f(ff)$
	$(m)m/(f)f$ [16]	$(mm)m/(fff)f$
3a. filho único parceiro de um membro de uma fratria com os dois sexos	$m(f)/f$ [18]	$(f)m(fm)/f$
	$m/f(m)$ [17]	$m/f(mmm)$
	$(f)m/f$ [18]	$(f)m(f)/f$
	$m/(m)f$ [17]	$m/(m)f(f)$
3b. filho único com um parceiro que tem uma fratria de um só sexo	$m(m)/f$ [18]	$m(mm)/f$
	$m/f(f)$ [17]	$m/(f)f(f)$
	$(m)m/f$ [18]	
	$m/(f)f$ [17]	
3c. dois filhos únicos	m/f [19]	

* o número entre parênteses recto remete para os exemplos dados ao longo do texto.

Segundo o autor, em idênticas circunstâncias de vida, as relações complementares e as parcialmente complementares (as 1a e 1b) são de melhor prognóstico do que os outros tipos de relações. Tomando o divórcio como um dos critérios de sucesso dos casamentos, nos vários estudos que fez sobre a esta problemática, ele encontrou, de facto, diferenças significativas ao nível da complementaridade das posições fraternais dos casais: mais complementares os não-divorciados do que os casais divorciados. Nomeadamente, ao estudar as famílias de 2300 estudantes de Nuremberga e Zurique, onde havia 108 casais de pais divorciados, a distribuição pelos vários tipos de complementaridade foi a seguinte (Quadro 4).

Quadro 4: a complementaridade das posições fraternais dos casais em relação à frequência de divórcios (Toman, 1993: 95)

as posições fraternais dos pais mostram	número de casais divorciados	frequência relativa na população geral
uma complementaridade completa ou parcial	18	32
conflitos de posição e/ou de sexo	52	49
que um dos pais, pelo menos, é filho único	38	27

$\chi^2 = 10.8$; $p < .01$

À semelhança de Walter Toman, os investigadores da terapia familiar estrutural têm enfatizado como a escolha do parceiro, assim como o bem-estar na nova família depende, em parte, desta possibilidade de se repetir "o lugar" (o papel daí decorrente) que cada um ocupou na sua fratria de origem. Uma das representantes desta corrente, DeFranck-Lynch (1985/1986: 13) descreve da seguinte maneira este pressuposto:

"No momento de mudar de família reproduzimos, na nossa própria vida, as estruturas e as hierarquias decalcadas da nossa experiência pessoal na fratria de origem. (...) Encontrar um parceiro cujo lugar original permite a repetição da nossa própria experiência na nova hierarquia familiar permite diminuir ao máximo as tensões próprias da vida conjugal.

Assim, um rapaz mais velho que aprendeu a comandar a sua jovem irmã tende a entender-se melhor com uma mulher que já tenha vivido esta situação e que aceitará, pois, mais facilmente, este modelo".

Alguns autores, ao testarem esta parte da teoria tomaniana, têm encontrado evidências de que a complementaridade dos papéis fraternais dos dois parceiros (heterossexuais) está positivamente correlacionada com o seu ajustamento conjugal (Handy, 1968) ou com uma menor conflitualidade entre díades do mesmo sexo (Scheidt & Smith, 1974, 1976).

Mas outros não, como foi o caso de Birtchnell & Mayhew (1977). Estes autores, entre outras divergências relativamente ao estudo de Toman,

averiguaram o desajustamento do casal através de uma questão do tipo: "considera que o seu casamento foi um sucesso, um relativo sucesso ou um insucesso?". Mas como os próprios autores reconheceram, a auto-percepção pode ser um "método pouco satisfatório" para avaliar o sucesso marital (*ibidem*: 21). Contrariamente, como vimos, Toman considerou o divórcio como o critério para avaliar o fracasso do casamento.

Na teoria tomaniana, a complementaridade das posições fraternais dos pais é, ainda, importante para avaliar a posição fraternal dos filhos. Como vimos acima, o autor constatou que os perfis das principais posições fraternais só se aplicavam, tal qual, mediante determinadas condições, entre elas, a existência de uma "compatibilidade" entre as posições fraternais do casal (ver condição 1). Nessa compatibilidade estavam os pais cuja relação entre as suas posições fraternais eram do tipo 1a, 1b, 2a e 2b e, nalguns casos, os casais de tipo 3a (Quadro 3). Como veremos na terceira parte deste trabalho, no estudo que fizemos sobre o modelo tomaniano iremos atender a esta condição para estudarmos a posição fraternal dos nossos sujeitos.

Finalmente, as posições fraternais dos pais determinam, também, a forma como estes se relacionam com os filhos. Para Toman, os pais, para lidarem com os filhos, podem até adquirir algumas competências através dos livros. Mas, mais importante do que isso, é o *savoir-faire* que eles aprenderam enquanto filhos e enquanto membros de uma fratria, nas suas famílias de origem. E é a esses dois tipos de experiências anteriores que os pais fazem apelo para lidarem com os seus próprios filhos.

Isto é: por um lado, devido a uma forte identificação do que é ser pai/mãe, os filhos, uma vez tornados eles próprios pais, vão poder adoptar atitudes e aspectos similares *vis-à-vis* dos seus filhos; por outro lado, a experiência da própria posição fraternal, a julgar pelo teorema da duplicação, vai influenciar também o tipo de relações que os pais estabelecem com os filhos. De uma maneira geral, pode dizer-se que, se os pais tentam compreender o que um dos seus filhos sente e se se identificam com a situação em que este se encontra, psicologicamente (e logicamente) têm mais possibilidades de terem êxito com aquele que na fratria ocupa a mesma posição fraternal que a deles. E se os pais mostram preferência por um dos filhos, é provável que seja por aquele com quem mais se identificam. Mas a identificação é recíproca. Os filhos identificam-se também mais facilmente com o pai que ocupa a mesma posição fraternal que a deles.

Os pais estabelecem, também, relações de interacção com os filhos, sendo estas tanto melhores quanto mais complementares forem as posições

fraternais entre eles. Assim, os pais podem preferir interagir com o filho cuja posição fraternal é idêntica ou similar à de um membro das suas fratrias de origem.

Mas, basicamente, sobre as relações entre pais e filhos, a regra geral a reter é a seguinte: os pais estabelecem relações de identificação com os filhos do mesmo sexo e relações de interacção com os filhos de sexo oposto. Uma mesma posição fraternal entre pai e filho do mesmo sexo facilita o processo de identificação, posições fraternais complementares facilitam a interacção entre pais e filhos de sexo oposto.

Para averiguarmos qual a posição fraternal das pessoas temos de, necessariamente, conhecer as perdas que ela poderá ter sofrido, pelo menos durante os primeiros anos de vida. As perdas são também importantes, na teoria tomaniana, para conhecermos se os perfis se aplicam tal qual o autor os definiu (lembramos como para além da condição das posições dos pais terem de ser compatíveis, os filhos e os pais não poderiam ter sofrido perdas antes dos dezasseis anos). Sobre o que o autor disse sobre as perdas é o que nos prenderá no próximo ponto.

AS PERDAS

Na teoria das constelações familiares de Toman, as perdas ocupam um lugar de destaque: a posição fraternal pode mudar depois da morte de um irmão ou de um dos pais, ou devido a diversos factores, tais como, doença, incapacidade crónica, deficiências constitucionais²⁵⁸. Para além de definir os vários tipos de perdas, Toman elaborou, também, os critérios para avaliar o grau de gravidade dessas mesmas perdas.

Nos vários tipos de perdas, Toman distingue as perdas permanentes das temporárias e, dentro destas últimas, as parciais temporais (ausência temporária do pai por emigração, viagem prolongada, prisão, missão militar, etc.) das parciais qualitativas (perda de confiança numa mãe boa, sóbria, etc.).

²⁵⁸ Um bom resumo sobre este assunto pode ler-se em Toman (1976).

Segundo o autor, as perdas permanentes são fatalmente objectivas e, por isso mesmo, facilmente avaliáveis. Já as temporárias nem sempre é possível conhecê-las e, muito menos, estudar o seu impacto nos sujeitos que as sofreram. Elas tendem a ser menos traumáticas do que as perdas permanentes e, geralmente, as perdas qualitativas revelam-se apenas em avaliações individuais ou psicoterapêuticas (Toman, 1988).

As "regras" que regulam as perdas estabelecem que elas são tanto mais severas quanto (Toman, 1993: 41-42):

- a) mais recentemente ocorreram;
- b) mais precocemente ocorreram na vida de um membro da família;
- c) mais velha for a pessoa desaparecida (em relação ao membro mais velho da família);
- d) mais tempo a pessoa coabitou com a pessoa desaparecida;
- e) mais pequena é a família;
- f) maior é o desequilíbrio de sexos resultante da perda;
- g) mais tempo a família leva a encontrar um substituto para a pessoa desaparecida (no caso das perdas temporárias esta regra deve ler-se: o tempo que a pessoa ausente demora a voltar);
- h) maior for o número e a gravidade das perdas anteriores.

A regra a) não oferece dúvidas: mais a perda é recente mais o sujeito está a viver, ainda, o período de luto consequente.

Na regra b) Toman estabeleceu, concretamente, que as perdas acontecidas nos primeiros anos de vida são mais graves do que aquelas que aconteceram entre a segunda infância e a puberdade (entre os sete e os quinze anos de idade)²⁵⁹. Depois dessa idade, e em circunstâncias normais, a perda de um membro da família pode não ter consequências psicopatológicas (Toman,

²⁵⁹ Numa comunicação pessoal, de 17 de Fevereiro de 1998, o autor esclareceu-nos que "os três períodos de vida, «até aos seis anos», «dos sete aos quinze» e «depois», foram pensados para ajudar os sujeitos quando eles não conheciam, com precisão, a idade em que a mesma tinha acontecido".

1995c), nem alterar a posição fraternal: quanto mais velho for o indivíduo que sofreu a perda menos a mudança de posição é evidente. Nos sujeitos mais novos a posição original conserva-se de forma latente. O papel desempenhado anteriormente não é completamente apagado pelo novo, pelo que é importante comparar a duração do primeiro com a duração do segundo.

As regras c) e d) recordam-nos que a perda de irmãos é menos traumática do que a perda dos pais, que a perda de um irmão mais novo é menos traumática do que a perda de um irmão mais velho (Toman, 1988) – dado que o tempo que se viveu com os pais ou com os irmãos mais velhos corresponde, até à perda, a toda a nossa existência, enquanto que com os irmãos mais novos se viveu, apenas, durante o tempo da existência destes.

Pelas regras e) e f) institui-se a contingência das perdas. Elas são mais ou menos importantes consoante a constelação familiar em que acontecem. No caso das famílias pequenas a falta de um membro torna-se mais grave por serem mais estreitos os laços que unem os seus membros e, por outro lado, por ser mais complicado que um dos membros assuma o papel familiar que o membro desaparecido desempenhava na família.

Concluindo, diremos que os efeitos das perdas podem ser diversos. Para além da dor e infelicidade que provocam podem ser responsáveis por atrasos no desenvolvimento e, até, pelo desencadear de sintomatologia psicopatológica. Obrigam a reajustamentos na constelação familiar e podem dificultar o ajustamento social futuro dos membros da família. Toman observou que as pessoas que tinham sofrido perdas mostravam mais ansiedade e insegurança na escolha dos amigos e parceiros sexuais, tinham tendência para escolherem pessoas que as podiam, facilmente, deixar (ou que elas, por sua vez, podiam também facilmente deixar) e tinham, igualmente, tendência para escolher pessoas que tinham, elas próprias,

sofrido perdas²⁶⁰. Os dados empíricos que recolheu demonstravam, também, que as pessoas com perdas de membros da família (sobretudo, pais), casavam mais tarde, tinham menos filhos e divorciavam-se mais do que a população geral (Toman, 1970). Nos grupos de neuróticos e jovens delinquentes estudados por Toman (1995c), as perdas precoces de membros da família eram, respectivamente, duas e quatro vezes mais frequentes do que no resto da população²⁶¹.

Tendo sobretudo em conta que as perdas podem provocar mudanças na posição fraternal dos indivíduos (e, conseqüentemente, na sua personalidade), nos estudos empíricos, e concretamente no estudo sobre a teoria tomaniana, será uma das importantes variáveis que investigaremos.

COMENTÁRIO CRÍTICO SOBRE A TEORIA TOMANIANA

A teoria de Walter Toman sobre as constelações familiares fraternais é uma das mais consistentes e abrangentes dentro do vasto campo de estudos que têm sido feitos sobre a influência da fratria na personalidade individual.

Consistente porque se foi construindo ao longo de dezenas de anos e sobre uma base metodológica diversa: a partir de dados recolhidos,

²⁶⁰ A escolha do parceiro é, em grande parte, feita de forma inconsciente. Sentimo-nos atraídos, ou apaixonamo-nos por alguém que é basicamente "*como nós*, num sentido psicológico" (Skynner & Cleese, 1983/1990: 18). Isto pode ser demonstrado através do "Exercício dos Sistemas Familiares", como explica o psicoterapeuta Robin Skynner ao humorista/actor John Cleese: num grupo recém-formado, os participantes são convidados a escolherem "outra pessoa do grupo que lhes faça lembrar alguém da sua família, ou em alternativa, alguém que lhes dê a sensação de preencher um «vazio» na sua família. (...) não lhes é de maneira nenhuma permitido falar enquanto estão a escolher" (*idem, ibidem*: 19). No final do exercício, os sujeitos conversam acerca dos antecedentes familiares que os levaram a fazer as suas escolhas e o resultado é este: as pessoas escolhem-se mutuamente em função das semelhanças entre as suas famílias de origem (*idem, ibidem*: 20). Aqueles que não foram escolhidos e que ficaram no grupo dos "excluídos", verificaram que todos eles provinham de famílias que "tinham sofrido uma grande perda ou mudanças semelhantes quando eles tinham aproximadamente a mesma idade" (*idem, ibidem*).

²⁶¹ Ver, sobretudo, os dados publicados em Toman & Preiser (1973).

longitudinalmente, em contextos clínicos (centros de aconselhamento psicológico e clínicas psiquiátricas – em Viena e Boston), através de estudos de casos (círculo de amigos e colaboradores do autor) e, posteriormente, em verificações de tipo experimental, com largas amostras de famílias assintomáticas suíças e alemãs.

Abrangente, porque ela não é, apenas, uma teoria sobre a ordem de nascimento – ela descreve os perfis de base das principais posições fraternais, mas estabelece também, para os sujeitos das fratrias múltiplas, as "regras" que regulamentam a escolha preferencial por um dos papéis fraternais, entre os vários possíveis que esses sujeitos podem ter, levando em linha de conta todos os descritores do *status* fraterno: ordem de nascimento, sexo, diferença de idades e tamanho da fratria (vimos como a maior parte dos autores faz referência, apenas, à ordem de nascimento). Há que sublinhar, novamente, que os perfis são, apenas, um dos aspectos que decorreram, naturalmente, da formulação da sua Teoria das Constelações Familiares e, como qualquer tipologia, dá-nos um "parâmetro de leitura" (Miermont *et al.*, 1987/1994: 555), embora incorra nos perigos "de uma certa rigidez, normalização e determinismo" (Relvas, 1996: 106). Apesar de tudo, ela têm recebido elogios como o de Kerr (1981: 250) no *Handbook of Family Therapy*:

"Os perfis de Toman, das dez diferentes posições fraternais, são fascinantes e assombrosamente perfeitos".

Mas, sobretudo, ela é abrangente porque faz uma leitura sistémico-dinâmica das posições fraternais (e é este o principal mérito desta teoria), ao descrever a influência dos papéis fraternais dos pais na própria relação entre o casal e na relação deste com os filhos, bem como o efeito das perdas acontecidas precocemente na família alargada (as sofridas pelos pais e pelos filhos). Para além de considerar a necessidade de, pelo menos, se ter de ir até à análise da terceira geração, a teoria tomaniana prevê, ainda, o efeito dos factores individuais (como as doenças e a morfologia da face, por exemplo) e, também, os sociais (como os aspectos culturais, religiosos, etc.) – que podem, igualmente, fazer modificar as posições fraternais *naturais*.

Não é uma teoria que pretenda ser global – ela explica, apenas, a "parte" da personalidade devida ao facto de um indivíduo desempenhar, na família, um

determinado papel que corresponde, muitas vezes, ao papel que lhe é dado pela sua posição na fratria (ou na ausência desta, como é o caso dos filhos únicos). E prevê "uma duplicação" desses modos relacionais aprendidos precocemente na família de origem para os contextos extra-familiares e familiares futuros, expressos no modo de se relacionar com os colegas da escola e do trabalho, na escolha do parceiro, na relação com este e com os filhos... O autor tem o cuidado de sublinhar, repetidamente, que a constelação familiar não é tudo: é, apenas, um dos aspectos mais objectivos – que facilmente pode ser observado e descrito – e é daí que vem a sua importância.

Assim, com este pequeno conjunto de dados objectivos é possível fazer um diagnóstico e até um prognóstico dos comportamentos sociais dos indivíduos. Neste sentido, pode ser utilizada como uma ferramenta vantajosa nos contextos clínicos (ver, a este propósito, o livro de Toman: *Family Therapy & Sibling Position*, 1979/1995a)²⁶². Acerca deste livro, e também como apreciação global da obra de Toman, Paul Watzlawick²⁶³ disse:

"A posição fraternal e os seus efeitos sobre a escolha do parceiro e sobre o desenvolvimento e dinâmica de uma família é um ponto verdadeiramente negligenciado na terapia familiar. Walter Toman pode ser considerado um, senão o maior perito no estudo deste factor decisivo do funcionamento humano. Este livro não só representa um sumário das suas proeminentes contribuições para a nossa área, mas mostra que a importância desta perspectiva não se limita aos modelos e técnicas tradicionais das intervenções psicoterapêuticas" [o sublinhado é nosso].

No mesmo lugar, James L. Framo diz:

²⁶² Sabemos que existem muitos terapeutas que o fazem, com assinalável êxito: é o caso do psicólogo Claudio Gerbino (tradutor e editor de Toman em Itália) e seus colaboradores, no Centro Koinè, em Roma.

²⁶³ In contracapa de Toman (1979/1995a).

"[Este livro] é um tratado maravilhosamente perspicaz sobre a dinâmica da vida familiar. O Professor Toman apresenta um relato muito humano do desenvolvimento familiar ao longo do ciclo de vida, assim como as suas disrupções e aberrações... Toman foi o primeiro a chamar a atenção para o poder da posição fraternal como uma força organizadora das relações humanas, particularmente das conjugais".

Na última edição de *Family Constellation*, o autor colige alguns estudos mais significativos que confirmam e infirmam a sua teoria. Estes resultados contraditórios devem-se, essencialmente, como o próprio Toman reconhece, à dificuldade de comprovar grande parte da sua teoria utilizando métodos estatísticos²⁶⁴.

Para exemplificarmos a dificuldade em efectuar uma verificação *experimental* da teoria tomaniana vejamos uma investigação que, apesar de tudo, até a corroborou, em parte. Croake & Olson (1977), ao testarem a teoria de Toman, encontraram alguma evidência para as diferenças entre os rapazes mais velhos: significativamente, os mais velhos de rapazes obtiveram resultados mais elevados do que os mais velhos de rapazes e raparigas, em quase todas as escalas do MMPI, isto é, os primeiros eram mais desajustados do que os segundos. Embora estes investigadores reconheçam que as descrições de personalidade dos perfis tomanianos são, só ligeiramente, similares às características medidas pelo MMPI, as diferenças obtidas entre as várias posições levou-os a considerarem importante "prosseguir na investigação de métodos para identificar os padrões da personalidade" de cada uma das posições fraternais definidas por Toman.

Ou seja: como vemos por esta investigação, no que diz respeito aos perfis de personalidade estipulados por Toman para cada uma das principais posições fraternais, pode, quando muito, avaliar-se, e apenas por aproximação, alguns aspectos descritos nesses perfis. Nenhum teste de personalidade mede, pelo menos de modo idêntico, as características desses perfis. Pode-se sempre, é claro, e foi o que fizemos na nossa investigação, tentar perceber se as diversas posições fraternais definidas por Toman se distinguem entre si, em

²⁶⁴ Grande parte porque, alguns aspectos da teoria de Toman podem ser (e foram-no) testados estatisticamente. Por exemplo, e como vimos acima: se a complementaridade das posições fraternais dos membros de um casal conduz a relações mais duradoiras no tempo.

todas ou nalgumas facetas da personalidade, independentemente do teste que se utilize para o efeito.

Teríamos de considerar uma limitação desta teoria – a de prestar-se pouco a verificações de tipo experimental – se não partilhássemos da seguinte ideia tomaniana sobre a validade e verdade dos métodos estatísticos:

"o nível estatístico dos dados não é, *per se*, indicativo da sua significação científica ou da sua importância prática. Pode considerar-se uma vantagem o ter de lidar com o que se designa, normalmente, por *simple data*. Eles não foram distorcidos pelos investigadores como o são, por exemplo, na construção de uma escala" (Toman, 1993: 264).

Sobre a sua teoria, talvez Toman pudesse subscrever estas palavras que Freud proferiu em 1917, na conferência intitulada *Psicanálise e Psiquiatria*:

"não devem, de modo algum, supor que aquilo que lhes apresento como conceito psicanalítico seja um sistema especulativo. Pelo contrário, é empírico – seja uma expressão directa das observações, seja um processo consistente em trabalhá-las exaustivamente. Se esse trabalho exaustivo foi executado de uma maneira adequada e fundamentada, isto se verá no decorrer de futuros progressos da ciência" (Freud, 1917/1976d: 290).

Murray Bowen (1986)²⁶⁵ parece não ter dúvidas sobre a *validade* da teoria tomaniana, hoje e sempre:

"as suas «posições fraternais» e os factos que elas revelam restarão, para sempre, plenos de actualidade. Eles brilharão sobre os séculos que hão-de vir, tanto como sobre o nosso".

²⁶⁵ Cf. Prefácio a Toman (1976/1987).

8. SÍNTESE

Ao longo desta segunda parte apresentámos as principais características de personalidade que têm sido apontadas relativamente às várias posições fraternais. No primeiro dos três capítulos que a compõem descrevemos a *personalidade* dos filhos únicos, dos mais velhos, dos do meio e dos mais novos. Nos restantes dois capítulos analisámos, com uma certa profundidade, as teorias *fraternais* de Sulloway e de Toman, respectivamente. No essencial, dissemos que:

1. os filhos únicos, por serem primogénitos, são, quase sempre, bem recebidos pelos pais. A exclusividade da atenção e do amor parental de que usufruem pode, por um lado, ser-lhes benéfica (possibilitar-lhes-ia, nomeadamente, uma elevada auto-estima e um bom desenvolvimento cognitivo), mas, por outro lado, pode dificultar-lhes o processo de separação-individação. Mas, mais unanimemente, considera-se que a ausência de fratria lhes inibe o exercício de competências relacionais várias, como a competição, a cooperação, a negociação, a expressão e reconhecimento dos sentimentos dos outros, etc..

2. os mais velhos, tal como os únicos, são primogénitos e, do mesmo modo, nos primeiros tempos de vida, são os *reis* da casa. Se durante boa parte da infância usufruírem dessa exclusividade parental podem, por isso, comungar com os únicos de algumas características de personalidade daí derivadas. Diferentemente dos únicos são, posteriormente, mais tarde ou mais cedo, destronados por um irmão (ou por vários, se os segundos forem gémeos...). Mas apesar de terem de rebaixar um pouco o seu pedestal continuam, pelo facto de serem mais fortes (física, afectiva e cognitivamente) do que os irmãos, a disfrutar de um elevado poder na família. Poder que, também, lhes é delegado pelos pais que os responsabilizam pelo cuidar e ensinar dos mais novos. Por todas estas razões, os mais velhos podem tornar-se mais dominantes e pró-sociais do que os mais novos ou os do meio. E, também,

mais conservadores, dada a proximidade que tiveram e mantêm com as *figuras* parentais.

3. a posição fraternal mais indefinida é a do meio. Em geral, estas crianças têm de *ganhar* o seu lugar na fratria. Mas nem sempre: se elas forem as únicas do seu sexo no grupo dos irmãos podem ter, pois, um papel fraternal bem delimitado (esta é, aliás, a posição fraternal que parece depender mais de todos os descritores do *status* fraterno, como o sexo, o tamanho da fratria e a diferença de idades). Na busca pela identidade, os do meio podem contra-identificar-se com um dos irmãos e identificar-se com outro. Como servem (pelo menos em parte) de objecto identificatório do(s) mais novo(s), a tendência é a de se aproximarem mais deste(s) do que do(s) irmão(s) mais velho(s). Porque é naquela relação de mestre-discípulo que eles podem sentir-se *alguém*. Se conseguirem realizar esse desejo, de *criarem* alguém semelhante a eles, podem sentir-se bem na sua pele. No inverso, se falharem essa conquista da identidade, podem tornar-se demasiado dependentes dos irmãos e desenvolverem um acentuado sentimento de abandono (de não pertencerem àquele grupo). Sentimento esse que compensariam com uma marcada distanciação – pois que, como diria Klein (1959), muitas vezes, a necessidade de independência não é mais do que uma defesa contra a solidão. O desempenho de múltiplos papéis na fratria pode torná-las mais versáteis, sociáveis e boas negociadoras do que as demais crianças.

4. por serem os últimos da fratria, os benjamins ficam, muitas vezes, para sempre, como o bebé da família (o que convém aos pais, para lhes servirem de amparo na velhice, e aos irmãos: que se libertariam dessa responsabilidade). São, então, geralmente, muito mimados por todos, o que pode trazer-lhes dificuldades no processo de separação-indivuação. Como detêm pouco poder na fratria, tal como os do meio, podem tornar-se competitivos, cooperantes, sociáveis e simpáticos. Mas como não podem ter, como os do meio, nenhuma relação mestre-discípulo, seriam quase sempre impelidos a contra-identificar-se com o(s) irmão(s). O que pode ser positivo, porque os leva a procurarem vias criativas e menos convencionais para o seu desenvolvimento.

5. a teoria de Frank J. Sulloway é uma teoria sobre a ordem de nascimento. O autor estudou uma amostra de cientistas dos últimos cinco séculos tendo constatado que os cientistas primogénitos eram mais conservadores do que os não-primogénitos. Ao verificar que essa tendência era ainda mais pronunciada entre irmãos cientistas, concluiu que a ordem de nascimento era uma característica familiar fundamental na determinação da rebeldia. Depois extrapolou que ela seria determinante em quase todos os aspectos da personalidade. Mas em relação às outras facetas da personalidade, Sulloway apenas infere, a partir da revisão da literatura e da análise estatística crítica de alguns estudos, quais os resultados prováveis para cada uma das duas ordens de nascimento. É, portanto, *a priori*, uma teoria *fraternal* bastante simplista.

6. a teoria das constelações familiares de Walter Toman é, muito provavelmente, a teoria mais completa sobre as posições fraternais. Tomando toda a família como núcleo de análise, embora centralizando-se apenas nas posições fraternais dos seus membros, o autor tenta explicar as principais aprendizagens relacionais que decorrem do lugar único que cada um aí ocupa e que depois tenderá a repetir nos contextos extra-familiares. Na determinação da posição fraternal dos filhos concebe, entre os factores principais, a influência das posições fraternais dos pais e a das perdas acontecidas na família. Lê as várias posições fraternais tendo em conta toda a configuração da fratria: as ordens de nascimento, os sexos, as diferenças de idades e o número de irmãos. Apresenta algumas regras para a leitura das fratrias grandes (onde os sujeitos podem ter várias posições fraternais) e, relativamente aos filhos únicos e aos mais velhos e mais novos de irmãos de um só sexo, indica quais os comportamentos típicos dessas posições.

É, fundamentalmente, com base na teoria tomaniana que procurámos desenvolver a nossa investigação cujos resultados apresentaremos e discutiremos de seguida, após termos introduzido o leitor nos objectivos e metodologia do nosso estudo de campo.

TERCEIRA PARTE

UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE FRATRIA E PERSONALIDADE

9. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Ao longo das duas primeiras partes deste trabalho passámos em revista os principais estudos sobre a fratria. Das investigações sobre fratria e personalidade, descritas na segunda parte, destacámos as de Walter Toman e Frank J. Sulloway. As questões e as hipóteses que investigámos decorreram, naturalmente, da revisão bibliográfica que fizemos, mas tiveram origem, sobretudo, nos modelos destes dois investigadores.

Nesta terceira parte apresentaremos e discutiremos a investigação empírica que realizámos. Neste primeiro capítulo (capítulo 9) descreveremos, respectivamente, o objectivo e a metodologia geral, os instrumentos, a amostra e os procedimentos estatísticos e hipóteses específicas dos três principais estudos que efectuámos no âmbito desta investigação.

OBJECTIVO E METODOLOGIA GERAL

Tendo em conta, então, o cerne de toda a problemática enunciada anteriormente, a questão central desta investigação empírica pode formular-se do seguinte modo: verificar se às diversas posições fraternais corresponde um determinado perfil de personalidade (ou se existem diferenças significativas, pelo menos, nalgumas características).

Assim, com o objectivo de estudarmos esta questão, realizámos três estudos empíricos fundamentais. Em primeiro lugar, num estudo que designaremos como *estudo geral sobre fratria e personalidade* (ou, simplesmente, estudo

Geral) analisámos todas as variáveis sócio-biográficas dos sujeitos (as que medimos, obviamente) e tentámos apurar, especificamente, se a posição fraternal é uma característica individual que contribui para a variação da personalidade.

Na senda de Walter Toman, cientes de que só em circunstâncias de vida idêntica os sujeitos de uma mesma posição fraternal poderão revelar um perfil de personalidade semelhante, averiguámos até que ponto o modelo apresentado por este autor pode ser *experimentalmente* demonstrado. Um segundo estudo será, pois, o *estudo sobre o modelo de Toman* (estudo de Toman).

Por último, fizemos um *estudo sobre o modelo de Sulloway* (estudo de Sulloway). Relativamente às "hipóteses teóricas" propostas por este autor tentámos verificar até que ponto elas têm uma evidência estatisticamente significativa.

Os resultados destes três estudos serão sintetizados e discutidos conjuntamente no capítulo 11.

Para além destes três estudos principais estudámos ainda algumas questões avulsas relativas à fratria, designadas globalmente como *questões pontuais sobre a fratria*, cujos resultados e discussão das mesmas apresentaremos no capítulo 10.

Sobre as hipóteses específicas e o modelo de cada estudo debruçar-nos-emos mais adiante. Antes, porém, conheçamos os instrumentos e a amostra que serviu de base a toda a investigação.

OS INSTRUMENTOS

Com o intuito de medirmos as condições sócio-biográficas e a personalidade dos sujeitos (estudantes solteiros do ensino superior) administrámos, de Outubro a Dezembro de 1998, dois instrumentos, a saber: um questionário sócio-biográfico (o QSB) e um teste de personalidade (o NEO PI-R).

Os dois instrumentos foram distribuídos agraphados, primeiro o QSB e depois o NEO PI-R. Na primeira folha do caderno, assim formado, davam-se as instruções gerais de preenchimento e motivavam-se os sujeitos para a tarefa

prometendo-lhes, concretamente, o envio do resultado do teste de personalidade e/ou de um certificado de participação, desde que (num espaço apropriado para o efeito) nos deixassem a respectiva morada. Este procedimento permitiu-nos obter uma percentagem de retorno acima dos 60%. O interesse por conhecer o resultado do teste de personalidade fica demonstrado pelos números seguintes: apenas 57 dos 1142 sujeitos da amostra não deixou morada, 6.7% dos homens e 3.8% das mulheres.

O QSB é um questionário que construímos baseando-nos no *Social Environment Questionnaire* (SEQ) de Toman. Inicialmente, durante os anos 50 e 60, o SEQ de Toman (como o autor nos explicou, em carta pessoal datada de 17 de Fevereiro de 1998) tinha seis páginas. Devido a uma certa relutância de clientes e clínicos a preencherem um questionário tão longo, este foi sendo sucessivamente encurtado até à actual versão de duas páginas (ver Toman, 1993: 283-284). Tal qual está, o SEQ contém a informação mínima indispensável sobre a estrutura familiar, como nos confidenciou o autor nessa mesma missiva. Mas, para nós, não era suficientemente abrangente para o levantamento de todas as variáveis que pretendíamos estudar. Por isso, procedemos a algumas alterações e acrescentámos outras questões, necessárias aos propósitos da nossa investigação. O QSB ficou, assim, com um total de vinte e uma questões que, basicamente, inquiram o sujeito sobre a sua condição (sexo, raça, religião, nacionalidade, curso que frequenta, actividade profissional, orientação política, idade, mudanças de escola e residência, doenças e hospitalizações, número de filhos) e sobre a sua própria história familiar (posição na fratria, vivência, no passado, com os pais e/ou substitutos e com os irmãos, agregado familiar actual); sobre a condição dos seus pais (e/ou substitutos) e a dos seus irmãos (número, idades, sexos, profissões, doenças ou deficiências), bem como sobre a posição fraternal destes e as perdas sofridas. *Grosso modo*, pode considerar-se o QSB como uma espécie de questionário anamnésico que serviu o objectivo principal da investigadora que era o de perceber/reconstruir a constelação familiar na qual o sujeito viveu, desde que nasceu até agora. Estas características dos sujeitos foram organizadas e categorizadas conforme pode ser visto em anexo.

O NEO PI-R (*NEO Personality Inventory – Revised*)²⁶⁶, de Paul Costa e Robert McCrae, é um inventário de personalidade para adultos que operacionaliza um modelo sobre a estrutura da personalidade – o modelo dos cinco principais factores, ou das cinco dimensões básicas. O modelo dos cinco grandes factores é uma organização hierárquica e abrangente da estrutura dos traços da personalidade (Lima & Simões, 1998). Estes podem ser definidos, segundo Lima (1997: 66):

"como tendências gerais, dimensões das diferenças individuais, padrões consistentes, disposições cognitivo-dinâmicas, estilos emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais que são inferidos, a partir das regularidades do comportamento e hierarquizáveis".

Isto é, só "quando a emoção, a atitude, ou o estilo de relação persistem, apesar das mudanças circunstanciais, é que inferimos que estamos em presença de um traço" (*idem, ibidem*: 25). Neste sentido, os traços não são muito preditivos do comportamento numa situação particular, mas, como refere Epstein (1979), podem sê-lo (e são-no) dos padrões de comportamento ao longo de uma série de situações apropriadas²⁶⁷.

²⁶⁶ No essencial, o presente resumo sobre o NEO PI-R foi elaborado a partir da dissertação de doutoramento de Margarida Pedroso de Lima. Um dos objectivos principais desse trabalho foi o de aferir, para a população portuguesa, o referido teste. A aferição deste inventário de personalidade veio, como a investigadora refere, "colmatar uma das carências no domínio da avaliação, ou seja, a inexistência de um instrumento de avaliação da personalidade para a idade adulta, actual e adaptado, especificamente, para a população portuguesa" (Lima, 1997: 7). Os leitores que pretenderem um mais amplo conhecimento do referido teste e, especificamente, dos aspectos relativos à aferição do mesmo para a população portuguesa devem, pois, consultar a obra de Lima (1997), os artigos de Lima & Simões (1995, 1997, 1998) e o *Manual Profissional do NEO PI-R*, com as normas portuguesas, de Lima & Simões (2000).

²⁶⁷ Epstein, 1979 *cit. in* Furman & Lanthier (1996). "A versão do modelo proposto (...) embora defendendo a constância da personalidade dos adultos e idosos saudáveis refere que as alterações qualitativas na personalidade seriam, no entanto, possíveis através de psicoterapias longas e profundas" (Lima, 1997: 65).

Os cinco factores são o Neuroticismo (N), a Extroversão (E), a Abertura à Experiência (O de *Openness to Experience*), a Amabilidade (A) e a Conscienciosidade (C). O significado de cada um destes factores é-nos explicado em Lima & Simões (1998: 21-22):

"A dimensão Neuroticismo vs Estabilidade Emocional traduz a presença e efeitos da afectividade ou emotividade negativa (...). A Extroversão/Introversão relaciona-se com a sociabilidade e a energia ou entusiasmo. A dimensão Amabilidade refere-se à dimensão que parece envolver os aspectos mais humanos da humanidade – características como o altruísmo, carinho e apoio emocional (...), num dos pólos, e hostilidade, indiferença pelos outros, autocentração, desdém e ciúmes, no outro. A Conscienciosidade está relacionada com a aquisição escolar, o sentido do dever, o grau de organização, persistência e motivação para levar a cabo uma determinada tarefa. (...) A última dimensão tem sido interpretada como Intelecto (...), Inteligência (...). Apesar desta dimensão mostrar correlações com medidas de aptidão intelectual, sobretudo com o pensamento divergente (...), os autores [que criaram o NEO PI-R] consideram que a inteligência, psicometricamente avaliada, representa um factor diferente. Daí, a opção por O [de *Openness to Experience*] e não por «*Intellectance*» (...), como rótulo para esta dimensão".

Ou, mais simplesmente, como refere Piedmont & Chae (1997), a dimensão do Neuroticismo é a tendência para experimentar afectos negativos, como a ansiedade, a depressão e a hostilidade; a Extroversão é a quantidade e a intensidade da interacção interpessoal; a Abertura à Experiência é a busca activa e apreciação de novas experiências; a Amabilidade é a qualidade das interacções interpessoais num *continuum* desde a compaixão ao antagonismo; e, finalmente, a Conscienciosidade é a quantidade da persistência, organização e motivação no comportamento orientado para um objectivo.

Para Lima & Simões (2000), podemos ainda sintetizar o significado destes cinco factores através das seguintes dicotomias: Neuroticismo (calmo- - ansioso e seguro-inseguro); Extroversão (retraído-sociável e cauteloso- -

aventureiro); Abertura à Experiência (convencional-original); Amabilidade (antagonista-generoso); Conscienciosidade (irresponsável-responsável e desorganizado-organizado).

Cada um dos cinco grandes factores (ou domínios) é constituído por seis facetas, como é ilustrado no Quadro 5.

Quadro 5: domínios e respectivas facetas avaliadas pelo NEO PI-R (Lima, 1997: 172)

DOMÍNIOS	FACETAS
Neuroticismo (N)	N1 – ansiedade N2 – hostilidade N3 – depressão N4 – auto-consciência N5 – impulsividade N6 – vulnerabilidade
Extroversão (E)	E1 – acolhimento caloroso E2 – gregariedade E3 – assertividade E4 – actividade E5 – procura de excitação E6 – emoções positivas
Abertura à Experiência (O)	O1 – fantasia O2 – estética O3 – sentimentos O4 – acções O5 – ideias O6 – valores
Amabilidade (A)	A1 – confiança A2 – rectidão A3 – altruísmo A4 – complacência A5 – modéstia

	A6 – sensibilidade
Conscienciosidade (C)	C1 – competência
	C2 – ordem
	C3 – obediência ao dever
	C4 – esforço de realização
	C5 – auto-disciplina
	C6 – deliberação

O NEO PI-R proporciona, então, uma avaliação sistemática dos estilos emocional, interpessoal, experiencial e motivacional da personalidade.

Aplica-se a adolescentes e adultos (a partir dos 17 anos de idade) que não sofram de perturbações susceptíveis de afectar a sua capacidade para completar medidas de auto-avaliação de forma fiel e válida (exemplo: psicoses, demências, etc.) (Lima & Simões, 1995), individualmente ou em grupo. Demora 40 a 50 minutos, em média, a ser preenchido.

Contém duzentas e quarenta afirmações/itens, sendo cada uma delas pontuada numa escala de cinco valores: *Discordo Fortemente*, *Discordo*, *Neutro*, *Concordo* e *Concordo Fortemente*. Cada faceta é avaliada através de oito itens (a soma destes dá-nos, portanto, a pontuação total da faceta em questão). A pontuação total de cada domínio obtém-se somando os resultados das suas respectivas seis facetas (ou seja, cada domínio é avaliado através de quarenta e oito itens).

Para além dos duzentos e quarenta itens existem três itens (A, B e C – *validity checks*) que proporcionam uma confirmação da validade das respostas e ajudam a verificar se os sujeitos responderam com precisão e na totalidade a todas as questões. Respostas negativas em qualquer um destes três itens, ou em todos, invalidam o teste. Também não deve ser cotado se faltarem 41 ou mais respostas.

Os testes nos quais se verifica o efeito da aquiescência (cento e cinquenta, ou mais, respostas com *Concordo* ou *Concordo Fortemente*) ou o da discordância (cento e cinquenta, ou mais, respostas com *Discordo* ou *Discordo Fortemente*) devem ser interpretados com cuidado.

Este questionário está disponível em duas versões paralelas (a Forma S e a Forma R). Tanto uma como outra exigem que o sujeito examinado tenha um domínio médio de leitura (ou seja, pelo menos seis anos de escolaridade). A

Forma S, foi desenhada para ser auto-preenchida (foi esta versão que utilizámos na nossa investigação); a Forma R, destina-se a ser preenchida por uma terceira pessoa (colega, cônjuge, ou pelo próprio especialista) e pode servir para validar ou complementar as auto-avaliações.

Do material deste teste fazem parte, ainda, folhas de perfil e folhas com *O seu sumário NEO PI-R*. Este último fornece uma descrição abreviada da personalidade nos cinco factores, ou seja, fornece *feed-back* e *insight* a sujeitos em contexto clínico e educativo, e funciona como estímulo para os indivíduos em contexto de investigação (Lima, 1997)²⁶⁸.

Na nossa investigação utilizámos a versão do NEO PI-R *passada* à amostra que serviu para a aferição deste instrumento para a população portuguesa. Essa versão, no entanto, aquando do tratamento estatístico dos dados, revelou uma limitação: quando realizada a análise das correlações de cada item com a sua faceta respectiva, todos os itens se correlacionavam positiva e significativamente com a mesma, à excepção de oito dos duzentos e quarenta itens (Lima, 1997). A autora admite, aí, que esses itens necessitavam de revisão e propôs-se, em investigação futura, proceder à mesma. À data do começo da nossa investigação de terreno, em Outubro de 1998, a revisão desses oito itens problemáticos ainda não tinha terminado, pelo que, a versão por nós utilizada foi a publicada por Lima em 1997.

Apesar desta limitação (que não é muito grave, como nos explicou Margarida Pedroso de Lima, em comunicação pessoal, dado que não altera substancialmente os valores das facetas em geral e de nenhuma dimensão em particular) optámos, mesmo assim, pela utilização desta versão portuguesa do NEO PI-R no nosso estudo – por se tratar do único inventário de personalidade aferido para o nosso país, mas, sobretudo, porque ele se ajustava convenientemente aos nossos propósitos de investigarmos a existência (ou não) de uma variância estatisticamente significativa das diversas posições fraternais nos principais traços da personalidade.

²⁶⁸ Como dissemos acima, na nossa investigação comprometemo-nos a devolver, a todos os sujeitos que colaborassem, o resultado do seu teste de personalidade, ou seja, *O seu sumário NEO PI-R*. Como vimos, pela percentagem de respostas obtidas e de solicitações de envio do *Sumário*, esta estratégia resulta muito bem para motivar os sujeitos neste tipo de investigações.

A AMOSTRA

Recorremos a uma amostra de sujeitos, solteiros, que frequentavam o ensino superior público e privado. A opção pelos estudantes universitários deveu-se a três ordens de razões: a primeira, de ordem metodológica e teórica, prendeu-se, por um lado, com a limitação do próprio teste de personalidade (que é destinado, como dissemos, apenas a sujeitos com 17 ou mais anos de idade) e, por outro lado, por serem os adolescentes/jovens adultos (ainda a residirem com a família de origem – por isso a opção pelos solteiros) um dos grupos etários, segundo a perspectiva de Toman (1993), a quem melhor se aplicam os perfis fraternais; a segunda, de ordem prática, prendeu-se, com a possibilidade da distribuição dos instrumentos ser feita em mais larga escala do que aquela que poderíamos fazer junto de outros grupos *profissionais* (a distribuição foi feita nas aulas); e, por último, o facto de termos optado pelos estudantes permitiu-nos, de certo modo, homogeneizar a amostra relativamente a algumas variáveis, nomeadamente, quanto ao nível de escolaridade e quanto às motivações académicas/profissionais (obtenção de um grau académico superior para o exercício de uma determinada profissão).

A amostra, que pode ser considerada como resultante de uma selecção "por acessibilidade" (Gil, 1987/1989: 97; Pomeroy, 1993²⁶⁹) ou por conveniência, foi obtida do seguinte modo: distribuição dos dois instrumentos – o QSB e o NEO PI-R – a estudantes e professores do ensino superior, amigos da investigadora, que se encarregaram de solicitar, respectivamente, aos seus colegas e alunos, o preenchimento dos mesmos. Este procedimento, talvez um pouco incomum, mas, de qualquer maneira, eficaz e, em certa medida, com um relativo grau de aleatoriedade, permitiu-nos ganhar tempo e aumentar a disponibilidade de participação dos sujeitos (por serem mais fortemente motivados pelos seus colegas ou professores – porque sendo estes nossos amigos estavam mais implicados na tarefa e, por isso, solicitavam com mais ênfase, aos seus colegas ou alunos, o preenchimento dos referidos instrumentos). Esta estratégia fez diminuir consideravelmente a percentagem de não-respostas (tão comum em investigações do género

²⁶⁹ Cit. in Canavarro (1997: 243). Entende-se por acessibilidade do investigador a utilização da sua rede de relações interpessoais, de natureza formal e informal, para aceder à amostra (*idem, ibidem*).

feitas em larga escala) e diminuiu-nos a *perda* de questionários não-preenchidos e não-devolvidos. A distribuição de dois mil conjuntos de instrumentos aos colaboradores (alunos e professores) foi feita pelo correio ou pessoalmente. As instruções foram dadas uniformemente através de uma carta elaborada para o efeito.

Os sujeitos foram *recrutados* em dezoito estabelecimentos de Ensino Superior: oito do Ensino Superior Público Universitário; quatro do Ensino Superior Público Politécnico; quatro do Ensino Superior Não Público; um da Universidade Católica Portuguesa e um da Escola Superior de Polícia.

Dos dois mil conjuntos de instrumentos que distribuímos, cerca de mil e quinhentos foram-nos devolvidos, embora algumas dezenas deles em branco e outros bastante incompletos (sobretudo o NEO PI-R de alguns sujeitos apresentava-se, apenas, com uma ou duas páginas respondidas²⁷⁰). Depois desta primeira triagem, ficámos com 1210 questionários que, apesar de alguns deles terem algumas questões do QSB não respondidas, continham aquilo que considerávamos como as informações mínimas necessárias para os podermos incluir na nossa amostra.

Depois de introduzidos os itens do NEO PI-R dos 1210 sujeitos numa base de dados no computador, e seguindo as instruções de cotação deste teste, os resultados de dois sujeitos foram considerados nulos, trinta e dois foram avaliados como aquiescentes e dois como discordantes. Como os testes em que se verifica o efeito da aquiescência e o da discordância devem ser interpretados com cuidado, optámos por eliminar os trinta e quatro sujeitos que estavam nestas condições, bem assim como os dois nulos.

Eliminámos, igualmente, vinte sujeitos gémeos e doze de outras raças que não a branca. A opção por eliminar os sujeitos gémeos deveu-se menos à pequena percentagem destes (1.7% dos 1210 respondentes finais – que é uma percentagem semelhante, embora ligeiramente superior, à percentagem existente na população em geral²⁷¹), mas mais pela grande diversidade de *tipos* de gémeos (alguns formavam, por si só, uma fratria; outros faziam parte de uma fratria: eram os mais novos, ou os mais velhos

²⁷⁰ Pensamos que a este facto não deve ser alheio a extensão do teste (240 itens), que terá desmotivado estes sujeitos a terminarem o seu preenchimento.

²⁷¹ Segundo dados do INE, de 1997, no total de crianças nascidas em Portugal, 1.1% delas eram gemelares (nascimentos duplos ou outros).

ou estavam no meio; outros eram os dois do mesmo sexo: duas raparigas ou dois rapazes; outros eram de sexos diferentes: um rapaz e uma rapariga). Para o nosso estudo, esta diversidade não permitiria qualquer análise estatística minimamente interessante. O mesmo podemos dizer relativamente à raça: tínhamos seis sujeitos de raça negra, quatro mestiços, um indiano e um asiático-austronésio (de Timor), pelo que a opção de eliminarmos os sujeitos gémeos e de outras raças pareceu-nos o procedimento mais correcto.

Após todas estas eliminações, a amostra acabou por ficar circunscrita a 1142 estudantes universitários portugueses, solteiros, de raça branca, não-gémeos, que tinham fornecido os dados biográficos considerados necessários e preenchido *correctamente* o teste de personalidade.

PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS E HIPÓTESES ESPECÍFICAS

Nas análises estatísticas a que procedemos nos três estudos empíricos, tomámos os aspectos da vida dos sujeitos (os dados do QSB - ver anexo) como variáveis independentes (VIs) e as trinta facetas e/ou os cinco domínios da personalidade (medidos pelo NEO PI-R) como variáveis dependentes (VDs).

No estudo Geral e no estudo de Sulloway, de modo a considerarmos, conjuntamente, todas as variáveis independentes e dependentes, servimo-nos do modelo estatístico multivariado do SPSS – 7.5, realizável através da opção GLM (*General Linear Model – multivariate*).

No estudo sobre o modelo de Toman realizámos análises estatísticas ditas univariadas, de comparação de médias entre duas amostras independentes, que efectuámos utilizando o *t* de Student – embora, como veremos, tenhamos controlado muitas das variáveis independentes. Apesar do número reduzido de sujeitos, a fiabilidade dos resultados deste estudo não nos parece questionável. Sabe-se que o teste *t* para amostras não relacionadas "pode ser utilizado quando o número de casos é bastante pequeno" (Pereira, 1999: 115).

Nos três estudos adoptámos o intervalo de confiança de 95%, ou seja, a margem máxima de erro que assumimos é de 5%.

Estudo geral sobre fratria e personalidade: para podermos analisar o efeito da posição fraternal (variável independente) na variação das variáveis dependentes (os resultados do teste de personalidade), construímos o modelo principal desta investigação que, genericamente, designámos como estudo Geral e está esquematizado na Figura 12. Ou seja, embora o objectivo central deste estudo fosse o de percebermos até que ponto a posição fraternal (definida pela variável FRAT4) era uma das variáveis que contribuíam para a variação nos resultados do teste de personalidade, não esquecemos, contudo, as outras variáveis sócio-biográficas estudadas.

Neste estudo procurámos verificar se existia qualquer associação entre essa VI e as trinta VDs²⁷². As duas hipóteses nulas a testar eram as seguintes:

- 1. a posição fraternal não é uma variável significativa neste modelo, isto é, não contribui para as variações na personalidade dos sujeitos;*
- 2. não há diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos das quatro principais posições fraternais (filhos únicos, mais velhos, do meio e mais novos) em qualquer das trinta facetas da personalidade.*

²⁷² Considerámos as trinta facetas como VDs e não os cinco domínios da personalidade (estes resultam do somatório das facetas, como já se disse) para termos uma noção mais precisa de quais os aspectos que eram discriminativos dentro de cada domínio e, deste modo, entendermos melhor as diferenças entre os sujeitos.

variáveis independentes (VI's) retiradas do QSB	
grupo I características sócio-demográficas	1. sexo (SEXO) 2. grupo etário (GRUPETARIO) 3. filhos (FILHOS) 4. número de escolas (NESCOLAS) 5. situação profissional (ESTRAB) 6. número de empregos (NEMPREGOS) 7. início do emprego (INICEMP)
grupo II saúde dos sujeitos	8. teve/tem doença/deficiência (TTDOENÇA) 9. semanas no hospital (SEMHOSP) 10. semanas no hospital durante a infância (SEMINF)
grupo III características das fratrias dos sujeitos	11. tipo de irmãos (TIPOIR) 12. tamanho da fratria (NIRVIVEU) 13. posição fraternal (FRAT4) 14. doença/deficiência dos irmãos (DDIR) 15. morte de irmãos (MORTEIR)
grupo IV outras características familiares dos sujeitos	16. se teve substituto paterno (SUBSPAT) 17. se teve substituta materna (SUBSMAT) 18. se viveu em instituição (VIVINSTI) 19. se vive com o agregado (VIVECAGR) 20. mudanças de residência (MUDRESPAIS)
grupo V religião e política dos sujeitos	21. religião (RELIGIAO) 22. orientação política (POLITICA)

variáveis dependentes (VD's) retiradas do NEO PI-R: as 30 facetas da personalidade

Grupo VI características dos progenitores	23. se o pai vive (PAIVIVE)		
	24. se a mãe vive (MAEVIVE)		
	25. idade do pai (PAIDADE)		
	26. idade da mãe (MAEIDADE)		
	27. profissão dos pais (PROFPAIS)		
	28. estado civil dos pais (ESTCIVILPAIS)		
	29. avô paterno vive (AVÔPATVI)		
	30. avó paterna vive (AVÓPATVI)		
	31. avô materno vive (AVÔMATVI)		
	32. avó materna vive (AVÓMATVI)		

Figura 12: modelo geral sobre fratria e personalidade

Estudo sobre o modelo de Sulloway: as hipóteses teóricas de Sulloway (ver capítulo 6) podem resumir-se no postulado seguinte: os primogénitos serão mais Conscienciosos e Neuróticos e menos Amáveis e Abertos à Experiência do que os não-primogénitos. Ou seja: os primogénitos terão pontuações mais elevadas nos domínios da Conscienciosidade e do Neuroticismo e pontuarão menos do que os não-primogénitos nos domínios da Amabilidade e da Abertura à Experiência.

Relativamente ao domínio da Extroversão, o autor considera necessário fazer-se uma predição "por facetas" e não uma predição para todo o domínio, dado que este faz apelo, simultaneamente, a facetas da "sociabilidade" (o acolhimento caloroso e a gregariedade) e "temperamentais" (a assertividade, a actividade, a procura de excitação e as emoções positivas): nas primeiras os não-primogénitos pontuariam mais do que os primogénitos e nas segundas passar-se-ia o inverso. Assim, embora tenhamos feito, inicialmente, a análise estatística considerando, como VDs, os cinco domínios da personalidade, tentámos ver, também, no caso específico da Extroversão, qual a relação entre a ordem de nascimento e as facetas deste domínio.

Se relembrarmos que o autor considera que variáveis como o sexo, a profissão dos pais e o número de irmãos podem influenciar as características da personalidade dadas pela ordem de nascimento, o modelo de Sulloway pode sintetizar-se assim (Figura 13).

variáveis independentes (VIs)	variáveis dependentes (VDs)
ORDNASC	os cinco domínios do NEO PI-R
SEXO	
PROFPAIS	
NIRVIVEU	
GRUPETARIO	

Figura 13: o modelo de Sulloway

Para além das variáveis consideradas pelo autor incluímos, neste modelo, a variável GRUPETARIO (que categoriza os sujeitos em dois grupos de idade: 17-20 e 21 ou mais anos) para não correremos o risco de as reais diferenças entre primogénitos e não-primogénitos serem contaminadas pela idade dos sujeitos (dado que na aferição portuguesa do NEO PI-R estes dois grupos etários *aparecem* com pontuações bem diferenciadas).

Estudo sobre o modelo de Toman: a tese de Toman pode, resumidamente, descrever-se deste modo: certas características da personalidade são determinadas pela constelação familiar na qual o indivíduo passou os primeiros anos de vida. O autor verificou, nomeadamente, que quando os sujeitos de uma mesma posição fraternal tinham pais com posições fraternais compatíveis, e sempre que nem estes nem o próprio sujeito haviam sofrido perdas até aos 16 anos de idade e prevaleciam as condições médias de vida (a saber: mudanças de escola, de residência, de emprego e número de hospitalizações na média), esses sujeitos tinham uma similitude de comportamentos, atitudes e interesses, isto é, um perfil de personalidade semelhante. Com as variáveis de que dispúnhamos, tentando não desvirtuar

as concepções de Walter Toman, construímos o modelo seguinte (Figura 14)²⁷³.

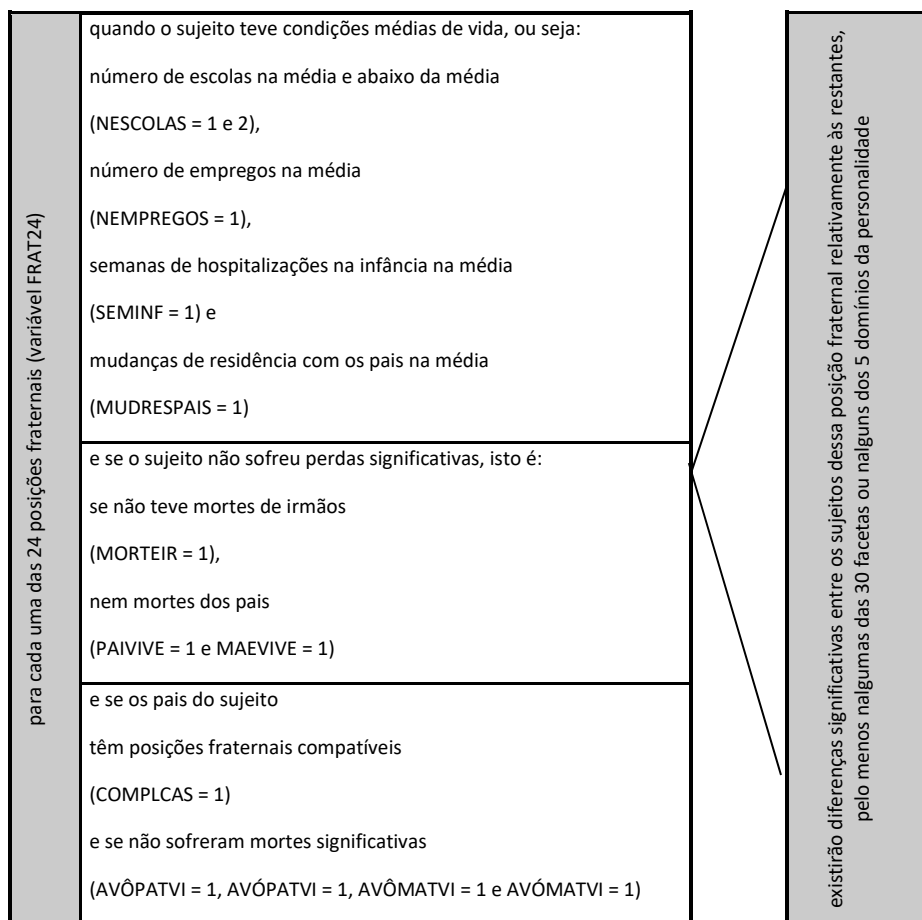


Figura 14: operacionalização do modelo de W. Toman

²⁷³ É preciso sublinhar que não se tratou aqui de fazer uma duplicação dos trabalhos deste distinto psicoterapeuta austríaco. As conclusões de Toman foram essencialmente obtidas utilizando uma metodologia clínica (embora posteriormente comprovadas em grandes amostras), dificilmente replicável no espaço temporal de um doutoramento. Como atrás dissemos, o autor precisou de dezenas de anos para recolher dados suficientemente latos para elaborar a sua teoria e para que as suas conclusões pudessem ser empiricamente fiáveis.

Quando, da amostra total de 1142 sujeitos, seleccionámos os casos em que se verificavam as doze condições enunciadas na segunda coluna da Figura 14, ficámos apenas com uma sub-amostra de 165 sujeitos. O que desde já nos permite concluir que as *condições de vida* para se verificarem os perfis das posições fraternais conforme foram estipuladas pelo autor têm pouca representatividade na população real. Lembre-se que Toman precisou de longos anos de investigação para conseguir um número suficiente de casos para estabelecer os perfis. O que corrobora a ideia de que os perfis devem ser vistos, apenas, como um paradigma.

Dado que o sexo é um poderoso factor nas diferenças da personalidade, decidimos controlar este aspecto nos cruzamentos que efectuámos entre as diversas posições fraternais. Assim, apesar do número reduzido de sujeitos nalgumas posições fraternais, decidimos fazer separadamente as comparações entre as doze posições fraternais femininas e as comparações entre as doze posições fraternais masculinas (designaremos estes estudos, respectivamente, como 'estudo com as raparigas' e 'estudo com os rapazes').

10. QUESTÕES PONTUAIS SOBRE A FRATRIA

Depois de nos termos referido à metodologia utilizada nos três estudos principais da nossa investigação e antes de fazermos uma síntese e discussão dos resultados dos mesmos, apresentamos o estudo de algumas questões pontuais que nos surgiram aquando da revisão bibliográfica e que, como se prendem com esta problemática da fratria, não quisemos deixar de analisar.

A primeira questão pontual a testar pode enunciar-se assim: verificar se os indivíduos que provêm de fratrias grandes têm tendência a desejarem mais filhos do que os filhos únicos e os provenientes de fratrias mais reduzidas. Para estudarmos esta relação questionámos os sujeitos sobre "o número de filhos desejado". Dos 1085 sujeitos (95%) que responderam a esta pergunta mais de metade (55.9%) disseram desejar dois filhos, enquanto que vinte e um (catorze raparigas e sete rapazes – 1.8%) responderam não desejar ter filhos e, os restantes, disseram desejar de três até um máximo de sete filhos.

Quando cruzámos as variáveis "número de filhos desejado" e "número de irmãos com os quais o sujeito viveu, incluindo o próprio" (ver no anexo – NIRVIVEU), o χ^2 obtido [$\chi^2 (14) = 18.979, p = .166$] indicou-nos que não há diferenças entre os sujeitos oriundos de fratrias pequenas ('abaixo da média'), na média ('na média') ou grandes ('acima da média') no que diz respeito ao número de filhos desejado – pelo que aceitamos a hipótese nula da não existência de qualquer associação entre estas duas variáveis.

Uma resposta plausível para este resultado pode ser a da não satisfação com o número de elementos da fratria de origem ou, unicamente ou em conjunto, factores de ordem social que levam os jovens de hoje a desejarem menos filhos do que a geração dos seus pais, tal como tem sido verificado noutras investigações (ver, por exemplo, Figueiredo & Silva, 1992).

Dentro do mesmo quadro de questões do QSB, perguntámos ainda qual o sexo desejado para o primeiro filho e se os sujeitos desejavam ou não ter

filhos gémeos. As hipóteses eram a de que grande parte dos indivíduos deseja ter um rapaz como primeiro filho²⁷⁴ e deseja ter gémeos.

Relativamente ao sexo do primeiro filho, o teste de significação realizado (para um total de 938 sujeitos, excluindo, portanto, a categoria 'sem resposta'²⁷⁵) provou-nos que existem diferenças assinaláveis e que maioritariamente os sujeitos desejam um rapaz para primeiro filho [$\chi^2 (2) = 569.299, p = .000$].

Se atendermos à distribuição por sexo são, significativamente, as raparigas que mais desejam ter, como primeiro filho, uma menina e os rapazes os que mais desejam ter um menino embora, como pudemos constatar, mais de metade das raparigas e cerca de 2/3 dos rapazes desejem um rapaz como primogénito [$\chi^2 (2) = 7.336, p = .026$].

O desejo de alguns dos sujeitos da nossa amostra, quando colocados na situação hipotética de primogenitores, de preferirem um filho do mesmo sexo do deles, significa que eles confiam (ou isso assegura-os) de uma mais fácil identificação com esse primeiro filho? E o facto de tanto a maioria dos homens como a das mulheres desejarem um rapaz para primeiro filho dever-se-á a razões histórico-sociológicas longínquas – que se prendem com questões de herança do património familiar (nomeadamente com o nome de família) que ainda hoje se faz (na nossa sociedade como em muitas outras, sobretudo as ocidentais), exclusivamente pela via masculina? Ou seja: ter um rapaz dá a segurança de continuidade da genealogia familiar? Ou ter um rapaz, para as mulheres, isso assegura-as de uma menor rivalidade e, para os homens, de uma maior identificação com esse filho? Ou, ainda, desejar ter um rapaz, para as mulheres, significa que estas desejam pôr-se em sintonia com o desejo dos maridos?

À questão do desejo de ter gémeos responderam 768 sujeitos, dos quais 408 (ou seja, 35.7%) responderam afirmativamente e 360 (31.5%) disseram que

²⁷⁴ Os mais diversos estudos revelam que, actualmente, muitos pais desejam ter um filho de cada sexo, desejando, todavia, ter um rapaz em primeiro lugar (Klagsbrun, 1992/1994).

²⁷⁵ Nos 204 sujeitos que não responderam estão incluídos, obviamente, os seis sujeitos que já têm um filho.

não²⁷⁶. Pela análise do χ^2 realizado entre estas duas categorias, conclui-se que se pode aceitar a hipótese nula de não diferença entre o número de sujeitos que deseja gémeos daqueles que não desejam [$\chi^2(1) = 3.000, p = .083$].

Embora o número de sujeitos que deseja gémeos não seja estatisticamente superior ao número daqueles que não deseja ele é, no entanto, superior – o que vem de encontro às nossas expectativas iniciais da existência de um certo *fascínio* sobre os nascimentos gemelares. Note-se que nenhum dos nossos sujeitos é irmão-gémeo (lembramos que os retiramos da amostra, por questões metodológicas) e que poucos deles terão tido uma experiência (in)directa com irmãos ou pais que o são (apenas uma pequena percentagem das fratrias dos sujeitos e dos pais dos sujeitos da nossa amostra possui gémeos – e o mesmo acontece na população geral, como o dissemos atrás).

Sintetizando, os resultados destes três pequenos estudos apontam-nos, genericamente, o seguinte:

1. a maioria dos estudantes universitários portugueses por nós estudados deseja ter poucos filhos (mais de metade disse desejar ter dois – 55.9%). Pode, pois, prever-se que dentro de algumas décadas (a não ser que a tendência se inverta) os filhos do meio sejam, quase, uma posição fraternal residual (pelo menos nesta franja da população).
2. como o desejo de homens e mulheres é, maioritariamente, o de terem um rapaz como primeiro filho, parece que a situação julgada ideal é, pois, o caszinho: um rapaz e uma rapariga. Se possível, para metade dos sujeitos, os dois filhos deveriam nascer *simultaneamente*, isto é, serem gémeos.

Este provável cenário futuro, de fratrias reduzidas – esta tendência, parece-nos, inscreve-se numa outra: de mais individualismo da família nuclear e de restrição de elos sociais –, implica um requestionamento sobre a importância deste sub-grupo familiar para o desenvolvimento individual.

Nomeadamente, como a fratria é importante – e os nossos resultados, como veremos, apontam nesse sentido – para o desenvolvimento de competências

²⁷⁶ 374 sujeitos (32.7%) não se pronunciaram sobre este assunto (nestes estão incluídos, igualmente, os 6 sujeitos que já têm um filho).

várias, entre as quais, as relacionais, quanto menor ela for mais *pobre* será esse meio vivencial; por outro lado, em situações adversas, quando um problema surge num dos irmãos (que nestas fratrias pequenas será, quase sempre, o único irmão), o outro pode ver-se irremediavelmente comprometido nesse problema (*cf.* capítulo 1).

Dito de outro modo: este panorama poderá, por um lado, dificultar a diversificação de experiências relacionais; por outro lado, poderá colocar os indivíduos face a afectos facilmente amplificados e dicotomizados, dado o menor número de trocas relacionais e possibilidades de deslocamento de afectos. Mas isto são, claramente, hipóteses que importaria estudar em investigações futuras.

11. DISCUSSÃO GERAL E ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS

"a ciência é uma forma de apreender e de dar, o que nós chamamos «sentido», aos objectos por nós percebidos. A ciência investiga; não prova"

Gregory Bateson in Natureza e espírito, pp. 34-35.

No capítulo 9 apresentámos as hipóteses e a metodologia dos três principais estudos efectuados no âmbito desta nossa investigação. Os resultados que obtivemos serão agora discutidos conjuntamente, de modo a termos uma visão global dos mesmos. Terminaremos com uma análise crítica da metodologia utilizada, de forma a tornarmos compreensível alguns dos resultados encontrados, bem como permitir rumos diferentes para investigações futuras nesta área.

Ao partirmos para esta investigação tomámos como referências de base os principais estudos sobre a fratria, em especial, aquele que é, na nossa perspectiva e na de muitos outros, um dos mais exaustivos e abrangentes: a teoria das constelações familiares de Walter Toman. Não esquecemos o recente, embora algo simplista e criticável, modelo de Frank J. Sulloway. Genericamente, os vários estudos apontam para que alguns aspectos da personalidade são influenciados pela posição fraternal.

Alguns autores (como Toman) que se têm debruçado sobre esta problemática inserem-se numa linha teórica do desenvolvimento humano que podemos designar como *sistémico-psicodinâmica* dado que nos seus modelos têm em conta os múltiplos e transgeracionais aspectos da dinâmica familiar/relacional na qual os sujeitos viveram e vivem. Assim, não é só a personalidade dos filhos que é determinada, em parte, por essa característica familiar contextual como, igualmente, a personalidade dos pais depende do lugar que eles próprios tiveram nas suas fratrias de origem, o que implica que os quatro holões familiares – o conjugal, o parental, o

fraternal e o individual (Minuchin & Fishman, 1981/1990) – sejam parcialmente influenciados pela posição fraternal. Isto é: o estudo das relações familiares (seja as relações pais-filhos, as relações entre o casal e as relações entre os filhos) tem de necessariamente contemplar, o que nem sempre tem sido feito, este "factor decisivo do funcionamento humano" (Paul Watzlawick, 1988)²⁷⁷. Até porque, como argumenta a psicóloga inglesa Judy Dunn (1984/1986: 16), "se temos de entender como se desenvolvem os tipos de personalidade, não devemos ignorar a possível influência exercida nas crianças por aqueles indivíduos com quem crescem e passam os primeiros anos de vida: os seus irmãos".

Seguidores da mesma corrente, conceptualizámos a nossa investigação de modo a estudarmos os principais factores da vida dos sujeitos (os mais recentes, mas também os mais antigos na ontogenia pessoal), entre eles a posição no grupo dos irmãos, dado que, pelos papéis que dela decorrem no contexto familiar, essa era uma das variáveis que, previsivelmente, podia ajudar-nos a compreender as diferenças da personalidade dos indivíduos, em geral, e dos irmãos, em particular.

Não era nossa intenção construir *um modelo* explicativo da personalidade, mas, simplesmente, perceber a contribuição da posição fraternal nas diferenças individuais e, também, conhecer quais os aspectos da personalidade que são mais influenciados por essa característica pessoal. Porque, como já diversas vezes sublinhámos ao longo deste trabalho, ao realizarmos esta investigação estávamos (e estamos) conscientes de que qualquer estudo sobre a fratria é "forçosamente parcial" (Gayet, 1993: 60) e de que a posição fraternal não é tudo (parafraseando o que Walter Toman repetiu ao longo de toda a sua obra) – os nossos objectivos eram apenas os anteriormente enunciados. O comportamento humano é multideterminado, como se sabe, e nesse sentido construímos um modelo, necessariamente incompleto²⁷⁸, mas que nos permitisse perceber qual o *peso* da posição fraternal na explicação da personalidade.

²⁷⁷ Cit. in Toman (1979/1995a: na contra-capá).

²⁷⁸ Uma investigação como a nossa insere-se naquilo que usualmente se designa por abordagem nomotética: o que se ganha em representatividade científica perde-se em compreensão profunda do fenómeno a estudar. Voltaremos a esta questão quando, no final deste capítulo, analisarmos criticamente os resultados, *à luz* da metodologia que utilizámos.

Por isso, o modelo estatístico escolhido para as análises que fizemos só podia ser um modelo multivariado que nos desse uma visão conjunta de como muitas das variáveis que *medimos* provocam variações na personalidade.

Como verificámos nos três estudos que realizámos (ou seja: no estudo Geral, no estudo de Toman e no estudo de Sulloway), a posição na fratria é, entre outras variáveis, uma das que, conjuntamente, provoca variações (estatisticamente significativas) na personalidade dos sujeitos. O que nos permite, desde logo, afirmar que a tese principal deste trabalho foi confirmada pelas análises estatísticas que fizemos: inequivocamente, a posição na fratria, mostra-se como uma variável a ter em consideração quando queremos perceber a personalidade dos indivíduos.

Na nossa investigação apareceram como discriminativos (entre, pelo menos, duas posições fraternais) alguns domínios e facetas da personalidade (Quadro 6). Como pode observar-se, dos cinco domínios da personalidade, apenas no do Neuroticismo não apareceram diferenças estatisticamente significativas (embora isso se tenha verificado nalgumas das suas facetas – concretamente no estudo de Toman). Este resultado parece-nos previsível, dado que, de todos os domínios medidos pelo NEO PI-R, seria de esperar que o do Neuroticismo *versus* Estabilidade Emocional fosse o menos afectado pela posição fraterna: essencialmente porque parece pouco provável que esta afecte a tendência a experimentar afectos negativos como a tristeza, o medo, o embaraço, a raiva, a culpabilidade e a repulsa – que formam o núcleo central desta escala do NEO PI-R – e, por outro lado, porque é um domínio que tem pouco a ver com os comportamentos relacionais – são os domínios da Amabilidade e da Extroversão os que mais dizem respeito às tendências interpessoais (Lima & Simões, 2000)²⁷⁹.

²⁷⁹ Doravante, todas as análises serão feitas tendo como base as características da personalidade tal qual são medidas pelo NEO PI-R (a descrição mais detalhada de cada uma das facetas e/ou domínios pode, pois, ser consultada em Lima & Simões, 2000).

Quadro 6: domínios e facetas da personalidade que se mostraram significativos nos três estudos principais desta investigação

domínios e facetas do NEO PI-R	estudo Geral	estudo de Toman		
		estudo com as raparigas	estudo com os rapazes	estudo de Sulloway
N1 – ansiedade		N1	N1	
N2 – hostilidade	N2	N2	N2	
N4 – auto-consciência		N4	N4	
N6 – vulnerabilidade			N6	
E – Extroversão		E	E	
E1 – acolhimento caloroso		E1	E1	
E3 – assertividade		E3	E3	
E4 – actividade		E4	E4	
E5 – procura de excitação		E5		
E6 – emoções positivas		E6	E6	
O – Abertura à Experiência		O		
O1 – fantasia		O1		
O2 – estética			O2	
O3 – sentimentos		O3		
O6 – valores		O6	O6	
A – Amabilidade		A	A	
A1 – confiança		A1	A1	
A2 – rectidão	A2	A2	A2	
A3 – altruísmo	A3	A3		
A4 – complacência	A4	A4		
A5 – modéstia		A5		
A6 – sensibilidade		A6		
C – Conscienciosidade		C		C
C1 – competência		C1		
C3 – obediência ao dever	C3	C3		C3
C5 – auto-disciplina		C5		C5
C6 – deliberação	C6			C6

A comprovar esta suposição, é significativo que nem a faceta da depressão (N3), nem a da impulsividade (N5) e, até, a da vulnerabilidade (N6) – que só é discriminativa na sub-amostra dos rapazes, no estudo de Toman – diferenciem os sujeitos das várias posições fraternais. Pelo contrário, já a faceta da hostilidade – que está relacionada com uma Amabilidade baixa – é significativa em três estudos (estudo Geral e estudo de Toman: no das raparigas e no dos rapazes).

Note-se que também nas facetas O4 (acções), O5 (ideias), C2 (ordem), C4 (esforço de realização) e E2 (gregariedade) não apareceram diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos da nossa amostra. Como as duas primeiras facetas (do domínio da Abertura à Experiência) têm a ver com uma certa abertura à variedade e à procura activa do conhecimento, as duas seguintes (do domínio da Conscienciosidade) com o saber organizar-se e motivar-se para atingir níveis de realização elevados e a última (do domínio da Extroversão) com a procura do contacto social, não surpreende que os *nossos* sujeitos, estudantes universitários, não apresentem diferenças nestas cinco facetas da personalidade: pressupõe-se que sejam igualmente intelectualmente curiosos, organizados, motivados e pró-sociais. O que quer dizer que admitimos que uma certa homogeneidade da nossa amostra tenha contribuído para o enviesamento de alguns resultados da nossa investigação, explicando, pelo menos em parte, que neste caso não tenhamos encontrado distinções nestas facetas da personalidade. Provavelmente, numa *população* mais diversificada, as diferenças poderiam cobrir um leque mais alargado de características individuais, tais como são medidas por um inventário de personalidade do tipo do NEO PI-R.

Como fomos referindo ao longo deste trabalho, é de esperar, como sustenta Toman, que sejam, essencialmente, os aspectos relacionados com os comportamentos e preferências sociais que se mostrem mais dependentes do papel originariamente aprendido na família. Esta ideia tomaniana é, aliás, genericamente defendida também por outros autores, como por exemplo por König (1958/1996: 36) que critica Adler por ele "não ter apreendido que a criança que cresce é *sobretudo* influenciada nos seus hábitos *sociais* pela sua posição no seio da família e que todas as outras qualidades derivam de outros domínios. Ele [Adler] atribui a disparidade das crianças de uma família quase exclusivamente à sua ordem de nascimento. É ir muito longe". Esta crítica a Adler, que subscrevemos, pode também ser feita a outros investigadores que têm pretendido fazer da "ordem de nascimento" o factor mais decisivo na construção da personalidade... E os resultados da nossa investigação caminham nesta direcção apontada por König, Osterrieth e

Toman (entre outros): são os domínios mais ligados à sociabilidade, às relações humanas e ao sentido de responsabilidade (que tem a ver com as capacidades para resolver as tarefas quotidianas, mas, também, com o cuidar dos outros) – respectivamente o domínio da Extroversão, da Amabilidade e o da Conscienciosidade – que mais nitidamente diferenciam os sujeitos das diversas posições fraternais (ver Quadro 6).

Face a estes dados resumidos no Quadro 6 é importante ainda realçar que quando, como no estudo de Toman, se controlam algumas variáveis relativas à vida dos sujeitos e se classificam as posições fraternais considerando a ordem de nascimento, o sexo dos irmãos e as diferenças de idade, a fratria mostra-se como uma variável bastante poderosa para a explicação das diferenças de personalidade entre os sujeitos (veja-se como quatro dos cinco domínios e vinte e duas das trinta facetas aparecem como discriminativas no estudo de Toman e como este é o estudo que apresenta mais diferenças significativas entre as várias posições fraternais). O que nos permite *aconselhar* que a melhor forma de conceptualizar futuros trabalhos nesta área é ter em conta, por um lado, as condições de vida dos sujeitos e todos os aspectos relativos à posição fraterna (ordem de nascimento, sexo dos irmãos, diferenças de idade e tamanho da fratria), por outro lado. A ordem de nascimento redutoramente considerada como *primogénitos* e *não-primogénitos* ou, de um modo mais alargado, como *únicos*, *mais velhos*, *mais novos* e *do meio* pode não ser suficiente para discernir o papel que a fratria joga no desenvolvimento da personalidade: por exemplo, uma rapariga mais velha de um rapaz é diferente de uma rapariga mais velha de uma rapariga – a primeira, entre outras coisas, experimentou, na fratria, a relação com o sexo oposto, enquanto a segunda não.

Sobre as diferenças encontradas entre as diversas posições fraternais nos cinco domínios da personalidade, no conjunto dos três estudos, os factos mais notórios podem ser sintetizados e comentados assim:

1. no domínio do Neuroticismo em nenhum dos três estudos os sujeitos das diversas posições fraternais apresentam diferenças estatisticamente significativas (elas aparecem, apenas, nalgumas das suas facetas, no estudo de Toman e, no estudo Geral, numa faceta). Previsivelmente, como já referimos, pois não é crível que o lugar na fratria

afecte muito o ser-se ou não Neurótico²⁸⁰. Ou, por outras palavras, que seja o único factor a contribuir para a estabilidade ou para o desequilíbrio emocional. Muitas outras contingências da vida das pessoas afectarão, e com mais preponderância, esta característica da personalidade.

Embora, como este domínio está muito relacionado com os ciúmes, possa conjecturar-se que, pelo menos mais vincadamente, sejam os primogénitos que se revelem mais ciumentos do que os não-primogénitos (Sulloway, 1996/1997). E os resultados que obtivemos no estudo de Toman, onde algumas posições fraternais apresentam pontuações significativamente mais elevadas do que outras nalgumas facetas do Neuroticismo, confirmam esta suposição: genericamente, são os primogénitos que se mostram mais Neuróticos do que os não-primogénitos. Concretamente, no estudo de Toman, na sub-amostra das raparigas, são as filhas únicas, algumas das quase-únicas e as mais velhas de rapazes e raparigas e, na sub-amostra dos rapazes, são os filhos únicos e os mais velhos de irmãos-rapazes os que pontuam mais elevadamente nalgumas facetas deste domínio, quando comparados com algumas das restantes posições fraternais.

Ou seja, parece que a situação de exclusividade familiar de que os primogénitos (únicos, mais velhos e quase-únicos) disfrutam durante os primeiros anos de vida, em vez de contribuir para que eles desenvolvam um bom nível de confiança em si próprios, pelo contrário, aumenta-lhes a insegurança, nomeadamente, a ansiedade social. No caso dos únicos e dos quase-únicos, devido à sua inexperiência com os pares, não se estranha este resultado. No caso dos mais velhos, o Neuroticismo elevado parece advir também em consequência da destronação. Na rapariga primogénita parece ser o nascimento de um irmão-rapaz que provoca a sua instabilidade emocional: provavelmente ao tomar consciência da sua diferença e inferioridade sexual face a este irmão-destronador; no rapaz primogénito é o nascimento de um outro igual a si – portanto, que rivaliza com ele pelo mesmo objecto de amor – que parece incrementar a sua vulnerabilidade e

²⁸⁰ Não confundir Neurótico com o quadro nosográfico normalmente assim designado. A escala do Neuroticismo, como aliás todas as outras do NEO PI-R, mede "uma dimensão normal da personalidade: aqueles que obtêm pontuações muito elevadas em N podem estar em risco de se confrontarem com problemas psiquiátricos, mas a escala N não deve ser interpretada como uma medida de psicopatologia, ou seja, é possível ter uma pontuação elevada em Neuroticismo sem ter uma perturbação psiquiátrica. Inversamente, nem todas as categorias psiquiátricas implicam níveis elevados de N" (Lima & Simões, 2000: 11).

ansiedade, ao aperceber-se de que já não é o único depositário da afeição maternal.

A única excepção a esta *regra* dos primogénitos pontuarem mais elevadamente neste domínio da personalidade são as raparigas e os rapazes do meio que, na faceta da hostilidade (N2), obtêm altos resultados, superiores a alguns primogénitos. A maior hostilidade dos irmãos do meio será, provavelmente, resultante da posição de *nem carne nem peixe* que eles ocupam na família. O facto de estarem ensanduichados entre duas posições bem definidas (os mais velhos e os mais novos) levá-los-ia a terem necessidade de reivindicarem o seu papel, agindo a sua agressividade, possivelmente por ser esse um dos meios que lhes permite chamar a atenção dos outros (primeiramente, dos pais e, depois, dos irmãos).

No estudo Geral foram, de facto, os do meio que, significativamente, pontuaram mais nesta faceta da hostilidade (N2).

Assim, neste domínio, parece poder esperar-se que sejam os primogénitos e os do meio (estes sobretudo na faceta da hostilidade) que obtenham resultados mais elevados do que as restantes posições fraternais.

2. no domínio da Extroversão são as raparigas mais velhas de irmãs que se mostram significativamente mais Extrovertidas do que as mais novas de rapazes e raparigas e do que as raparigas do meio; as quase-únicas mais velhas de rapazes mais do que as do meio e do que as mais velhas de rapazes e raparigas; e, nos rapazes, são os mais velhos de raparigas que pontuam mais do que os quase-únicos mais velhos de raparigas (estudo de Toman).

Como esta dimensão da personalidade tem a ver, entre outras coisas, com a quantidade e a intensidade das interacções interpessoais, o nível de actividade e o gosto pela competitividade era previsível que fossem os primogénitos a mostrarem-se mais Extrovertidos do que os não-primogénitos. Como aqueles são mais fortes (física, cognitiva e afectivamente) do que os seus irmãos desenvolveriam competências relacionais como a liderança, enquanto que os não-primogénitos, pelo contrário, seriam menos activos e mais cooperativos (sublinhe-se que a dominância de que disfrutam na fratria não é só devida a esse *poder natural*, mas, também, por serem, por delegação parental, instruídos e responsabilizados a cuidarem e ensinarem os irmãos mais novos). Esse

poder, *natural* e *delegado*, pode ser até uma boa forma de transformarem a dor da destronação...

E os nossos resultados apontam, genericamente, neste sentido de serem os mais velhos os mais Extrovertidos. Apenas uma *relativa* excepção: no estudo com as raparigas, as quase-únicas mais velhas de rapazes mostram-se mais Extrovertidas do que as mais velhas de rapazes e raparigas²⁸¹. Mas se atendermos ao facto das primeiras terem sido *tardamente* destronadas (com seis ou mais anos) pelo irmão-rapaz seguinte, este resultado pode tornar-se compreensível: elas seriam mais seguras e, por isso, mais Extrovertidas do que aquelas raparigas que têm, em relação ao irmão destronador, uma diferença de idade menor. Parece, pois, que a proximidade etária com o irmão-destronador (diferença de idades menor de seis anos), no caso das raparigas, as torna mais inseguras, enquanto que nos rapazes acontece o inverso: são aqueles que tardiamente são destronados que se mostram mais introvertidos (no estudo com os rapazes, os mais velhos de raparigas mostram-se mais Extrovertidos do que os quase-únicos mais velhos de raparigas).

3. no domínio da Abertura à Experiência são as quase-únicas mais velhas de irmãos-rapazes que aparecem como mais Abertas do que as mais novas de rapazes (estudo de Toman).

De acordo com a maioria dos autores que citámos neste trabalho e, até, com o senso comum, seria de esperar que fossem os mais novos os mais Abertos a novas Experiências, isto é, *grosso modo*, menos conservadores do que os mais velhos. Estes, como inúmeras vezes referimos, não só por serem o primeiro filho como, também, talvez por um resquício do direito de primogenitura que largamente vigorou na nossa sociedade²⁸², são os detentores naturais do *statu quo* familiar.

²⁸¹ Uma excepção *relativa* porque as quase-únicas são, tal como as mais velhas de rapazes e raparigas, primogénitas.

²⁸² E vigora ainda, no dizer de Léglise (1999: 24), porque "a lei das sociedades não penetra na relação fraternal, dado que ela se situa numa ordem diferente". Ela persiste, como dissemos, mesmo que num registo inconsciente.

De forma que o resultado que obtivemos com a amostra das raparigas, no estudo de Toman, parece contradizer esta ideia. No entanto, afigura-se-nos uma explicação possível para este facto e que tem a ver com o sexo dos sujeitos em questão (o que mais uma vez reforça a nossa convicção de que é imprescindível ler a posição fraternal tendo em conta todos os descritores do *status* fraterno e, em especial, o sexo do próprio e o dos irmãos).

Provavelmente, as raparigas mais velhas de irmãos-rapazes, pelo facto de serem raparigas, poderão ser *libertadas* desse desígnio familiar: será o primeiro filho varão que ficará incumbido de ser o guardião da mitologia da família. E, por isso, e, até, por contraposição com esse irmão, podem abrir-se a novas concepções *ideológicas*.

No inverso, as raparigas mais novas de irmãos-rapazes pertencem, a maioria delas²⁸³, à fratria clássica e, provavelmente, à mais desejada pelos pais: o *casalinho* – um rapaz mais velho e uma rapariga mais nova. Isto é, elas são aquilo que socialmente se deseja e espera que as mulheres sejam: femininas, submissas, subservientes e apoiantes das convicções dos seus homens (*cf.* perfil destas raparigas elaborado por Toman – capítulo 7).

Assim, à luz desta análise, compreende-se que as mais velhas de rapazes se mostrem mais Abertas à Experiência do que as mais novas de rapazes. Estas últimas, pelo que se disse, tenderão a ser igualmente conservadoras como os seus irmãos-rapazes mais velhos.

4. no domínio da Amabilidade os filhos únicos são menos Amáveis do que os mais velhos e os mais novos (estudo Geral). As raparigas do meio e as mais novas de rapazes e raparigas revelam-se como sendo as menos Amáveis, nomeadamente quando comparadas com as mais velhas de irmãs, as quase-únicas mais velhas de irmãs, as mais novas, as mais velhas de irmãos rapazes e, ainda, as mais novas de irmãs; nos rapazes, são os mais velhos de irmãos-rapazes que se mostram menos Amáveis do que os mais novos de rapazes e raparigas (estudo de Toman).

²⁸³ Embora a posição fraternal de tipo (*m..*) *f* signifique que a rapariga tem um ou mais irmãos-
-rapazes, a maioria das fratrias deste tipo, na nossa amostra, são fratrias de dois. O mesmo
pode dizer-se para os restantes tipos definidos com esta nomenclatura, por exemplo: *m* (*m..*),
f (*m..*), etc..

Devido ao seu menor poder dentro da fratria espera-se que os mais novos sejam mais Amáveis do que os mais velhos porque, impossibilitados de se defrontarem fisicamente com estes, adoptariam estratégias de "baixo poder", como a súplica, a cooperação, o recurso à protecção dos pais, enquanto que os mais velhos, dado o *status* elevado que aí detêm, exercitariam mais o uso de técnicas persuasivas de "alto poder" (exigirem, por exemplo) (*cf.* segunda parte).

Porém, os nossos resultados apresentam algumas divergências com esta pressuposição genericamente aceite pela maioria dos autores de que são os mais novos os que são mais Amáveis. Nomeadamente: as raparigas mais novas de irmãos-rapazes e de irmãs apresentam-se como sendo as menos Amáveis. Ora, as raparigas da nossa amostra que foram definidas genericamente neste tipo fraternal são, maioritariamente, mais novas de irmãs: porque, apesar de terem irmãos-rapazes mais velhos, estes estão distanciados delas por uma grande diferença de idade, enquanto que, pelo contrário, estão mais próximas de uma das irmãs e, portanto, terão sido mais *influenciadas* por uma rapariga do que por um rapaz. O que é um facto interessante e aponta, mais uma vez, para a inadequação de generalizações como é esta que se faz sobre este domínio da personalidade: os mais novos serem mais Amáveis do que os mais velhos. Sim, mas... Como vimos na segunda parte deste trabalho, a proximidade com o mesmo sexo, na fratria, é geradora de mais competitividade e hostilidade do que o inverso. Afectos gerados pela disputa, como os psicanalistas defendem, pelo mesmo *objecto* de amor parental. Os resultados com os rapazes comprova esta ideia: são os mais velhos de fratrias unissexuais que se mostram menos Amáveis do que os mais novos de fratrias mistas.

Assim, podemos desde já concluir que o que parece prevalecer na determinação da Amabilidade (e nas restantes características da personalidade, como fomos vendo) é, genericamente, a configuração da fratria mais do que a ordem de nascimento. Isto é, os nossos resultados mais uma vez indiciam que, num estudo sobre a fratria, a conceptualização mais correcta é aquela que, na esteira de Walter Toman, contempla o maior número de descritores do *status* fraterno.

E, como seria previsível (e foi o que encontrámos no estudo Geral), os únicos são menos Amáveis do que os indivíduos que têm irmãos: a ausência de fratria inibi-los-ia de viverem situações onde possam exercer competências relacionais que são medidas neste domínio, tais como o altruísmo, a modéstia, a complacência, a rectidão (é nestas duas últimas características

que aparecem as diferenças estatisticamente significativas entre os únicos *versus* os mais velhos e os mais novos).

Finalmente, o outro resultado que obtivemos neste domínio é a menor Amabilidade das raparigas do meio (quando comparadas com algumas posições fraternais). O que não se estranha, como já referimos, dado o lugar ingrato em que estão colocadas no seio da fratria: quase sempre com um papel menos definido do que o irmão mais velho e o mais novo.

5. no domínio da Conscienciosidade os mais velhos mostram-se mais Conscienciosos do que os do meio (estudo Geral). As irmãs mais velhas de irmãs são mais Conscienciosas do que as irmãs do meio (estudo de Toman). E, por último, os primogénitos são mais Conscienciosos do que os não-primogénitos (estudo de Sulloway).

Estes resultados (tão semelhantes nos três estudos) permitem-nos concluir que, inequivocamente, os primogénitos são mais Conscienciosos do que os não-primogénitos. A maior proximidade dos primeiros filhos com as figuras parentais faz com que eles sejam o *continente* privilegiado dos valores e regras familiares (como já vimos acima, no domínio da Abertura à Experiência) e, portanto, mais aceitadores da autoridade dos pais, isto é, mais obedientes ao dever do que os restantes irmãos. E, também, de forma a agradarem aos pais e para continuarem a reter a atenção destes, depois do nascimento dos irmãos, os primogénitos tentam ajudar nas tarefas familiares, sobretudo no cuidar da restante prole. Convertem-se, assim, numa espécie de *delegados* dos pais (por exemplo: na ausência dos pais eles são incumbidos de serem uns *verdadeiros* pais substitutos para os restantes irmãos) e daí que desenvolvam um maior sentido de responsabilidade do que os seus irmãos mais novos. Para satisfazerem as expectativas parentais esforçam-se, não só, para serem os filhos responsáveis como, também, para atingirem altos níveis de realização escolar. Todos estes aspectos (a obediência ao dever, o sentido de responsabilidade, o esforço de realização, a auto-disciplina...) são facetas da Conscienciosidade – daí que se espere (e como foi encontrado na nossa investigação) que os primogénitos se mostrem mais Conscienciosos do que os não-primogénitos.

O facto de serem os do meio aqueles que, predominantemente, nos nossos estudos, aparecem como menos Conscienciosos, e não os mais novos, parece indiciar que nas fratrias compostas por dois irmãos (que estão em maioria na nossa amostra, como na população em geral) a Conscienciosidade

é uma característica menos vincada nos primogénitos – como se, por serem só dois, a responsabilidade ficasse mais distribuída e menos a pesar, unicamente, sobre o mais velho. Talvez seja esta a razão que explique que, em dois dos nossos estudos, os mais velhos não se distingam significativamente dos mais novos neste domínio, mas, apenas, dos do meio (e no estudo de Sulloway, dado que os do meio estão *incluídos*, conjuntamente com os mais novos, na categoria genérica de não-primogénitos, pode supor-se que haja um certo enviesamento dos resultados, isto é, que os do meio tenham contribuído para a menor Conscienciosidade dos não-primogénitos).

Aqui, uma vez mais, podemos ver como um descritor do *status* fraterno (neste caso, o tamanho da prole) pode lançar luz sobre os resultados que, de outra forma, seriam menos condizentes com as generalizações que são feitas sobre a fratria e que, como generalizações, pecam por não contemplarem todas as subtilidades das experiências que cada um vivencia na fratria – mas que são elas que explicam a diversidade (para além da que é devida a outros factores) entre as pessoas de uma mesma posição fraternal.

Para finalizarmos, não podemos deixar de tecer alguns comentários sobre a metodologia utilizada. Que podem ajudar a perceber alguns dos resultados que encontrámos, bem como permitir conceptualizar futuros trabalhos nesta área de uma forma diversa da nossa ou, ainda, advertir para que as possíveis comparações com os nossos resultados têm de ser feitas levando em linha de conta a especificidade desta nossa investigação.

Começando pela amostra, parece-nos importante tecer alguns comentários que poderão justificar alguma homogeneidade dos resultados obtidos, isto é, uma não tão evidente distinção entre as diversas posições fraternais, contrariamente ao que tem sido encontrado por alguns autores.

Em primeiro lugar, tratando-se unicamente de estudantes universitários e tendo em conta o contexto educativo português (que ainda implica uma certa selectividade social que os sociólogos têm realçado²⁸⁴), pode talvez argumentar-se que os sujeitos, independentemente da sua posição na fratria têm algumas características de personalidade em comum, que lhes possibilitou não só o acesso ao ensino superior como, uma vez aí, lhes

²⁸⁴ Veja-se, por exemplo, Mendes (1997).

permite que o continuem a frequentar *com êxito*²⁸⁵. É complexo explicar que representações e que atitudes subjectivas é que a classe social de origem implica. O sociólogo Elísio Estanque, num estudo sobre *As classes sociais na sociedade portuguesa*, detectou, por exemplo, "alguma coerência entre a estrutura de classe e as orientações político-ideológicas" (Estanque, 1997: 122). Embora este autor reconheça que "há um relativo esbatimento [da estrutura de classes] no que toca à sua capacidade de modelação no campo das representações e atitudes subjectivas", parece-lhe inequívoco que essa modelação existe, ainda hoje (*ibidem*: 122-123).

Ainda sobre a especificidade da amostra, consideramos importante dizer o seguinte: os nossos sujeitos, embora com idades compreendidas entre os dezoito e os quarenta e três anos são, na sua grande maioria, apenas estudantes e a quase totalidade deles vive ainda com os pais (embora mais de metade esteja, durante o período lectivo, a residir *fora dos pais*) (ver anexo). Esta presença parental na vida dos nossos sujeitos (materializada até pela dependência económica em relação à família de origem) permite-nos considerá-los, num sentido lato do termo, como *adolescentes*²⁸⁶.

Ora, Erik Erikson (1968/1972: 163) definiu a adolescência como um período de "*moratória psicossocial* no decurso do qual o jovem adulto, graças a uma livre experimentação de papéis, pode encontrar onde se colocar num certo sector da sua sociedade". Segundo o mesmo autor (*ibidem*: 164-165), neste período de transição, todas as sociedades e culturas aceitam que os jovens experimentem (de forma profunda, embora passageira) novos papéis até se *fixarem* numa "identidade final". Assim, pode provavelmente extrapolar-se que os sujeitos da nossa amostra, num contexto tão específico como é o *meio* universitário tendam a jogar um papel comum de *estudantes*

²⁸⁵ A maior parte dos nossos sujeitos frequenta *anos* que não o primeiro – pelo que facilmente podemos deduzir do seu *êxito* escolar e pressupor, até, que a maioria deles terminarão o seu curso.

²⁸⁶ Sobre o prolongamento da adolescência, derivado seja do prolongamento da duração de vida, seja do prolongamento do período de formação escolar e consequente retardamento do período de entrada numa profissão ver Alléon *et al.* (1983/s/d) – *A interminável adolescência* – e, especificamente, o artigo de Chamboredon (1983). E, também, Claes (1985) e Braconnier & Marcelli (1998/2000). Estes últimos dois autores esclarecem que o alongamento da adolescência se deve, também, ao início "cada vez mais cedo" das mudanças físicas, afectivas, relacionais e intelectuais que caracterizam este período: que podem ocorrer em "crianças" de 10/12 anos (*ibidem*: xvii).

universitários... De modo que o papel jogado na fratria/família pode, momentaneamente, ficar diluído neste comprometimento contextual. Aliás, servindo-nos uma vez mais da experiência de Walter Toman (1993), relembramos como este autor adverte para a possibilidade de interferência dos contextos extra-familiares actuais (como a posição social e as responsabilidades profissionais) no modo de agir dos indivíduos. Que impressionariam mais, pelo menos numa abordagem superficial, do que os contextos mais antigos (como a posição fraternal e a relação com os pais).

Neste sentido, podemos questionar-nos se os *nossos* sujeitos (embora sejam adolescentes e, por isso mesmo, ainda relativamente pouco autonomizados da família de origem), pelo facto de estarem num *novo contexto* não seriam levados a responder muito em função dos seus comportamentos actuais, isto é: em parte, como gostariam de ser vistos e como pensam ser actualmente...²⁸⁷

Porque o contexto, como se sabe, é uma determinante básica do comportamento: as pessoas comportam-se diferentemente em diferentes tipos de situações. Como disse Bateson (1979/1987: 23): "sem contexto, as palavras e as acções não têm significado nenhum". Relembramos como os próprios teóricos dos traços reconhecem que eles não são preditivos em todos os contextos, mas revelam, unicamente, disposições gerais. Se os comportamentos estão dependentes da situação ou contexto, é necessário, segundo Furman & Lanthier (1996: 141), considerar *o tipo ou natureza da relação* que está em jogo, dado que ele pode ser "uma importante determinante contextual". E dão-nos um exemplo: uma criança pode ser geralmente dominante nas suas relações com os outros, mas, com os pais e

²⁸⁷ Como referem Braconnier & Marcelli (1998/2000: 57): "o ideal do Ego é a componente principal do processo de adolescência. Não se apoia, como até aqui, unicamente na idealização dos pais e na idealização da criança pelos pais, mas também na idealização do mundo exterior e na idealização de si pelo adolescente. A relação entre o Ego, isto é, entre o que se é (ou, sobretudo, o que se julga ser), e o ideal do Ego (o que se deseja ser) é marcada com o selo do projecto, do devir pessoal, e sucede a uma relação relativamente passiva com os projectos e desejos dos pais". Claro que este movimento progressivo acontece, como explica Fleming (1993: 253), quando a emoção básica entre o adolescente e os pais é o amor; se "a emoção básica for a hostilidade, o adolescente não encontra a base segura (no sentido de Bowlby) a partir da qual inicia o processo de separação (...) [e não] encontra também modelos identificatórios suficientemente válidos a partir dos quais edificar o ideal do ego".

com os irmãos mais velhos, pode não poder exprimir essa sua disposição dominante (*ibidem*).

A maior parte das investigações sobre a fratria, tal como a nossa, tem utilizado grupos de sujeitos não-irmãos e o grau das diferenças observadas entre os diversos grupos (por exemplo: entre primogénitos e não-primogénitos) tem sido interpretado como reflectindo o nível de diferença entre irmãos verdadeiros. Este tipo de análise, como referem Deal, Halverson & Wampler (1994: 207), não é errada, mas deve ser vista, apenas, como uma "parte da informação" das reais diferenças entre uma dada díade de irmãos. Porque, como estes autores observaram, e como se sabe, determinados irmãos são muito semelhantes em termos de temperamento, comportamento e tratamento parental, embora outros sejam menos similares (*ibidem*: 215). Estudando os membros de uma mesma fratria é provável que as diferenças observadas sejam mais acentuadas (serão, pelo menos, mais reais) do que as verificadas entre grupos de sujeitos não-aparentados. E até porque o contexto, como acabámos de ver, é um factor importante na determinação dos comportamentos.

Ou seja, por estas razões atrás apontadas parece-nos que, para percebermos as relações fraternais e as diferenças de personalidade entre os irmãos, temos de, por um lado, diversificar a origem sócio-cultural e *profissional* dos sujeitos, de modo a termos a certeza de que os resultados não sofreram contaminação destas variáveis contextuais da amostra, isto é, para verificarmos se os adolescentes e jovens adultos, em geral, não se distinguem mais do que os estudantes universitários entre si. E, provavelmente, ainda com o objectivo de controlar o factor contextual dessas relações, o melhor *design metodológico* seja o de estudar amostras de irmãos.

Relativamente à avaliação da personalidade, a primeira dúvida que se nos coloca é a da pertinência da utilização de um questionário como o NEO PI-R num trabalho deste género. Como dissemos acima, o NEO PI-R é um instrumento que se insere na perspectiva das teorias dos traços da personalidade. Para percebermos melhor o alcance e os limites deste instrumento *objectivo* de medição da personalidade, impõe-se que façamos uma breve contextualização dos pressupostos que lhe estão subjacentes, dado que a complexidade em definir e estudar a personalidade tem originado uma multiplicidade de teorias e respectivos instrumentos de avaliação. Embora todas elas procurem compreender *o que é a*

personalidade, nenhuma delas *per se* é suficientemente abrangente e consensual para que possa pretender captar a totalidade deste *objecto*.

Para Abreu (1980), existem duas perspectivas epistemológicas fundamentais na base da grande maioria das concepções teóricas acerca da personalidade: a perspectiva *atomista, elementarista-associacionista* ou *analítico-sintética* e a perspectiva *dinâmico-estruturalista* ou *relacional*. A teoria dos traços estaria englobada na primeira destas perspectivas, enquanto a segunda integraria, entre outras, as concepções psicanalíticas, gestaltista e a teoria relacional de Nuttin (*idem, ibidem*). Nenhuma das perspectivas é errónea, antes são duas análises divergentes da mesma realidade. Podemos dizer, por outras palavras, que a perspectiva *relacional* faz uma abordagem idiográfica da personalidade, enquanto a perspectiva *analítico-sintética* se insere naquilo que se designa por uma abordagem nomotética. Como refere Fontana (1977/1984: 57-58):

"uma análise idiográfica considera que, uma vez que cada pessoa é única, a personalidade pode ser melhor estudada através de investigações em profundidade de indivíduos ou de pequenos grupos, ao passo que a análise nomotética, ainda que não negando à personalidade a sua singularidade, considera que há semelhanças suficientes entre as pessoas que permitem aos investigadores testarem grandes amostragens e isolarem os elementos comuns. As teorias idiográficas têm a sua principal origem na psicologia clínica (...), ao passo que as teorias nomotéticas se baseiam principalmente em complicadas análises estatísticas a partir de dados obtidos de amplas secções representativas da população, em grande parte através de questionários e outros testes escritos".

Mas, apesar dos pressupostos e dos resultados serem discordantes, as duas análises podem ser consideradas, também, como complementares, porque os "teóricos idiográficos reconhecem semelhanças suficientes entre as pessoas que permitem o desenvolvimento de teorias com aplicação geral, enquanto que os teóricos nomotéticos admitem ter pedido emprestado muitos dos seus conceitos e parte da sua linguagem aos teóricos idiográficos" (*idem, ibidem*: 58).

Ou seja, a teoria dos traços é questionável, essencialmente, por ser uma abordagem nomotética da personalidade e ignorar, como tal, a especificidade dos sujeitos ou, como diz Lima (1997: 20), por "não englobar toda a magia, profundidade e fascínio das perspectivas existenciais e terapêuticas da personalidade" (embora historicamente, dentro do estudo da personalidade, esta teoria tenha sido/é uma das abordagens mais presentes).

Os instrumentos de avaliação objectiva da personalidade, como o NEO PI-R, servem, então, adequadamente os propósitos das teorias nomotéticas: a inteligibilidade ou o conhecimento de uma personalidade passa pela sua inclusão "num *tipo* ou numa *classe* de um sistema pré-estabelecido"; enquanto que nas abordagens idiográficas estes instrumentos objectivos são, apenas, vistos como "auxiliares de estudo" (Abreu, 1980: 163-165).

É sobre este aspecto do *objectivismo* de testes como o NEO PI-R que nos queremos deter, já que ele sobreleva algumas questões essenciais.

A primeira é que esta superficialidade conduz a que se encontre uma menor variabilidade entre os sujeitos, como tem sido verificado por alguns autores, nomeadamente por Mischel (1968)²⁸⁸, que encontrou "pouca influência das disposições (traços da personalidade), no comportamento actual – estariam associados apenas a 5 a 10% das diferenças individuais". Por sua vez, Klockars (1967: 327-A) concluiu, da sua investigação sobre personalidade e variáveis familiares (entre elas a ordem de nascimento) que, "em geral, os resultados parecem indicar que com medidas objectivas da personalidade a variância explicada pelas variáveis familiares é muito menor do que a que é, geralmente, suposta". Também Ernst & Angst (1983)²⁸⁹, ao analisarem centenas de investigações sobre a fratria, criticaram a fiabilidade dos testes de auto-preenchimento para distinguir com precisão as diferenças entre os sujeitos das várias posições fraternais. Segundo Sulloway (1996/1997: 474), esta é uma crítica justificada, já que os resultados dos estudos "experimentais" mostram mais efeitos da ordem de nascimento do que os

²⁸⁸ Cit. in Lima (1997). Segundo Petot (1994), o desprezo dos investigadores pelos traços da personalidade foi muito influenciado não só pelas opiniões de Mischel (1968) como também pelas de Mulaik (1964).

²⁸⁹ Cit. in Sulloway (1996/1997).

obtidos nas investigações que utilizaram questionários de auto-preenchimento:

"A superioridade dos estudos experimentais em relação aos dados de tipo auto-relatório foi algumas vezes demonstrada utilizando os mesmos sujeitos. (...) Quantos primogénitos se descreverão a si próprios como «cruéis» ou «sem espírito de aventura»? (...) Nos estudos *experimentais* é mais provável que as pessoas revelem o seu verdadeiro eu. Imaginemos uma investigação em que é necessário efectuar descargas eléctricas dolorosas a indivíduos. Em comparação com os primogénitos, é muito mais provável que os não-primogénitos se ofereçam como voluntários para substituírem os sujeitos da experiência que expressam sinais visíveis de dor".

A segunda questão diz respeito ao "nível de consciência" (Freeman, 1962/1980: 561) que é medido por um questionário como o NEO PI-R. Sabe-se, como é descrito por este autor (e defendido, de sobremaneira, pelos psicanalistas) que "os sentimentos reais de uma pessoa, respeitantes ao mundo e a si mesma, podem situar-se ao nível consciente, pré-consciente e inconsciente" (*ibidem*). Os questionários avaliarão, sobretudo, as facetas conscientes da personalidade, enquanto que os testes projectivos (como o Rorschach e o TAT, por exemplo), mediriam os seus aspectos mais profundos.

Lembramos como Toman, e como referimos no capítulo que dedicámos à sua teoria das constelações familiares, teve o cuidado de chamar a atenção para o facto dos sujeitos nem sempre se reconhecerem no perfil da sua própria posição fraternal²⁹⁰. Porque os perfis, como alega o autor, descrevem o que uma pessoa faz quotidianamente e não aquilo que ela pensa fazer e, muito menos, o que ela desejaria ser. Isto é: o autor pressupõe, como Freeman e outros psicólogos, que boa parte dos comportamentos não são

²⁹⁰ Aliás, como método, o autor pedia aos irmãos e a outros familiares ou amigos próximos de cada sujeito que escolhessem, entre os vários perfis, qual o que convinha mais a esse sujeito determinado – e foi desta maneira, completada com uma entrevista clínica ao sujeito, que ele elaborou os perfis das dez posições fraternais fundamentais (Toman, 1993).

auto-discerníveis, por serem determinados por motivos inconscientes e, como tal, desconhecidos para o próprio sujeito.

Por último, é conveniente referir que quando se trata de fazer a avaliação dos sujeitos através de um questionário podem sempre enunciar-se as limitações comuns que se fazem a esta metodologia. Entre elas destacamos: o não entendimento ou a interpretação diferenciada que cada sujeito pode fazer de algumas questões – o que pode levar a uma deturpação dos resultados finais e a uma menor objectividade dos mesmos; a possibilidade das pessoas darem respostas de "fachada", isto é, de acordo com o que consideram ser socialmente desejável – sendo que este mecanismo de defesa da "desejabilidade social" é muitas vezes inconsciente (Copeland & White, 1991).

Relativamente ao fenómeno da desejabilidade social, no caso do NEO PI-R, são as dimensões da Amabilidade e da Conscienciosidade aquelas que, como Petot (1994: 61) supõe, parecem ser mais propensas a reflectirem as respostas de fachada (assim como serão as mais dependentes, segundo o mesmo autor, do nível de estima de si dos sujeitos):

"Se esta suposição é exacta, deveríamos observar que os sujeitos «narcísicos», que têm tendência a postulare a sua própria perfeição, se descrevem sistematicamente como pessoas agradáveis, eficazes, conscienciosas, perseverantes, etc.. Os pacientes deprimidos ou depressivos, atormentados por pensamentos automáticos negativos, pessimistas e auto-desvalorizantes, deveriam descrever-se sistematicamente como pessoas desagradáveis, sem qualidades humanas, pouco calorosas, pouco eficazes, pouco conscienciosas, etc..".

Mas, apesar de todas estas críticas, como considera Lima (1997), dentro da perspectiva da teoria dos traços da personalidade o NEO PI-R é um instrumento de reconhecido mérito teórico e psicométrico. E embora criticáveis, os questionários de personalidade continuam "a ser um empreendimento científico e intelectual defensável, sobretudo no estudo das diferenças individuais" (*idem, ibidem*: 35).

Como na nossa investigação se tratou, antes de mais, de identificar os factores que nos poderão ajudar a explicar as diferenças individuais entre os

grupos de sujeitos das diversas posições fraternais, este questionário, apesar destas limitações, serviu perfeitamente o nosso propósito.

Todavia, é lícito pensarmos que a pouca diversidade que encontramos entre os nossos sujeitos pode derivar, em parte, destas limitações que acabámos de enumerar e que dizem respeito à forma como *medimos* as suas personalidades. Utilizando um método mais diversificado e clínico, como fez Toman, provavelmente as diferenças entre os sujeitos das diversas posições fraternais pudessem ser mais visíveis. As defesas que os sujeitos utilizam com vista a darem de si uma imagem socialmente mais aceitável e desejável, poderiam *desmontar-se* mais facilmente utilizando uma metodologia mais idiográfica. E dado tratar-se de um estudo sobre a fratria, isto é, sobre as primeiras relações, este tipo de metodologia introduzir-nos-ia, como refere Pujadas Muñoz (1992: 44), mais "em profundidade no universo das *relações sociais primárias*".

Ou seja, em suma: se os questionários, como o NEO PI-R, se mostram úteis para a avaliação dos traços, os autores têm "insistido, paralelamente, na conveniência em recorrer à multiplicidade de abordagens, no estudo da personalidade" (Lima, 1997: 29). Porque é, certamente, utilizando diversas e complementares metodologias que podemos aspirar a compreender, mais *realisticamente*, este complexo e aliciante objecto da psicologia que é a expressividade/personalidade. Ideal impraticável num estudo em grande escala e quando se está circunscrito às restrições temporais de um trabalho desta índole...

Por último, relativamente ao QSB, embora tenhamos tentado incluir nele as variáveis sócio-biográficas mais comumente insertas em questionários anamnésicos do género – sobretudo aquelas que parecem contribuir mais para a variação da personalidade (que era o que queríamos investigar) –, aceitamos que ele tenha algumas falhas, isto é, que não permita o levantamento de alguns dos incidentes de vida importantes dos sujeitos que nos permitiriam uma compreensão mais profunda destes. A necessidade de não alongarmos, em demasia, o tempo de preenchimento do conjunto de instrumentos que remetemos aos sujeitos implicou que nos tivéssemos restringido às questões essenciais (como é usual fazer-se em investigações em larga escala). Cientes, no entanto, que só um exame anamnésico exaustivo é que poderia aproximar-nos de uma compreensão mais *real* dos incidentes íntimos de cada indivíduo. Claro que o que ganharíamos em profundidade, utilizando uma abordagem idiográfica, perderíamos em representatividade científica que é apanágio das abordagens nomotéticas,

como é o caso da nossa investigação. Para além destas limitações, o QSB encerra das mesmas limitações de todos os questionários – de que já falámos, a propósito do NEO PI-R.

Realçamos, dos dados obtidos através do QSB, a grande percentagem de sujeitos que não responderam aos itens relativos aos tios e aos avós (30 e 21%, respectivamente). Embora isso pareça ser usual em investigações do género denota um certo desconhecimento (ou desafecto?) relativamente à família de origem. Nesse sentido, considerámos que é necessário, em investigações futuras, rever o modo de questionamento destes aspectos, simplificando-os, de forma a, possivelmente, aumentar o índice de respostas aos mesmos.

Para terminarmos gostaríamos, ainda, de justificar um certo desequilíbrio existente neste trabalho: as duas primeiras partes, no seu conjunto (relativas à análise bibliográfica que fizemos sobre a problemática dos irmãos), ficaram demasiadamente extensas quando comparadas com a terceira (a da investigação empírica propriamente dita). Como dissemos na introdução, esta desproporção impôs-se-nos por razões afectivas que nos prendiam/prendem a esta problemática d'os irmãos e também pela responsabilidade sentida por ser este, julgámos, em Portugal, o primeiro estudo nesta área. Assim, achámos oportuno aflorar alguns temas (sobretudo na primeira parte) que propositadamente não aprofundámos nem investigámos. Pelo que, deste modo, este acaba por ser um estudo panorâmico (no sentido de Eco, 1977/s/d) sobre a fratria, embora também seja, especificamente, e como o desejávamos, uma investigação científica sobre fratria e personalidade. Como dissemos na introdução, este é/foi, apenas, uma das entradas possíveis no *Reino dos Irmãos*. Gratificante, apesar da consciência da superfície imensa que ficou, ainda, por desvendar e conhecer. Porque, como disse W. R. Bion (1967/1994: 185), a prova científica possibilita, apenas,

"obter uma sensação de segurança para contrabalançar e neutralizar a sensação de insegurança decorrente da descoberta de que a descoberta deixou à mostra novas perspectivas de problemas a serem resolvidos – «pensamentos» em busca de um pensador".

CONCLUSÕES

A reflexão que este trabalho nos possibilitou sobre a fratria, quer a partir da análise bibliográfica, quer através dos resultados da investigação empírica cujos resultados acabámos de apresentar e, ainda, da imprescindível auto-análise e reconhecimento das nossas próprias relações fraternais (no passado e no presente)²⁹¹, pode ser sumariada nos seguintes pontos que a seguir apresentamos e que desejamos que fiquem como o nosso contributo pessoal para uma melhor compreensão deste tema.

Antes, porém, avisamos que quase todos os aspectos que referenciaremos de seguida são válidos, ou podem ser extrapolados, também, para os filhos únicos porque, embora eles não tenham, obviamente, irmãos, podemos considerar, abusando etimologicamente da palavra fratria, que a sua posição *fraternal* é a de únicos (ou seja: a sua fratria é composta por um só elemento, ele mesmo).

1. a fratria é um sub-sistema familiar importante que não pode ser descurado dentro do estudo da família, sobretudo quando queremos compreender como se processa o desenvolvimento individual neste primeiro e mais preponderante contexto vivencial. Porque a fratria é, ontogeneticamente, um dos primeiros meios (se não tão precoce como o parental, quase sempre o que se lhe segue, no tempo) e, por isso, quase tão influenciador como este. Aí experienciamos, pela primeira vez, alguns padrões transaccionais (afectos, comportamentos interpessoais...) constituintes da nossa personalidade. Como nós próprios verificámos experimentalmente (do mesmo modo que muitos outros autores), a posição fraternal modela alguns aspectos da personalidade, nomeadamente, aqueles que se prendem com o comportamento social.

²⁹¹ Como disse Carlos Amaral Dias (1991: 94): "procurar a *verdade* é uma pesquisa endógena".

2. a importância da fratria como contexto de aprendizagem de competências relacionais é posta em relevo no caso dos filhos únicos: a sua in experiência com estes *pares* parece justificar que, em média, tenham menos *capacidades* para se relacionarem com os outros comparativamente com os indivíduos que têm irmãos. Mas a proximidade dos filhos únicos com os seus pais e a exclusividade da atenção e preocupação destes pode-lhes, em contrapartida, favorecer o desenvolvimento de outros aspectos da personalidade, nomeadamente, um elevado nível intelectual (que se reflectirá, em princípio, num bom desempenho académico e/ou profissional) e uma alta auto-estima.

3. a posição fraternal é uma determinante básica da personalidade individual e das relações entre todos os membros da família – porque o lugar único que cada um ocupa na fratria obriga ao desempenho de um papel, igualmente único, o que implica que cada um estabeleça, com os restantes membros, relações originais (e.g.: de maior ou menor dependência, de maior ou menor responsabilidade, etc.) que servirão de base às nossas relações futuras em contextos extra-familiares.

4. como o papel a desempenhar por cada um dos filhos é *estipulado*, em boa parte, pelos pais, pode dizer-se que são as expectativas destes sobre o comportamento da progenitura que determinam, em larga medida, o papel que releva de cada posição fraternal. Esta delimitação parental é feita muito em função da ordem de nascimento e do sexo das crianças e inspira-se tanto na cultura de cada família em particular, como na cultura da sociedade na qual cada família está inserida (e.g., nas sociedades ocidentais o rapaz varão ainda é aureolado por um certo *direito de primogenitura* e os papéis que os pais esperam que os seus filhos rapazes e raparigas desempenhem liga-se ao papel de género culturalmente desejado, embora, como em tudo, haja peculiaridades próprias da mitologia de cada família que divergem deste modelo geral).

5. a própria posição fraternal dos pais (a posição que cada um dos cônjuges ocupou na sua família de origem) determina, em parte, não só o modo de relação entre eles como, também, o modelo de relacionamento com cada um dos filhos, em especial, uma certa identificação e compreensão do filho que ocupa um lugar na fratria semelhante ao que ele ocupou na sua fratria, ou dos filhos que têm posições fraternais idênticas às posições dos seus

próprios irmãos (porque é natural que cada um de nós tenha aprendido também, por experiência vicariante, isto é, por identificação com os nossos irmãos, o papel de cada um dos membros da nossa fratria, embora, como é compreensível, seja o nosso próprio papel, o que desempenhámos na nossa fratria, aquele que nos é mais familiar e que, mais provavelmente, repetimos e com o qual mais nos identificamos). Como exemplo podemos mencionar o caso de pais não-únicos (ou seja: que tiveram/têm irmãos) que podem sentir algumas dificuldades em perceber o comportamento dos seus filhos únicos.

6. a diferente posição que cada um ocupa na fratria e, por arrastamento, na família, origina experiências únicas o que nos autoriza a conceber que na família, para além das experiências partilhadas por todos os membros, são as experiências não-partilhadas que, provavelmente, são as mais comuns e são elas que explicam o desenvolvimento diferenciado dos irmãos. Na aparente unidade familiar há, então, que descobrir a pluralidade. Porque na família, mais do que em qualquer outro contexto, parece válido poder glosar-se o *slogan*, hoje tão banalizado e politicamente correcto: "todos iguais, todos diferentes".

7. as experiências diversificadas na fratria são função não só da ordem de nascimento como de todos os restantes descritores do *status* fraterno, como o sexo, o número de irmãos e as diferenças de idade entre eles. Dois primogénitos, um rapaz mais velho de um rapaz e um rapaz mais velho de uma rapariga, embora tenham em comum o facto de serem os primeiros das suas respectivas fratrias, vivenciaram experiências muito diferentes um do outro pelo simples facto de terem vivido, na infância e juventude, um com um irmão do mesmo sexo e o outro com um irmão do sexo oposto; ser o mais novo de cinco irmãos não é o mesmo que ser o mais novo de uma fratria de dois; e, por último, se o irmão que nos antecede é mais velho do que nós dois anos, as relações de amor/rivalidade com ele não serão idênticas às que teremos no caso da desproporção de idades ser maior. Damos estes exemplos só para equacionarmos como algumas diferenças na estrutura da constelação fraternal consubstanciam experiências diversificadas para as pessoas que têm a mesma ordem de nascimento (e.g., mais velhos, mais novos e do meio ou, primogénitos e não-primogénitos).

8. a destronação é um acontecimento indelével para a maioria de nós (só os únicos e os mais novos é que nunca o experienciaram realmente, embora possam tê-lo desejado ou temido). A forma como este evento fica inscrito em nós depende muito da intensidade do sofrimento originado por essa perda (a destronação implica sempre perder, nem que sejam poucos, alguns privilégios). E essa dor varia é função de variadíssimos factores: o ser-se primogénito (provavelmente custará mais ser-se único e passar a ser-se o mais velho do que ser-se o mais novo e tornar-se um do meio...), do sexo do destronador, da idade em que se é destronado, da relação anterior com os pais, do modo como estes preparam a vinda do rival ou da forma como eles toleram e encorajam uma certa separação psicológica (a que, inevitavelmente, são obrigados os restantes filhos aquando do nascimento de um novo irmão).

9. algumas crianças, devido ao recasamento dos pais (dos dois ou de, apenas, um deles), têm de, às vezes no mesmo dia, mudarem os seus papéis fraternais: porque a sua posição na fratria reconstituída pode ser diferente da da sua fratria *original*. Embora o que mais conta é a antiguidade e a qualidade das primeiras relações, é possível que estes novos contextos relacionais influenciem o comportamento actual: que conduzam, nomeadamente, a uma certa maleabilidade do comportamento relacional, o que pode ser, muitas vezes, enriquecedor.

10. falando em termos dos cinco principais domínios da personalidade (tal como são medidos pelo NEO PI-R) e, embora a configuração da fratria seja mais importante do que a ordem de nascimento, podemos dizer, genericamente, que os irmãos mais velhos são mais Extrovertidos e mais Conscienciosos do que os mais novos, os do meio e os únicos; que estes últimos são menos Amáveis do que os mais velhos e do que os mais novos e que os do meio são, entre todos, os menos Extrovertidos e os mais Neuróticos (sobretudo mais hostis).

11. a maior Extroversão e Conscienciosidade dos mais velhos terá a ver, por um lado, com o maior *poder natural* de que disfrutam na fratria (nomeadamente: são mais fortes física, cognitiva e afectivamente do que os seus irmãos) e com o *poder que lhes é delegado pelos pais* (eles são instruídos e responsabilizados a cuidarem e ensinarem os mais novos), o que

faz com que eles desenvolvam competências relacionais como a liderança e um elevado sentido de responsabilidade; por outro lado, a maior proximidade dos primeiros filhos com os pais faz deles continentes privilegiados dos valores e regras familiares, o que os torna mais aceitadores da autoridade destes (ou seja, mais obedientes ao dever) e, por isso, mais Consciosos do que os restantes irmãos.

12. a menor Amabilidade dos filhos únicos explica-se, sobretudo, pela sua in experiência com os pares, dada a exclusividade de que disfrutam na família.

13. a maior introversão e hostilidade dos do meio demonstra como, geralmente, a solidão no seio do grupo dos seus irmãos é uma característica bastante comum destas crianças e, como é, muitas vezes, indefinido o papel que lhes é reservado na família, papel pelo qual elas têm de rivalizar para o conquistarem e delimitarem.

14. os domínios do Neuroticismo e da Abertura à Experiência parecem ser os menos afectados pela posição fraternal dos universitários. Previsivelmente, porque os outros três (o da Amabilidade, o da Conscienciosidade e o da Extroversão) são aqueles que estão mais relacionados com o comportamento social/relacional; o domínio do Neuroticismo porque parece crível que o lugar que cada um ocupa na fratria tenha pouco a ver com o ser-se ou não Neurótico; e, por último, porque nesta amostra de *elite*, de estudantes universitários, possivelmente a maioria é identicamente Aberta a novas Experiências.

15. a configuração da fratria é importante porque, tal como apareceu no estudo de Toman em que descrevemos a posição fraternal dos sujeitos levando em linha de conta os diversos descritores (como o sexo, o tamanho da fratria e as diferenças de idade entre os irmãos), alguns deles ajudam a explicar as diferenças de personalidade entre os sujeitos de uma mesma ordem de nascimento.

16. sobre o sexo dos irmãos: a proximidade com o mesmo sexo, na fratria, parece ser geradora de maior competitividade e hostilidade do que o inverso. Embora a tendência seja a dos mais novos serem mais Amáveis do que os mais velhos, por exemplo, as mais novas de irmãs (tal como as do meio que estão rodeadas por raparigas) são aquelas que se mostram menos Amáveis quando comparadas com todas as restantes raparigas (excepto com as únicas).

17. sobre o tamanho da fratria: embora a tendência seja a dos mais velhos serem mais Conscienciosos do que os mais novos vimos, por exemplo, como estes, quando pertencem a fratrias de dois, não se mostram significativamente menos Conscienciosos do que os seus irmãos mais velhos: parece que o peso da responsabilidade de ser o primogénito fica mais distribuída nestas fratrias pequenas.

18. sobre as diferenças de idade: vimos como os únicos (rapazes e raparigas) não se distinguem significativamente da maioria dos quase-únicos – o que parece confirmar que as crianças não-únicas que têm uma grande diferença de idades com os irmãos adjacentes (de seis ou mais anos) crescem num *ambiente* de quase-exclusividade que as aproxima das crianças únicas, isto é, desenvolvem características de personalidade muito semelhantes a estas.

19. a posição fraternal parece também influenciar a escolha profissional. Encontrámos alguma evidência de que as raparigas mais velhas de irmãs se encaminham para cursos da área de "economia e gestão", de que as mais velhas de irmãos-rapazes se orientam para cursos da área das "ciências sociais, humanas e formação de professores" e, finalmente, de que as raparigas do meio se encontram, na sua maioria, na área do "desporto, arquitectura e artes". Parece que as primeiras, pelo facto de serem as primogénitas de uma fratria unissexual, tendem a procurar profissões onde possam governar. Se nos lembrarmos dos perfis de Toman e de alguns estudos que constataram que os Presidentes da República e os Primeiros-Ministros são, maioritariamente, os primogénitos de fratrias unissexuais parece, pois, que a tendência para a liderança destes rapazes e destas raparigas se concretiza, nomeadamente, na prática profissional. As raparigas mais velhas de rapazes, pelo contrário, seriam mais "maternais" e endereçar-se-iam, por isso, preferencialmente, para profissões de carácter mais

humanístico e filantrópico (ou filadélfico?), nomeadamente, para a actividade docente. E, por último, parece existir uma certa evidência de uma personalidade pouco convencional nas raparigas do meio, dada a preferência destas por cursos da área do "desporto, arquitectura e artes".

20. tanto os rapazes como as raparigas, maioritária e significativamente, desejam ter um rapaz como primeiro filho. A posição de rapaz primogénito pode ser, então, mais confortável do que a de rapariga primogénita. Daí que, mais uma vez, se sublinhe a inconveniência de falar genericamente de uma posição fraternal sem ter em conta outras características dos sujeitos.

21. possivelmente, a essencialidade do irmão como imagem especular pode encontrar-se no desejo, bastante mais frequente do que a realidade da natureza permite, de ter filhos gémeos – ou não se deseja, através dos filhos, sermos aquilo que não fomos/somos? Ou seja: através dos irmãos (em certa medida: almas-gémeas) não realizamos o desejo da completude, a que todos, no fundo, aspiramos? Não é através deles que conquistamos o similar, o outro de nós-mesmos (Schnitzer, 1990: 56), desejo que, como disseram Degros & Zdanowicz (1998)²⁹², não estará em cada um de nós (filhos únicos e não-únicos) "como uma tentativa de escapar[mos] à angústia da castração e da morte»? Embora esta aspiração de todo o ser humano em encontrar a sua alma-gémea seja ambígua e paradoxal porque, como ainda refere Schnitzer (*ibidem*), cada um de nós "aceita mal não ser único, inimitável, insubstituível"...

²⁹² Autores citados in Meynckens-Fourez (1999: 45).

Posfácio

*"Extingue-se o dia
mas não o canto
da cotovia"*

Matsuo Bashô in O gosto solitário do orvalho, p. 29.

A posição fraternal é um dado biográfico facilmente recolhível, seja à mesa do café, seja num contexto mais formal de uma entrevista clínica ou de selecção profissional. Pensamos que ficou claro que algumas características da personalidade são determinadas por esta variável e que a diversidade das constelações fraternais é imensa, o que dificulta a elaboração de tipologias (mesmo que, como tal, nos servissem, apenas, como uma espécie de padrão para compreendermos cada indivíduo em particular). O recente *boom* de livros sobre a fratria, pese embora tenham o mérito de ter colocado no lugar devido a importância deste sub-sistema familiar, conduziu, simultaneamente, a investigações pouco criteriosas e apressadas. E a divulgação nos *mass media* desses resultados, que no meio científico têm, justamente, sido olhados com um certo criticismo, tem fortalecido a ideia errónea de que a posição fraternal é (quase) tudo. Como vimos acima, arrastados por esta panaceia, nalguns países, alguns profissionais começam, perigosamente, a integrar nas suas práticas algumas dessas tipologias muito reducionistas, do tipo: os primogénitos são mais conservadores, assertivos, dominantes, ambiciosos e defensivos do que os não-primogénitos; os únicos são menos amáveis do que os indivíduos que têm irmãos...

Esperamos ter demonstrado neste nosso trabalho como a posição fraternal é importante, mas não é tudo, nomeadamente quando comparada com as relações que o sujeito tece com os pais. Por serem as mais precoces e as mais vitais, física e psicologicamente, as relações com os pais são, geralmente, mais relevantes na construção da nossa personalidade. Porque, no fundo, o que nos torna irmãos é termos tido a *mesma* decepção face aos *mesmos* pais. As relações fraternais, embora dependentes da posição que cada um ocupa no grupo dos irmãos, estão profusamente interligadas, na dinâmica familiar, com as relações pais-filhos.

Se conseguimos, ao longo deste texto e com os resultados da nossa investigação empírica, realçar a importância da fratria, mas, ao mesmo tempo, delimitar a exacta medida dessa importância – não terá sido em vão o esforço e o prazer despendido na elaboração do mesmo. E será este o principal mérito que lhe atribuímos, o que, provavelmente, já não é pouco.

E porque a fratria é, sobretudo, um lugar de afectos, podemos fechar esta tarefa (do mesmo modo, intensa e inequivocamente ligada a esses móbeis do comportamento humano²⁹³) embalados com as palavras de Sérgio Godinho:

"a traça do passado é tão confusa
mas tão límpida a lembrança dos afectos
são fartos e temíveis
são as cordas sensíveis
quietos irrequietos
p'ra sempre
politicamente incorrectos
os afectos, os afectos"²⁹⁴.

²⁹³ Porque como alguém disse um dia, o conhecimento inicia-se pelos sentidos, ou seja: pelos afectos. Isto é, pelo saber, só por si, não atingimos a essência do que quer que seja.

²⁹⁴ Extracto d'Os afectos in *Domingo no mundo* (1997).

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVITCH, Rona; CORTER, Carl; LANDO, Bella (1979). Sibling interaction in the home. *Child Development*, 50, 997-1003.
- ABRAMOVITCH, Rona; CORTER, Carl; PEPLER, Debra J. (1980). Observations of mixed-sex sibling dyads. *Child Development*, 51, 1268-1271.
- ABREU, Manuel Viegas (1980). Desenvolvimento da personalidade e motivação. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XIV, 159-193.
- ADLER, Alfred (1975). *El niño difícil*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe. (Obra original publicada em 1930).
- ADLER, Alfred (1984). *Conocimiento del Hombre*. 7ª ed., Madrid: Editorial Espasa - Calpe. (Obra original publicada em 1926).
- ADLER, Alfred (1993). *El carácter neurótico*. 2ª ed., Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica [prefácio de Jaime Bernstein]. (Obra original publicada em 1912).
- AINSWORTH, Mary D. Salter (1969). Relações objectais, dependência e vinculação: uma análise teórica das relações da criança com a mãe. In L. Soczka (Ed.) (1976), *As ligações infantis* (pp. 155-225). Lisboa: Livraria Bertrand.
- ALARCÃO, Madalena (2000). *(Des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- ALBERONI, Francesco (1997). *Os invejosos*. 4ª ed., Venda Nova: Bertrand Editora. (Obra original publicada em 1991).
- ALLÉON, A.-M. et al. (s/d). *A interminável adolescência*. Porto: Rés. (Obra original publicada em 1983).
- ALLOUCH, Jean (1992). Une sœur comme soi. *Études Psychothérapiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 19-41.
- ALMEIDA, Ana Nunes de (1999). Ciências Sociais e universos femininos em Portugal: contributos para a mudança. *Educação, Sociedades & Culturas*, 11, 109-131.
- ALMODOVAR, Jean-Pierre (1986). Construction et économie des liens fraternels. *Le groupe familial*, 111:4, 2-8.
- AMATO, Paul R. (1989). Family processes and the competence of adolescents and primary school children. *Journal of Youth and Adolescence*, 18:1, 39-53.
- ANGEL, Sylvie (1990). Qu'as-tu ma sœur, qu'as-tu donc à pleurer? *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 78-85.
- ANGEL, Sylvie (1996). *Des frères et des sœurs: les liens complexes de la fraternité*. Paris: Éditions Robert Laffont.
- ARIÈS, Philippe (1988). *O Homem perante a Morte – II*. Mem Martins: Publicações Europa-América. (Obra original publicada em 1977).
- ARIÈS, Philippe (1989). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2ª ed., Lisboa: Editorial Teorema. (Obra original publicada em 1975).
- ARRANZ Freijo, Enrique (1989). *Psicología de las relaciones fraternas*. Barcelona: Editorial Herder.

- ASSOUN, Paul-Laurent (1998a). *Frères et sœurs: le lien inconscient*. Tomo 1, Paris: Economica.
- ASSOUN, Paul-Laurent (1998b). *Frères et sœurs: un lien et son écriture*. Tomo 2, Paris: Economica.
- AZEVEDO, Maria da Conceição F. G. C. (1996). *Fernando Pessoa, Educador: encontro de si próprio, consciência da missão, fidelidade ao ser*. Braga: Edições da APPACDM.
- AZOULAI, Minou (1993). *Como ajudar os nossos filhos a receberem um bebé*. Lisboa: Contexto Editora. (Obra original publicada em 1990).
- BAKER, Laura A.; DANIELS, Denise (1990). Nonshared environmental influences and personality differences in adults twins. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58:1, 103-110.
- BANNOUR, Wanda; BERTHIER, Philippe (Eds.) (1992). *Eros Philadelphie: frère et sœur, passion secrète*. Paris: Éditions du Félin.
- BARROS, Luísa (1999). *Psicologia Pediátrica: perspectiva desenvolvimentista*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- BASHÔ, Matsuo (1986). *O gosto solitário do orvalho* [antologia poética]. Lisboa: Assírio e Alvim [versões de Jorge de Sousa Braga].
- BASKETT, Linda Musun (1984). Ordinal position differences in children's family interactions. *Developmental Psychology*, 20:6, 1026-1031.
- BASKETT, Linda Musun (1985). Sibling status effects: adult expectations. *Developmental Psychology*, 21:3, 441-445.
- BATESON, Gregory (1971). Communication. In Y. Winkin (Ed.) (1981), *La nouvelle communication* (pp. 116-144). Paris: Éditions du Seuil.
- BATESON, Gregory (1987). *Natureza e espírito: uma unidade necessária*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. (Obra original publicada em 1979).
- BEHNAM, Djamchid (1992). *Le devenir de la famille: dynamique familiale dans les différents aires culturelles*. Paris: Unesco/Publisud.
- BETTELHEIM, Bruno (1999). *Psicanálise dos contos de fadas*. 8ª ed., Venda Nova: Bertrand Editora. (Obra original publicada em 1975).
- BÍBLIA SAGRADA. 4ª ed., Lisboa: Difusora Bíblica, 1971.
- BION, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados (second thoughts)*. 3ª ed. rev., Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1967).
- BIRCHNELL, John; MAYHEW, Julie (1977). Toman's theory: tested for mate selection and friendship formation. *Journal of Individual Psychology*, 33, 18- 36.
- BOUREAU, Alain (1992). Hyménée Philadelphie: le mariage égyptien entre frère et sœur et son oubli occidental. In W. Bannour & P. Berthier (Eds.), *Eros Philadelphie: frère et sœur, passion secrète* (pp. 27-47). Paris: Éditions du Félin.
- BOWEN, Murray (1966). Aplicación de la teoria de la familia en la práctica clínica. In M. Bowen (1991), *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar* (pp. 19-63). Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica. (Obra original publicada em 1979).
- BOWEN, Murray (1988). *La différenciation du soi: les triangles et les systèmes émotifs familiaux*. 2ª ed., Paris: Les Éditions ESF. (Obra original publicada em 1978).
- BOWLBY, John (1958). A natureza da ligação da criança com a mãe. In L. Soczka (Ed.) (1976), *As ligações infantis* (pp. 105-153). Lisboa: Livraria Bertrand.

- BOWLBY, John (1997). *El vínculo afectivo*. 2ª ed., Barcelona: Editorial Paidós. (Obra original publicada em 1969).
- BRACONNIER, Alain; MARCELLI, Daniel (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: CLIMEPSI Editores. (Obra original publicada em 1998).
- BRAGG, Barry W. E.; OSTROWSKI, Margaret V.; FINLEY, Gordon E. (1973). The effects of birth order and the age of target on use of persuasive techniques. *Child Development*, 44, 351-354.
- BRODY, Gene H.; STONEMAN, Zolinda (1994). Sibling relationships and their association with parental differential treatment. In E. M. Hetherington, D. Reiss & R. Plomin (Eds.), *Separate social worlds of sibling: impact of nonshared environment on development* (pp. 129-142). Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- BRODY, Gene H.; STONEMAN, Zolinda; BURKE, Michelle (1987). Child temperaments, maternal differential behavior, and sibling relationships. *Developmental Psychology*, 23:3, 354-362.
- BRODY, Gene H.; STONEMAN, Zolinda; GAUGER, Kenneth (1996). Parent-child relationships, family problem-solving behavior, and sibling relationship quality: the moderating role of sibling temperaments. *Child Development*, 67, 1289-1300.
- BRODY, Gene H.; STONEMAN, Zolinda; MCCOY, J. Kelly (1992a). Associations of maternal and paternal direct and differential behavior with sibling relationships: contemporaneous and longitudinal analyses. *Child Development*, 63, 82-92.
- BRODY, Gene H.; STONEMAN, Zolinda; MCCOY, J. Kelly (1992b). Parental differential treatment of siblings and sibling differences in negative emotionality. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 643-651.
- BRODY, Gene H.; STONEMAN, Zolinda; MCCOY, J. Kelly (1994). Forecasting sibling relationships in early adolescence from child temperaments and family processes in middle childhood. *Child Development*, 65, 771-784.
- BROWN, B. Bradford et al. (1993). Parenting practices and peer group affiliation in adolescence. *Child Development*, 64, 467-482.
- BROWN, B. Bradford; DONELAN-McCALL, Nancy; DUNN, Judy (1996). Why talk about mental states? The significance of children's conversations with friends, siblings, and mothers. *Child Development*, 67, 836-849.
- BROWN, Jane R.; DUNN, Judy (1996). Continuities in emotion understanding from three to six years. *Child Development*, 67, 789-802.
- BRUNORI, Luisa; PERRETTA, Annamaria; BOLZANI, Roberto (1997). Ordine di nascita e comportamento antisociale. *Attualità in Psicologia*, Ano XII, 2, 179-188.
- BRYANT, Brenda K.; CROCKENBERG, Susan B. (1980). Correlates and dimensions of prosocial behavior: a study of female siblings with their mothers. *Child Development*, 51, 529-544.
- BUHRMESTER, Duane; FURMAN, Wyndol (1990). Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence. *Child Development*, 61, 1387-1398.
- CABRAL, Fátima Sarsfield; PEREIRA, Rosina Constante (2000). A pomba entrou no arco-íris e ficou com as cores dele ou Como fazer um sonho. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 19, 25-43.
- CAEVEL, Henri De (1998). Y a-t-il un inceste fraternel? *La lettre du GRAPPE*, 32, 37-44.

- CAMPOS, Diogo Leite de (1990). *Lições de Direito da Família e das Sucessões*. Coimbra: Livraria Almedina.
- CANAVARRO, José Manuel Portocarrero (1997). *Ciência, escola e sociedade: concepções de ciência de estudantes portugueses*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Tese de Doutoramento.
- CASTELLAN, Yvonne (1991). *La famille*. 3ª ed. atualizada, Paris: PUF. (1ª edição publicada em 1982).
- CHAMBOREDON, Jean-Claude (1983). Adolescência e pós-adolescência: a 'juvenilização'. In A.-M. Alléon et al. (s/d), *A interminável adolescência* (pp. 11-28). Porto: Rés. (Obra original publicada em 1983).
- CICIRELLI, Victor G. (1967). Sibling constellation, creativity, IQ, and academic achievement. *Child Development*, 38, 481-490.
- CLAES, Michel (1985). *Os problemas da adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo.
- COPELAND, Anne P.; WHITE, Kathleen M. (1991). *Studying families*. Newbury Park: Sage Publications.
- CORREIA, Natália (1992). *As núpcias*. Lisboa: Edições «O Jornal».
- CROAKE, James W.; OLSON, Terrance D. (1977). Family constellation and personality. *Journal of Individual Psychology*, 33, 9-17.
- CUNNINGHAM, Michael (2000). *As horas*. 4ª ed., Lisboa: Gradiva. (Obra original publicada em 1998).
- CUSINATO, Mario (1992). *Psicología de las relaciones familiares*. Barcelona: Editorial Herder. (Obra original publicada em 1988).
- DANIELS, Denise (1986). Differential experiences of siblings in the same family as predictors of adolescent sibling personality differences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51:2, 339-346.
- DANIELS, Denise et al. (1985). Environmental differences within the family and adjustment differences within pairs of adolescents siblings. *Child Development*, 56, 764-774.
- DANIELS, Denise; PLOMIN, Robert (1984). *Sibling Inventory of Differential Experience (SIDE), technical manual*. New Jersey: ETS Test Collection / Educational Testing Service.
- DANIELS, Denise; PLOMIN, Robert (1985). Differential experiences of siblings in the same family. *Developmental Psychology*, 21:5, 747-760.
- DEAL, James E.; HALVERSON (Jr.), Charles F.; WAMPLER, Karen Smith (1994). Sibling similarity as an individual differences variable: within-family measures of shared environment. In E. M. Hetherington, D. Reiss & R. Plomin (Eds.), *Separate social worlds of sibling: impact of nonshared environment on development* (pp. 205-218). Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- DEBRY, Marianne (1999). L'expérience fraternelle et la psychanalyse: du narcissique à l'objectal. In E. Tilmans-Ostyn & M. Meynckens-Fourez (Eds.), *Les ressources de la fratrie* (pp. 267-277). Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès.
- DeFRANCK-LYNCH, Barbara (1986). *Thérapie familiale structurale: manuel des principes et des éléments de base*. Paris: Les Éditions ESF. (Obra original publicada em 1985).
- DELDIME, R.; VERMEULEN, S. (1984). *Le développement psychologique de l'enfant*. 3ª ed. rev. e aumentada, Paris: Librairie Classique Eugène Belin.
- DELIBES, Miguel (1997). *El príncipe destronado*. 21ª ed., Barcelona: Ediciones Destino. (Obra original publicada em 1973).

- DEMO, David H.; SMALL, Stephen A.; SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. (1987). Family relations and the self-esteem of adolescents and their parents. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 705-715.
- DENIOT, Joëlle (1990). Une trame d'objets anodins. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 39-41.
- DIAS, Carlos Amaral (1991). *Ali Babá – droga: uma neurose diabólica do século vinte*. Lisboa: Escher, Fim de Século Edições.
- DIAS, Carlos Amaral; MONTEIRO, João Sousa (1989). *Eu já posso imaginar que faço*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- DÍAZ-AGUADO, Maria José (1997). *La envidia*. Madrid: Aguilar.
- DICIONÁRIO da LÍNGUA PORTUGUESA (s/d) [org. por COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio]. 5ª ed., Porto: Porto Editora.
- DICIONÁRIO de LATIM-PORTUGUÊS (s/d) [org. por FERREIRA, António Gomes]. Porto: Porto Editora.
- DOHERTY, William J.; CAMPBELL, Thomas L. (1988). *Families and Health*. Newbury Park: Sage Publications.
- DOLTO-TOLITCH, Catherine (1990). «On ne m'a pas jamais demandé... si je voulais une petite sœur». *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 73-77.
- DUNN, Judy (1983). Sibling relationships in early childhood. *Child Development*, 54, 787-811.
- DUNN, Judy (1986). *Relaciones entre hermanos*. Madrid: Ediciones Morata. (Obra original publicada em 1984).
- DUNN, Judy (1988). *The beginnings of social understanding*. Oxford: Blackwell.
- DUNN, Judy; KENDRICK, Carol (1981a). Interaction between young siblings: association with the interaction between mother and firstborn child. *Developmental Psychology*, 17:3, 336-343.
- DUNN, Judy; KENDRICK, Carol (1981b). Social behavior of young siblings in the same family context: differences between same-sex and different-sex dyads. *Child Development*, 52, 1265-1273.
- DUNN, Judy; KENDRICK, Carol (1986). *Hermanos y hermanas*. Madrid: Alianza Editorial. (Obra original publicada em 1982).
- DUNN, Judy; PLOMIN, Robert (1992). *Frères et sœurs si différents: les vies distinctes dans la famille*. Paris: Éditions Nathan. (Obra original publicada em 1990).
- DUNN, Judy; SHATZ, Marilyn (1989). Becoming a conversationalist despite (or because of) having an older sibling. *Child Development*, 60, 399-410.
- DUNN, Judy; STOCKER, Clare; PLOMIN, Robert (1990). Nonshared experiences within the family: correlates of behavioral problems in middle childhood. *Development Psychopathology*, 2, 113-126.
- EAST, Patricia L. (1996). The younger sisters of childbearing adolescents: their attitudes, expectations, and behaviors. *Child Development*, 67, 267-282.
- ECO, Umberto (s/d). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1977).
- EDY, Louis (2000). Deuils dans la fratrie. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 27, 195-208.
- ERIKSON, Erik H. (1972). *Adolescence et crise: la quête de l'identité*. Paris: Flammarion. (Obra original publicada em 1968).

- ESPANCA, Florbela (1998). *Diário do último ano*. 4ª ed., Lisboa: Bertrand Editora [prefácio de Natália Correia de 1981]. (Obra original publicada em 1930).
- ESPANCA, Florbela (s/d). *Sonetos*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- ESTANQUE, Elísio (1997). As classes sociais na sociedade portuguesa: um estudo apoiado no modelo de Erik Olin Wright. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 49, 93-126.
- FABER, Adele; MAZLISH, Elaine (1995). *Jalousies et rivalités entre frères et sœurs*. Paris: Éditions Stock. (Obra original publicada em 1987).
- FABRE, Nicole (1992). Comme des frères. *Études Psychothérapeutiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 81-93.
- FARVER, Jo Ann M.; WIMBARTI, Supra (1995). Indonesian children's play with their mothers and older siblings. *Child Development*, 66, 1493-1503.
- FERNANDES, Otília Monteiro (1995). *Família e emigração*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Tese de Mestrado.
- FERNANDES, Otília Monteiro (2000). *Fratrã e personalidade*. Vila Real: UTAD, Tese de Doutoramento.
- FERRARI, P. (1989). Réactions psychologiques dans les maladies chroniques de l'enfant. *Neuropsychiatrie de L'Enfance et de l'Adolescence*, 37:8/9, 415-419.
- FERRARI, Pierre (2000). Le fraternel psychanalytique. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 27, 47-62.
- FERRARI, P.; CROCHETTE, A.; BOUVET, M. (1988). La fratrie de l'enfant handicapé: approche clinique. *Neuropsychiatrie de L'Enfance et de l'Adolescence*, 36:1, 19-25.
- FERREE, Myra Marx (1990). Beyond separate spheres: feminism and family research. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 866-884.
- FERRO, Rita (1999). Rita, a mais nova. *Diário de Notícias*, 31 de Janeiro de 1999, p. 22.
- FIGUEIREDO, Eurico; SILVA, Luísa Ferreira da (1992). As gerações e os valores nos universitários e respectivos pais. *Psicologia*, vol. VIII:3, 339-352.
- FISHEL, Elizabeth (1998). *Relações entre pais e filhos*. Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1991).
- FLEMING, Manuela (1993). *Adolescência e Autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- FONTANA, David (1984). *Personalidade e Educação*. Lisboa: Livros Horizonte. (Obra original publicada em 1977).
- FORER, Lucille K. (1969). *Birth order and life roles*. Springfield (Illinois): Charles C. Thomas Publisher.
- FRANÇA, Raquel M. A. M. (1994). *A dinâmica da relação na fratria da criança com paralisia cerebral*. Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Tese de Mestrado.
- FREEMAN, Frank S. (1980). *Teoria e prática dos testes psicológicos*. 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Obra original publicada em 1962).
- FREESE, Jeremy; POWELL, Brian; STEELMAN, Lala Carr (1999). Rebel without a cause or effect: birth order and social attitudes. *American Sociological Review*, 64 (Abril), 207-231.
- FREUD, Anna (1987). *Infância normal e patológica*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara. (Obra original publicada em 1965).

- FREUD, Sigmund (1972). *A interpretação de sonhos*. Edição Standard Brasileira (Vol. s IV e V). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1900).
- FREUD, Sigmund (1974). *Luto e melancolia*. Edição Standard Brasileira (Vol. XIV, pp. 271-291). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1917).
- FREUD, Sigmund (1976a). *A psicopatologia da vida cotidiana*. Edição Standard Brasileira (Vol. VI). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1901).
- FREUD, Sigmund (1976b). *Sobre as teorias sexuais das crianças*. Edição Standard Brasileira (Vol. IX, pp. 211-228). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1908).
- FREUD, Sigmund (1976c). Psicanálise e Psiquiatria – conferência XVI. In *Conferências introdutórias sobre Psicanálise* (parte III). Edição Standard Brasileira (Vol. XVI, pp. 289-303). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1917).
- FREUD, Sigmund (1976d). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais – conferência XXI. In *Conferências introdutórias sobre Psicanálise* (parte III). Edição Standard Brasileira (Vol. XVI, pp. 375-395). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1917).
- FREUD, Sigmund (1976e). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Edição Standard Brasileira (Vol. XVIII, pp. 89-179). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1921).
- FREUD, Sigmund (1976f). *Inibição, sintoma e angústia*. Edição Standard Brasileira (Vol. XX, pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1926).
- FREUD, Sigmund (1976g). A dissecação da personalidade psíquica – conferência XXXI. In *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise*. Edição Standard Brasileira (Vol. XXII, pp. 75-102). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1933).
- FREUD, Sigmund (1976h). Feminilidade – conferência XXXIII. In *Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise*. Edição Standard Brasileira (Vol. XXII, pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1933).
- FREUD, Sigmund (1990). *Moisés e o Monoteísmo*. Lisboa: Círculo de Leitores. (Obra original publicada em 1939).
- FREUD, Sigmund (1996). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Edição Standard Brasileira (Vol. XVIII, pp. 155-183). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1920).
- FRIEDMAN, Edwin H. (1991). Bowen theory and therapy. In A. S. Gurman & D. P. Kniskern (Eds.), *Handbook of family therapy* (Vol. II, pp. 134-170). Nova Iorque: Brunner/Mazel.
- FURMAN, Wyndol; BUHRMESTER, Duane (1985a). Children's perceptions of the qualities of sibling relationships. *Child Development*, 56, 448-461.
- FURMAN, Wyndol; BUHRMESTER, Duane (1985b). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental Psychology*, 21:6, 1016-1024.
- FURMAN, Wyndol; LANTHIER, Richard P. (1996). Personality and sibling relationships. *Advances in Applied Developmental Psychology*, 10, 127-146.
- GALBRAITH, Richard C. (1982). Sibling spacing and intellectual development: a closer look at the confluence models. *Developmental Psychology*, 18:2, 151-173.

- GAMEIRO, José (1997). *Os meus, os teus, e os nossos: novas formas de família*. Lisboa: Terramar.
- GAUQUELIN, Michel; GAUQUELIN, Françoise (Eds.) (1980). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Verbo. (Obra original publicada em 1971).
- GAYET, Daniel (1993). *Les relations fraternelles: approches psychologiques et anthropologiques des fratries*. Nêuchâtel/Paris: Delachaux et Niestlé.
- GECAS, Viktor; SCHWALBE, Michael L. (1986). Parental behavior and adolescent self-esteem. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 37-46.
- GENDRIN, Catherine; SAVIER, Lucette (1990). «On ne m'a pas jamais demandé... si je voulais une petite sœur» [introdução à entrevista feita a C. Dolto-Tolitch]. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 71-72.
- GIL, Antonio Carlos (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 2ª ed., São Paulo: Atlas. (1ª edição publicada em 1987).
- GILBERT, John (1976). *Mitos e lendas da Roma Antiga*. São Paulo: Edições Melhoramentos/Editora da Universidade de São Paulo. (Obra original publicada em 1970).
- GILLIAND, Pierre (1991). Population et structures des familles en Suisse. In T. Fleiner-Gerster, P. Gilliand & K. Lüscher (Eds.), *Familles en Suisse* (pp. 3-29). Friburgo: Éditions Universitaires.
- GINSBERG-CARRÉ, Christiane (1992). "Le frère de mon frère n'est pas mon frère": dynamique des fratries dans les familles recomposées. *Études Psychothérapeutiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 105-115.
- GODINHO, Sérgio (1997). Os afectos. In *Domingo no mundo*. EMI – Valentim de Carvalho, Música, Lda.
- GOMAESPUMA (1992). *Família há só uma e o cão foi achado na rua*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- GONÇALVES, Maria José (1993). Será menino ou menina? ou a Génese da identidade sexual. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 12, 71-77.
- GOTMAN, Anne (1990a). Cheminement du droit. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 90-94.
- GOTMAN, Anne (1990b). L'impossible partage. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 95-99.
- GOURDON-HANUS, Dominique; HANUS, Michel; JASSAUD, Richard (1980). Le deuil chez l'enfant. *Psychiatrie de l'enfant*, XXIII:1, 319-340.
- GREENE, Roger L.; CLARK, John R. (1970). Adler's theory of birth order. *Psychological Reports*, 26, 387-390.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm (1997). *Les deux frères*. Paris: Mercure de France [prefácio de Pierre Péju – Jacob et Wilhelm Grimm, fructueuse fraternité].
- GRINBERG, León (2000). *Culpa e depressão*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.
- GUÉRIN, Guite (1975). Être en deuil. In G. Raimbault (1995), *L'enfant et la mort: problèmes de la clinique du deuil* (pp. 177-194). Paris: Dunod. (Obra original publicada em 1975).
- GUO, Guang; VanWEY, Leah K. (1999). Sibship size and intellectual development: is the relationship causal? *American Sociological Review*, 64, 169-187.

- HANDY, Lee Clair (1968). An examination of two of Toman's family constellation hypotheses concerning the relative success of mate selection. *Dissertation Abstracts*, 28, 4873A-4874A.
- HARLOW, Harry F. (1958). A natureza do amor. In L. Soczka (Eds.) (1976), *As ligações infantis* (pp. 79-104). Lisboa: Livraria Bertrand.
- HASSOUN, Jacques (1997). «Todos nós nascemos de uma linhagem de assassinos». In J. Hassoun (Ed.) (1998), *Caim* (pp. 13-32). Lisboa: Pergaminho. (Obra original publicada em 1997).
- HASSOUN, Pascale (1997). No princípio era a inveja. In J. Hassoun (Ed.) (1998), *Caim* (pp. 71-80). Lisboa: Pergaminho. (Obra original publicada em 1997).
- HASSOUN-LESTIENNE, Pascale (Ed.) (1998). *L'envie et le désir: les faux frères*. Paris: Éditions Autrement.
- HATTAB, Jocelyn (1984). Identité et identification. Psychothérapie d'un orphelin de guerre. *Psychothérapies*, 1/2, 55-58.
- HOFFMAN, Lois Wladis (1991). The influence of the family environment on personality: accounting for sibling differences. *Psychological Bulletin*, 110:2, 187-203.
- HOMES, A. M. (1999). *Terra de mães*. Lisboa: Editorial Notícias. (Obra original publicada em 1993).
- HOWARTH, Edgar (1980). Birth order, family structure and personality variables. *Journal of Personality Assessment*, 44:3, 299-301.
- JEAMMET, Nicole (1991). *O ódio necessário*. Lisboa: Editorial Estampa. (Obra original publicada em 1989).
- JEAMMET, Nicole (2000). Échecs et reprises du projet fraternel dans la Génese. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 27, 27-45.
- JEFFERSON (Jr.), Tyrone; HERBST, Jeffrey H.; McCRAE, Robert R. (1998). Associations between birth order and personality traits: evidence from self-reports and observer ratings. *Journal of Research in Personality*, 32, 498-509.
- JESUÍNO, Jorge Correia (1976). Teoria de Piaget. In O. G. Pereira, J. C. Jesuíno & L. Joyce-Moniz (Eds.), *Desenvolvimento psicológico da criança* (2ª vol., 1º tomo, pp. 57-275). Lisboa: Moraes Editores.
- KELLERHALS, Jean; MONTANDON, Cléopâtre (1991a). *Les stratégies éducatives des familles: milieu social, dynamique familiale et éducation des pré-adolescents*. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé.
- KELLERHALS, Jean; MONTANDON, Cléopâtre (1991b). Les styles d'éducation dans la famille. In T. Fleiner-Gerster, P. Gilliland & K. Lüscher (Eds.), *Familles en Suisse* (pp. 195-207). Friburgo: Éditions Universitaires.
- KELLERHALS, Jean; ROUSSEL, Louis (1987). Les sociologues face aux mutations de la famille: quelques tendances des recherches. *L'Année Sociologique*, 37, 15-44.
- KERR, M. E. (1981). Family systems theory and therapy. In A. S. Gurman & D. P. Kniskern (Eds.), *Handbook of family therapy* (Vol. I, cap. 7). Nova Iorque: Brunner/Mazel.
- KLASBRUN, Francine (1994). *Frères et sœurs: pour le meilleur et pour le pire*. Paris: Bayard Éditions. (Obra original publicada em 1992).
- KLEIN, Melanie (1937). Amor, culpa e reparação. In M. Klein & J. Rivière (1975), *Amor, ódio e reparação* (pp. 79-162). 2ª ed., Rio de Janeiro: Imago Editora.
- KLEIN, Melanie (1955). A propos de l'identification. In M. Klein (1968), *Envie et gratitude et autres essais* (pp. 141-185). Paris: Gallimard.

- KLEIN, Melanie (1957). Envie et gratitude. In M. Klein (1968), *Envie et gratitude et autres essais* (pp. 11-93). Paris: Gallimard.
- KLEIN, Melanie (1959). Se sentir seul. In M. Klein (1968), *Envie et gratitude et autres essais* (pp. 120-137). Paris: Gallimard.
- KLOCKARS, Alan John (1967). Relationships between personality dimensions and the familial variables of birth order, sex of siblings and family size. *Dissertation Abstracts*, 29 (1968) 327-A.
- KÖNIG, Karl (1996). *Frères et sœurs: ordre des naissances dans la constellation familiale*. 3ª ed., Chatou: Les Trois Arches. (Obra original publicada em 1958).
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth (1985). *La mort: dernière étape de la croissance*. Éditions du Rocher. (Obra original publicada em 1975).
- LABROUSSE, Francis (1990). Destins. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 63-66.
- LAUFER, Danièle (1990). Une telle évidence. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 14-19.
- LAURIOUX, Fabienne (1990). Vies de meubles. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 36-38.
- LE MICRO-ROBERT POCHE (1992) [org. por REY, Alain]. Paris: Dictionnaires Le Robert.
- LÉGLISE, Nicole (1999). *L'enfant du milieu ou comment être seul dans une fratrie de trois*. Paris: L'Harmattan.
- LEMAIRE, J.-G. (1989). *Famille, Amour, Folie: lecture et traitement psychanalytique des liens familiaux*. Paris: Éditions Centurion.
- LEMOINE-LUCCIONI, Eugénie (1990). Le rêve de fraternité. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 125-130.
- LESOURD, Serge (1998). Mon frère, mon tendre ennemi. *La lettre du GRAPPE*, 32, 45-52.
- LIMA, Margarida Pedroso de (1997). *NEO-PI-R: contextos teóricos e psicométricos – "OCEAN" ou "iceberg"?* Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Tese de Doutoramento.
- LIMA, Margarida Pedroso de; SIMÕES, António (1995). O Inventário da Personalidade NEO PI-R. In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas Psicológicas em Portugal* (pp. 133-149). Braga: APPORT.
- LIMA, Margarida Pedroso de; SIMÕES, António (1997). O Inventário da Personalidade NEO PI-R: resultados da aferição portuguesa. *Psychologica*, 18, 25-46.
- LIMA, Margarida Pedroso de; SIMÕES, António (1998). Aplicações Clínicas do modelo dos cinco factores. *Psiquiatria Clínica*, 19:1, 21-30.
- LIMA, Margarida Pedroso de; SIMÕES, António (2000). *NEO PI-R: manual profissional*. Lisboa: CEGOC-TEA.
- LINDGREN, Astrid (com ilustrações de WIKLAND, Ilon) (1994). *Yo también quiero tener hermanos*. 3ª ed., Barcelona: Editorial Juventud. (Obra original publicada em 1978).
- LINTON, R. (s/d). *O Homem*. São Paulo: Livraria Martins. (Obra original publicada em 1959).
- LOSH-HESELBART, Susan (1987). Development of gender roles. In M. B. Sussman & S. K. Steinmetz (Eds.), *Handbook of marriage and the family* (pp. 535-563). Nova Iorque: Plenum Press.

- LOWERY, Schelly (1995). *The Effect of Birth Order on Intelligence*. Documento da Internet: MWSC Psychology Research Page.
- LUZES, Pedro (1976). Psicanálise e desenvolvimento da criança. In O. G. Pereira, J. C. Jesuino & L. Joyce-Moniz (Eds.), *Desenvolvimento psicológico da criança* (2º vol., 2º tomo, pp. 199-312). Lisboa: Moraes Editores.
- MADDOX, Conroy (1990). *Salvador Dalí: o génio e o excêntrico*. Köln: Benedikt Taschen. (Obra original publicada em 1979).
- MAHLER, Margaret S.; PINE, Fred; BERGMAN, Anni (1977). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Obra original publicada em 1975).
- MALPIQUE, Celeste (1990). «Da capacidade de estar só». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 9, 53-79.
- MARBEAU-CLEIRENS, Béatrice (1992). Le prénom du frère mort. *Études Psychothérapiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 43-59.
- MARC, Edmond; PICARD, Dominique (s/d). *A interação social*. Porto: Rés Editora. (Obra original publicada em 1989).
- MARTENSEN-LARSEN, O. (1957a). The family constellation analysis and alcoholism. *Acta Genet.*, 7, 441-444.
- MARTENSEN-LARSEN, O. (1957b). The family constellation and homosexuality. *Acta Genet.*, 7, 445-446.
- MAUCO, Georges; RAMBAUD, Paule (1951). Le rang de l'enfant dans la famille. *Revue Française de Psychanalyse*, 15, 253-260.
- MAUREY, Gilbert (1992). Présentation. *Études Psychothérapiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 13-18.
- McCRAE, Robert R.; COSTA (Jr.), Paul T. (1997). Personality trait structure as a human universal. *American Psychologist*, 52:5, 509-516.
- McGOLDRICK, Monica; GERSON, Randy (1997). *Génogrammes et entretien familial*. 3ª ed., Paris: ESF éditeur. (Obra original publicada em 1985).
- McGUIRE, Shirley *et al.* (1994). Genetic and environmental influences on perceptions of self-worth and competence in adolescence: a study of twins, full siblings, and step-siblings. *Child Development*, 65, 785-799.
- McHALE, Susan M. *et al.* (1995). Congruence between mothers' and fathers' differential treatment of siblings: links with family relations and children's well-being. *Child Development*, 66, 116-128.
- McHALE, Susan M.; CROUTER, Ann C. (1996). The family contexts of children's sibling relationships. *Advances in Applied Developmental Psychology*, 10, 173--195.
- McHALE, Susan M.; GAMBLE, Wendy C. (1989). Sibling relationships of children with disabled and nondisabled brothers and sisters. *Developmental Psychology*, 25:3, 421-429.
- McHALE, Susan M.; PAWLETKO, Terese M. (1992). Differential treatment of siblings in two family contexts. *Child Development*, 63, 68-81.
- MENDES, José Manuel de Oliveira (1997). Mobilidade social em Portugal: o papel da diferença sexual e das qualificações. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 49, 127-156.
- MESNIER, Françoise (1990). J'ai peur que la mouche entre dans mon oreille. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 131-136.

- MEYNCKENS-FOUREZ, Muriel (1999). La fratrie, le point de vue éco-systémique. In E. Tilmans-Ostyn & M. Meynckens-Fourez (Eds.), *Les ressources de la fratrie* (pp. 37-68). Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès.
- MIERMONT, Jacques *et al.* (1994). *Dicionário de terapias familiares: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1987).
- MILLER, Alice (1998). *O drama de ser uma criança e a busca do verdadeiro Eu*. Lisboa: Paz Editora. (Obra original publicada em 1997).
- MILLER, Norman; MARUYAMA, Geoffrey (1976). Ordinal position and peer popularity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 33:2, 123-131.
- MINNETT, Ann M.; VANDELL, Deborah Lowe; SANTROCK, John W. (1983). The effects of sibling status on sibling interaction: influence of birth order, age spacing, sex of child, and sex of sibling. *Child Development*, 54, 1064-1072.
- MINUCHIN, Patricia (1985). Families and individual development: provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- MINUCHIN, Salvador (1982). *Famílias, Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1974).
- MINUCHIN, Salvador; FISHMAN, H. Charles (1990). *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1981).
- MIOLLAN, Claude; VIVES, Jean-Michel (1998). Le lien fraternel: base et modèle du lien social? *La lettre du GRAPPE*, 32, 17-25.
- MONDUZZI, Gianni (1993). *Manual para nos defendermos da mãe*. Lisboa: Difusão Cultural. (Obra original publicada em 1991).
- MONTANDON, Cléopâtre; TROUTOT Pierre-Yves (1991). La division du travail éducatif entre les familles et l'école. In T. Fleiner-Gerster, P. Gilliland & K. Lüscher (Eds.), *Familles en Suisse* (pp. 209-223). Friburgo: Éditions Universitaires.
- MOUSSEAU, Jacques; MOREAU, Pierre-François (Eds.) (1984). *Dicionário do inconsciente*. Paris: Retz-C.E.P.L. e Lisboa/São Paulo: Verbo.
- MUSITU Ochoa, Gonzalo; ROMÁN Sánchez, José-María; GRACIA Fuster, Enrique (1988). *Familia y Educación: prácticas educativas de los padres y socialización de los hijos*. Barcelona: Editorial Labor.
- NATANSON, Madeleine (1992). Diviser sans régner. *Études Psychothérapiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 95-104.
- NETO, Dulce (2000). "Olá, eu sou o décimo". *Público*, 10 de Fevereiro de 2000.
- NEUBURGER, Robert (1992). Le choix d'une fratrie. *Études Psychothérapiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 61-71.
- O'CONNOR, Thomas G. *et al.* (1995). A twin-sibling study of observed parent-adolescent interactions. *Child Development*, 66, 812-829.
- OË, Kenzaburo (1994). *Não matem o bebé*. 2ª ed., Porto: Livraria Civilização Editora. (Obra original publicada em 1964).
- OHNIGUIAN, Emmanuelle (1990). En courant vers le miroir. *Autrement* (des sœurs, des frères – les méconnus du roman familial), 112, 179-182.
- OLIVEIRA, J. H. Barros de (1994). *Psicologia da educação familiar*. Coimbra: Livraria Almedina.
- OLIVEIRA, J. H. Barros de; OLIVEIRA, A. M. Barros (1996). *Psicologia da educação escolar: aluno-aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- OLSON, Terrance D. (1973). Family constellation as related to personality and achievement. *Dissertation Abstracts International*, 33, 5000B-5001B.

- OSTERRIETH, Paul (1975). *A criança e a família*. 3ª ed., Mem Martins: Publicações Europa-América. (Obra original publicada em 1963).
- PEREIRA, Alexandre (1999). *SPSS: guia prático de utilização*. Lisboa: Edições Sílabo.
- PERNER, Josef; RUFFMAN, Ted; LEEKAM, Susan R. (1994). Theory of mind is contagious: you catch it from your sibs. *Child Development*, 65, 1228-1238.
- PETIT, C. (1983). Étude des relations de la fratrie avec un enfant déficient mental. *Semaine des Hôpitaux – Paris*, 59:12, 850-854.
- PETOT, Jean-Michel (1994). L'intérêt clinique du modèle de personnalité en cinq facteurs. *Revue européenne de Psychologie Appliquée*, 44:1, 57-63.
- PETRI, Horst (2000). *Lasciare ed essere lasciati: paura, rabbia, dolore per l'abbandono, il nuovo inizio dopo un rapporto finito*. Roma: KOINÈ – Centro Interdisciplinare di Psicologia e Scienze dell'Educazione. (Obra original publicada em 1991).
- PIAGET, Jean (1974). *Seis estudos de Psicologia*. 2ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote. (Obra original publicada em 1964).
- PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel (1993). *A psicologia da criança*. Porto: Edições Asa. (Obra original publicada em 1966).
- PIEDMONT, Ralph L.; CHAE, Joon-Ho (1997). Cross-cultural generalizability of the five-factor model of personality: development and validation of the NEO PI-R for Koreans. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 28:2, 1-13.
- PIMENTEL, Júlia van Zeller de Serpa (1997). *Um bebé diferente: da individualidade da interacção à especificidade da intervenção*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- PLOMIN, Robert (1994). *Genetics and experience: the interplay between nature and nurture*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- POLÁCEK, Klement (2000). "Nati per ribellarsi". È proprio vero? *Orientamenti Pedagogici*, Ano XLVII, 1:277 (Jan./Fev.), 9-18.
- POROT, Maurice (s/d). *A criança e as relações familiares*. Porto: Rés Editora.
- PORTNER, Alain (1999). Frères et sœurs ennemis. *Construire*, 2.
- POUSSIN, Gérard (1993). *Psychologie de la fonction parentale*. Toulouse: Privat.
- PUJADAS Muñoz, Juan José (1992). *El método biográfico: el uso de las historias de vida en ciencias sociales*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.
- QUÉ PASA (Grandes reseñas: Nacido para rebelarse), nº 1340 (de 13 a 19 de Dezembro de 1996).
- RAIMBAULT, Ginette (1995). *L'enfant et la mort: problèmes de la clinique du deuil*. Paris: Dunod. (Obra original publicada em 1975).
- RAPOSO, J. J. B. Vasconcelos (1993). *Os factores psico-sócio-culturais que influenciam e determinam a busca da excelência pelos atletas da elite desportiva portuguesa*. Vila Real: UTAD, Tese de Doutoramento.
- REISS, David et al. (1994). The separate worlds of teenage siblings: an introduction to the study of the nonshared environment and adolescent development. In E. M. Hetherington, D. Reiss & R. Plomin (Eds.), *Separate social worlds of sibling: impact of nonshared environment on development* (pp. 63-109). Hillsdale/New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- RELVAS, Ana Paula (1989). Morte e luto na família: uma abordagem sistémica. *Psicologia Clínica*, 1, 49-59.
- RELVAS, Ana Paula (1992). *Enurese: da criança à família*. Lisboa: Escher.

- RELVAS, Ana Paula (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- RELVAS, Ana Paula; ALARCÃO, Madalena (1989). A entrada na escola primária: significado(s) para a criança e sua família. *Revista Portuguesa de Educação*, 2:1, 99-106.
- RIDEAU, Alain (1971). A psicologia da criança. In M. Gauquelin & F. Gauquelin (Eds.) (1980), *Dicionário de Psicologia* (pp. 171-212). Lisboa: Verbo. (Obra original publicada em 1971).
- ROLLAND, John S. (1992). The family impact of illness and disability. In R. E. Rakel (Ed.), *Essentials of Family Practice*. Filadélfia: WB Saunders Company.
- ROSENBERG, B. G.; SUTTON-SMITH, B. (1964). The relationship of ordinal position and sibling sex status to cognitive abilities. *Psychonomic Science*, vol. 1, 81-82.
- ROSENBERG, B. G.; SUTTON-SMITH, B. (1966). Sibling association, family size, and cognitive abilities. *The Journal of Genetic Psychology*, 109, 271-279.
- ROSMAN, Bernice L. (1988). Family Development and the impact of a child's chronic illness. In C. J. Falicov (Ed.), *Family transitions: continuity and change over the life cycle* (pp. 293-309). Nova Iorque: The Guilford Press.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel (2000). *Dicionário de Psicanálise*. Mem Martins: Editorial Inquérito. (Obra original publicada em 1997).
- ROUSSEL, Louis (1989). *La famille incertaine*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- ROWE, David C.; PLOMIN, Robert (1981). The importance of nonshared (E1) environmental influences in behavioral development. *Developmental Psychology*, 17:5, 517-531.
- ROY, Arundhati (1998). *O Deus das Pequenas Coisas*. 5ª ed., Lisboa: Edições Asa. (Obra original publicada em 1997).
- SÁ, Eduardo (1995). *Más maneiras de sermos bons pais: as crianças, o pensamento e a família*. Lisboa: Fim de Século.
- SÁ, Eduardo (1999). *"Manual de instruções" para uma família feliz*. Lisboa: Fim de Século.
- SAMPAIO, Daniel (1997). *A cinza do tempo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SAMPAIO, Daniel; GAMEIRO, José (Eds.) (1992). *Terapia familiar*. 2ª ed., Porto: Edições Afrontamento. (Obra original publicada em 1985).
- SANCHEZ Garcia, Elena (1989). *Os irmãos: convivência, rivalidade e solidariedade na família*. Porto: Porto Editora. (Obra original publicada em 1983).
- SANTOS, João dos (1988). *A Casa da Praia: o psicanalista na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SANTOS, M. L. (1993). Práticas educativas familiares: uma realidade multidimensional. *Noesis*, 27, 28-31.
- SARAMAGO, José (1997). *Todos os nomes*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SARAMAGO, José (1999). Entrevista: pré-publicação de uma das entrevistas contidas no livro «25 Portugueses», de Luís Osório. *Diário de Notícias*, suplemento DNA, nº 157 (27 de Novembro de 1999), 16-21.
- SCARR, Sandra (1992). Developmental theories for the 1990s: development and individual differences. *Child Development*, 63, 1-19.
- SCELLES, Régine (1997). *Fratrie et handicap: l'influence du handicap d'une personne sur ses frères et sœurs*. Paris: L'Harmattan [prefácio de Élisabeth Zucman].

- SCHAFFER, Herbert (1984). Adler e a psicologia individual comparada. In J. Mousseau & P.-F. Moreau (Eds.), *Dicionário do inconsciente* (pp. 19-44). Paris: Retz-C.E.P.L. e Lisboa/São Paulo: Verbo.
- SCHEIDT, Frederick J.; SMITH, Mary Elizabeth (1974). Same-sex dyads and Toman's Theory of birth-order compatibility. *Psychological Reports*, 34, 1174.
- SCHEIDT, Frederick J.; SMITH, Mary Elizabeth (1976). Birth-order compatibility and same-sex dyads: replication. *Psychological Reports*, 99, 291-292.
- SCHERMAN, Robert; DINKMEYER, Don (1987). *Systems of family therapy: an adlerian integration*. Nova Iorque: Brunner/Mazel.
- SCHMITZ, Stephanie *et al.* (1996). Genetic and environmental influences on temperament in middle childhood: analyses of teacher and tester ratings. *Child Development*, 67, 409-422.
- SCHNITZER, Luda (1990). Fraternité, inégalité. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 56-62.
- SCHOOLER, Carmi (1972). Birth order effects: not here, not now! *Psychological Bulletin*, 78:3, 161-175.
- SCHUBERT, Daniel S. P.; WAGNER, Mazie E.; SCHUBERT, Herman J. P. (1977). Family constellation and creativity: firstborn predominance among classical music composers. *Journal of Psychology*, 95, 147-149.
- SEGAL, Hanna (1976). *Introduction à l'œuvre de Melanie Klein*. 3ª ed., Paris: PUF. (Obra original publicada em 1964).
- SILVA, Giselle; BERNARDINI, Elvira (1993). *Creciendo: manual de desarrollo infantil (para padres con hijos de 3 a 5 años)*. Lima: CEDAPP.
- SKYNNER, Robin; CLEESE, John (1990). *Famílias... e como (sobre)viver com elas*. 3ª ed., Porto: Edições Afrontamento. (Obra original publicada em 1983).
- SOLER, Colette (1989). La chambre des enfants. *L'Ane: le magazine freudien*, 39 (Jul./Set.), 44-45.
- SORIANO, Marc (1992). Les faux frères. *Études Psychothérapiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 73-80.
- SOULÉ, Michel (1990). Une dynamique originale. *Autrement* (des sœurs, des frères: les méconnus du roman familial), 112, 67-70.
- STEIN, Henry T. (1997). *Adlerian overview of birth order characteristics*. Documento da Internet: <http://ourworld.compuserve.com/homepages/hstein/birthord.htm>.
- STEWART, Robert B. *et al.* (1987). The firstborn's adjustment to the birth of a sibling: a longitudinal assessment. *Child Development*, 58, 341-355.
- STOCKER, Clare M.; McHALE, Susan M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9, 179-195.
- STOCKER, Clare; DUNN, Judy; PLOMIN, Robert (1989). Sibling relationships: links with child temperament, maternal behavior, and family structure. *Child Development*, 60, 715-727.
- SULLOWAY, Frank J. (1997). *Born to Rebel: birth order, family dynamics, and creative lives*. Nova Iorque: Vintage Books. (Obra original publicada em 1996).
- SZTULMAN, Henri; ELFAKIR, Abdelhadi (1992). Des pères aux pairs: Œdipe et personnalité arabo-musulmane. *Études Psychothérapiques* (imaginaire et inconscient: les frères et les sœurs), 5, 117-136.

- TCHEKOV, Anton (1997). *Três irmãs*. Mem Martins: Publicações Europa-América. (Obra original publicada em 1901).
- TITZE, Michael (1983). *Fundamentos del Teleoanálisis Adleriano*. Barcelona: Editorial Herder. (Obra original publicada em 1979).
- TOMAN, Walter (1959a). Family constellation as a basic personality determinant. *Journal of Individual Psychology*, 15, 199-211.
- TOMAN, Walter (1959b). Family constellation as a character and marriage determinant. *International Journal of Psychoanalysis*, 40, 316-319.
- TOMAN, Walter (1962). Family constellations of the partners in divorced and married couples. *Journal of Individual Psychology*, 18, 48-51.
- TOMAN, Walter (1963). Large age differences among spouses and their family constellations. *Psychological Reports*, 13, 386.
- TOMAN, Walter (1964). Choices of marriage partners by men coming from monosexual sibling configurations. *British Journal of Medical Psychology*, 37, 43-46.
- TOMAN, Walter (1969). *Family Constellation: its effects on personality and social behavior*. 2ª ed., Nova Iorque: Springer Publishing Company. (Obra original publicada em 1961).
- TOMAN, Walter (1970). Birth order rules all: never mind your horoscope. *Psychology Today*, Dec., 45-49 e 68-69.
- TOMAN, Walter (1971). The duplication theorem of social relationships as tested in the general population. *Psychological Review*, 78:5, 380-390.
- TOMAN, Walter (1976). On the extent of sibling influence. In K. F. Riegel & J. A. Meacham (Eds.), *The developing individual in a changing world* (Vol. 2: Social and Environmental Issues, pp. 707-714). The Hague: Mouton.
- TOMAN, Walter (1987). *Constellations fraternelles et structures familiales: leurs effets sur la personnalité et le comportement*. Paris: Les Éditions ESF [prefácio de Murray Bowen e tradução a partir da 3ª ed. rev. de *Family Constellation*, de 1976].
- TOMAN, Walter (1988). Basics of family structure and sibling position. In M. D. Kahn & K. G. Lewis (Eds.), *Siblings in therapy* (pp. 46-65). Nova Iorque/Londres: W. W. Norton Company.
- TOMAN, Walter (1989). Family constellations and friendship systems. *Contemporary Family Therapy*, 11:1, 3-20.
- TOMAN, Walter (1993). *Family Constellation: its effects on personality and social behavior*. 4ª ed. rev., Nova Iorque: Springer Publishing Company.
- TOMAN, Walter (1994a). "Operationalism" in psychotherapy: a possible means of putting a sorry state of theory in better order? *Contemporary Family Therapy*, 16:3, 245-262.
- TOMAN, Walter (1994b). Family constellation theory revisited: part 1. *Family Systems*, 1:2, 101-113.
- TOMAN, Walter (1995a). *Family therapy and sibling position*. 2ª ed., Northvale, New Jersey: Jason Aronson. (Obra original publicada em 1979).
- TOMAN, Walter (1995b). *Costellazione familiare: la struttura della famiglia e le sue influenze sulla psicologia del singolo individuo*. Roma: Edizioni RED [tradução e prefácio de Claudio Gerbino. Tradução a partir da 4ª ed. rev. de *Family Constellation*, de 1993].

- TOMAN, Walter (1995c). Family constellation theory revisited: part 2. *Family Systems*, 2:1, 3-16.
- TOMAN, Walter; GRAY, Bernard (1961). Family constellations of "normal" and "disturbed" marriages: an empirical study. *Journal of Individual Psychology*, 17, 93-95.
- TOMAN, Walter; PREISER, S. (1973). *Familienkonstellationen und ihre Störungen*. Stuttgart: Enke [desta obra citámos o resumo, em inglês, gentilmente fornecido por Walter Toman].
- TOMAN, Walter; TOMAN, Eleonore (1970). Sibling positions of a sample of distinguished persons. *Perceptual and Motor Skills*, 31, 825-826.
- TWERSKI, Abraham J. (1994). *¿Acaso pedí pertenecer a esta familia?* Barcelona: Editorial Paidós. (Obra original publicada em 1992).
- VARELA Flores, José (1985). *Influencia de los familiares en la personalidad del niño*. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones.
- VEIGA, Feliciano H. (1995). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola*. Lisboa: Fim de Século.
- VOISENAT, Claudie (1986). Mythes et gémellité: représentations imaginaires de l'excès. *Le groupe familial*, 111: 4, 9-17.
- VOLLING, Brenda L.; BELSKY, Jay (1992). The contribution of mother-child and father-child relationships to the quality of sibling interaction: a longitudinal study. *Child Development*, 63, 1209-1222.
- WAGNER, Mazie Earle; SCHUBERT, Herman J. P. (1977). Sibship variables and United States Presidents. *Journal of Individual Psychology*, 33, 78-85.
- WIDMER, Éric (1999). *Les relations fraternelles des adolescents*. Paris: PUF.
- WIND, Dorine van der (1999). Geboren leider? Je plek in het gezin als carrierevoorspeller. *Avanta Magazine*, Ano 14, 1/2 (Jan./Fev.), 14-17.
- WINNICOTT, D. W. (1954). Les besoins des petits enfants dans une société en évolution. In D. W. Winnicott (1957), *L'Enfant et le monde extérieur* (pp. 9-23). Paris: Payot.
- WINNICOTT, D. W. (1989). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1986).
- YANG, Bin *et al.* (1995). Only children and children with siblings in the people's Republic of China: levels of fear, anxiety, and depression. *Child Development*, 66, 1301-1311.
- YOUNGBLADE, Lise M.; DUNN, Judy (1995). Individual differences in young children's pretend play with mothers and sibling: links to relationships and understanding of other people's feelings and beliefs. *Child Development*, 66, 1472-1492.
- YOURCENAR, Marguerite (s/d). Anna, Soror... In *Como a água que corre*. 3ª ed., Lisboa: Difel, 7-62, 201-214 e 229-230. (Obra original publicada em 1981).